O NOSSO VISITANTE INVISÍVEL

RUTH FINDLAY

EDITADO POR: LINDA PENDLETON

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

O NOSSO VISITANTE INVISÍVEL

As Conversas dos Finley com Stephen, 1920 Introdução por Linda Pendleton Emmet e Ruth Finley publicaram *Our Unseen Guest* sob os nomes de «Darby e Joan» em 1920.

INTRODUÇÃO

Desde os anos 1700, «Darby e Joan» têm sido considerados um casal de meia-idade, felizmente casado, que vive uma vida pacata e sem sobressaltos. Foram escritos poemas, especialmente durante a época vitoriana, fazendo referência a este casal imaginário.

Mas os Darby e Joan, autores de *Our Unseen Guest*, publicado em 1920, dificilmente viviam uma vida sem sobressaltos. E seriam necessários vários anos mais até que a sua verdadeira identidade fosse revelada.

O casal era composto por profissionais e tinha decidido não revelar as suas identidades devido ao tema do seu livro: conversas com um soldado americano (aviador Americano de nome Richard Hall) que morreu na Primeira Guerra Mundial na França. Eles acreditavam que não podiam arriscar as suas carreiras profissionais com a controvérsia que o seu livro certamente traria. Como veem, Joan tornou-se médium para este soldado morto. Com o tempo, ele deu-lhes informações sobre a vida, e a vida após a morte, e a continuação da consciência.

Então, quem era este casal misterioso que estava a investigar o que alguns consideram ser o paranormal, enquanto muitos outros considerariam as suas experiências extraordinárias e inspiradoras de temor reverente, mas dentro da norma da experiência humana? E quem era este homem morto que ficou conhecido como «Stephen»?

No livro *Our Unseen Guest*, passará a saber quem eles eram, e também poderá aprender mais sobre a vida, a vida após a morte e como a consciência continua viva após a morte do corpo físico.

«Joan» era, na verdade, Ruth Ebright Finley. Ruth nasceu em 1884 em Akron, Ohio, filha do Dr. L.S. Ebright e da sua esposa, Julia Ann Bissell. O seu pai era médico e também, a certa altura, administrador dos correios de Akron. Ela estudou em Oberlin em 1902, e no período seguinte no Buchtel College, mas nunca concluiu o seu curso universitário. Após a faculdade,

iniciou uma carreira de repórter de jornal no *Akron Beacon Journal* e logo ganhou nome por si própria. Mudou-se para o *Cleveland Press* e tornou-se ali conhecida por escrever histórias sobre as condições de trabalho das mulheres. Também se lhe atribuiu o mérito de ajudar a aprovar um projeto de lei para beneficiar as mulheres trabalhadoras. Foi no *Cleveland Press* que conheceu Emmet Finley, ali editor. Casaram-se pouco tempo depois.

Emmet Finley nasceu em Salem, Ohio, em 1881, filho de Richard e Mary Barr Finley. Em 1903, licenciou-se no Adelbert College da Western Reserve e obteve o diploma de Direito na mesma instituição em 1906. Foi admitido na ordem dos advogados do Ohio em 1907. Iniciou uma carreira como repórter de jornal, editor, e ocupou cargos de gestão em várias empresas e organizações de impressão e fornecimento de jornais. Faleceu em Dobbs Ferry, Nova Iorque, a 13 de dezembro de 1950.

A carreira de Ruth Finley foi variada. Trabalhou como repórter, editora de revistas e periódicos, e foi historiadora, autora e feminista. Escreveu o livro *Old Patchwork Quilts and the Women Who Made Them*. Desenhou uma colcha, «The Roosevelt Rose», oferecida à primeira-dama Eleanor Roosevelt em 1938. Em 1931, publicou uma biografia, *The Lady of Godey's, Sarah Josepha Hale*.

Mas, como escrevi acima, os Finley não levavam uma vida sem sobressaltos. À medida que continuavam as suas carreiras, exploravam também o paranormal. Não identificam o soldado morto pelo seu nome real porque a família dele ainda estava viva e ele aparentemente optou por não ser identificado, por isso chamaram-lhe «Stephen». Ele tinha sido um soldado voluntário americano condutor de ambulâncias que morrera em França durante a Primeira Guerra Mundial, no ano anterior ao início do contacto dos Finley com ele. O livro deles tornou-se logo um clássico na literatura espiritual da época.

Em anos recentes, após a morte de Ruth Finley em 1955, parece que os seus papéis revelaram que a identidade de Stephen era Richard Hall, um soldado americano formado em Dartmouth, que foi morto na manhã de Natal de 1915 por uma granada alemã enquanto conduzia uma ambulância numa estrada íngreme e ameaçada por granadas perto de Hartmanns-Weilerkopf. Diz-se que algumas das batalhas mais sangrentas da guerra foram travadas nessa área.

No seu funeral, de acordo com o *New York Times*, a Cruz de Guerra foi fixada na bandeira francesa que cobria o seu corpo. Depois de assistir ao funeral de Hall, o Inspetor-Geral da Ambulância Americana no Campo declarou: «Hall foi sepultado com honras de guerra num vale alsaciano que pertence mais uma vez à França e no qual as nossas ambulâncias americanas estão a trabalhar por entre grandes montanhas verdes e aldeias pitorescas despedaçadas por granadas e fervilhando de soldados.

A sua sepultura, num cemitério militar superlotado, fica ao lado da de um oficial francês que tombou na mesma manhã. Ostenta a breve inscrição: Richard Hall, um americano que morreu pela França.

Pessoas simples da montanha, na única parte da Alemanha onde se encontram hoje soldados estrangeiros, trouxeram para a sepultura muitas coroas de flores nativas e verduras de Natal. Estas pessoas vivem agora há quase um ano e meio em perigo para as suas próprias vidas e em contacto diário com os mortos e moribundos. Mas o sacrifício deste jovem americano modesto e dedicado encontrou um lugar nos seus corações, e foi-me dito por pelo menos três famílias que manteriam flores na sepultura até ao fim da guerra, quando esperavam que os pais a pudessem visitar.

Hall foi morto por uma granada perdida numa curva solitária da estrada que sobe a montanha, a qual as peças de artilharia alemãs tentam intermitentemente alcançar. O seu carro ficou demolido e foi varrido para fora da estrada. A granada atingiu-o várias horas antes do amanhecer, e vários dos seus camaradas rastejaram em ambulâncias montanha acima e montanha abaixo, passando pelo local antes de o início da aurora revelar a ocorrência.

Luke Doyle, que ao início foi relatado como ferido ao mesmo tempo, foi na verdade atingido no braço por um estilhaço de estilhaço de granada quatro dias antes. O posto de primeiros socorros onde ele e outros membros da secção de Ambulâncias estavam colocados encontrava-se debaixo de fogo, e todos foram forçados a procurar segurança num abrigo à prova de bomba, através de cuja porta entrou um estilhaço de granada quase sem força.

O funeral de Hall realizou-se numa pequena capela protestante, cinco milhas vale abaixo, habitualmente frequentada por muitos oficiais, soldados e nativos do vale, mas hoje reservada a Hall e aos seus camaradas,

visto que os soldados estavam em serviço no cume da montanha, onde uma luta feroz por Hartmanns-Weilerkopf ainda se travava.

À conclusão do serviço religioso, a citação de Hall foi lida e a Cruz de Guerra fixada no caixão. O corpo foi então transportado para o cemitério por Lovering Hill, que comanda a sua secção, um oficial francês, um oficial inglês e Stephen Gallati, R. Matter e Allyn Jennings, o seu camarada. O seu irmão, Louis Hall, caminhava diretamente atrás do caixão, e dezasseis soldados, pertencentes a um batalhão de licença das trincheiras, marchavam em filas de cada lado com armas invertidas.

Louis Hall foi recambiado para Paris a caminho de regresso aos Estados Unidos. Levará consigo a lateral de lona perfurada da ambulância automóvel que foi oferecida pelos estudantes de Dartmouth, e à Alpha Delta Phi, a fraternidade de que o seu irmão era membro, entregará o capacete de aço que Richard Hall usava quando foi morto.»

Tomei conhecimento de «Darby e Joan» e de «Stephen» há alguns anos, enquanto lia os «Livros de Betty» escritos por Stewart Edward White. Os «Livros de Betty» são considerados clássicos dentro da literatura de comunicação espiritual. Foi apenas após a leitura dos seus três livros espirituais que fiquei curiosa sobre as suas outras obras literárias, descobrindo então a riqueza do seu legado e o seu impacto na história do nosso país. Escrevi recentemente Introduções para vários dos seus livros do domínio público e publiquei-os em formato de e-book com belas ilustrações de capa.

Há mais de cem anos, White tornou-se um escritor popular. Era um amante da natureza: explorador, conservacionista, naturalista e caçador de caça grossa. O seu amor pela natureza, conservação e aventura haveria de tornar-se uma parte muito importante das suas obras literárias ao longo da sua longa carreira. Stewart disse uma vez que os seus livros, incluindo os seus romances, eram histórias baseadas em experiências reais. Adorava escrever sobre pioneiros, o Oeste, a exploração madeireira e a natureza. O primeiro livro de Stewart, *The Westerner*, foi publicado em 1901. Ele tinha vinte e oito anos de idade. Esse foi o início da sua bem-sucedida carreira literária, e ele iria publicar mais de 50 livros e contos, incluindo histórias do Oeste, de pioneiros e de aventura, histórias infantis e não-ficção ao longo da sua carreira, que durou até à sua morte, a 18 de setembro de 1946, em Hillsborough, Califórnia.

Em 1937, Stewart Edward White publicou um livro de não-ficção que era muito diferente dos seus livros populares anteriores. Era uma aventura, mas não do género que ele escrevera durante quase quarenta anos. E, novamente, como em muitos dos seus livros, escreveu a partir de experiência pessoal. Seria o primeiro de vários livros sobre o tema da comunicação espiritual.

A história do seu novo livro começou a 17 de março de 1919. Foi nessa noite que um pequeno grupo de amigos chegou à casa de Stewart com um tabuleiro Ouija. Uma mulher presente nessa noite, que ele identifica como «Betty», tinha pouco interesse no jogo espiritual, mas o tabuleiro soletrou repetidamente o nome dela. Ela estava relutante em juntar-se novamente à «leitura espiritual», mas o tabuleiro começou então a soletrar repetidamente: «Arranja um lápis».

Betty não tinha conhecimento de escrita automática, mas, escassos dias depois, arranjou um lápis e, enquanto se sentava calmamente, o lápis começou a mover-se pelo papel sem esforço da sua parte, nem ela tinha conhecimento do que estava a ser escrito.

Durante os meses seguintes, realizaram-se estas «sessões de escrita automática» com o espírito. Um ano mais tarde, Betty era uma médium de transe completo de um grupo de espíritos a quem Stewart e Betty apelidaram de *Os Invisíveis*. Este livro notável, *The Betty Book*, tornou-se o primeiro de vários livros sobre o tema. O segundo livro, *Across the Unknown*, saiu dois anos mais tarde e, por volta da altura em que o terceiro livro, *The Unobstructed Universe*, foi publicado em 1940, foi revelado que «Betty» era a sua esposa, Elizabeth.

Elizabeth tinha falecido em 1939, após vinte anos a registar as suas experiências com o mundo do espírito. Embora ela tenha deixado o corpo físico, Stewart continuou a ter contacto com ela a partir do outro lado, e escreveu sobre essas experiências em *The Unobstructed Universe*, no qual a amiga deles «Joan» (Joan de Darby e Joan) é a médium para mensagens e ensinamentos de Betty.

Os «Livros de Betty» são considerados clássicos dentro da literatura de comunicação espiritual, e foram os Livros de Betty que trouxeram Stewart Edward White à minha atenção há alguns anos. Foi apenas após a leitura dos seus três livros espirituais que fiquei curiosa sobre as suas outras

obras literárias, descobrindo então a riqueza do seu legado e o seu impacto na história do nosso país.

Nestes livros de não-ficção, ele tratou a aventura deles no mundo do espírito de forma muito semelhante à que tratou todas as suas outras viagens de aventura ao longo da sua vida. O estilo de escrita refletia essa aventura e exploração entusiásticas, embora fosse uma viagem rumo ao desconhecido, para o interior de si mesmo e para a vida após a morte. Ele foi capaz de escrever sobre as aventuras além do véu de forma tão apaixonada quanto escrevia sobre a natureza e a fronteira terrena.

Tentando dar ao leitor uma ideia da credibilidade e importância da mensagem de Betty do grupo espiritual, *Os Invisíveis*, ele explicou como os eventos psíquicos têm de ser vivenciados de forma pessoal, mas está a dizer que a exposição a ou a leitura sobre as experiências espirituais de outros pode ser uma experiência emocionante e gratificante. Portanto, quer se trate de uma caminhada pela bela paisagem rural, quer de ouvir ou ler sabedoria canalizada, ambas podem ser uma viagem emocionante.

Nas suas palavras da sua obra de não-ficção, *Across the Unknown*, Capítulo VI, *Landmarks*:

«Num país novo, o homem deve encontrar o seu próprio caminho. Os marcos plantados pelos seus predecessores ele deve descobrir por si próprio. Quando os alcança, sente-se encorajado pela evidência de que outros passaram por este caminho e acharam o caminho confiável. Essa é a razão principal para colocar marcos, a prever o momento em que alguém venha a precisar deles.

Mas também há um valor nos relatos de viajantes. Eles despertam interesse. Respiram a atmosfera de aventura em terras estranhas. Despertam o romance do inexplorado e do desconhecido, incitando-nos a ousar.

Antes de iniciar os registos da exploração de Betty, devo enfatizar uma coisa que todos os escritores sabem. Nenhum relato faz mais do que um crédito insignificante ao original. E isto parece ser particularmente verdade quando lidamos com os confins da mente. Uma espécie de penumbra de iluminação acompanha a própria coisa, a qual falta nos tipos frios da imprensa.

Suponho que isto seja inevitável quando nos preocupamos com uma realidade cuja maior parte é intangível, além da capacidade de medição do cérebro. Não posso enfatizar suficientemente esta afirmação aparentemente óbvia. Apenas a experiência pessoal pode compreender o seu significado.»

Stewart Edward White morreu a 18 de setembro de 1946 em Hillsborough, Califórnia, onde vivera por muitos anos. Um livro de não-ficção concluído dias antes da sua morte, *With Folded Wings*, foi publicado em 1947, e um outro manuscrito de não-ficção, *The Job of Living*, foi publicado em 1948.

O legado deixado por Stewart Edward White continua vivo e, quase sessenta e cinco anos mais tarde, as suas obras são ainda apreciadas como o eram no início do século vinte.

Em *The Unobstructed Universe*, White escreve sobre o primeiro encontro deles com Darby e Joan em 1922, na casa da escritora, dramaturga e médium americana Margaret Cameron. Também presente estava outra psíquica, Lucy Lamont Gavit, esposa de John Palmer Gavit, que era editor-gerente e diretor do *New York Evening Post*. Ao longo dos 17 anos seguintes, os White apenas tinham passado tempo com Darby e Joan em duas ocasiões, e isso aparentemente porque viviam em costas diferentes.

Um ano após a morte de Elizabeth (Betty) White, Stewart foi para o leste para visitar Darby e Joan, e foi aí que a sua esposa começou imediatamente a comunicar através da mediunidade de Joan.

Como se veio a verificar, Betty tinha muito a dizer e, ao longo dos meses seguintes, não só deu informações e ensinamentos fascinantes, alguns deles confirmando a filosofia espiritual de Stephen, como também aprimorando e acrescentando às ideias dele.

Stephen também vinha através da canalização de Joan, e por vezes havia um diálogo contínuo mútuo com Stephen e Betty a partir do outro lado.

Ao explicar mais sobre o outro lado e a consciência, numa ocasião Betty lembrou a Darby, através de Joan, que Stephen tinha dito repetidamente a Darby que o seu primeiro trabalho ali no outro lado tinha sido acolher rapazes que morriam subitamente na guerra e que, sem terem o

pequeno intervalo entre as duas consciências devido à morte súbita, lhes explicaria então o que acontecera e onde se encontravam. Essa informação da parte de Stephen fora dada anos antes, previamente à publicação de *Our Unseen Guest*.

O visitante invisível dos Finley disse aos seus amigos da terra que a consciência é a única e exclusiva realidade. E, do seu ponto de vista, a consciência existe, aqui e no outro lado.

Portanto, desfrute da sua exploração do mistério da vida após a morte. ~Linda Pendleton Califórnia, 11-1-2011

Our Unseen Guest «Morrendo o homem, porventura tornará a viver?» Job 14:14

Dedicatória AOS meus camaradas de caqui que perguntaram, como eu também perguntei: «Irei eu voltar e, se não voltar, haverá um eu e para onde irei?». . . .

Àqueles que me amaram tão verdadeiramente que me enviaram para a linha da frente de combatentes pela grande paz: Minha mãe, cuja maternidade clarividente se estende para proteger gerações ainda por nascer; meu pai, cuja alma é dessa força que, vislumbrando, ousa sacrificar; meu irmão, que marchou ao meu lado. . . .

Àqueles que foram e àqueles que esperaram, a todos os que depuseram o melhor de si e do amor sobre o altar da liberdade universal. . . .

Eu, «stephen», que passei por cima do topo da vida rumo à vitória, dedico este livro — em resposta aos seus melancólicos questionamentos e como um apelo a esse serviço mais amplo que abrangerá todo o tempo, todo o espaço, todo o ser.

A VINDA DE STEPHEN

A nossa primeira experiência com fenómenos psíquicos ocorreu na noite de 7 de dezembro de 1916 — por intermédio de um tabuleiro ouija. Nem Joan nem eu tínhamos visto um tabuleiro ouija antes. O «brinquedo» chegou-nos às mãos inteiramente por acaso.

Estávamos a jantar numa casa de hóspedes privada a alguns quarteirões do edifício de apartamentos em que vivíamos. Na noite em

questão, uma tempestade súbita soprou do lago enquanto estávamos à mesa e, após a refeição, Joan e eu vagámos até uma sala de estar deserta para esperar que o vento e o granizo diminuíssem. Ali, um dos hóspedes residentes tinha deixado o ouija, um remanescente, sem dúvida, de alguma festa de Halloween.

«Como funciona a coisa?», perguntou Joan. Li as instruções; apoiámos o tabuleiro, onde o alfabeto estava impresso em dois semicírculos, sobre os nossos joelhos, e colocámos as pontas dos nossos dedos no ponteiro semelhante a um ferro de engomar.

«Agora», disse eu, «supõe-se que este tripé se mova de letra em letra, soletrando uma mensagem.»

Assim nos sentámos por um período — dez minutos, talvez. Brincámos, lembro-me, com as boas venturas que o ouija nos diria. Mas nenhuma mensagem veio. Então, precisamente quando estávamos prestes a desistir, o tripé começou a mover-se.

«Qualidade de consciência», soletrou. Uma pausa — depois, mais uma vez, «Qualidade de consciência».

«Darby!» Joan tirou os dedos do ponteiro. «Não me consegues enganar assim. Foste tu que fizeste isto! "Qualidade de consciência" — isso nem sequer significa nada, de qualquer maneira.»

Olhei nos olhos de Joan. Teria sido ela a mover o tripé ou acusava-me honestamente?

«Não culpado!», aleguei.

Por um momento, enfrentámo-nos em silêncio. Disse então Joan, gravemente: «Vamos tentar outra vez.» E por isso tentámos outra vez.

No instante, o tripé ganhou força. Pelo alfabeto moveu-se, lentamente, mas com uma precisão mecânica, pausando nesta e naquela letra. Eis as palavras que soletrou: «Para vós dois tenho uma mensagem, uma revelação. A comunicação é tão lenta, tão difícil, que pouco mais posso fazer do que dar-vos a sugestão. Mas se raciocinardes ao longo das linhas que aponto, podereis alcançar a verdade.»

«Que verdade?»

«Na medida», veio a resposta, «em que vos é dado compreender, essa verdade última — o porquê, o donde, o para onde — que os homens anseiam saber desde que o conhecimento existe.»

«Quem és tu?», perguntei, dirigindo-me ao ar vazio.

«Sou Robert L , um americano», soletrou o tabuleiro ouija, dando o apelido, embora este não seja aqui registado.

«Robert L ?», disse eu, não me dizendo o nome nada. «Está correto — Robert L?»

«L », soletrou o tabuleiro ouija. Veio então, não Robert, mas outro nome próprio — Stephen, digamos, embora o nome realmente soletrado começasse, tal como Robert, com R.

«Compreendemos que o teu nome de família seja L », disse eu. «Agora podes esclarecer o nome próprio? É Robert ou Stephen?»

Prontamente o tabuleiro ouija soletrou uma contração, ela própria não começando por R, do nome pelo qual «Stephen» é aqui substituído — uma contração ou alcunha pela qual (antecipo a minha história) aquele a quem esta narrativa continuará a chamar Stephen era conhecido entre os seus amigos.

«O teu nome é, então, Stephen L ?», perguntei. «Sim», respondeu o tabuleiro ouija.

Para Joan e para mim, o nome de Stephen, que não nos sentimos na liberdade de divulgar, não significava mais, nesta noite de 7 de dezembro de 1916, do que qualquer nome totalmente novo significa quando se tropeça nele pela primeira vez. Nunca tínhamos ouvido falar de tal pessoa.

A margem do jornal onde eu estivera a registar as palavras do tabuleiro ouija ameaçava revelar-se inadequada. Tirei um envelope do bolso e disse: «Não te conhecemos. Mas não importa isso. Continua.»

«Deixem-me falar-vos sobre mim», respondeu o tripé.

E então, para nosso grande espanto, foi escrita no tabuleiro ouija a história da morte de um soldado, um americano morto em serviço da causa aliada. Nem uma única vez, exceto quando eu retirava as mãos para registar as frases, o tripé hesitou. Joan e eu sentámo-nos estupefactos perante a mera facilidade da execução. A vivacidade circunstancial da história do

tripé era desconcertante pois, tal como o nome de Stephen, a história da sua morte era inteiramente nova para nós.

Por que razão não é a história apresentada aqui? Porque Stephen deseja que seja omitida; porque para aqueles ainda nesta vida a quem ele amou, e ama, resultaria numa publicidade indesejada. A sua morte foi única; relatar a história do tabuleiro ouija seria identificá-lo.

É curioso; já falo de Stephen como se ele fosse uma pessoa, uma pessoa tão real como eu. Esta forma de falar é uma conveniência, pelo menos. Na realidade, Joan e eu não desejamos aqui e agora julgar definitivamente a realidade — ou irrealidade — de Stephen.

Disse a Stephen algumas semanas mais tarde: «Desejas que tornemos pública a tua filosofia. Percebes que a história da sua morte é uma parte lógica de qualquer relato que possamos fazer? Verificada, é evidente, tendendo a provar que, embora estejas morto, continuas vivo.»

Não foi Stephen quem respondeu, mas outro, um que veio no encalço de Stephen, esperançoso, aparentemente, de poder ser de ajuda, de vez em quando, no esclarecimento de um ponto filosófico duvidoso. Chamemos a esta personalidade «o professor». A resposta do professor foi: «A revelação de Stephen é o seu próprio melhor teste. A sua razoabilidade, meu caro senhor, à luz do conhecimento já adquirido pela terra, é a sua melhor prova.»

Contudo, algo da história de Stephen, conforme soletrada pelo tabuleiro ouija, é-me permitido contar — o seu ambiente, desprovido de factos identificativos. Primeiro veio uma imagem do horror da guerra, pintada com uma intimidade que se poderia esperar apenas de uma testemunha ocular.

«Milhões», soletrou o tripé, «já caíram. E o sofrimento e as feridas!»

Stephen falou dos mortos e dos moribundos e daqueles «mutilados, aqueles que devem ainda existir através de anos de cansaço e desânimo, sem saberem que aí reside a sua grande oportunidade».

Não tenho a liberdade de declarar a natureza do serviço de Stephen no exército aliado, nem de especificar a missão que lhe custou a vida. Essa missão, conforme descrita pelo tripé, era de um perigo extremo; enviou-o para a noite sozinho.

O tripé soletrou: «Havia uma névoa no ar — metade névoa, metade fumo da batalha que grassava há dias montanha acima e montanha abaixo. . . . Veio um apelo. . . . A escuridão era de um negrume que podia ser sentido, e estava frio. . . . Não tenho vergonha de dizer que tive medo. . . . Todo o dia estivemos debaixo de fogo. . . . Canturreei uma melodia baixinho para me fazer companhia e para manter a coragem. Várias granadas rebentaram à minha frente. . . . Continuei. . . Eu estava a cantar quando a granada que me enviou para a eternidade, como agora a conheço, atingiu.»

O resto da história de Stephen é citado sem omissões:

«Saí, saí, saí, saí. Não consigo encontrar palavras para vos dizer o horror da morte súbita. É a grande e única tragédia. Quando o pensamento regressou, eu era como alguém perdido num mundo familiar, mas inteiramente estranho. Sem rumo deambulei, procurando não sabia o quê, atordoado, mistificado. Não sabia que estava, como vós dizeis e como eu costumava dizer, morto.

Quando a morte vem naturalmente, há sempre aqui quem venha ao encontro dos viajantes. Mas não houve ninguém para vir ao meu encontro, ninguém para me explicar que eu tinha transitado para um novo plano de consciência.

Por fim veio uma, uma mulher, uma mulher muito doce cujo serviço aqui tem feito muito para aliviar o choque da transição em campo de batalha, e levou-me pela — poderei dizer, mão? — e conduziu-me a um — poderei dizer, lugar arborizado e calmo? — onde, passados tempos, aprendi a esperança, a realidade da bênção triunfante que tinha alcançado.

E assim escolhi o meu trabalho aqui, e com esse trabalho prossigo — o conforto daqueles que chegam até nós subitamente vindos do choque da batalha. Venho ao seu encontro, pobres rapazes-soldados assustados, e ensino-lhes a verdade — a simplicidade da sua própria imortalidade.»

II

MENTES SUBCONSCIENTES

À palavra «imortalidade», o tripé parou. Olhei para Joan e vi perplexidade nas suas feições. Ela estava sentada a olhar para os pedaços tolos de madeira enquanto eu terminava as minhas notas. Com o bater de

um relógio, ela arrancou as mãos do tripé. Não foi senão quando chegámos a casa que nos aventurámos na discussão do acontecimento da noite.

«O que supões que faz isto?», perguntei.

«A explicação fácil», respondeu a minha esposa, «serias — tu. Tens toda essa história anotada?»

«Outra explicação fácil», disse eu, «serias — tu. Sim, penso que tenho essa história anotada.»

De um bolso tirei o meu jornal, com as margens cobertas pelas palavras de Stephen. De outro extraí uma massa heterogénea de envelopes velhos, igualmente gatafunhados com as soletrações do tabuleiro ouija. Depois pesquei uma dúzia ou perto disso de cartões da Joan, que eu tinha recolhido da mala dela para remediar a minha reserva de papel.

«Não vale a pena tentar desenredar este emaranhado esta noite», decidi. «Irei juntar as peças amanhã e datilografá-lo no escritório.»

Isto fiz no dia seguinte. E nessa noite, na nossa própria e familiar sala de estar, Joan e eu estudámos os detalhes das estranhas soletrações do tabuleiro ouija. Olhei para cima depois de ler a história da morte de Stephen em voz alta e vi Joan a perscrutar, com um olhar furtivo e lateral, um canto sombrio da sala, onde a luz do nosso candeeiro mal penetrava; e conheci a sensação misteriosa que estava na sua alma. Pois, com Stephen a soletrar-se a si próprio para fora e depois de volta à existência, os cantos distantes tinham assumido para mim, também, um fascínio desconfortável. Parecia que o nosso fantasma que soletrava tão bem poderia também caminhar.

«Darby», disse Joan, «tu deves ter inventado essa história.»

«Joan», disse eu, «inventaste-a tu mesma.»

Assim andámos nisto para trás e para a frente naquela noite e durante vários dias. Eu sabia que o nome de Stephen nunca tinha entrado no meu pensamento até o ler no tabuleiro ouija, e sabia que nunca tinha ouvido ou visto nada semelhante à história de Stephen sobre a sua partida. Por isso disse à Joan: «Foste tu que o fizeste», seguro no meu coração de que ela não tinha feito tal coisa.

E ela, desejando, tal como eu, contornar o sobrenatural, disse: «Não, Darby, foste tu que o fizeste», embora soubesse que eu não o fizera.

No fim, claro, nós, cujo costume é dizer a verdade um ao outro, admitimos que a explicação fácil não bastaria. Juntos enfrentámos o facto de um algo inexplicado. Nem por um momento, contudo, aceitámos Stephen pelo que ele pretendia ser.

«O fenómeno é sem dúvida genuíno», disse eu. «Porque é genuíno, é explicável, e isso sem a ajuda de um homem morto disposto a gastar a sua imortalidade a escrever num brinquedo infantil. Mas por que haveríamos tu e eu de nos incomodar? Não seria melhor para nós simplesmente esquecer este Stephen e o seu morrer?»

«Vamos a isso», respondeu Joan. «A coisa dá arrepios.»

«Suponho», continuei, «que se alguma vez existiu tal pessoa como Stephen, eu poderia investigar os factos a seu respeito.»

«Eu não o faria», disse Joan. «Vamos apenas fazer como disseste — esquecê-lo.»

E no entanto, antes que passasse mais um dia, Joan tinha comprado um tabuleiro ouija. Quando cheguei a casa do escritório, ela conduziu-me a um armário embutido junto à sala de estar, onde se encontrava uma arca. Atrás da arca ela tinha escondido a sua compra. E ali, quando o nosso brinquedo não estava em uso, nós o ocultávamos. Frequentemente, à noite, se a campainha da porta tocava, conseguíamos recolocar o tabuleiro ouija no seu esconderijo mesmo a tempo de recebermos a visita com rostos insuspeitos. «Havia dois tamanhos», disse Joan, enquanto exibia a sua compra. «Comprei o grande.»

«Mas por que compraste algum? Pensei que tínhamos concordado em esquecer Stephen.»

«E esqueceremos», respondeu ela. «Não quero saber de Stephen para nada. Mas quero mesmo saber o que significa "qualidade de consciência". Não consigo tirar a frase da cabeça.»

Nesta noite, pela segunda vez, Joan e eu colocámos os nossos dedos no ponteiro de um tabuleiro ouija. Novamente veio Stephen; e imediatamente ele iniciou um sistema de pensamento tão alheio a qualquer um de nós que eu não podia acusar Joan, nem mesmo fingindo, nem ela a

mim, da sua produção. Antes de passar uma semana, conversas como a seguinte eram comuns.

«O mundo está pronto para a verdade», soletra Stephen. «Há muitos que se alegrarão em acreditar, se apenas lhes contardes. O tempo está maduro para a revelação.»

«And por que maduro agora?», pergunto.

«Porque», responde Stephen, «nunca antes, desde que o próprio conhecimento científico do homem se desenvolveu ao ponto de lhe permitir compreender a revelação agora planeada, foi possível aos graus mais elevados de consciência aqui comunicar com graus correspondentemente elevados do vosso lado. Tal comunicação é possível agora porque, devido ao vasto massacre da guerra, uma grande parte da consciência ainda próxima da terra está no meu plano.

Em resultado do que, a nossa potencialidade aqui para fins de comunicação está fortalecida, enquanto a consciência coletiva da terra, tensionada pela convulsão de uma guerra mundial, se encontra invulgarmente sensível.

Escutai! O tempo está maduro. O mundo está à espera de um suporte razoável onde pendurar a sua fé.»

Era absorvente — a filosofia de Stephen. Aquilo que Stephen tinha a dizer parecia muito mais importante do que a questão de quem ou o que Stephen poderia ser, de modo que, de certa forma, fizemos exatamente o que Joan disse que faríamos: esquecemo-lo. A «qualidade de consciência» eclipsou por completo o seu expositor.

Depois, gradualmente, a personalidade desta coisa que afirmava ser um homem morto vivo começou a afirmar-se, construída à base de modéstia, amabilidade, humor cómico e uma penetrante retidão de entendimento. De um desconhecido vago, Stephen tornou-se um amigo bem reconhecido, uma espécie de correspondente que nunca tínhamos visto, cujas cartas, não obstante, o vislumbravam. Ele não era realmente Stephen, claro. Impossível que fosse uma inteligência desencarnada! Mesmo que o fosse, como poderia o facto ser provado — por que evidência? Apoiado pelo professor, por esta altura um visitante ocasional

no tabuleiro, o próprio Stephen ecoava a nossa pergunta: Como, por que evidência?

Disse o professor: «Se eu aparecesse ao seu olho físico, se me sentasse e falasse ao seu ouvido físico, chamar-me-ia uma alucinação.»

Disse Stephen: «Se eu lhe contasse factos, datas, nomes e lugares que desconhecia, e subsequentemente verificasse a sua veracidade, não teria testado nada. Diria que os tinha aprendido há muito tempo e os tinha esquecido. Se dissessem respeito a eventos que aconteciam enquanto eu falava, diria que os recebia telepaticamente de personalidades da terra desconhecidas, mas definidas. Quanto a profecias, nós aqui, corretamente apreendidos, não somos adivinhos.»

Penso, contudo, que, apesar de Stephen e do professor, teríamos procurado verificar o nome do soldado que o tabuleiro ouija nos tinha dado, e a história da morte, não fosse por uma estranha, mas humana, reviravolta mental; Joan e eu não queríamos apanhar este Stephen do tabuleiro ouija, este nosso amigo, numa inverdade. A investigação, acreditávamos, resultaria exatamente nisso.

Mas uma coisa era considerar Stephen simplesmente como um fenómeno, descartando a questão de quem ou o que poderia ser o antecedente desse fenómeno. Outra coisa mais difícil era considerar assim a filosofia de Stephen, uma vez que nos déssemos conta da maravilha dela. Não podíamos evitar fazer a nós próprios esta pergunta: Onde se originara o elaborado sistema de pensamento de Stephen?

Não era a minha mente consciente que estava a evoluir a filosofia, nem era a de Joan. Disso estávamos certos. Seriam, então, as nossas mentes subconscientes — a minha, a de Joan, ou uma fusão das duas?

Eis uma solução plausível, uma que, embora parecesse forçada, nos fortificava contra o sobrenatural. E, assim fortificados, ousámos finalmente considerar la possibilidade de que Stephen, afinal, pudesse ser inteiramente o que dizia ser.

Havia alturas — à noite, quando as luzes estavam baixas e as sombras eram muitas — em que eu dizia a Joan: «Stephen é real. Ele é uma inteligência fora da nossa. Outrora viveu aqui; agora vive ali; e regressa

para nos ajudar, talvez através de nós para ajudar outros.» E Joan acenava com a cabeça e dizia: «É uma explicação abrangente.»

Manhã! O mundo está acordado, com os homens a dedicarem-se de forma sensata às suas tarefas sumamente importantes.

Digo a Joan: «É tão claro como a luz do sol que Stephen são as nossas mentes subconscientes. Homens no seu sono resolveram problemas matemáticos que durante dias desafiaram as suas mentes conscientes. O tabuleiro ouija é aquela pequena distração do consciente necessária para libertar o subconsciente. É o pendente do relógio com que o conferencista deve brincar para que a sua hora corra sem sobressaltos. As palavras de Stephen são a criação daquela parte do nosso pensamento que opera fora do foco de concentração.»

Depois, bastante seguros da solução do mistério, tomávamos o tabuleiro ouija nos nossos joelhos, e eu dizia: «Stephen, tu és a minha mente subconsciente.»

A resposta de Stephen seria: «O eu subconsciente e a qualidade de consciência estão intimamente relacionados. Devido a essa relação estreita posso comunicar convosco. Mas não são o mesmo.»

E assim Joan e eu oscilávamos — seguros apenas de uma coisa, de que ambos tínhamos mentes medianamente normais. Dia após dia estávamos habituados a dedicar-nos ao nosso trabalho com um prazer saudável no seu desempenho bem-sucedido — trabalho muito afastado de participação ou sequer interesse em mistérios transcendentais. Com certeza, dávamos como certo que a vida moderna tinha progredido muito além dos padrões geralmente aceites do pensamento convencionado; no entanto, entre ensinamentos testados pelo tempo e os «ismos» que infestam o dia, preferíamos os primeiros. Com os «ismos» não tínhamos tido qualquer contacto.

Seguros de nós próprios, então, sentíamo-nos no privilégio de oscilar. Stephen poderia ser isto ou poderia ser aquilo. Poderia ser a alma de alguém partido deste mundo da natureza, mas vivendo avante num mundo da sobrenatureza. Poderia ser uma criatura da nossa própria criação inconsciente. Confiantes na nossa própria integridade, considerávamos qualquer explicação admissível. De facto, que importava se falhássemos em explicar este Stephen de todo?

III

UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

«FUI condecorado pela França. Podereis encontrar o meu registo em "The Story of the Red Cross", possivelmente. . . .» (Aqui outro título foi dado, o qual oculto para que não identifique Stephen.) «Um livro — não vos sei dizer bem o nome — recentemente publicado, e que se pode obter em qualquer livraria.»

Estas palavras foram soletradas por Stephen na noite de 15 de janeiro de 1917.

No dia seguinte, Joan visitou uma livraria. Ninguém ali tinha ouvido falar de «The Story of the Red Cross». Nem qualquer livro que ostentasse o outro título que Stephen tinha dado era conhecido.

«Isso arruma o assunto», disse-me Joan. «É a mente subconsciente, Darby. Mas de quem? Não minha, decerto. Tua, suponho. No entanto, esta filosofia de Stephen — quão diferente de ti!»

«A teoria da mente subconsciente é extremamente convincente», respondi, «até ser ligada a ti ou a mim. A filosofia de Stephen está além de nós dois juntos.»

Um ou dois dias mais tarde, Joan estava novamente na livraria, levando-a o seu trabalho ali ocasionalmente. O proprietário dirigiu-se a ela e disse que pensava saber que livro ela andara a procurar. Um volume, novo para Joan, foi-lhe entregue. Ostentava um título diferente de qualquer um dos títulos que Stephen tinha dado, mas relacionado com ambos no sentido. Joan folheou-o, ligou-me para o escritório e perguntou se eu podia ir à loja. Fui. Ela entregou-me o livro, tão novo para mim como para ela, e pediu-me para abrir em tal e tal página.

E ali, a preto e branco, estava a história de Stephen L , do seu serviço no exército aliado e da sua morte. Ali estavam os factos que o tabuleiro ouija nos tinha contado na noite de 7 de dezembro de 1916. Se tivéssemos sido investigadores em busca de provas da sobrevivência da personalidade após a morte, com que evidência mais desafiante nos poderíamos ter deparado? O Stephen do tabuleiro ouija tinha demonstrado que existia

realmente um Stephen L , um americano, morto em serviço da causa aliada em tal e tal lugar, em tal e tal data e de tal e tal maneira.

Não ficámos eufóricos, contudo. Nós, que tínhamos temido apanhar Stephen numa inverdade, estávamos assustados agora pela sua mesmíssima veracidade. Em que aspeto era o acontecimento extraordinário?

Algo na noite de 7 de dezembro de 1916 fez com que um tabuleiro ouija soletrasse para Joan e para mim: «Sou Stephen L ». O mesmo algo fez com que o tabuleiro ouija soletrasse o que pretendiam ser os factos da morte de Stephen L . A 15 de janeiro de 1917, algo impeliu o tabuleiro ouija a direcionar-nos para procurar um determinado livro. Procurámos, encontrámos o livro, e ali estava a história de um Stephen L real, como tinha morrido, e quando e onde; e as afirmações desta história eram as mesmas que as da narrativa que tinha sido soletrada no tabuleiro ouija mais de um mês antes.

Obviamente, a cadeia de circunstâncias é extraordinária apenas no caso de Joan e eu, antes de 7 de dezembro de 1916, sermos ignorantes quanto a Stephen L . Testemunhámos essa ignorância. No melhor do nosso conhecimento e crença éramos ignorantes, não apenas da morte de Stephen L , mas de ele alguma vez ter vivido.

De que são evidência estas circunstâncias extraordinárias? Com que base podem ser explicadas?

Quatro explicações possíveis sugerem-se. São elas:

1. Acaso.
2. Telepatia.
3. A teoria da mente subconsciente.
4. A teoria espírita.

E pelo menos uma outra explicação poderia ser oferecida — a teoria da mente cósmica. Mas esta, segundo parece, é pura teoria, não tendo suporte tradicional nem experimental. Talvez possa ser mais bem discutida mais tarde, à luz da filosofia de Stephen.

Não será a explicação do «acaso» desesperante? Joan e eu não estávamos a tentar adivinhar naquela noite de 7 de dezembro de 1916. Não estávamos a fazer nada de que tivéssemos consciência, salvo que, enquanto

esperávamos que a tempestade passasse, estávamos sentados com os dedos apoiados num pedaço de madeira.

No entanto, admitindo que estávamos a adivinhar e não o sabíamos, admitindo que um ou outro de nós arriscou inconscientemente a opinião de que existira outrora uma pessoa chamada Stephen L , e que ele fora morto no decurso do serviço militar na Europa, não teria sido uma coincidência impossível que o nosso palpite, inteiramente sem fundamento, se tivesse provado verdadeiro, não simplesmente de uma forma geral, mas em detalhe?

Estaria a telepatia na raiz do acontecimento? Teria o pensamento de alguma pessoa aqui na terra a quem Stephen era conhecido sido transferido de forma estranha para Joan e para mim enquanto estávamos sentados ao tabuleiro ouija? Admitindo que o pensamento pode e se transfere de uma pessoa para outra através de canais que não os sentidos, é concebível que uma história tão circunstanciada como a da morte de Stephen tenha sido assim transferida — com exatidão?

A teoria da mente subconsciente já nos fez parar; mesmo no caso presente deve, sinto, prender a consideração mais ponderada. Esta teoria implica que, embora Joan e eu não tivéssemos conhecimento consciente de Stephen L , a sua existência e morte tinham, como questão de facto, sido trazidas à nossa atenção antes de 7 de dezembro de 1916; que esquecemos o que tínhamos sabido; e que de uma forma ou de outra o tabuleiro ouija chamou este conhecimento de volta ao pensamento consciente. Isto parece improvável. Stephen L estivera morto apenas há uma questão de meses. Se Joan e eu, ou um de nós, soubemos outrora da sua morte, quão breve tempo fora necessário para apagar o facto por completo das nossas memórias!

Relativamente à teoria espírita direi por esta altura apenas que a filosofia de Stephen, que é o tema primário deste registo, vai a toda a questão da possibilidade e razoabilidade da sobrevivência após a morte.

Era um teste sobressaltante o que Stephen nos tinha dado. Contudo, quando o choque dele passou, encontramo-nos ainda a oscilar, embora houvesse uma dificuldade acrescida: até ao dia da identificação de Stephen podíamos, quando assim inclinados, descartá-lo como uma mera ficção. Com Stephen assim fora do caminho, estávamos livres para considerar a sua filosofia como o produto do nosso próprio subconsciente. Desta

explicação do mistério podíamos, e seguramente o fizémos, duvidar, no entanto não havia evidência externa em contrário. Agora tínhamos de quadrar com a teoria subliminar não apenas a filosofia de Stephen, mas o próprio Stephen. Como aceitar o pensamento de que outrora soubemos de Stephen L e no entanto esquecemos esse conhecimento tão completamente que até a anomalia de ele se escrever a si próprio no tabuleiro ouija falhou em refrescar as nossas memórias?

IV

UM AMIGO INTRIGADO

O NOSSO dilema era tão intrigante que, apesar da falta de confiança que Stephen e o professor tinham expresso em mensagens de teor probatório, Joan e eu acolhemos com agrado um acontecimento fortuito que resultou em testes adicionais. Uma noite, enquanto estávamos embrenhados na filosofia, o telefone tocou; Joan saiu da sala para atender. Enquanto ela estava ao telefone, a campainha da porta tocou; e eu, descuidando-me primeiro de esconder o tabuleiro ouija, admiti uma visita. Chamemos-lhe F. W.

Mesmo quando F. W. entrava, Joan regressou. Ela agarrou no tabuleiro e no tripé e correu em direção ao armário embutido com a sua arca protetora, mas demasiado tarde.

«Isso é um tabuleiro ouija», acusou F. W.

«Já viste algum antes?», perguntei.

Sim, F. W. já tinha — uma vez. Quando era jovem, disse ele, havia uma família excêntrica (a palavra dele) — vizinhos da sua família — que tinha cultivado o ouija com grande seriedade. A sua mãe tinha assistido a uma das reuniões e levara-o consigo.

«Mas o que em nome do bom senso», perguntou F. W., «estão vocês dois a fazer com um tabuleiro ouija?»

Contámos como, por acidente, deparámos com o brinquedo na casa de hóspedes, acrescentando que por uma questão de divertimento tínhamos comprado o equipamento que ele agora via.

«Se há alguma diversão a extrair da engenhoca», disse F. W., «vamos a ela.»

E assim, com F. W. como espetador e estenógrafo, Joan e eu preparámo-nos para a «diversão». Devíamos ter pensado melhor antes de termos deixado Stephen fora dos nossos cálculos. Ele não quis nada com a nossa frivolidade, insistindo antes em continuar a sua discussão filosófica. A conversa que F. W. registou segue-se:

Darby: O F. W. está connosco, Stephen.

Stephen: O vosso amigo.

Darby: Tens alguma mensagem para o F. W.?

Stephen: Mais tarde. Estou contente por ele estar aqui. Joan, Darby e F. W. têm muito o mesmo grau de consciência. Aí reside a explicação da amizade. Gostaria que o F. W. levasse este assunto tão a sério quanto puder. Vamos continuar com a discussão. Qualidade de consciência, já vos disse, temos à nascença; a quantidade é desenvolvida. O grau de consciência é composto pela posse de qualidade e quantidade. Suponde que discutis isto comigo. Quero que compreendais perfeitamente.

O que sabia o F. W. sobre a qualidade e a quantidade da consciência!

Ele bem sabia que a sua curiosidade estava aguçada. E, claro, acusou a Joana e a mim de sermos os verdadeiros operadores do tripé.

— Porque tentam enganar-me? — exigiu ele.

— Era o que a Joana me costumava dizer — respondi — e o que eu lhe dizia a ela. Mas já ultrapassámos isso tudo. Sabemos agora que, conscientemente pelo menos, não temos mais nada a ver com os movimentos do ponteiro do tabuleiro ouija do que tu.

— Aposto que não conseguem fazer o truque de olhos vendados — disse o F. W.

— Aposto que não conseguimos, também — disse a Joana.

Então o F. W. vendeu-nos os olhos. Eu não conseguia ver nada, e a Joana diz que também não. Colocámos as mãos sobre o tripé. Lentamente, este moveu-se; se com um propósito ou não, não soubemos até o F. W. começar a ditar as letras em voz alta. Eis o que o tripé soletrou:

"Isto é mais difícil. Há uma médium, uma estação recetora, aqui. Ela lembrar-se-á de ter tido a experiência de sentir que alguém estava de pé atrás dela e de se voltar para não encontrar nada."

Depois veio uma pausa, a seguir mais movimentos. Destes, queixou-se o F. W., eram incoerentes. Rogou por apenas mais uma frase; e finalmente o tabuleiro ouija respondeu com o seguinte:

"O ódio é suficiente?" (O que significava, suponho eu, que o Estêvão não gostava do teste.)

As vendas foram removidas, e o F. W. sugeriu que ele e eu tentássemos mover o tabuleiro. Tentámos, mas sem resultado, a não ser o facto de o tripé se mover sem rumo para trás e para a frente. Então a Joana propôs que ela e o F. W. pegassem no tabuleiro. Assim fizeram, com sucesso. Os movimentos eram mais lentos do que com a Joana e comigo, e o percurso de letra a letra não era tão direto; mas as palavras eram soletradas com igual clareza.

— Preferia continuar com a discussão — disse o Estêvão. — Darby!

— Queres o Darby? — perguntou o F. W.

— Sim — respondeu o Estêvão. — Ele compreende melhor.

O F. W. tirou as mãos do tripé, encostou-se para trás na cadeira e exclamou:

— Justo! — Esta frase ele usa-a frequentemente, para expressar ou concordância ou surpresa. No presente caso expressava ambas. O F. W. não compreendia, e estava perplexo.

— Acho que vocês os dois foram ambos vendados para que não pudessem ver nada — disse ele, passados momentos. — Da mesma forma, deixem-me vendar-vos outra vez. E além disso quero que virem os vossos rostos o mais para longe do tabuleiro possível.

No meio da fala do F. W., a Joana e eu tínhamos colocado novamente os dedos no tripé. Estava em movimento antes de o F. W. conseguir terminar.

"A venda é indigna" — soletrou ele. — "Tais coisas não têm importância no esquema das coisas. Já vos dei testes suficientes."

Mas o F. W. insistiu — e certamente a Joana e eu estávamos muito interessados na sua experiência. Com grande cuidado, ajustou os lenços aos nossos olhos. Virámos os rostos o mais longe do tabuleiro que podíamos. Nenhum de nós viu nada; teria sido impossível, concordou o F. W. quando a experiência terminou.

Com tudo a postos, o F. W. disse:

— Ora, desta vez não vou ditar as letras em voz alta. Vou anotá-las todas e, depois de removidos os lenços, leio-vos o resultado, se houver algum.

Pareceu que a Joana e eu parámos ali de olhos vendados durante meia hora, embora o F. W. dissesse mais tarde que o tempo foi de apenas uns cinco minutos. Podíamos sentir o tripé a mover-se sobre o tabuleiro. Perguntei-me se não sairia mesmo das bordas, mas não saiu. De vez em quando o F. W. falava, como que para o Estêvão, indicando assim que um resultado de qualquer tipo estava a ser alcançado. Finalmente, as vendas foram removidas. Relato as grafias do tabuleiro ouija juntamente com as perguntas do F. W.:

F. W.: Porque estás a falar com a Joana e com o Darby?

Estêvão: Para lhes dar a revelação que primeiro lhes mencionei na casa da Jevon.

F. W. (para quem o nome Jevon não tinha significado): Repete as palavras seguintes a "que".

Estêvão: Primeiro lhes mencionei na casa da Jevon.

F. W.: O que significa a última palavra?

Estêvão: Para o Darby, comer.

F. W.: És agramatical. "Para o Darby comer" é apenas um disparate.

Subentende-se que as grafias do tabuleiro ouija são, pela natureza das coisas, sem pontuação. Mas mesmo a pontuação poderia ter falhado em tornar a frase críptica clara para o F. W. Várias vezes repetiu a sua opinião de que as palavras "para o Darby comer" eram incoerentes. A Joana e eu lembramo-nos dos solavancos, expressivos de impaciência, com que o Estêvão finalmente deu a seguinte resposta:

"A Jennie Jevon tem uma pensão."

A Sr.ª Jevon tinha de facto a pensão na qual a Joana e eu jantávamos e na qual conhecemos o Estêvão. O F. W. sabia que jantávamos fora, mas não sabia o nome da mulher que para o Darby significava "comer"; daí a sua confusão. Seria o primeiro nome da Sr.ª Jevon Jennie? Nem a Joana nem eu podíamos ter a certeza de alguma vez ter ouvido o seu nome próprio.

Foi um F. W. mistificado que nos deu as boas-noites, perto da uma hora da manhã.

— Não pesco nada disto — disse ele, enquanto vestia o sobretudo. — Mas deem-me outra oportunidade. É intensamente interessante. O que vão vocês os dois fazer amanhã à noite — sexta-feira?

Lamentámos um compromisso.

— Mas — disse a Joana — estaremos à tua espera mesmo aqui no sábado à noite.

O nosso compromisso de sexta-feira, por acaso, gorou-se. E por isso telefonei para a casa do F. W. Quando me disseram que ele não estava lá, liguei para vários sítios onde pensei que ele pudesse estar. O F. W. não se encontrava em lado nenhum.

— Oh, bem — disse a Joana —, vamos fazer alguns testes por nossa conta.

Pegámos no tabuleiro ouija e colocámo-lo ao colo. Num instante, o Estêvão estava à mão, anunciando a sua presença, como de costume, soletrando o seu nome.

— Estêvão — disse eu —, vamos testar-vos um bocadinho esta noite. Quero que me deixes falar com alguém que conheci nesta vida.

— Eu farei o teste — respondeu o Estêvão. — Certamente compreendes a importância da minha revelação. Se eu tornar a sobrevivência da consciência após o que chamas morte razoável à luz do teu próprio conhecimento, que maior prova pode haver?

A Joana e eu estávamos determinados, porém. Assim também, aparentemente, estava o Estêvão. O tripé começou o que parecia uma dança. Primeiro ergueu-se sobre as duas pernas traseiras; depois, numa

perna traseira e na perna dianteira. A seguir, o Estêvão vinha por um segundo, soletrava "Tolo" e depois desaparecia. Após um momento soletrava "Estúpido" e novamente desaparecia. Depois, por um longo período, o ponteiro permaneceu imóvel. Finalmente começou a mover-se, mas com grande incerteza, como que operado por uma mão inexperiente.

"Não Estêvão" — soletrou, com muitos começos falsos e pausas. — "Lembras-te do tempo em que te roubei a camisa? Praguejaste bastante, porque ias visitar uma rapariga."

— Num período da minha vida — respondi —, houve várias pessoas que supriram as suas necessidades de linho na minha gaveta.

— Sim — disse o tabuleiro ouija —, mas apenas uma dessas pessoas está onde eu agora estou. Posso ser mais específico. Lembras-te do tempo em que te preguei uma partida, tirei quarenta dólares do teu bolso?

Parecia não haver dúvidas de que, se o interlocutor fosse outro que não a minha própria mente subconsciente, era um a quem chamarei Fred Q. Durante alguns meses antes do meu casamento, o Fred Q. e eu partilhámos o quarto. Ele, como outros que viviam na mesma casa, tinha ocasionalmente "pedido emprestado" as minhas camisas limpas, tal como eu, quando a necessidade o justificava, tinha pedido emprestadas as deles. E eu lembrava-me do tempo em que ele tinha tirado quarenta dólares do meu bolso. A mente subconsciente da Joana estava absolvida. Não há uma oportunidade no mundo de lhe ter sido contada a história absurda da camisa ou a dos quarenta dólares.

Para fechar com chave de ouro, o tabuleiro ouija soletrou a seguir: "Canhoneiras".

Era de rir. O Fred Q. tinha insistido em usar sapatos de um tamanho ainda mais do que confortavelmente grande.

— Canhoneiras! — costumava eu exclamar, ao acordar de manhã e ver os sapatos dele esparramados ao lado da cama. Aqui, novamente, a Joana, consciente ou subconsciente, não podia ser acusada. Ou era eu, o eu subconsciente, que tinha soletrado aquela palavra "canhoneiras", ou — seria possivelmente o Fred Q., morto então há pouco mais de um ano?

Admitindo que a camisa, os quarenta dólares e as canhoneiras eram realmente obra do meu próprio subconsciente, porque razão, se era

necessário que o meu subconsciente soletrasse algo, tinha escolhido estas memórias triviais do Fred Q.? Durante quatro ou cinco anos antes da sua morte, eu pouco o tinha visto. Na verdade, ele saiu da minha vida quando a Joana entrou.

O Estêvão regressou finalmente.

— O teste satisfez-te? — perguntou ele. — Ou tens agora apenas algo mais para explicar?

— Algo mais para desculpar — foi a minha resposta.

— Mas certamente — respondeu o Estêvão. — Então para quê perder tempo? Continuemos com a revelação.

E começou então o desenrolar de uma nova secção daquilo que, para a Joana e para mim, tem parecido, tal como o tabuleiro ouija insistia, o mais maravilhoso dos testes — a filosofia do Estêvão, totalmente tão única no seu teor como na maneira da sua vinda.

V

O TIO MIGUEL

A JOANA tinha prometido ao F.W. que ele nos encontraria à sua espera. Em vez disso, quando chegámos a casa na noite seguinte, o F. W. estava à nossa espera, com um ar sabichão.

— Tentei ligar-te ontem à noite — disse eu. — Telefonei para todo o lado.

— Para todo o lado — respondeu ele —, exceto para a Biblioteca Pública. Estava a ler um pouco, uma espécie de avaliação destas coisas psíquicas. — Encontrou o seu próprio caminho para o armário dos casacos. — Eu sei a resposta para isso — anunciou ele com segurança, ao avistar o tabuleiro ouija descansando no topo do baú.

— Confia em mim — disse eu.

— Simples o suficiente! — respondeu ele. — É a mente subconsciente. Aquele tabuleiro ouija não soletrou uma palavra na noite de anteontem que não estivesse ou na tua mente ou na da Joana ou em ambas.

— Acho que nenhum de nós sabia que o primeiro nome da Sr.ª Jevon era Jennie — disse a Joana. — Fizemos a averiguação, e é Jennie.

— Bem, vocês provavelmente sabiam — respondeu o F.W. — Esqueceram-se — é tudo. É exatamente aí que está o ponto da mente subconsciente. Julgamos que esquecemos um ror de coisas que mais tarde descobrimos guardadas na nossa memória. Digo-vos uma coisa, porém — a maneira como vocês os dois correram o tabuleiro ouija de olhos vendados foi notável.

— A mente subconsciente explica isso? — perguntei.

— Não me surpreenderia se explicasse — respondeu o F. W. — Pensa no sonâmbulo. O sonâmbulo passeia em segurança pelos locais mais perigosos. Sobe escadas, caminha ao longo da borda de penhascos, e tudo esse tipo de coisas, guiado não pela visão, mas por memórias subliminares.

A sanidade da atitude do F. W. era contagiante — teria sido se a Joana e eu não nos tivéssemos sentado noite após noite a ver um sistema de pensamento filosófico, que prendia a atenção, construir-se a partir do que parecia ser o nada, cada pensamento subsequente coerente com o que tinha vindo antes, cada novo desenvolvimento apoiando-se numa fundação previamente lançada. Mente subconsciente? Talvez. Mas quando tínhamos a Joana e eu armazenado no nosso subconsciente o material a partir do qual, sem esforço, estávamos agora a construir esta estrutura de pensamento? E depois havia o Estêvão do tabuleiro ouija, que aparentemente tinha provado ser o Estêvão L!

Telepatia, poderia ter dito o F. W., se soubesse como o Estêvão se tinha identificado. Não creio que ele tivesse imputado a identificação do Estêvão à mente subconsciente. Pois o trabalho diário e a formação do F. W., como os da Joana e os meus, capacitam a pessoa para recordar factos dramáticos e os nomes que eles envolvem. Ele teria apreciado a probabilidade de nos lembrarmos de uma história como a do Estêvão L, assim que chegasse ao nosso conhecimento, a certeza de que não poderíamos ter esquecido tal história tão completamente que até a invulgaridade de ela surgir num tabuleiro ouija falhou, falhou totalmente, em refrescar as nossas memórias.

Suponha-se que o F. W. tinha dito telepatia. Com isso teria afirmado que, na noite de 7 de dezembro de 1916, alguma pessoa — quem exatamente era esta pessoa a Joana e eu poderíamos nunca ser capazes de apurar — tinha revolvido na sua mente certos factos da existência e morte

do Estêvão L, e a Joana e eu — a partir de uma distância quão grande poderíamos nunca ser capazes de apurar — tínhamos intercetado o pensamento dessa pessoa em grande pormenor e com exatidão rigorosa. Tudo isto o F. W. teria afirmado apesar do facto de não poder citar da sua própria experiência, ou observação, um único outro caso de telepatia, por mais vago que fosse.

Bem, a Joana e eu parámos nas nossas posições ao tabuleiro ouija, com o F. W. encarregando-se novamente de fazer o registo. Quase imediatamente veio isto, sem hesitação, mas lentamente:

"F. W., estou aqui. Reconhece pela personalidade. O dia estava frio. Uma estrada de campo. Duas parelhas. Encontrámos a tua mãe na estação. Ela veio para passar as festas e levar-te de volta. Quem sou eu?"

— Não me recordo de nenhum incidente assim — disse o F. W. — Não sei quem és.

"Fuga" — soletrou o tabuleiro ouija.

— A fuga teve alguma coisa a ver com um aterro? — perguntou o F. W.

"Rio — ponte" — soletrou o tabuleiro ouija.

— Olá lá! — exclamou o F. W. — É o Tio Miguel?

"Gaita de beiços" — respondeu o tabuleiro ouija.

— Agora estás a ser absurdo — disse o F. W., picado com a trivialidade da última palavra do tabuleiro ouija. — Tio Miguel, a família nunca acreditou que os teus cavalos tivessem fugido. Sempre pensaram que foste vítima de crime, de ladrões, talvez.

"Nenhum crime" — soletrou o tabuleiro ouija. — "Outra parelha da curva oposta. Já vinha em fuga. Bateu contra o meu cavalo de fora. O condutor estava bêbedo. Quando viu o resultado ficou tão assustado que seguiu viagem e guardou silêncio."

— O que tinhas transportado para o mercado na tua carroça? — perguntou o F. W.

"Madeira" — respondeu o tabuleiro ouija, e depois acrescentou: — "Não tenho a certeza, mas acho que cereal."

— Contradizes-te — disse o F. W.

"Apito de sabugueiro" — respondeu o tabuleiro ouija.

O tripé parou e, por muito que o F. W. insistisse, não houve mais nenhuma palavra do Tio Miguel.

Os factos da morte do Tio Miguel, conforme o F. W. os contou à Joana e a mim, eram estes. Ele tinha vivido num estado distante, na quinta onde ele e a sua irmã, a mãe do F. W., tinham sido criados. Um dia — o F. W. na altura era um rapaz jovem — o Tio Miguel partiu para o mercado, conduzindo uma parelha de cavalos de confiança. A noite falhou em trazê-lo a casa. No dia seguinte, o seu corpo foi encontrado ao pé de um aterro, o acesso a uma ponte a escassas milhas da quinta. A parelha, arrastando a carroça com os arreios partidos, pastava no canto de uma cerca.

A explicação óbvia era que os cavalos tinham fugido; e a família tinha sido incapaz de provar o contrário. Mas nunca tinham aceitado esta explicação; o Tio Miguel conhecia cada polegada da estrada, e os cavalos que conduzia eram fiáveis. A sua família acreditava que ele tinha sido atacado por ladrões, o seu corpo atirado por cima do aterro para despistar, e os cavalos deliberadamente assustados. O produto da sua viagem ao mercado oferecia um motivo para o crime. Aconteceu, porém, que o Tio Miguel, contrariamente ao seu costume, tinha depositado o dinheiro no banco.

Quando o F. W. se preparou para nos dar as boas-noites à Joana e a mim, a hora, como na noite anterior, era tardia. A sua segurança tinha desaparecido; o espanto voltou a apoderar-se dele. Pois aqui estavam novamente factos desconhecidos para a Joana e para mim, contudo soletrados no nosso tabuleiro ouija.

A imagem do Tio Miguel levando o F. W. numa viagem fria por uma estrada de campo para ir buscar a mãe podia ser descartada; o F. W. não se lembrava de nenhuma viagem dessas. E quanto às duas parelhas? Dificilmente se suporia que fossem necessárias duas parelhas para transportar um rapaz pequeno para ir buscar a mãe. No entanto, na história da morte, não relacionada como estava com a viagem do F. W., havia, curiosamente, duas parelhas, tal como havia uma estrada de campo.

Restava apenas sorrir com a falha do Tio Miguel em lembrar-se se era madeira ou cereal o que tinha transportado para a cidade no dia da sua morte. O próprio F. W. não sabia o que a carroça do seu tio contivera. As observações sobre a "gaita de beiços" e o "apito de sabugueiro", concordámos a Joana e eu com o F. W., eram demasiado triviais para significar algo.

Apesar das discrepâncias, contudo, e apesar das trivialidades, o facto permanecia de que o tabuleiro ouija tinha sugerido ao F. W. a personalidade do seu falecido Tio Miguel. Na altura, nem a Joana nem eu sabíamos que alguma vez tinha existido tal pessoa como o Tio Miguel. Nada sabíamos da família da mãe do F. W., ela própria falecida — quem eram ou onde viviam. O F. W. percebia a nossa completa ignorância. Como, exigia ele, havia de atribuir o Tio Miguel à mente subconsciente da Joana ou à minha?

— Não poderia ter sido a tua mente subconsciente? — perguntei, relutante em descartar esta explicação sumária assim que vi o F. W. a fraquejar.

— Como poderia ter sido a minha? — respondeu ele. — Eu não estava ao tabuleiro ouija.

Retorqui que talvez a explicação residisse numa combinação de subconsciente e telepatia. Talvez os pensamentos subconscientes do F. W. tivessem sido transmitidos telepaticamente para o subconsciente da Joana ou para o meu.

— Forçado! — exclamou o F. W. — De qualquer modo, houve coisas soletradas ali que não estavam de todo no meu pensamento — o condutor bêbedo, por exemplo. Nunca ouvi falar dele até hoje à noite. Se alguma vez houve um condutor bêbedo, provavelmente está morto a esta hora, e se está morto o mais certo é que o pensamento da sua ligação com la morte do meu tio não esteja na mente de ninguém.

A Joana e eu, enquanto caminhávamos para casa vindos da igreja na manhã seguinte, peneirámos as provas oferecidas pelas comunicações que o F. W. tinha provocado. Várias coisas eram aparentes.

Por exemplo, se eu tivesse mantido qualquer suspeita persistente de que a Joana empurrava conscientemente o tripé de letra a letra, ou se ela

tivesse suspeitado de mim, essas dúvidas tinham de desaparecer. Com ambos de olhos vendados, as grafias tinham prosseguido praticamente sem entraves. A experiência de venda do F. W. tinha tornado toda a questão da nossa honestidade mútua sem sentido. Pelo menos, demonstrou que não havia necessidade de desonestidade.

Outro facto destacava-se ousadamente. É possível que tenha sido dada publicidade à morte do Estêvão L, especialmente em certas partes do país. Não havia nenhuma razão especial para que a história tivesse sido publicada pelos jornais da cidade em que a Joana e eu vivemos, e estou perfeitamente seguro de que não foi; contudo, se a notícia da morte do Estêvão foi impressa em qualquer lado, haverá quem se incline mais a acreditar que a Joana ou eu lemos o artigo de relance e nos esquecemos dele, do que o facto de a existência e morte do Estêvão terem vindo do lugar nenhum para o nosso tabuleiro ouija. Mas o caso do Tio Miguel era diferente.

Aqui estava um agricultor, morto numa comunidade remota há anos. O seu obituário foi impresso num jornal de província, com circulação limitada à vizinhança imediata. Não há uma oportunidade em um milhão de a Joana ou eu termos alguma vez ouvido falar do Tio Miguel. Isto, então, destaca-se ousadamente: se a teoria do subconsciente prega um conhecimento adquirido normalmente, por mais completamente que a aquisição possa ter sido esquecida pela mente consciente, ela falha, neste caso pelo menos.

Se para o Tio Miguel ter estado nas nossas mentes subconscientes fosse necessário que o conhecimento dele nos tivesse chegado no passado, fosse próximo ou distante, através dos canais comuns dos sentidos, então o Tio Miguel simplesmente não estava nas nossas mentes subconscientes.

Devo antecipar a minha narrativa. Cerca de três semanas após o Tio Miguel aparecer, o F. W. ligou-nos uma noite e disse que queria vir ver-nos imediatamente. Veio e trouxe consigo esta informação: o Tio Miguel tinha sido extremamente proficiente na gaita de beiços e tinha sido famoso pelos seus apitos de sabugueiro.

— Juro pelos céus — disse o F. W. —, que quando o tabuleiro ouija soletrou aquelas palavras elas pareceram-me o mais puro disparate. Escrevi a história toda a parentes lá na velha terra; e eis a resposta deles; tocar gaita

de beiços e fazer apitos de sabugueiro eram verdadeiros dotes do meu Tio Miguel.

E assim foi derrubada a teoria de que talvez a Joana e eu tivéssemos estado simplesmente a ler a mente do F. W. O Tio Miguel tinha-nos contado factos, factos triviais, mas verdadeiros, que o F. W. não sabia, tal como nós também não!

Deixem-me encerrar o incidente do Tio Miguel citando um parágrafo de uma carta que o F. W. me escreveu recentemente de um hospital para soldados americanos. A carta dizia:

"Fiquei tremendamente impressionado com o pormenor exato do que insisto em chamar o relato do Tio Miguel e a comunicação de factos de que nenhum de nós estava ciente na altura. O incidente tem vindo frequentemente ao meu pensamento, e sempre como uma espécie de argumento convincente de que somos, de facto, recetores de mensagens de longe."

VI

A ESTAÇÃO RECETORA

O CARÁCTER evidente das comunicações do F. W. era, como o F. W. disse, impressionante. Mas acho que a Joana e eu ficámos ainda mais impressionados com a descoberta de que, embora ela e eu pudéssemos operar o tabuleiro ouija e igualmente ela e o F. W., o F. W. e eu não podíamos. Isto parecia significar que a Joana, não eu, era a médium.

Lembrámo-nos do que o Estêvão tinha dito:

"Há uma médium, uma estação recetora, aqui. Ela lembrar-se-á de ter tido a experiência de sentir que alguém estava de pé atrás dela e de se voltar para não encontrar nada."

— Isso é verdade, Joana? — perguntei eu.

— Oh, acho que não — respondeu ela. — Essa é uma experiência que toda a gente tem.

— Talvez sejamos todos nós médiuns em alguma medida.

— Muito amável da tua parte dizer isso, Darby — respondeu ela.

A verdade é que a Joana estava relutante em reconhecer o seu dom psíquico, especialmente relutante em reconhecer que as comunicações vinham exclusivamente através dela. Contudo, os acontecimentos subsequentes às mensagens do F. W. não lhe deixaram escapatória para esta conclusão. Mesmo assim, ela permaneceu difidente. Estando todo o tema dos fenómenos psíquicos envolto em incerteza, a sua atitude não é de admirar.

Fosse para evitar qualquer mal-entendido que se tenha colado às palavras "médium" e "psíquico", ou fosse simplesmente para manter o facto do caso bem rente ao chão, o Estêvão raramente usa a palavra "psíquico" e nunca usa a palavra "médium". O seu termo para alguém dotado como a Joana é "estação recetora".

"O que realmente acontece durante o processo de comunicação", diz o Estêvão, "é mais parecido com a transmissão de uma mensagem sem fios do que qualquer outra coisa na vossa experiência. O nosso termo estação recetora é muito bom, não por ser metafórico, mas porque é o oposto exato de metafórico."

Antecipando muito da experiência que esta narrativa relata, desvio-me aqui para traçar o desenvolvimento da estação recetora que é a Joana.

O Estêvão estava a trabalhar na filosofia há apenas algumas semanas quando notei uma coisa estranha.

O nosso método de registar as palavras do tabuleiro ouija era este: à medida que o ponteiro se movia pelo alfabeto, a Joana ditava as letras em voz alta, e ambos as retínhamos na mente até se formar uma palavra completa; no fim de uma frase, eu retirava as mãos do tripé e escrevia-a.

Passado um tempo, notei uma tendência da parte da Joana para ditar as letras antes de o tripé realmente as ter escolhido.

— Como fazes isso, Joana? — disse eu. — Estás adiantada em relação ao ponteiro.

— O que queres dizer? — perguntou ela.

Quando expliquei, ela disse:

— Não tinha reparado nisso. Agora que falas nisso, é verdade. Eu sei, por vezes, que letra vem a seguir. Mas não me perguntes como sei. Sei apenas. As letras parecem saltar para o meu pensamento.

Dirigindo-me ao Estêvão, disse:

— Qual é o teu método de comunicação?

A conversa que se seguiu é aqui reproduzida praticamente na íntegra, embora a certa altura se tenha afastado um pouco do assunto. Em resposta à minha pergunta, o Estêvão soletrou:

"Comunico por meio de um veículo perfeitamente material. Utilizo uma força que o homem não compreende agora, mas que com o tempo compreenderá. Há poucos anos, os homens maravilhavam-se com o telégrafo comum; agora estão reconciliados com o sem-fios."

— Queres dizer — perguntei eu — que a eletricidade opera este tabuleiro ouija?

— Mas certamente — respondeu o Estêvão —, embora não a eletricidade como a compreendes agora. A força atómica de que falo poderia ser chamada de consciência magnética.

— Há alguma outra maneira, além deste enfadonho método do tabuleiro ouija, pela qual pudesses falar connosco? — perguntou a Joana.

— Se te sentasses num deserto e olhasses para o norte — respondeu o Estêvão. — Se pudessem desanuviar as vossas mentes.

— Explica — disse eu.

"Nirvana" — disse o tabuleiro ouija.

Era evidente que o Estêvão se referia à antiga prática budista pela qual o devoto procura libertar-se de todo o pensamento e desejo, esperando assim ser absorvido no absoluto.

— É o Nirvana, então, a meta para onde caminhamos? — perguntei eu.

— Assim é chamado por alguns — respondeu o Estêvão. — O grande erro desta religião, especialmente conforme interpretada pelo Mundo Ocidental, é a sua doutrina do esquecimento; no entanto, está entre as mais sábias. O verdadeiro Nirvana é a consciência no seu auge.

O pragmatismo é uma característica marcante do carácter da Joana.

— Não ligo nenhuma ao Nirvana — protestou ela. — Se comunicas connosco através do veículo da força física, o que eu quero saber é: porque não posso ver-te?

— Porque o teu sentido da cor ainda não está altamente desenvolvido o suficiente — soletrou o tripé.

— Então, queres seriamente dizer que tens um corpo material? — insistiu a Joana.

— Mas certamente — disse o Estêvão. — O meu corpo atual tem propriedades além da vossa compreensão, tais como cor além do espetro humanamente visível.

— Tens visão, audição e os outros sentidos humanos? — perguntou a Joana.

— A consciência no meu plano tem tudo isso, mas não como os conheces agora — respondeu o Estêvão. — Não entendas mal; considera as minhas palavras: não como os conheces agora. Vejo como tu vês, e mais ainda. Por exemplo, vejo a matéria nas suas partes constituintes.

Uma noite, uma semana ou perto disso após esta conversa, a Joana travou de repente o tripé, sentou-se em silêncio por um momento e depois disse:

— Ora, que coisa! A ideia das letras não está apenas a saltar-me à mente, mas realmente, Darby, estou a começar a vê-las, às vezes.

— A vê-las? Como queres dizer que as vês?

— Exatamente o que disse — respondeu ela. — Quero dizer que de vez em quando vejo uma letra. Mesmo antes de o tripé a apontar, eu vejo-a, de certa forma, na minha mente. Compreendes?

Fui forçado a admitir que não.

Mais algumas noites e a nova experiência da Joana tinha-se tornado nítida. De algum modo, disse ela, visualizava mentalmente cada letra, mesmo antes de ser apontada pelo tripé. Seria bom que a Joana descrevesse o fenómeno com as suas próprias palavras. Diz ela:

"As letras, conforme apareciam na minha mente, eram peculiarmente características. Primeiro, eram de definição distinta, tal como a memória de um objeto familiar está distintamente definida no olho da mente. Em segundo lugar, eram constituídas de luz, em grande parte luz cor-de-rosa, uma espécie de brilho.

O cor-de-rosa das letras estava rodeado por uma franja que começava como um amarelo, semelhante ao amarelo de uma chama de carvão, e matizava num azul brilhante. O efeito de cor do conjunto não era diferente do de um braseiro ardente com chamas a brotar do combustível não queimado em redor.

E as letras eram de enorme tamanho, muito maiores do que os tipos imensos de um cartaz publicitário. Pela parte final da experiência tornaram-se consideravelmente mais pequenas, embora até ao fim fossem muito, muito grandes.

Cada letra era visualizada, não externamente, mas internamente. O mesmo efeito de luz visualizada internamente pode ser produzido, constato eu, pressionando os dedos com força nas pálpebras dos olhos fechados. Aparecerá na retina — pelo menos assim foi no meu caso — uma sufusão rosada barrada e cruzada por linhas de luz amarela, que, contudo, não assumem nenhuma forma definida.

Quanto à maneira como as letras apareciam: surgiam isoladas, ao princípio com um intervalo de tempo considerável entre si; depois vinham mais próximas, mas ainda isoladas. Era como se fossem empurradas ao longo de um arame no qual tivessem sido fiadas, sendo a minha linha de visão compreensiva de apenas uma letra. Finalmente começaram a vir tão depressa que era impossível para o tripé do tabuleiro ouija acompanhar o ritmo.

Não era necessário fechar os olhos para ver las letras; nem a sua vinda dependia de eu concentrar a minha atenção. Podia pensar noutras coisas, ouvir as perguntas do Darby e, quando desejava, fazer eu própria uma pergunta.

Corri o tabuleiro ouija apenas em intervalos infrequentes no ano passado. Ao ditar esta declaração ao Darby, a 2 de maio de 1919, faço uma pausa para tentar a repetição da experiência de ver as letras. O tabuleiro

ouija corre, mas como fazia quando a ideia das letras estava apenas a saltar-me à mente. Não vejo as letras agora."

O passo seguinte no desenvolvimento psíquico da Joana fez com que o nosso tabuleiro ouija fosse temporariamente abandonado. No seu melhor, a sua operação era um assunto fisicamente fastidioso. E, também, como a Joana declarou, as letras começaram a aparecer perante a sua visão mental numa sucessão tão rápida que o tripé ficava por vezes uma palavra inteira atrás da letra que a Joana estava a anunciar.

— Estêvão — disse eu, finalmente —, se a Joana vê estas letras sentada ao tabuleiro ouija, porque não poderia ela vê-las se se sentasse a uma máquina de escrever?

— Façamos a experiência — respondeu o Estêvão, sempre pronto a tentar uma coisa nova. — Não sei se terá sucesso. Joana, senta-te à máquina de escrever e, Darby, põe-te de pé atrás dela e coloca as mãos nas suas têmporas.

Fizemos conforme fomos instruídos e, após uma espera de um minuto ou dois, a Joana começou a bater as teclas da máquina de escrever, muito deliberadamente. Quando veio uma pausa, puxei o papel para fora da máquina e perguntei à Joana se sabia o que tinha sido escrito. Ela respondeu que tinha apenas a ideia mais vaga, que as letras surgiam perante a sua visão, como de costume, mas que, pelo facto de as estar a dactilografar, não tinha feito nenhum esforço para as recordar. Eis o que encontrei escrito no papel:

isto e lento continuem assim estamos todos a ver-vos isto e excelente deveria ter respondido a tua carta mais cedo o problema aqui e que a joana insiste em dar a maquina os seus fins comuns o professor esta aqui e muito interessado se isto resultar significa um maravilhoso método de comunicação a joana esta a sair-se lindamente ela esta a tornar a sua mente mais livre do que nunca sem duvida isto provara ser um grande avanço sobre o método do tabuleiro ouija

Citei o que acima está exatamente como veio — sem maiúsculas ou pontuação e com apenas uma letra empregue nos casos de letras duplas. A ausência de qualquer distinção entre maiúsculas e minúsculas tinha, claro, sido característica das mensagens do tabuleiro ouija; o tabuleiro traz apenas letras maiúsculas. Já me referi ao facto de não trazer sinais de pontuação,

embora por um sistema de pausas, que cedo aprendemos, o Estêvão desde o início indicasse, de certa forma, a pontuação. Novamente, como no caso da máquina de escrever, o tabuleiro ouija nunca se dava ao trabalho de duplicar uma letra.

A não ser como o produto de uma experiência cativante, as palavras escritas pela máquina de escrever pareciam de nenhuma importância. Provou-se mais tarde, contudo, que a parte que dizia: "Deveria ter respondido à tua carta mais cedo; o problema aqui é que a Joana insiste em dar à máquina os seus fins comuns", era da maior importância.

Voltámo-nos da máquina de escrever para o tabuleiro ouija, e perguntei ao Estêvão se lhe seria possível pontuar na máquina de escrever e usar, onde necessário, maiúsculas e letras duplas. Ele disse que podia e que iria pontuar e usar maiúsculas, mas que simplesmente não se incomodaria com letras duplas. Depois fomos para a máquina de escrever outra vez, e dei início à coisa perguntando:

— Estêvão, estás aqui?

A resposta segue-se, escrita mais rapidamente do que foram as palavras da primeira tentativa:

"Estou aqui, com certeza." (Fornecendo as letras duplas, compenso a grafia abreviada do Estêvão.) "Nunca precisas de ter medo disso quando uma experiência como esta está a decorrer. Há muitos outros aqui também, muitos de grau muito elevado."

— Poderíamos a Joana e eu comunicar com esses graus mais elevados? — perguntei eu.

— Podes comunicar com qualquer indivíduo de grau mais elevado do que o teu, que esteja disposto a fazer o esforço de comunicar contigo. São apenas os indivíduos de um grau inferior ao teu que não podem comunicar contigo. Mas por enquanto agarra-te a mim.

— Havemos de fazê-lo, Estêvão — disse eu. — Mas pelo menos fala-nos sobre esses indivíduos de grau elevado que estão tão interessados nesta experiência.

E a resposta foi:

"O bando e a cabazada inteira estão aqui, grandemente excitados, e a armar uma confusão do diabo. Para te dizer a verdade, todos querem falar — e ao mesmo tempo, como se fossem apenas humanos. Carregamos a nossa infância connosco, pelos vistos. Se a Joana pudesse falar alemão, francês e todo o resto do palavreado humano absurdo — na verdade deveria haver apenas uma língua —, ela teria de ter dez dúzias de pares de mãos."

Perguntei ao Estêvão porque não "punha o bando e a cabazada a andar".

— Alguma vez tentaste conduzir um porco através de um buraco numa cerca? — foi a resposta.

O Estêvão tornou-se então sério e pediu que lhe fosse permitido continuar a sua revelação, dizendo que o novo método de comunicação permitiria uma amplitude de discussão muito maior.

— Mas antes de continuarmos — disse ele —, há algo sobre o qual gostaria de vos avisar, especialmente à Joana. Joana, tu és a estação recetora. Como tal, és de absoluta importância para a entrega da revelação que vos trago a ambos. Mas és também uma pessoa de opiniões fortes. Peço-te que não deixes as tuas ideias preconcebidas e preconceitos colorirem a minha mensagem. Mantém a tua mente livre, especialmente quando eu disser algo com que não concordes totalmente. Darby, tu és a estação concetora. Lembra-te de que a Joana não conseguiria comunicar sozinha com total sucesso, nem conseguiria, penso eu, qualquer outra pessoa. Podes divergir de mim tanto quanto quiseres; de facto, confio nas tuas perguntas para clarificar a comunicação. Mas acima de tudo deves aliviar os preconceitos da Joana. Deves evitar que as próprias opiniões dela coloram as minhas palavras. E deves também estar atento a uma forma de coloração que é provável resultar, não simplesmente das opiniões da Joana, mas de toda aquela massa de pensamento e memória, a sua própria experiência, que jaz adormecida no seu subconsciente."

Posso pedir ao leitor que guarde esta fala na mente, juntamente com aquelas palavras: "Deveria ter respondido à tua carta mais cedo; o problema aqui é que a Joana insiste em dar à máquina os seus fins comuns"?

Muitas possibilidades pareciam abrir-se com a experiência da máquina de escrever. Por um lado, ocorreu à Joana e a mim que, se estávamos a

receber mensagens genuínas "de longe", elas não precisavam de ser todas verbais. Porque não podiam, por exemplo, ser comunicadas ideias musicais?

Este pensamento interessou-nos grandemente porque, devido ao facto de a Joana não ser musical, envolvia um teste. Digo que a Joana não é musical, ainda que em criança tenha recebido aquele tipo de instrução de piano vaga que deixa alguns compassos de uma melodia simples memorizados e uma capacidade para ler mecanicamente uma pauta não demasiado complicada com algo menos de cinquenta por cento de exatidão. Estou certo de que a Joana nunca deu início a uma única ideia musical.

Disse ao Estêvão da máquina de escrever:

— Pareceu à Joana e a mim que, pelo uso do atual método de comunicação, a Joana se poderia sentar ao piano, como se senta agora à máquina de escrever, e produzir música de outro modo além do seu alcance.

— Não me parece — escreveu o Estêvão em resposta. — Fosse a Joana uma música, isso seria possível. Mas falta-lhe tanto a técnica como o sentido do tom. Tens de compreender que podemos incutir no subconsciente de uma estação recetora apenas as ideias que a própria estação é capaz de compreender. Mas façamos o esforço. Joana, senta-te ao piano. Darby, põe-te atrás dela e mantém as mãos nas suas têmporas. Veremos o que acontece."

O real valor desta experiência, provou-se, residiu em tornar claro para a Joana e para mim que, concedido que estávamos en rapport com uma inteligência desencarnada, havia limitações na comunicação. A Joana, por si mesma incapaz de originar a filosofia do Estêvão, podia não obstante apreender as suas conceções. Mas para a Joana um pensamento musical não tinha significado e, portanto, não podia atuar com sucesso como o veículo da comunicação musical.

O que aconteceu, contudo, foi interessante. A Joana sentou-se ao piano. De repente, os seus dedos começaram a correr pelo teclado com uma destreza que lhes era desconhecida, e uma série de grandes acordes estrondosos rebentou, harmonias sugestivas de poder, grandes efeitos como os de um órgão que enchiam a sala. Mas os acordes eram coisas individuais, carecendo de continuidade no seu conjunto. Depois, a Joana

tentou dar acordes de igual complexidade, mas falhou. Parecia que as harmonias que tinha produzido enquanto eu estava com as mãos nas suas têmporas não eram, em nenhum sentido comum, de sua autoria. O Estêvão também as desmentiu, dizendo que outro que não ele tinha ajudado do seu lado.

Empregámos o método da máquina de escrever por apenas algumas noites após a experiência do piano. Desde o início que a Joana se queixava de que a pressão nas suas têmporas resultava em dor de cabeça. Finalmente, as dores de cabeça tornaram-se acentuadas. Voltámos então ao tabuleiro ouija, mas, conforme as coisas correram, não por muito tempo. Foi a própria Joana quem sugeriu a probabilidade de ser capaz de simplesmente falar as letras, sem que fossem nem escritas na máquina de escrever nem apontadas no tabuleiro ouija.

— Isso não teria sido possível há pouco tempo — soletrou o tripé. — Experimentemos. Sugiro, Darby, que durante a experiência segures os pulsos da Joana.

De que forma o facto de eu segurar os pulsos da Joana poderia facilitar os resultados, eu não sabia. Não obstante, fiz como o Estêvão aconselhou. Instantes depois, a experiência foi um grande sucesso. Sem nenhum obstáculo mecânico — tripé para seguir ou teclas de máquina de escrever para bater —, a Joana era capaz de anunciar las letras com uma fluência não manchada por confusão.

O método parecia perfeito, embora o seu desenvolvimento posterior fizesse com que os primeiros ensaios parecessem provisórios. Havia apenas uma dificuldade; como ambas as minhas mãos estavam ocupadas, eu não podia fazer nenhum registo. Contudo, o Estêvão pediu que a experiência continuasse por um período de duas ou três noites.

Na terceira noite ele disse:

— Não é necessário agora que segures ambos os pulsos. Segura apenas um.

Duas noites mais tarde disse:

— Não precisas de segurar os pulsos dela de todo.

Retirei a mão e a comunicação procedeu sem interrupção. Ao seu término, o Estêvão disse:

— Agora toca no pulso dela. Este será o teu sinal para a Joana de que a comunicação terminou. Da mesma forma, quando os dois buscarem comunicação, toquem no seu pulso.

E assim o tabuleiro ouija foi para trás do baú no armário — permanentemente. Com muito trabalho da parte da Joana e da minha e, assegurou-nos o Estêvão, da parte dele também, o tabuleiro ouija, um brinquedo acidentalmente lançado no nosso caminho, tinha lançado as fundações da filosofia do Estêvão. Que um sistema de pensamento tão sugestivo tenha vindo de dois meros pedaços de madeira parece ser um prodígio excedido apenas pela singularidade da própria filosofia.

A comunicação mental direta, que é o termo do Estêvão, produziu ao princípio apenas letras, como fizera o tabuleiro ouija. Depois, uma noite, a Joana começou a variar as letras pronunciando de vez em quando uma palavra e, no fim, as letras foram descartadas. Durante um tempo as palavras eram pronunciadas lentamente, com pausas entre si, e sem variedade de entonação. Mas cedo assumiram uma fluência completamente descaracterizada da fala comum da Joana.

Não quero dizer com isto que todas as comunicações recebidas pelo método mental direto tenham sido igualmente fluentes. Quando a Joana está física ou mentalmente cansada, a fala é mais lenta e menos segura. Quando vem uma nova personalidade — isto é, pretensa personalidade —, alguém que não tenha falado antes através da Joana, a fala é hesitante. Quando, ultimamente, se tem procurado matéria de prova, envolvendo nomes de pessoas ou locais ou outros elementos de identificação de caráter definido, tem havido a aparência de grande dificuldade; as palavras vêm muito lentamente, com correções ocasionais, e por vezes reverte-se mesmo às antigas grafias. Mas em todos os outros casos a comunicação possui a facilidade de uma conversa, assumindo de vez em quando, à medida que o comunicador se anima, o fluxo de uma oratória praticada.

Não digo que a voz que fala seja outra que não a da Joana. Digo que os valores de tom não são os dela. É como se a Joana fosse uma imitadora consumada, imitando ora o Estêvão, ora o professor, ou ainda uma das muitas outras personalidades que nos têm visitado.

Durante as primeiras tentativas de comunicação mental, a Joana sentava-se absolutamente imóvel, a não ser pelos movimentos faciais. No

decorrer de meia hora, um braço podia ficar dormente por ser mantido demasiado tempo na mesma posição. O Estêvão, não a Joana, pedia-me para o mover. Mas gradualmente vieram os gestos, gestos descaracterizada da Joana, e assim à fala fácil de uma representação consumada juntou-se finalmente uma liberdade de gesticulação igualmente imitativa.

Mas porquê maravilhar com a fluência da fala da Joana durante os períodos de comunicação ou com a liberdade dos seus gestos? Afinal de contas, é apenas a Joana que fala. Verdadeiro e falso. Com certeza que não é outro senão a Joana quem profere esta palavra ou aquela, qualquer que possa ser a fonte do pensamento que a palavra exprime. Mas a facilidade de expressão não é a da Joana do dia a dia. E há outras diferenças.

Por um lado, durante os períodos de comunicação mental, a Joana fala apenas ocasionalmente no seu próprio carácter. Quando o faz, é para a personalidade cujo pensamento parece estar a transmitir. A pedido do Estêvão, ela poderia, no seu próprio carácter, descrever uma pessoa ou um objeto ou um local, aqui ou além. Mas nunca ela própria respondeu a qualquer pergunta que eu lhe tenha dirigido pessoalmente. Sempre a resposta vem do Estêvão.

Mais ainda, após o meu toque ter assinalado o fim da comunicação, a Joana não tem memória da comunicação em si ou de qualquer ocorrência estranha, tal como o toque do telefone e o eu atender a chamada. E, contudo, apesar desta falta de memória, não há, durante a comunicação, nenhuma sugestão de inconsciência. A Joana está plenamente consciente de tudo o que acontece, tal como estava ao tabuleiro ouija. Parece simplesmente que ela se mantém à parte, permitindo que tudo o que está fora de si mesma, seja do lado do Estêvão ou do seu e do meu, cause uma impressão tão leve quanto possível na sua mente consciente do dia a dia. Diz ela:

"Este manter o meu pensamento vago é um truque da mente que mal posso explicar. O Estêvão tinha dito que a comunicação mental seria possível se a pessoa pudesse desanuviar a sua mente. Ao princípio, isto não significava nada para mim. Mas durante as experiências da máquina de escrever, quando já não era necessário eu anunciar as letras e ajudar o Darby a juntá-las em palavras, comecei a ganhar perceção do que a frase do Estêvão 'mente desanuviada' significava. Depois, de repente, surgiu-me o jeito de alcançar a condição mental referida. Acho mais que qualquer

pessoa, com a prática, poderia fazer o mesmo; se a comunicação resultaria necessariamente, eu, claro, não sei.

Que parte exatamente o toque do Darby no meu pulso desempenha na matéria, não tenho sido capaz de lhe dizer. Sei apenas que, quando ele toca no meu pulso, a minha mente desanuvia — com algum pequeno esforço da minha vontade — de pensamento e de perceção sensorial. Quando o Darby toca novamente no meu pulso, o pensamento e a perceção sensorial regressam em força."

"Não guardo memória do que acontece no entretanto, exceto que, quando o Darby me lê as suas notas, elas às vezes me parecem familiares, como algo que eu pudesse ter ouvido ou lido antes."

A este esboço do desenvolvimento psíquico da Joana, há a acrescentar apenas o facto de que, de vez em quando, ela tem feito o que se chama escrita automática. O primeiro caso disto ocorreu um mês ou dois após o método mental ter sido descoberto. Ela estava sentada à sua secretária quando, de repente, o seu lápis interrompeu o registo dos seus próprios pensamentos e começou, em vez disso, a escrever o que ela reconheceu ser uma mensagem.

Ao princípio resistiu; depois, curiosa por ver qual seria a mensagem completa, permitiu que o lápis seguisse o seu próprio caminho. A comunicação era estranhamente interessante. Dirigia a Joana para a solução de um pequeno problema com o qual eu andava a lutar há dias. O principal interesse, contudo, residia no facto de a solução sugerida envolver algo de que a Joana na altura nada sabia, mas cuja existência ela mais tarde comprovou. Por razões pessoais, retemos esta mensagem.

E agora, será o dom psíquico da Joana anormal ou, como tenho pensado, supernormal?

O Estêvão diz: "É o mal-entendido que faz com que se considere a experiência da Joana como anormal ou supernormal. É, de facto, simplesmente normal, tal como qualquer talento especial — o do artista, por exemplo — é normal, embora não seja possuído pela grande maioria."

VII

TRIVIALIDADES

COM o enfadonho tabuleiro ouija abandonado, a Joana e eu cedo perdemos o pouco interesse que tínhamos em testes e provas. Antes do advento da comunicação mental direta, estávamos com a água pelos joelhos na filosofia do Estêvão; agora, encontramo-nos imersos nela, tão absorvidos que a questão de quem ou o que o Estêvão poderia ser parecia-nos, cada vez mais decididamente, uma interrogação sem sentido.

Estava ali a ser oferecido um novo argumento para a sobrevivência da personalidade após a morte. Os termos desse argumento tornavam possível para nós conceber razoavelmente o Estêvão como uma personalidade que tinha sobrevivido à morte. A razoabilidade desta conceção podia não ser conclusiva. Mas não seria de maior valor probatório do que todos os testes que pudéssemos inventar?

Comparadas com a filosofia do Estêvão, quão triviais pareciam as mensagens de prova! A identificação que o Estêvão fizera de si próprio não tinha sido trivial. Mas esse elemento de prova tinha-nos chegado sem ser procurado. Não tínhamos procurado os testes do Tio Miguel; mesmo assim, o seu método de se dar a conhecer ao F. W. tinha parecido bastante reles. Porque não tinha ele falado claramente, dando os factos simples? Porque razão, em vez de dizer "Sou o teu Tio Miguel", tinha escolhido ejacular "Gaita de beiços" e seguido isso com "Apito de sabugueiro"? O teste do Fred Q. tínhamo-lo procurado, na medida em que eu tinha pedido para falar com alguém que conheci nesta vida; por certo os dados de identificação oferecidos pelo Fred Q. foram suficientemente triviais. "Canhoneiras!" Quanto mais se procuravam provas, mais triviais eram as mensagens recebidas.

A nossa decisão de que os testes não levavam a lado nenhum foi alcançada durante o breve período entre a experiência da máquina de escrever e a primeira comunicação mental; isto é, numa das últimas noites que passámos ao tabuleiro ouija. Nesta noite, disse ao Estêvão que queria falar com alguém que não ele próprio, alguém de quem eu nada soubesse, mas que me pudesse dar factos que mais tarde eu pudesse verificar.

"Testes, sempre testes!" — soletrou o Estêvão, com repugnância.

O tripé ficou inativo por um tempo, depois começou a mover-se com uma incerteza irritante.

"Armand Dupont" — soletrou, após muitos momentos provisórios.

— E quem és tu? — perguntei eu.

Durante dois ou três minutos o ponteiro oscilou de um lado para o outro do tabuleiro e finalmente soletrou, com dificuldade, o seguinte:

"Fui um artista, um francês. Fui morto em Ypres."

A Joana não sabe francês. Disse ao Armand:

— Se és francês, diz-me qual é a palavra francesa para criança.

Eu esperava que o Armand, se respondesse, soletreasse "enfant". Em vez disso, o tripé soletrou "*bebe*", uma palavra pertencente ao meu vocabulário de leitura, não de pensamento. Se esta palavra francesa tinha de algum modo sido assimilada pela Joana, ela não o sabe dizer; acredita não ser impossível. Portanto, não há provavelmente nada de probatório na resposta do Armand, embora na altura nos tenha impressionado.

Não sei explicar o mal-estar que se apoderou da Joana e de mim durante a breve conversa que o Armand e eu tínhamos mantido. O mistério, a esta altura, tinha desaparecido dos nossos encontros com o Estêvão e com o professor. Contudo, o Armand era de certa forma fantasmagórico.

O Estêvão veio. Ficámos sinceramente felizes por tê-lo de volta. Sem referência ao Armand, mergulhou nos caminhos secundários da filosofia e, em pouco tempo, a Joana e eu tínhamos esquecido tudo sobre o aterrador francês. O Estêvão falou durante quase uma hora, quando de repente o tripé oscilou e novamente soletrou: "Armand Dupont", seguindo o nome com isto: "O Marne foi outrora o meu lar."

— Não queremos falar contigo — disse a Joana.

— Mas eu quero falar — respondeu o Armand. — Fui um artista em Paris. O meu quadro, último andar, Rue de la Chapelle. O meu estúdio era lá com o Jack.

Houve então uma ou duas grafias incoerentes; e depois veio o Estêvão outra vez. Novamente o acolhemos; o Armand, na sua segunda aparição, tinha-se revelado mais fantasmagórico do que na primeira.

— E quanto ao Armand? — disse eu.

— Não deves ligar-lhe — respondeu o Estêvão. — O corpo dele foi desfeito em um milhão de pedaços. O choque fê-lo perder uma parte da sua

inteligência. Ele ficará bem em pouco tempo. Queriam um teste; já o tiveram. Escrevam e descubram se alguma vez existiu um Armand Dupont.

Não fizemos tal coisa. Em vez disso, a Joana e eu acordámos ali mesmo que a filosofia do Estêvão era, como o professor tinha dito, o seu próprio melhor teste. Concedendo que abríssemos um inquérito e descobríssemos que o Armand Dupont tinha de facto sido morto em Ypres, que "Jack" era o seu amigo, etc., não seríamos imediatamente confrontados com questões intrigantes relativas à mente subconsciente, à telepatia e quejandos? Os testes premeditados resultavam apenas em "gaitas de beiços" e "camisas roubadas" e em coisas fantasmagóricas como a vinda ao nosso tabuleiro ouija de uma personalidade que tinha "perdido parte da sua inteligência".

— Os testes que valem a pena — disse eu à Joana — devem vir sem serem procurados!

— E mesmo assim — respondeu ela —, a pessoa pode sempre encontrar alguma teoria plausível pela qual eles possam ser desculpados. Além disso, um teste cria o apetite para outro. A coisa torna-se numa busca sem fim.

Bastou, pois, apenas o desenvolvimento da comunicação mental direta, e o amplo interesse filosófico que ela estimulou, para afastar de nós qualquer desejo de mensagens probatórias.

Na altura, devo acrescentar, a Joana e eu não percebíamos que a dor por um amigo querido e desaparecido faz com que homens e mulheres anseiem por pequenas manifestações pessoais da vida contínua desse amigo. Não percebíamos que, num caso desses, a mensagem trivial é frequentemente a mais convincente.

A Joana e eu, embora não sejamos jovens, somos tendentes a jovens. Amigos queridos deixaram-nos, o meu pai e a minha mãe e o pai da Joana. Mas até este momento não tínhamos desejado falar com eles; o pensamento repelia-nos. Costumava perguntar-me porquê. A razão era, penso eu, que, profundamente impressionados como estávamos com a filosofia do Estêvão, não acreditávamos realmente no próprio Estêvão. Mesmo assim, sei agora que teríamos clamado por comunicação com os nossos mortos, se a memória deles estivesse a dominar as nossas emoções como a memória do marido falecido domina a esposa deixada aqui a trilhar a estrada

sozinha. A Joana e eu, impessoais no nosso contacto com o Estêvão e com os outros, éramos meros estudantes de filosofia.

Rapidamente a filosofia do Estêvão tomou a forma final. Sobre as fundações que o tabuleiro ouija tinha lançado com laboriosa lentidão, a comunicação mental construiu rapidamente a superestrutura. Daí em diante, as ramificações da filosofia foram exploradas mais a fundo, os pontos duvidosos foram esclarecidos, fizeram-se ressalvas. E depois, porque com a filosofia sendo um facto consumado parecia restar pouco para discussão, o Estêvão era procurado com menos frequência.

Quando ele vinha, ou quando outros vinham, a guerra — a América a esta altura já tinha lançado a sua sorte — era o tema insistente. Ocasionalmente, o Estêvão perguntava-me quando pretendia começar a contar aos outros aquilo que ele me tinha revelado (palavra dele), mas não havia pressões — apenas uma recordação tranquila de que algum relatório era necessário.

Assim, a experiência que relato, que começou a 7 de dezembro de 1916, alcançou a data de 22 de janeiro de 1919.

VIII

O FRED Q. OUTRA VEZ

NA tarde de 22 de janeiro de 1919, a Joana foi fazer compras. Perto da hora do jantar fui buscá-la e, enquanto vínhamos para casa de carro, ela disse-me que tinha comprado um livro, recentemente publicado, chamado *As Sete Finalidades*, um registo de comunicações psíquicas recebidas por Margaret Cameron.

— Quem é a Margaret Cameron? — perguntei eu.

— Tudo o que sei sobre a Margaret Cameron — respondeu a Joana — é que escreve contos para as revistas. Li vários deles.

— Como é o livro? — perguntei.

— Tem como subtítulo "*Uma Experiência em Fenómenos Psíquicos*" — foi a resposta da Joana. — Não tive tempo de o folhear. Vamos tentar lê-lo em voz alta depois do jantar.

Pelas oito horas estávamos instalados, a Joana de um lado da mesa de leitura e eu do outro, com uma lâmpada elétrica de duas lâmpadas de quarenta watts entre nós. Além disso, uma lâmpada de parede estava acesa. Cada canto da sala estava bem iluminado. Desembrulhei *As Sete Finalidades*. A Joana disse que leria um capítulo e eu o seguinte. Ela leu até à quinta linha a contar do fundo da segunda página da introdução e depois parou, com uma exclamação nos lábios.

Brevemente, o que ela tinha lido era uma declaração da autora de *As Sete Finalidades* de que, vinte e cinco anos antes das experiências relatadas no seu livro, tinha encontrado possibilidades divertidas numa planchete, tinha "brincado" com ela, "como outros jovens", a intervalos, durante vários anos, mas tinha considerado a suposição de que as asserções da planchete emanavam de personalidades desencarnadas como algo absurdo. A seguir contava como, algures em 1917, tinha sido influenciada pelo renascimento do interesse psíquico trazido pela guerra a comprar uma planchete, como durante perto de um ano ela permaneceu intocada na sua caixa, como depois fez um esforço malsucedido para a operar e como finalmente, duas semanas mais tarde, duas amigas suas — uma Sr.ª Wylie e uma Menina Gaylord, irmãs — lhe tinham dito que andavam a tentar "entrar em contacto com o irmão delas, Frederick".

Cito agora uma frase inteira do livro:

"Um dia ou dois depois, nós [as irmãs do Frederick e Margaret Cameron] experimentámos a planchete juntas, com algum sucesso. Moveu-se rapidamente, escreveu: 'Frederick... mãe... amor... feliz...' e outras palavras soltas."

A Joana, lendo a frase acima em voz alta, chegou à palavra "Frederick" e depois parou abruptamente. Levantou os olhos da página e, com um olhar surpreso, olhou de relance para o outro lado da sala, exclamando então:

— Ora, este é o livro do Fred Q.!

— Queres dizer que o Frederick que *As Sete Finalidades* menciona é o nosso Fred Q.? Essa é uma ideia bizarra. O que te faz pensar isso?

— Acabei de ver o Fred Q. de pé ali, na minha secretária, e ele disse-me — respondeu ela.

— Viste-o! — disse eu, fitando o espaço vazio em frente à secretária da Joana. — Como te disse ele? Falou contigo?

— Acho que não. Pelo menos não ouvi nada. Mas disse-me da mesma forma.

Quando recuperou a compostura, a Joana acrescentou:

— Ao chegar ao nome "Frederick", algo me impeliu a levantar os olhos. Fi-lo e vi o Fred Q. Não fiquei assustada. A coisa tornou-se alarmante apenas quando tudo passou e comecei a contar-te. O Fred Q. estava de pé junto à extremidade da secretária, com o mogno escuro da porta do armário como fundo. Conheci-o instantaneamente. Parecia perfeitamente natural, exceto que havia um brilho em redor dele. O seu rosto brilhava. A cabeça estava ligeiramente inclinada para um lado e um pouco para baixo. Olhou para mim como que por baixo das sobrancelhas, com olhos intrigados, meio travessos. A boca sorria.

Fiquei impressionado com a descrição da Joana de uma pose característica do Fred Q. Ela conhecia-o apenas superficialmente. O Fred Q., aquele que se tinha abastecido das minhas camisas, foi o padrinho no casamento da Joana e no meu. Antes dessa grande ocasião, a Joana tinha-se encontrado com ele apenas uma vez. Pouco depois de a Joana e eu estarmos casados, ele passou uma tarde de domingo em nossa casa. A seguir a essa tarde, os encontros da Joana e do Fred Q. tinham-se limitado a encontros fortuitos. Desde os finais de 1910 até 1915, quando faleceu, a Joana não trocou com ele duas dezenas de palavras.

As minhas próprias conversas com o Fred Q. a partir de 1910 foram quase tão escassas como as da Joana. Os nossos caminhos afastaram-se tanto que, embora soubesse da sua doença, não me apercebi da sua gravidade. De facto, tinha dado a sua recuperação como certa e fiquei, por isso, grandemente chocado quando soube da sua morte. Depois, gradualmente, ele passou-me da mente, de modo que quando, em 1917, eu tinha pedido para falar com alguma alma partida que tivesse conhecido

aqui, e o Fred Q. veio, fiquei surpreendido. Porque o Fred Q.? Havia outros que tinham partido e que eu tinha conhecido igualmente bem. Ele tinha-me servido fielmente na noite em que a Joana e eu casámos, mas, afinal de contas, isto era o resultado das circunstâncias e não de um longo conhecimento.

A Joana e eu não continuámos com a nossa leitura em voz alta de *As Sete Finalidades*. Um pouco perturbada, ela virou-se para uma revista, deixando-me a examinar o livro sozinho.

A autora de *As Sete Finalidades* tinha sido extremamente cuidadosa, constatei eu, em não identificar o Frederick Gaylord; o nome "Frederick Gaylord" era fictício. Encontrei, contudo, à medida que lia mais no livro, circunstâncias que poderiam ser consideradas como apontando para o nosso Fred Q., mas nada de definitivo.

Por outro lado, encontrei referências que não tinham significado para mim, pormenores relativos às ligações familiares do Frederick Gaylord que poderiam ter sido verdadeiras em relação ao Fred Q.; se assim era, eu nada sabia delas. Não sabia, por exemplo, em que cidade, ou sequer em que parte do país, viviam os seus pais. Na verdade, alguns dos pormenores mais pessoais eram contraditórios com o que eu julgava saber relativamente à família do Fred Q.

Se o meu próprio conhecimento das ligações do Fred Q. era limitado, o da Joana era nulo. Mas, para o caso, ela podia ter sabido muito, e o facto permaneceria de que, após ler menos de duas páginas de *As Sete Finalidades*, que não ofereciam nenhuma pista sobre a identidade do Frederick Gaylord a não ser que tinha duas irmãs, uma casada e uma solteira, ela tinha anunciado:

— Este é o livro do Fred Q.

Mas seria?

No dia seguinte, a Joana escreveu a Margaret Cameron — aos cuidados dos seus editores, à falta de melhor endereço. A Joana declarava ter recebido uma comunicação que afirmava que o Frederick Gaylord era fulano de tal; rogava saber se assim era na realidade. A carta não foi enviada senão no dia seguinte; debatemos seriamente se a devíamos enviar de todo.

A 31 de janeiro, a Joana recebeu uma resposta de Margaret Cameron, que começava do seguinte modo:

"A sua interessante, para não dizer alarmante, carta chegou-me ontem à noite... e gostaria que me contasse mais sobre a sua experiência com o Fred Q. De uma das suas irmãs obtive permissão para lhe dizer que o seu Fred Q. é o homem cuja comunicação forma uma parte considerável de "*As Sete Finalidades*"."

E assim, mais uma vez, após meses de limitação do nosso interesse no Estêvão à sua filosofia, a Joana e eu fomos abaixo com as chamadas provas. Sofremos algo do mesmo choque por que passámos quando descobrimos que o Estêvão do tabuleiro ouija tinha contado a história verdadeira do Estêvão L.

— Darby — disse a Joana —, tu sabes mais sobre as mensagens verbais que temos tido do que eu. Embora venham através de mim, não compreendo nada, na verdade, da parte que desempenho na sua transmissão. Qualquer convicção que me tragam apoia-se em terreno semelhante ao da tua própria convicção. Mas esta visão do Fred Q. é diferente. Foi algo que vi, fora de mim, tal como agora te vejo a ti.

Haverá alguma luz lançada sobre a visão da Joana — a sua primeira e única experiência do género — pela teoria da mente subconsciente, pela telepatia e o resto?

Pessoalmente, estou convencido de que a Joana viu, como questão de facto, um algo externo que se assemelhava ao Fred Q. Esta experiência, como ela diz, é diferente. Manifestamente, a telepatia não causou aquela visão. A mente subconsciente da Joana pode tê-lo feito — mas como, por que modo de projeção de pensamento?

E este proferir do nome correto do Frederick Gaylord — terá sido o resultado de um mero palpite? As duas páginas de *As Sete Finalidades* que a Joana tinha lido não davam dados que pudessem ajudar ao palpite. A Joana não conhecia Margaret Cameron nem ninguém que a conhecesse. Poderia o palpite ser a solução do mistério? Se assim fosse, como aconteceu que, simultaneamente com o facto de a Joana fazer o palpite, ela visse o Fred Q.? Alucinação? Mas porque foi o palpite acompanhado pela alucinação?

Se a ocorrência tivesse sido de carácter isolado, se a Joana nunca antes tivesse recebido uma pretensa comunicação dos mortos, eu, por mim, ao tentar responder a estas perguntas, ter-me-ia recusado a considerar a explicação espiritualista, por mais impossíveis que as explicações não espiritualistas pudessem parecer. Mas a ocorrência tinha como fundo a notável vinda e identificação do Estêvão, o prodígio da sua filosofia, as aguçadas comunicações do F. W. Com tal fundo, o incidente de *As Sete Finalidades* não podia ser descartado sem o pleno reconhecimento de, pelo menos, a possibilidade de o fenómeno envolvido não ser outro senão o que pretendia ser. Seguramente que este reconhecimento é necessário à luz dos acontecimentos que o incidente precipitou.

Margaret Cameron, ao responder à carta da Joana, tinha continuado dizendo:

"Espero que me dê permissão para mostrar a sua carta à Sr.ª K., uma amiga minha que, tendo perdido o marido, está vivamente desejosa de obter alguma prova definitiva de que a identidade continua depois daquilo a que chamamos morte. Acho que este incidente poderia ser de ajuda e conforto para ela."

A mulher que tinha perdido o marido! Nunca tinha ocorrido à Joana e a mim que esta velha frase eufemística, "perdido o marido", pudesse carregar um significado totalmente literal. O que foi perdido pode ser encontrado!

Mas antes de abordar as mensagens que, mais tarde, vieram através da Joana para a Sr.ª K., vou detalhar a declaração do Estêvão sobre os factos da "coloração". De outro modo, muito do interesse das comunicações da Sr.ª K. perder-se-ia.

IX

COLORAÇÃO

O ESTÊVÃO fundamenta a realidade da comunicação na mente subconsciente — a da estação recetora. Ele afirma que, por meio de uma força física, agora desconhecida dos homens, é capaz de transmitir o seu pensamento para a Joana subconsciente. Mas a mera transmissão do pensamento do Estêvão para o subconsciente da Joana não é suficiente para

o propósito de uma comunicação real. A mensagem deve ser erguida para fora do plano subliminar da Joana para a sua mente consciente, ou para a de alguma outra pessoa.

Ver-se-á, então, que a comunicação bem-sucedida depende não totalmente do grau de exatidão com que a mente subconsciente da Joana regista o pensamento que o Estêvão procura transmitir. Depende também do grau de exatidão com que esse pensamento passa do subconsciente da Joana para a consciência — a própria consciência da Joana no caso da escrita automática, a minha no caso da comunicação mental direta, a dela e a minha conjuntamente no caso do tabuleiro ouija.

Diz o Estêvão, falando particularmente das comunicações do tabuleiro ouija:

"A coloração resulta quando a mente consciente da estação recetora se impõe à subconsciente. Supõe que eu começava a dar-te um nome. 'M-a-r' — soletro. Quando chego aí, a mente consciente da Joana pode ter fornecido a letra 'y', porque alguém que está muito com ela se chama Mary. Ora, o nome que eu tentava dar podia ter sido Martha, Marion, Marie, Maria, Marietta."

Aí está o que o Estêvão chama de coloração na sua forma mais simples. Quão complicadas são as suas possibilidades é algo que se pode apreciar quando se considera que todos os pensamentos e perceções passados de uma pessoa estão guardados no seu subconsciente. Podem os pensamentos e memórias subconscientes de uma estação recetora sobrepor-se a uma mensagem?

Lembrar-se-á de que, embutido na primeira mensagem recebida na máquina de escrever, estava isto: "Deveria ter respondido à tua carta mais cedo." Estas palavras não tinham qualquer relação com o resto da mensagem, exceto conforme o Estêvão acrescentou: "O problema aqui é que a Joana insiste em dar à máquina os seus fins comuns." A Joana, na verdade, tinha-se descurado de responder a uma carta que exigia uma resposta rápida, e esse desleixo pesava-lhe na consciência.

Ela dactilografa praticamente toda a sua correspondência. Consequentemente, o ato de se sentar à máquina de escrever despertou a lembrança inconsciente da carta não respondida, e essa memória, totalmente alheia ao Estêvão ou ao pensamento que ele procurava

transmitir, escreveu-se a si mesma, involuntariamente no que tocava à Joana consciente, naquilo a que eu poderia chamar a máquina de escrever do Estêvão.

Diz o Estêvão: "É-me impossível fazer passar uma mensagem através da Joana ou através de qualquer outra estação recetora sem combater centenas de tais memórias subconscientes."

Há de recordar-se de que as primeiras palavras que o Tio Miguel soletrou no tabuleiro ouija falavam de uma estrada de campo, de um dia frio, de ele levar o F. W. a ir buscar a mãe e de duas parelhas. O F. W. disse que não se lembrava de nenhuma experiência assim. Além disso, a mensagem era um tanto incoerente; achámos estranho que fossem necessárias duas parelhas para transportar o F. W. E, no entanto, foi numa estrada de campo que o Tio Miguel encontrou a morte, e o dia estava frio. E duas parelhas figuraram de facto na mensagem posterior do Tio Miguel — a sua própria e a do condutor bêbedo.

A mensagem relativa ao condutor bêbedo podia estar além de qualquer verificação; não obstante, era inteligível. As duas parelhas, surgindo primeiro numa ligação ilógica, colocaram-se finalmente numa que era perfeitamente coerente.

A inexatidão da mensagem inicial do Tio Miguel, ao que parece, era o resultado da coloração. A Joana, quando criança, tinha sido levada muitas vezes por uma estrada de campo em dias frios até uma estação de comboio, para ir buscar a mãe. O Tio Miguel, tentando transmitir uma mensagem relativa à sua morte numa estrada de campo, despertou na Joana a memória da sua própria experiência, e essa memória fundiu-se com o pensamento que o tio do F. W. procurava comunicar; de modo que tudo o que ele conseguiu fazer passar foi a sugestão da estrada de campo, do dia frio e a anomalia das duas parelhas. E se a comunicação tivesse terminado aí, nenhuma mensagem com significado teria sido transmitida ao F. W.

"A coloração", desenvolve o Estêvão, "ocorre não apenas como resultado de a mente consciente da estação recetora se sobrepor à subconsciente, mas também sempre que, no decurso da comunicação, a mente subconsciente se liberta do nosso controlo. Imediatamente dá expressão àquilo que é o seu próprio pensamento e experiência. No caso do tabuleiro ouija, existe a possibilidade adicional de sobreposição consciente.

Disso não há tanto perigo na comunicação mental direta, porque a mente consciente está mais adormecida. Há um grave perigo, contudo, de coloração subconsciente."

Foi o professor quem disse uma noite, comunicando mentalmente: "Vou demonstrar-lhe, meu caro senhor, a ação da mente subconsciente. Reconhece, decerto, que neste minuto a Joana está a exercer um mínimo de controlo sobre os seus processos mentais. Vou agora levantar o controlo que nós aqui temos estado a exercer. Primeiro, diga uma palavra — uma palavra qualquer."

Disse a primeira palavra que me ocorreu — cavalo.

Imediatamente a Joana começou a falar inteiramente no seu próprio carácter, embora de forma desconexa. Disse ela: "A minha sela virou — carro elétrico — em frente ao hospital — Hobson — George — piquenique."

E assim as palavras continuaram a vir, a maioria delas sem carregar qualquer significado para mim.

— Volte, professor! — disse eu. — Isto é um disparate.

Passados um minuto ou dois, o professor falou novamente. Disse ele: "Claro que é um disparate para si, mas não para a Joana. Ela estava a dar expressão a memórias do seu passado, ligando uma memória a outra. Agora toque-lhe no pulso e pergunte-lhe o que ela queria dizer."

A Joana pegou no papel onde eu tinha escrito as palavras, leu-as e sorriu.

— Ora — disse ela —, estive aqui a falar-te do tempo em que o meu cavalo de sela apanhou um susto com um carro elétrico — muito antes de te conhecer, Darby. A cilha escorregou. Sim, foi em frente a um hospital.

— Teve alguma coisa a ver com um piquenique? — perguntei.

— Não, mas o George teve. O George levou-me ao piquenique, e o Hobson, o meu cão, insistiu em seguir-nos, e o George teve de o enxotar de volta.

— Poderia o Hobson ser a ligação entre o George e o acidente? — perguntei eu.

— Pois claro — respondeu a Joana. — O Hobson vinha atrás no dia em que a minha sela virou e ficou muito excitado com a queda. Mas qual é a ideia de tudo isto?

Após explicar a experiência do professor, toquei novamente no pulso da Joana. O professor reapareceu, dizendo:

— Julgo que compreende agora o que o Estêvão quer dizer quando lhe conta que, ao comunicar através da Joana, tem de combater a totalidade do subconsciente dela, muito embora este seja o próprio instrumento da sua comunicação. Suponhamos que ele queria comunicar uma mensagem relativa a um homem chamado Hobson. Se não estivesse no perfeito controlo dos processos mentais da Joana, é evidente que essa palavra 'Hobson' poderia despertar na Joana tal cadeia de memórias subconscientes que o seu subliminar se libertaria do controlo do

Estêvão e ela começaria a relatar tagarelando a história do seu acidente e as demais memórias que a sela virada sugerisse. Num caso desses, a mensagem do Estêvão ficaria misturada com os afloramentos do subliminar da Joana; a comunicação seria inexata, ou mesmo incoerente, ou a mensagem poderia ser completamente bloqueada.

Diz o Estêvão: "É muito difícil fazer passar um nome, o de uma pessoa ou de um local. As datas são muito difíceis, assim como todos os outros elementos concretos. É assunto menor para mim transmitir através desta estação uma ideia que não colida com nenhuma associação pessoal da estação. Posso ditar a minha revelação através da Joana, por muito que os seus termos lhe tenham sido estranhos, com muito maior exatidão do que poderia declarar através dela a minha antiga preferência em mobiliário ou flores. A menção por mim de qualquer uma das pequenas coisas familiares da vida agitaria imediatamente uma imensidão das suas próprias associações subconscientes."

Assim avisado pelo Estêvão e pelo professor, e pelas minhas próprias observações, examinei de perto todas as comunicações em busca de afloramentos do arquivo subliminar da Joana. Mal encontrei um vestígio de tais coisas nas comunicações filosóficas; a Joana abordou a filosofia sem pensamento metafísico próprio e, em todas as matérias de julgamento prático, procurou, durante os momentos de comunicação real, reprimir as

suas próprias opiniões, tal como o Estêvão da máquina de escrever solicitara.

Mas as mensagens probatórias, que pela natureza das coisas são em grande parte pessoais, mostraram por vezes a marca do subliminar da Joana. Por vezes noto a coloração; com igual frequência a Joana, ao ler as minhas notas, deteta-a, sendo ela a única capaz de descobrir matizes que resultam das minúcias da sua experiência.

Mais uma palavra deve ser acrescentada. Cito o Estêvão:

"Por vezes utilizamos uma memória subconsciente para sugerir uma palavra ou ideia que de outro modo poderíamos não ser capazes de fazer passar. A Joana subconsciente está muito desperta para o perigo da coloração. Isto faz com que ela resista às mensagens de teste. Podemos por vezes quebrar a sua resistência sugerindo uma memória sua e, de uma forma indireta, trabalhando a partir dessa memória em direção à ideia que procuramos fazer passar. Assim apanhamo-la desprevenida."

Concluindo este esboço da declaração do Estêvão sobre os pretensos factos da coloração, posso expressar a minha convicção de que o verdadeiro valor de qualquer comunicação probatória, como, por exemplo, a mensagem que se propõe dar factos pessoais relativos à vida terrena de alguém que partiu, pode ser estimado não com base em se a comunicação inteira é exata? Se no meio de uma centena de inexatidões se encontra uma coisa exata, algo que não possa razoavelmente ser atribuído ao próprio conhecimento da estação recetora, consciente ou subconsciente, tem-se uma medida de prova de —

De quê? De telepatia? De sobrevivência dos mortos? De quê?

X

SOB O PONTO DE VISTA DA INVESTIGAÇÃO

FOI a mulher que procurava o marido perdido que finalmente despertou na Joana e em mim a perceção do que os testes probatórios significam para os investigadores.

A Margaret Cameron tinha escrito à Sr.ª K. a contar como a Joana, ao ler menos de duas páginas de *As Sete Finalidades*, tinha proferido o nome verdadeiro do Frederick Gaylord. Perante isto, a Sr.ª K. escreveu à Joana.

Comentando primeiro a importância probatória do incidente do Fred Q., e falando depois do seu interesse na investigação psíquica, a Sr.ª K. disse:

"Ao princípio, suponho, eu não tinha crença na sobrevivência; era para mim uma hipótese impensável. Mas, a pouco e pouco, construí, como um inseto coralino, um recife de esperança — meros grãos de prova, subindo e subindo, até que às vezes, por um momento, o recife aparece acima das águas escuras... Depois as águas fecham-se de novo e o recife fica escondido. Mas continuo a caçar a prova — para construir o meu recife inteiramente até ao sol."

A Sr.ª K., por morte do marido, tinha mergulhado no estudo da investigação psíquica; depois, conforme ela se expressou, começou a "bater às portas". Assim, sem conhecer Margaret Cameron, tinha, ao ler *As Sete Finalidades*, entrado em contacto com a sua autora. Do mesmo modo, batia agora à porta da Joana. Ao responder ao seu batimento, a Joana e eu não nos impusemos a tarefa de a convencer de que o seu marido tinha realmente sobrevivido à morte. Íamos simplesmente expor os nossos factos diante dela.

Apesar de toda a sua esperança, a Sr.ª K. estava, vínhamos a descobrir, fortemente sob a influência daquelas teorias que, embora admitam a genuinidade dos fenómenos psíquicos, procuram explicá-los numa base não espiritualista — o subconsciente, a telepatia e aquela abstração mais especulativa, mas sedutora para a mente científica moderna, a consciência cósmica. A consciência cósmica — o vasto reservatório do todo, no qual, se tem concebido, toda a experiência pessoal sobrevive, não como tal, mas como parte da vida impessoal do universo!

Apenas o motivo da busca da Sr.ª K. era emocional; a maneira como era conduzida era o inverso. Nenhuma comunicação, dita assim, seria aceite por ela como emanando dos mortos até ao momento em que tivesse falhado categoricamente em explicá-la noutra base qualquer. Prova era a maior palavra do seu vocabulário, tal como tinha sido a menor no da Joana e no meu.

A carta da Sr.ª K. pedia que lhe enviássemos quaisquer mensagens que recebêssemos que pudessem, mesmo por uma remota hipótese, ser destinadas a ela. Concordámos em fazê-lo. Nenhuma palavra, contudo, nos tinha sido confiada para terceiras pessoas, nem mesmo para amigos.

Parecia haver pouca probabilidade de nos ser pedido para entregar uma mensagem a uma mulher que nunca tínhamos visto, uma de quem vários milhões de metros nos separavam.

A Joana, ao responder à carta da Sr.ª K., tomou a posição de que todos os testes podiam ser desculpados, mesmo a visão do Fred Q. Alucinação, poder-se-ia dizer; e aí estava, de certa forma, o fim da prova da visão! Falou à Sr.ª K. da existência da filosofia do Estêvão e atreveu-se a opinar que o argumento a favor da sobrevivência com maior probabilidade de se provar aceitável para os homens e mulheres de hoje seria encontrado em alguma declaração semelhante da razoabilidade da sobrevivência.

"Devemos esperar estar fortificados", escreveu a Joana, "não apenas com testes probatórios, mas com conclusões que qualquer homem pode alcançar assim que tenha apreendido as premissas."

Cito agora com alguma extensão uma carta que a Sr.ª K. escreveu à Joana a 8 de março de 1919, contrariando esta nossa ideia e insistindo que deve haver testes antes de poder haver prova.

"Suponha", disse a Sr.ª K., "que o Darby é chamado um dia ao telefone de longa distância, e a telefonista diz: 'A América do Sul quer falar consigo, Darby — do topo dos Andes.'

Darby, surpreendido, diz: 'Bem, quem na terra quer falar comigo do topo dos Andes?'

'John Smith', responde a telefonista. 'Ele diz que tem uma mensagem de Deus para si.'

O Darby diz: 'Uma mensagem de Deus? John Smith? Mas o John Smith desapareceu há dez anos!'

A telefonista responde: 'Talvez tenha desaparecido, mas está aqui na linha agora, e tem uma mensagem para si do Eterno.'

O Darby, escutando no recetor, diz: 'Alô!' E uma voz vem através da linha, dizendo: 'Alô, Darby! Tenho uma mensagem de Deus para si!'

Ao que o Darby, muito sobressaltado, responde: 'Mas espere! Quem fala?'

'Ora, sou o John Smith, e vou dar-lhe uma mensagem de Deus: Ele diz __'

'Espere, espere! Como sei que é o John Smith? Não reconheço a sua voz.'

'Bem, sou. Agora escute o que vou dizer. Deus diz —'

'Sim, mas como sei que é o John Smith?'

'Oh, raios o partam! Porque — porque — bem, não se lembra de caminhar pela Quinta Avenida comigo, e parámos na Rua Quarenta e Dois, e o meu guarda-chuva virou-se do avesso?'

'Oh, Senhor, sim! Claro! John Smith! Bem, bem, bem! Aliviadíssimo por ouvir a sua voz. Onde tens estado este tempo todo? Força, John. O que tens a dizer de Deus?'

Ora, o guarda-chuva", continuou a Sr.ª K., "é, admito, frívolo. Mas autentica a mensagem inteira do topo dos Andes."

Autentica, por certo. Ainda assim, se a mensagem de Deus do John Smith, uma vez escutada, se provasse de tal natureza que devesse ser verdadeira tendo em conta o conhecimento já possuído pela pessoa, a identificação do John Smith teria sido desnecessária. A mensagem seria a coisa importante, e não se era realmente o John Smith quem a entregava.

Contudo, a pequena ficção da Sr.ª K. não podia ser simplesmente afastada com um aceno. Representava pelo menos um ponto de vista; o dela, e esse, sem dúvida, o de muitos outros. Depois, também, a Sr.ª K. tateava na escuridão, não por um princípio, mas por uma mão familiar. Por comparação, a Joana e eu éramos da academia. Para la Sr.ª K. o pessoal, mesmo o trivial, se característico daquele que ela buscava, significava mais do que qualquer princípio — desde que, claro, o conhecimento da trivialidade não pudesse de modo algum estar na própria mente da estação recetora...

Uma coisa estranha tinha acontecido, estranha para a Joana e para mim. Durante meses as comunicações do Estêvão, e as dos outros com quem estávamos habituados a falar, tinham sido da maior fluência. Não procurávamos a comunicação frequentemente, mas quando o fazíamos as palavras vinham com fácil naturalidade. E durante meses nenhuma personalidade nova para nós tinha aparecido. Depois, sem aviso, as palavras do

Estêvão foram interrompidas uma noite — pouco depois da receção da primeira carta da Sr.ª K. — por alguém que não reconheci. A coisa realmente curiosa era que a nova personalidade não falava palavras reais; em vez disso, a prática há muito abandonada de soletrar foi reanimada. As poucas letras que vinham pareciam sem sentido.

As primeiras letras soletradas foram "d-a-v-i". Depois, após uma pausa, veio a letra isolada "f". A seguir, a combinação foi repetida, exceto que pelo "i" foi substituído um "y".

Poderiam estas letras, intrigantes para a Joana e para mim, ser destinadas à Sr.ª K.?

Uma ou duas noites mais tarde duas palavras, ou o que pareciam ser duas palavras, foram proferidas, com muita incerteza. Foram repetidas várias vezes, surgindo por vezes uma palavra primeiro, por vezes a outra. Eram "mack" e "port".

Ao enviar estas palavras e as letras à Sr.ª K., a Joana escreveu: "Não sei se significarão alguma coisa para si; por certo não significam nada para o Darby e para mim."

Imagine-se o nosso interesse quando, passados poucos dias, a Joana recebeu uma carta da Sr.ª K. declarando que o primeiro nome e a inicial do meio do seu marido tinham sido David F., e que a sua casa de verão ficava numa pequena terra chamada Mackeysport. Nem "David F." nem "Mackeysport" tinham vindo através da linha com exatidão, embora não houvesse como enganar a ligação entre eles e as letras e sílabas que o desconhecido comunicador tinha proferido.

A Joana e eu não sabíamos o nome do marido da Sr.ª K. ou o da terra em que os K. tinham tido a sua casa de verão. A correspondência da Sr.ª K. não questionou a sinceridade da nossa ignorância. Contudo, aqui estava novamente a velha questão sobre o que a Joana sabe e não sabe subconscientemente. A Sr.ª K. escreveu à Joana:

"Diz que leu coisas que escrevi. Algumas delas foram dedicadas ao meu marido, 'David F.' Também a palavra 'Mackeysport' aparece em algumas dessas dedicatórias. Ora, claro que, se o seu olho tivesse caído sobre estas palavras, 'David F.' e 'Mackeysport', não se teria lembrado delas um minuto depois. Mas algures no seu subliminar elas permaneceram; e

poderiam ter emergido na comunicação... Se nunca tivesse lido nada do que escrevi, então a prova de 'd-a-v-i f' teria sido da maior importância."

Não havia como refutar este argumento. A Joana tinha lido certos escritos da Sr.ª K. Portanto, poderia ter visto o nome do marido da Sr.ª K. e o da terra da casa de verão.

Entrementes, mais quatro letras tinham interrompido o Estêvão, aparentemente entregues pelo mesmo desconhecido. Foram repetidas vezes sem conta, como se estivessem a ser grandemente insistidas. Eram "m-d-s-e". Era evidente que estas letras podiam ser uma abreviatura da palavra "mercadoria". Encaminhámo-las para a Sr.ª K.

"O aparecimento de 'm-d-s-e' é interessante", escreveu a Sr.ª K. em resposta, "porque o meu marido era comerciante. Mas isso também deve ser um pouco descontado pelo facto de a profissão do Darby ser aparentada, e não ser impossível — embora seja num grau muito elevado improvável — que ele tenha reparado em referências, que costumavam aparecer com maior ou menor frequência em revistas da especialidade, ao negócio do Sr. K."

A isto a Joana respondeu do seguinte modo:

"Para ser franca, o Darby e eu não concordamos consigo sobre o 'm-d-s-e'. Como matéria de pura racionalidade, estamos dispostos a conceder tudo o que disse relativamente a 'd-a-v-i' e 'Mack-port'. O caso do 'm-d-s-e', contudo, é outro assunto. Embora tanto o Darby como eu estejamos ligados ao mesmo ramo geral que o seguido pelo seu marido, o nosso é um ramo de trabalho totalmente diferente. Não há uma oportunidade em mil de termos alguma vez ouvido falar do seu marido como comerciante."

De facto, a Joana e eu nada sabíamos em absoluto sobre as relações familiares da Sr.ª K. Até à altura em que Margaret Cameron nos escreveu sobre ela, era um mero nome, e o nome não trazia pista sobre se era uma mulher casada. E preciso acrescentar que durante todo o período das comunicações da Sr.ª K. a Joana e eu nos abstivemos escrupulosamente de procurar qualquer pormenor da sua vida pessoal?

Outra coisa estranha aconteceu agora. Apenas em raras ocasiões a Joana tinha escrito automaticamente. Uma tarde, enquanto estávamos sentados a discutir um assunto totalmente alheio a preocupações psíquicas,

a Joana disse de repente: "Dá-me um lápis, rápido!" Entreguei-lhe um lápis e, na contracapa de uma revista que pegou da mesa, começou a rabiscar apressadamente. Quando terminou, disse: "Tive a sensação de que alguém queria dar uma mensagem e que eu a podia escrever."

Com dificuldade decifrei o que ela tinha escrito por cima do material impresso e das imagens da revista. Segue-se:

Há uma casa de campo no meio de um jardim. Uma estrada de areia. Há flores altas. Um caminho por entre os canteiros de flores até ao celeiro. Uma mulher sentava-se no celeiro.

Ao receber uma cópia desta comunicação, a Sr.ª K. escreveu que ela não tinha significado para si. Pareceu mais tarde, contudo, que havia um significado muito definitivo nela — para a Sr.ª K.

Antes de a Sr.ª K. ter tido tempo de escrever à Joana que a mensagem nada significava, ela foi repetida na comunicação mental, sendo acompanhada por uma tentativa de a rever. Mas resultou muita confusão. Fez-se, contudo, clara referência a uma "janela superior que dava para o jardim entre os desfiladeiros, na qual te costumavas sentar e escrever", embora houvesse aparente descontentamento com a palavra "desfiladeiros". A tentativa de revisão pareceu tão malsucedida que adiámos o envio do material adicional à Sr.ª K.

Na mesma noite em que a revisão da mensagem da "mulher que se sentava num celeiro" foi tentada, recebeu-se o seguinte:

"Janela de mansarda. Não." [Pelo que aparentemente se pretendia dizer que a janela em questão não era uma janela de mansarda.] "Ela" [significando a Joana] "nunca viu uma janela grande como esta, e não tem a palavra para a descrever."

O comentário da Sr.ª K. foi: "'Janela de mansarda' não tem real significado para mim; e, no entanto, dou por mim relutante em desapegar-me disso, porque o Sr. K. era obcecado por construir janelas grandes."

A mensagem seguinte que veio, escassas noites mais tarde, era bastante incoerente. Relativamente a ela, a Joana fez à Sr.ª K. o seguinte relatório:

"Houve aparentemente um esforço da parte de alguém, não sabemos quem, para dar uma mensagem sobre um barco com velas de cores vivas.

Veio a palavra 'amarelo', depois a palavra 'não', a seguir a palavra 'amarelo' novamente, deixando o Darby em dúvida quanto à mensagem inteira. A palavra 'Veneza' também veio, mas foi igualmente seguida por 'não'."

Isto impressionou a Sr.ª K. aparentemente tão pouco que as suas cartas negligenciaram comentar o assunto.

Veio, cerca de uma semana mais tarde, ainda outra mensagem que sentimos poder ser destinada à Sr.ª K. Era em parte a seguinte:

"Querida: Isto é apenas uma nota para te dizer que estou muito bem e feliz. O meu único desejo para ti é que sejas feliz e estejas contente, também. Gostaria que pensasses em mim como tendo partido à frente para preparar um lugar para ti. E, contudo, não me afastei de ti, porque, embora não me possas ver, eu posso ver-te... Não te aflijas tanto. A imagem da minha mão que vês não é metade tão real como a mão que coloco no teu cabelo, que não vês... Amo-te, queridinha."

Confesso que a comunicação que diz "estou feliz" e "estou contigo" me deixa sem impressionar. Esta comunicação em particular falhou em interessar a Sr.ª K. Escreveu ela: "A mensagem poderia ser de 'qualquer marido para qualquer esposa'." E, no entanto, embutida nela provou estar uma frase de qualidade marcantemente probatória.

Até este ponto, com as mensagens espalhadas pela última parte de fevereiro de 1919 e pelos primeiros dias de março, nada parecia ter sido alcançado. "D-a-v-i" e "Mackport" foram descartados. "M-d-s-e" estava em disputa; nada se ganharia em insistir no seu valor probatório. Nenhuma das outras mensagens parecia carregar significado, exceto a que dizia respeito à janela de mansarda, que não era uma janela de mansarda; e aqui a possibilidade probatória era diminuta, consistindo no mero facto de o Sr. K. ter sido obcecado por construir janelas grandes.

E então começou uma nova série de mensagens.

Antes de deixar as comunicações já mencionadas, vou pedir ao leitor que fixe na mente as últimas quatro, que, por uma questão de conveniência, podem ser rotuladas desta forma: a mensagem da "mulher que se sentava no celeiro", incluindo a tentativa de revisão; a mensagem da "janela grande"; a mensagem da "vela amarela" e a mensagem de "qualquer marido para qualquer esposa".

XI

UMA OBSCURIDADE ESCLARECIDA

COM uma exceção, as mensagens da Sr.ª K. até agora recebidas tinham sido comunicadas mentalmente; a nova série veio por via da escrita automática. A 11 de março, a Joana, na minha ausência, pôs o lápis no papel com o pensamento de que alguma outra palavra de interesse para a Sr.ª K. pudesse vir. Cito os procedimentos que se seguiram, sendo as comunicações em si indicadas pela palavra "lápis":

Lápis (escrevendo após a Joana se ter sentado à espera durante dez minutos): Lembras-te da gravata com o padrão gatafunhado? [Estas palavras foram seguidas de grande indecisão por parte do lápis. Depois a escrita continuou, mas aparentemente por outro comunicador.]

Lápis: Ele quer dizer que nunca gostou de a usar.

Joana: Quem fala?

Lápis: Charles — Charles — Charles.

Joana: Conheces a Sr.ª K.?

Lápis: Sim, muito bem. Bons amigos dela e —

Joana: Estás a tentar dizer "do marido dela"?

Lápis: Sim, sim. Chapinhando num ribeiro, chapinhando num ribeiro — não, ribeiros [Brooks].

Joana: É o Charles que está a falar?

Lápis: Sim, mas não a minha gravata — não a minha gravata.

Joana: Está bem, Charles. Não é a tua gravata. Mas foste chapinhar num ribeiro?

Lápis: Não.

Joana: Conhecias a Sr.ª K. quando ela era uma menina? [A Joana pensou que possivelmente o Charles fosse um amigo de infância da Sr.ª K. e que eles pudessem ter ido chapinhar juntos quando crianças.]

Lápis: No. [E então o lápis parou, não escrevendo mais nada durante um espaço de dezassete minutos. Depois —]

Lápis: Charles chapinhando em ribeiros [brooks]. [Novamente o lápis parou; após o que a Joana proferiu o nome do Estêvão, pedindo-lhe para vir pôr as coisas em pratos limpos.]

Lápis (aparentemente o Estêvão): Sê paciente. As palavras não são para ti. [E novamente o lápis esteve inativo por um tempo.]

Lápis (não o Charles, mas evidentemente o comunicador original, que a Joana tinha pensado que pudesse ser o Sr. K.): Gravata — não gostava. Ela lembrar-se-á do incidente. Ela disse que eu era picuinhas. O meu amigo Charles está aqui comigo. A minha mão — a minha mão — a minha mão. [Coloco em itálico as últimas palavras; elas provaram ser muito interessantes.]

Joana: Podes dar alguma outra identificação além de "gravata"?

Lápis: Junto ao lago, por baixo das árvores, rindo e dançando com a brisa.

Joana: Estás a citar Wordsworth.

Lápis: Não gostas de narcisos?

Este escrito, tão desprovido da facilidade e coerência das discussões filosóficas do Estêvão, pareceria, à primeira vista, totalmente sem valor. Mas a Joana e eu aprendemos que os obstáculos do subconsciente dão frequentemente a mensagens realmente probatórias uma aparência de inutilidade. Dobrámos o escrito e encaminhámo-lo para a Sr.ª K. A sua resposta dizia, em parte:

"Quando comecei a ler o vosso escrito disse para mim própria: 'Não conheço ninguém chamado Charles.' Depois veio 'chapinhando num ribeiro — não, ribeiros [brooks].' E relampejou-me na mente que um amigo muito querido e íntimo do Sr. K. se chamava Charles Brooks."

A probabilidade de a Joana alguma vez ter sabido de tal amizade era tão remota que a Sr.ª K. não sugeriu uma explicação subconsciente. Contudo, afinal de contas, "Charles Brooks" era uma mera inferência da parte da Sr.ª K.; a palavra "Charles" tinha sido escrita, e a frase "chapinhando em ribeiros [brooks]". A inferência é interessante. Mas estará

alguém justificado em concluir definitivamente que o Charles Brooks era o comunicador ou mesmo que o "lápis" pretendia sugerir o seu nome?

"Gravata" nada significava para a Sr.ª K., disse ela; nunca tinha acusado o marido de ser "picuinhas". Significaria algo a citação de Wordsworth?

A Joana e eu, procurando as linhas, encontrámo-las no pequeno poema "*Deambulei Solitário como uma Nuvem*", cuja primeira estrofe reza:

Deambulei solitário como uma nuvem

Que flutua no alto sobre vales e colinas,

Quando de repente vi uma multidão,

Uma imensidão de narcisos dourados;

Junto ao lago, por baixo das árvores,

Estremecendo e dançando com a brisa.

Lemos o poema inteiro vezes e vezes sem conta, esperando descobrir um propósito por trás do seu arrastamento para o escrito. Não conseguimos encontrar nenhum. E o facto de o comunicador ter perguntado à Joana "Não gostas de narcisos?" parecia tão sem sentido como a própria citação.

Depois, na noite de 15 de março, o Estêvão, comunicando mentalmente, disse:

— Diz à Sr.ª K. que o marido dela não esqueceu as muitas flores amarelas que ela fazia florescer na primavera. Diz à Sr.ª K. para pensar em narcisos.

As palavras do Estêvão foram enviadas pelo correio para a Sr.ª K. Numa resposta apressada, recebida pela Joana a 18 de março, a Sr.ª K. dizia:

"Cultivo narcisos em casa todas as primaveras há quase vinte anos, e eles têm sido bastante notáveis entre os meus amigos."

Finalmente parecia que a correspondência da Joana e da Sr.ª K. tinha chegado a algum lado. A citação de Wordsworth tinha adquirido um significado muito definitivo. A menos que se pudesse mostrar que o conhecimento dos narcisos da Sr.ª K. fazia parte do arquivo esquecido da

mente da Joana, a prova de que alguma agência estranha estava a atuar seria, para usar as palavras da Sr.ª K., "da maior importância".

Escrevendo com mais detalhe a 19 de março, a Sr.ª K. dizia:

"A declaração relativa aos narcisos que cultivava na primavera é importante; e, no entanto, tenho de admitir que há uma explicação possível. Os meus narcisos foram ocasionalmente mencionados num jornal local, que vocês poderiam ter visto. Apresso-me a dizer que é minha convicção instintiva que nem você nem o Darby alguma vez viram estes avisos. Contudo, a publicidade dada aos meus narcisos agarra-me pelo tornozelo mesmo quando começo a correr com liberdade!"

Novamente aquele enigma irritante — o que está e não está na mente subconsciente da Joana! Novamente a Joana pode dizer que, no melhor da sua crença, nunca leu uma palavra a respeito dos narcisos da Sr.ª K.

E, penso eu, algo mais pode ser dito. A primeira sugestão de narcisos estava contida na citação de Wordsworth. Esta citação em si não mencionava narcisos, mas foi retirada de uma estrofe que os menciona. O Estêvão disse que o concreto é o mais difícil de comunicar, porque tende a despertar as memórias latentes da própria mente da estação recetora. Mas ele também indicou que, para apanhar o subliminar da estação recetora desprevenido, é por vezes necessário empregar métodos indiretos, que o arquivo do subconsciente, embora tantas vezes um obstáculo à comunicação, oferece, não obstante, um dos caminhos indiretos pelos quais o concreto pode por vezes ser comunicado.

Suponhamos que o Sr. K. procurava realmente identificar-se perante a Sr.ª K. e para esse propósito desejava usar a palavra "narcisos". Se tivesse surgido com a palavra à queima-roupa, o subliminar da Joana poderia ter viajado numa tangente pessoal, relatando experiências suas que a palavra sugerisse; e a narração dessas experiências poderia ter bloqueado completamente a palavra.

Em vez de correr esse risco, o Sr. K., digamos assim, encontrou na mente da Joana a memória do poema dos narcisos de Wordsworth; era fácil para o Sr. K. influenciar a Joana e o lápis a escrever uma citação deste poema; as linhas eram perfeitamente impessoais. Uma vez escritos os versos, os narcisos tornavam-se uma consequência lógica. O Sr. K. podia então perguntar à Joana com segurança: "Não gostas de narcisos?", e assim,

após muita rotunda, fechar o assunto, preparando o caminho para o Estêvão contar, sem dificuldade, sobre as muitas flores amarelas que a Sr.ª K. costumava cultivar na primavera.

Deveremos dizer que a Joana tinha de saber dos narcisos da Sr.ª K. e se esquecera deles? O facto de lhes ter sido dada uma pequena publicidade força-nos a essa conclusão? Ou deveremos dizer que a maneira invulgar com que a sugestão dos narcisos foi feita, não diretamente como se viesse da Joana, mas de forma extremamente indireta, indica um algo insatisfatoriamente explicado pela suposição genérica de que a Joana devia saber?

Certamente que seremos tentados a dizer que algo mais do que o subliminar da Joana é indicado por "a minha mão", também contido na escrita automática de 11 de março. Falhou na altura em impressionar a Sr.ª K. Isto não é de estranhar grandemente; pois a exclamação do comunicador, "A minha mão!", embora três vezes repetida, carecia de definição e não estava ligada a mais nada no escrito. Com uma mensagem anterior, a que chamámos "qualquer marido para qualquer esposa", provou ter uma ligação extremamente íntima.

XII

A MÃO DE GESSO

DURANTE aquelas semanas de fevereiro e março, em que a Joana e a Sr.ª K. mantinham o correio tão ocupado, não houve o pensamento por parte de nenhuma de que se pudessem encontrar. Contudo, encontraram-se. Inesperadamente, a Sr.ª K. foi chamada a fazer uma viagem ao Oeste. No caminho de regresso a casa, ficaria a escassas milhas da cidade onde a Joana e eu vivíamos. A Joana pediu-lhe para passar um fim de semana connosco. E assim nos encontrámos com ela na manhã de 29 de março. Esteve connosco nesse dia e parte do seguinte.

Sentando-se à secretária da Joana na manhã de 29 de março, a Sr.ª K. pôs-se a ler um registo que eu tinha feito de uma comunicação mental recebida no dia 23.

Esta comunicação tinha sido convidada com o pensamento de que o Estêvão pudesse ser capaz de esclarecer algumas das mensagens anteriores da Sr.ª K., para cuja veracidade final a Joana e eu, em vista do

desenvolvimento dos narcisos, tínhamos começado a esperar. Cito uma parte do registo:

Pergunta de Darby: E quanto à "mulher que se sentava no celeiro" e a "qualquer marido para qualquer esposa"?

Estêvão: Ambas estas mensagens eram do David para a sua esposa.

Darby: E no entanto, ela não as reconhece.

Estêvão: Na segunda mensagem ["qualquer marido para qualquer esposa"] chama "mão" à atenção dela. [Depois veio outro que não o Estêvão. Suponhamos que era o Sr. K.]

Sr. K.: Molde — molde — gesso — Por cima de uma mercearia com escadas exteriores construídas depois do incêndio.

Estêvão (interrompendo): Agora, Joana! Não registes isso último, Darby. Sim, regista. Vai mostrar-vos novamente o que a mente subconsciente faz.

Darby (reconhecendo que a mercearia, etc., era possivelmente um afloramento do subliminar da Joana): Bem, e quanto a este assunto da janela de mansarda?

Sr. K. (aparentemente): A grande janela dividida em três partes — decorada no topo — estantes — muitos livros, muitos livros. A minha mão.

E então a Joana tinha começado uma conversa própria com o comunicador. Pode-se ouvir apenas um lado de uma conversa telefónica, pelo que eu só podia tomar notas do que a Joana dizia.

— Bem, eu falei à sua esposa sobre o celeiro. Ela disse que não havia celeiro nenhum. — (Aparente dificuldade de compreensão da parte da Joana.) — Mas que colinas?... Oh, atrás do rio. Sim, e o rio fica assim. O rio desce por aqui. — (A Joana apontou com o dedo.) — Desagua. Costa. Três terras. Uma atrás do rio... O porto de Mack-port aqui. — (Mais apontamentos.) — Colinas. Celeiro.

Depois o comunicador falou. Disse ele:

— O meu iate tinha velas vermelhas. Florence. Florence.

De vez em quando, enquanto lia o registo, a Sr.ª K. exclamava entre dentes. O que causava as exclamações? Várias coisas. Havia, por exemplo,

os pormenores de Mackeysport. Concedendo que a Joana tivesse visto o nome desta terra na dedicatória de algum livro ou outro da Sr.ª K., de onde teria vindo o seu conhecimento posterior? A comunidade de Mackeysport, informou-nos a Sr.ª K., consistia de facto em três colonatos; havia colinas e um rio, e este último de facto "desaguava". A descrição manifestamente estava confusa, mas oferecia factos definidos. E note-se o "celeiro". Poderia ser este o celeiro no qual "a mulher se sentava"?

— O meu iate tinha velas vermelhas. Florence. Florence. — Estas palavras a Sr.ª K. leu-as em voz alta.

— Sim — disse ela —, o barco dele tinha mesmo velas vermelhas.

Portanto, aqui estavam as velas amarelas, possivelmente amarelas, tornadas velas vermelhas. Velas amarelas tinham sido sem significado para a Sr.ª K. Mas velas vermelhas? Pois claro! Contudo, o que poderia significar Florence? Ou o que, se é que significava alguma coisa, significava "Veneza" da mensagem original da "vela amarela"? "Veneza, não", tal como tinha sido "amarelo, não". Qual era o significado de Florence?

Mais tarde, no mesmo dia, a Sr.ª K. gritou de repente:

— Já sei! O nome do barco do Sr. K. era Tessa.

— Mas o que tem isso a ver com Florence? — perguntei eu.

— Não se lembram! — respondeu a Sr.ª K. — O cenário de *Romola*, de George Eliot, é Florença [Florence]. Tessa, recordam-se, é uma das personagens do romance. O Sr. K. gostava muito de *Romola* e lembro-me de que ele deu ao barco o nome de Tessa. A ligação entre la palavra 'Florence' na comunicação e o nome real do barco do Sr. K. é óbvia.

Isto, penso eu, é muito intrigante. O nome "Tessa", é evidente, seria difícil de comunicar, possivelmente por algo da mesma razão que seria uma palavra difícil de transmitir a uma pessoa parcialmente surda ou a um amigo ao telefone; é invulgar. A palavra "Florence", por outro lado, é familiar para toda a gente. Suponhamos que o Sr. K. estava realmente a tentar comunicar o nome do seu barco. Incapaz de fazer passar "Tessa", decidiu comunicar a palavra "Florence", pensando que a Sr.ª K. seria capaz de juntar dois mais dois, tal como, de facto, ela parece ter feito.

O seu primeiro esforço falhou. Em vez de a Joana proferir a palavra "Florence", proferiu a palavra "Veneza". Porquê? Suponha-se que um iate estava sob discussão entre dois amigos e o nome de uma cidade italiana era mencionado por um deles em ligação com o iate. Suponha-se que a segunda pessoa tinha sido incapaz de distinguir claramente o nome da cidade. Que cidade italiana poderia ela inferir que era pretendida? Veneza, claro — Veneza com os seus canais e barcos.

Qualquer prova que seja oferecida pelo iate com as velas vermelhas é reforçada, sinto eu, pelo facto de a mensagem original dar ao iate velas amarelas. Considero o erro da primeira mensagem, aparente na altura, como testemunho de que a Joana estava a alcançar um facto novo e não a tentar reanimar o conhecimento adormecido no seu subconsciente. E, no entanto, se a qualidade probatória de uma comunicação é viciada pelo facto de o seu assunto ter recebido publicidade, então a prova oferecida pelo barco com as velas vermelhas desaparece, por muito certa que a Joana possa estar de que nunca antes ouvira falar do barco do Sr. K.

A triagem da Sr.ª K. resultou finalmente nesta declaração:

"Florence e as velas vermelhas parecem-me importantes. Lá nos anos 90, o Sr. K. tinha um pequeno barco com uma armação latina. A vela estava tingida de um vermelho acastanhado. Mas é um facto que este pequeno barco figurou em parágrafos ocasionais de jornais, porque a armação era invulgar e a vela, por causa da sua cor, marcante."

O comentário seguinte feito pela Sr.ª K., enquanto estava sentada a ler as minhas notas sobre a comunicação de 23 de março, foi sobre as palavras: "A grande janela dividida em três partes — decorada no topo — estantes — muitos, muitos livros."

Isto parece remontar à "janela de mansarda", que não era uma janela de mansarda, mas antes simplesmente uma janela grande. A janela grande, surgindo numa mensagem inicial, tinha sido uma das coisas de que a Sr.ª K. estivera relutante em desapegar-se. Não tinha o Sr. K. sido um admirador de janelas espaçosas? E aqui estava a janela outra vez, desta vez com detalhes. O detalhe era exato. Numa casa em que os K. viveram durante muitos anos havia uma janela comprida, "dividida em três partes, decorada no topo".

— A descrição — disse a Sr.ª K. — parece-me extraordinariamente exata. — Depois acrescentou: — Arquitetonicamente a disposição da janela era tão invulgar que uma imagem dela foi reproduzida numa revista interessada em decoração de interiores.

Mas a Joana não tinha recordação de alguma vez ter visto essa revista. Quanto à "mulher que se sentava no celeiro" — teria havido algumas imagens de celeiro? Essa mulher, de facto, era — a Sr.ª K. O incidente era de há tanto tempo que a Sr.ª K. se tinha praticamente esquecido dele. A primeira mensagem que mencionava o celeiro falhou em recordar os factos do caso à sua memória, aparentemente porque a descrição dos terrenos não coincidia com o quintal em que o celeiro realmente se erguia. Para maior clareza, cito novamente a mensagem da "mulher que se sentava no celeiro":

"Há uma casa de campo no meio de um jardim. Uma estrada de areia. Há flores altas. Um caminho por entre os canteiros de flores até ao celeiro. Uma mulher sentava-se no celeiro."

A tentativa que foi feita para rever esta mensagem não foi, recordar-se-á, especialmente bem-sucedida, embora tenha acrescentado este detalhe: "Uma janela superior que dava para o jardim entre os desfiladeiros, na qual te costumavas sentar e escrever." Finalmente mostrámos este novo detalhe à Sr.ª K., e ele, juntamente com o aparecimento da palavra "celeiro" na parte de Mackeysport da comunicação de 23 de março, pô-la a pensar. Eis os factos do celeiro conforme ela finalmente no-los deu:

"Em 1891 ou 1892 o meu marido alugou uma casa de campo à beira-mar, e ligado a ela havia um pequeno celeiro. Eu costumava escrever no sótão deste celeiro. Olhando de uma das janelas deste sótão, através de uma pequena enseada de água, eu podia ver algumas margens baixas ou desfiladeiros." (Recordar-se-á que o comunicador tinha indicado descontentamento com a palavra "desfiladeiros".) "Não havia, contudo, nenhum jardim ligado a este lugar. Mas no caso da casa de Mackeysport, que o Sr. K. finalmente comprou, e na qual vivemos, no verão, durante muitos anos, há um jardim, mas não há celeiro. A mensagem, conforme ampliada, parece oferecer uma descrição mista das duas localidades."

Descartando as possibilidades probatórias da descrição mista, resta-nos o facto de que há quase vinte anos a Sr.ª K. de facto se sentava num celeiro a escrever — certamente uma coisa invulgar de se fazer. E aqui está

um incidente que parece não ter recebido nenhuma menção impressa! Eis um acontecimento na vida da Sr.ª K., comunicado por alguém que pretendia ser o Sr. K., o qual, há todas as razões para acreditar, não estava no subconsciente da Joana, e o qual, em vista do facto de que muito raramente uma mulher se senta num celeiro a escrever, dificilmente pode ser explicado com base em palpite ou coincidência. A declaração comunicada deste acontecimento foi manchada apenas por estar ligada a outras declarações menos convincentes.

Considere-se agora a reiteração, de tempos a tempos, da palavra "mão", culminando em:

— Molde — molde — gesso.

Isto, ao que parece, é o teste ideal — uma declaração de facto que sabemos não poder estar no subliminar da Joana, uma coisa que o palpite ou a coincidência não podem explicar, uma mensagem não contaminada por inexatidões circundantes. "Molde — molde — gesso" agitou as próprias associações subconscientes da Joana; mas não antes de as palavras terem passado em segurança, tornando claro que mão, é que o subconsciente injetou as suas próprias associações. O conjunto ofereceu um elemento de prova convincente, tanto mais convincente porque, sem que o facto do caso fosse minimamente afetado, a cor das memórias subconscientes da Joana foi chamada à tona. Por outras palavras, o teste não era demasiado bom para ser verdade.

"Molde — molde — gesso", corria o meu registo. Instantaneamente a Sr.ª K. viu o significado de "a minha mão"! Contou-nos que há muitos anos, vinte, talvez, ou talvez vinte e cinco, o seu marido tinha mandado fazer um molde de gesso da sua mão para ela.

— Muito raramente o vejo agora — disse ela. — Guardei-o, por medo de que se pudesse partir... 'D-a-v-i' poderia ter sido o resultado da memória subconsciente da Joana, de um nome que ela tivesse visto uma vez e esquecido. O mesmo para 'Mack-port' e o mesmo para 'm-d-s-e'. Até os narcisos e as velas vermelhas e a janela grande podem ser isso. Mas a mão de gesso não pode ser rastreada até nenhuma explicação normal. A Joana nunca poderia ter sabido sobre isso. O seu aparecimento na comunicação não poderia de modo algum ter sido o produto da sua memória subconsciente.

E tal, após tempo para pensar no assunto e permitir que o interesse arrefecesse, permanece a convicção da Sr.ª K. Disse ela, recentemente: "A mão de gesso parece-me o teste final, inquestionável."

Das quatro mensagens que pedi que guardassem na mente, três provaram ser probatórias: "A mulher que se sentava no celeiro", "janela grande" e "vela amarela". E quanto à quarta mensagem — "qualquer marido para qualquer esposa"?

Esta frase, recordar-se-á, estava embutida na carta do marido: "A imagem da minha mão, que vês, não é tão real como a mão que coloco no teu cabelo, que não vês."

A que mão e a que imagem se fazia aqui referência é agora aparente. Mas porque razão esta menção original da mão foi sepultada em banalidades de "qualquer marido para qualquer esposa"? Para quem aceita a exposição do Estêvão sobre a coloração, a resposta pareceria clara. A "imagem da minha mão" foi passada de mansinho com uma cautela calculada para desviar a mente da estação recetora da antecipação de um teste. Note-se agora o que aconteceu na comunicação de 23 de março, quando o marido da Sr.ª K. arriscou ser mais definitivo:

— Molde — molde — gesso. Por cima de uma mercearia com escadas exteriores construídas depois do incêndio.

Após o que o Estêvão interrompeu, dizendo: "Agora, Joana! Não registes isso último, Darby. Sim, regista. Vai mostrar-vos novamente o que a mente subconsciente faz."

Quando a Joana andava na faculdade, um dos edifícios foi danificado por um incêndio, e a turma de arte foi alojada temporariamente numa sala por cima de uma mercearia. À sala chegava-se por umas escadas exteriores, construídas depois do incêndio. Para esta sala de aula improvisada foram mudados os moldes de gesso do departamento de arte. E este conjunto de factos, guardado no subconsciente da Joana, foi despertado para a vida pelo "molde — molde — gesso" do Sr. K. Aqui, pois, constitui-se um exemplo extremamente interessante de coloração, interessante por ser tão aparente e porque de forma alguma afeta a exatidão da conotação que "molde — molde — gesso" deu a "mão".

Haverá algo a ganhar com a discussão do papel que a telepatia possa ter desempenhado na mensagem da "mão de gesso" ou na mensagem da "mulher que se sentava no celeiro" ou em qualquer uma das outras, se, em vista de todos os factos relatados, elas parecem não ter brotado do subliminar da Joana?

Pode-se afirmar que os factos de todas estas mensagens estavam na mente da Sr.ª K., e que possivelmente foram transmitidos da mente dela para a da Joana. Mas depois de essa afirmação ter sido feita, o que mais se pode dizer? Tudo pode ser possível — até a hipótese de o Estêvão ser o que diz ser, e de a sua filosofia ter chegado à Joana e a mim vinda de uma inteligência real, embora desencarnada. E quando consideramos a limitada experiência do mundo com o fenómeno da telepatia, não estou tão seguro de que a explicação telepática seja menos forçada do que o pensamento de que a busca da Sr.ª K. pelo seu marido perdido provou, até certo ponto, ser bem-sucedida.

XIII

O VESTIDINHO CINZENTO

DEPOIS de a Sr.ª K. ter terminado a leitura das comunicações de 23 de março, mostrei-lhe algumas das muitas mensagens que tínhamos recebido do professor. Ela contou-nos que o tinha conhecido um pouco, e eu estava ansioso por saber se o carácter e a atmosfera do professor real e do pretenso coincidiam. O nosso professor era de uma fala que teria sido um bocadinho pomposa, não fosse pelo seu humor travesso. Sempre se me dirigia como "meu caro senhor" e sempre, pelo que parecia, ficava tão divertido com a sua formalidade como eu. A Joana e eu não tínhamos conhecido o professor quando ele vivia aqui.

— Faz lembrar ele — anunciou a Sr.ª K., depois de eu ter lido um exemplo ou dois da maneira de o professor colocar as coisas; mas acrescentou que o seu conhecimento com o professor não tinha sido íntimo.

— Aqui está algo — disse eu —, que veio lá atrás, em fevereiro de 1917. Estou certo de que o professor, quando era vivo, nunca se comportou de tal maneira.

Durante vários dias antes da receção desta comunicação particular, o Estêvão andara a dizer que achava que estava a chegar o tempo em que, sob

as condições de comunicação mental direta, a Joana seria capaz de o ver. Disse que ela não se lembraria de nada sobre a experiência mais tarde, mas que na altura seria capaz de contar algo do que via, não muito, talvez, porque faltariam as palavras.

Na referida noite de fevereiro, a Joana interrompeu a comunicação para dizer:

— Bem, consigo ver agora.

Fiquei sentado em silêncio, aguardando os desenvolvimentos, e finalmente ela continuou, num momento dirigindo-se ao comunicador e noutros quase soliloquando:

— Está um homem sentado no braço da minha cadeira, e consigo ver através dele. Não o conheço, mas ele é simpático. Tem olhos cintilantes. Oh, será o professor? Bem, acho que não se deve sentar no braço da minha cadeira. Diz que não há convenções? Porquê? Bem, não precisa de se rir tanto. O riso dele é lindo. O professor diz que lhe é permitido sentar-se ao lado da minha cadeira. Há várias pessoas de pé em redor do professor.

O Estêvão não está aqui. Está ocupado. Todos parecem ter mais ou menos a mesma idade, exceto quando fazem imagens para mim. — (O que a Joana parece ter querido dizer com "fazem imagens para mim" é interessante; citarei o Estêvão sobre este assunto mais tarde.)

Depois o próprio professor intrometeu-se, dizendo-me:

"Estou a abraçar a sua esposa. Perfeitamente permitido, meu caro senhor!"

Ora, se a Joana e eu tivéssemos tentado imaginar o professor como ele era nesta vida, uma brincadeira como a que relatei nunca nos teria entrado na mente. O professor era um homem de digna erudição. No entanto, disse a Sr.ª K.: "Consigo imaginá-lo a dizer exatamente esse tipo de coisa cómica."

E então a Joana ajustou um lenço aos olhos. Ela usa uma venda durante a comunicação mental para proteger a vista da luz da sala. Toquei no pulso da Joana.

A primeira palavra que veio foi "Fern". Foi soletrada e depois pronunciada várias vezes. As palavras seguintes foram: "Uma rapariga em

Fern." Não houve mais nada relativo a "Fern" até perto do fim do segundo período da comunicação da tarde.

Devo declarar aqui que durante a visita da Sr.ª K. connosco houve quatro períodos separados de comunicação, dois na tarde de 29 de março, um na noite do mesmo dia e um na manhã seguinte.

Perto do encerramento do segundo período da tarde vieram estas palavras: "Fern Hill".

Uma cópia das minhas notas sobre as mensagens de 29 e 30 de março foi encaminhada para a Sr.ª K. depois de ela chegar a casa, com o pedido de que comentasse definitivamente qualquer matéria de prova que as comunicações contivessem. Agindo sob o seu impulso habitual de evitar uma explicação supernormal quando uma normal serve, a Sr.ª K. escreve sobre "Fern Hill" deste modo:

"Quando era rapariga frequentei um colégio interno chamado Fern Hill. Já não existe há anos. Mas tenho sido objeto de esboços biográficos ocasionais e, em alguns deles, Fern Hill é mencionado."

Vezes e vezes sem conta um possível conhecimento subconsciente por parte da Joana! E, contudo, uma determinada pessoa lê muito pouco dos muitos factos biográficos impressos a respeito desta ou daquela personalidade. A Joana não tem recordação de alguma vez ter lido algo biográfico da Sr.ª K.; nenhuma memória da sua mente consciente é despertada pelas palavras "Fern Hill".

Nem a Joana tem recordação de alguma vez ter sabido os factos contidos na seguinte mensagem, entregue à Sr.ª K., não pelo Estêvão ou pelo professor, mas por um outro que vem ter com a Joana e comigo frequentemente:

"Eras uma rapariga pequena [*bit of a lass*] quando foste para outra casa; não a do teu pai. A tua mãe veio para aqui onde eu estou, e o teu pai também. Tu foste para fora — uma rapariga pequena. Eram da tua própria família, mas não o teu pai ou a tua mãe."

A Sr.ª K. escreve: "Por morte da minha mãe, no meu nascimento, fui acolhida na família de uma tia, com quem vivi até aos dezassete ou dezoito anos. O meu pai morreu quando eu era criança."

A possibilidade de a Joana possuir conhecimento subconsciente destes factos é seguramente das mais remotas. E o mesmo comentário pode ser feito ao seguinte:

Veio alguém que proferiu o nome "Dick". Uma personalidade assim chamada vem muitas vezes ter com a Joana e comigo, e por isso respondi dizendo: "Olá, Dick!"

Mas o comunicador retorquiu: "Não o vosso Dick", e continuou então com a aparência de se dirigir à Sr.ª K., dizendo: "Royce. Hodgson." (Ambos os nomes foram soletrados, estando Hodgson soletrado incorretamente — "Hodgeson".) "Queria apenas dizer-te que, afinal, após todas as nossas discussões, o Royce e eu chegámos finalmente às mesmas conclusões. Já não andamos à bulha; não que não fossemos sempre bons amigos."

Houve uma pausa. Depois, aquele que parecia desejar ser conhecido como Hodgson proferiu duas palavras: "Casaco castanho."

A Sr.ª K., muito divertida, disse que se lembrava perfeitamente do casaco castanho do Dr. Hodgson.

Acrescentou ela: "Não sei de nenhuma relação particular entre o falecido Professor Royce de Harvard e o Doutor Hodgson, embora, claro, seja razoável supor que se conheciam, e podem perfeitamente ter divergido quanto às suas deduções sobre fenómenos psíquicos. Mas aquele casaco castanho! O Doutor Hodgson desaprovava grandemente a sobriedade do traje de noite dos homens.

Para protestar contra a convenção, mandou fazer um fato de cerimónia de um pano de lã castanho. Fazia com que ele ficasse bastante vistoso e divertia imenso as pessoas. Mas ele era casmurro com isso e, durante muito tempo, insistiu em levar o casaco castanho para jantar fora."

Aqui estava um facto conhecido por pessoas de uma cidade, mas demasiado trivial para ser geralmente sabido. Se alguma coisa foi escrita sobre o casaco castanho do Doutor Hodgson, é praticamente certo que a Joana nunca ouviu falar disso. Na verdade, sabíamos apenas pela Sr.ª K. quem era Richard Hodgson; uma das suas cartas tinha-o mencionado como um pioneiro da investigação psíquica.

Deve ser dito que nem todas as mensagens recebidas a 29 e 30 de março tinham significado. Por exemplo, insistiu-se na palavra "mala de viagem". Era como se um objeto estivesse a ser mostrado à Joana. Tentando identificá-lo, disse ela: "Uma mala de viagem. Uma mala de viagem esquisitíssima. Dentro da mala? Não consigo ver. Lamento." Ora, a mala de viagem nada significava para a Sr.ª K., nem significa nada para a Joana e para mim.

Mas, por outro lado, considere-se o episódio do quadro. A Joana, falando no que parecia ser o seu próprio carácter, disse:

— Entra-se num átrio. Depois há uma escadaria curva. Depois um — qual?... Um quadro. Bem, é a isso que eu chamo uma escadaria curva. Em caracol? Está bem. É o vosso quadro?

A casa dos K., diz a Sr.ª K., tem uma escadaria curva. Não sinto, contudo, que um grau considerável de prova seja por aí oferecido, porque, em primeiro lugar, os pormenores da escadaria na comunicação são algo indefinidos; em segundo lugar, qualquer casa poderia ter uma escadaria curva. Isto último poderia ser dito do "quadro" também (afinal, não é surpreendente que houvesse um retrato do Sr. K. na sua própria casa), exceto pelo facto de uma mensagem subsequente descrever o homem retratado.

A menção precedente ao "quadro" ocorreu no primeiro período de comunicação. No decurso do segundo período, a Joana disse, dirigindo-se aparentemente ao Sr. K.:

— Não parece um homem de negócios; parece um homem de profissão liberal. Sabe, não é muito diferente do meu pai. Sim, o pai também usava uma *Vandyke*. No quadro? Estou a ver. No patamar.

Ora, como questão de facto, um quadro do Sr. K. estava mesmo pendurado no patamar da casa da Sr.ª K. E embora durante os anos imediatamente anteriores à sua morte o Sr. K. não usasse barba, na altura em que o retrato do patamar fora feito, usava — uma *Vandyke*. Além disso, depois de eu ter assinalado à Joana que o período de comunicação tinha terminado, e de lhe ter lido as minhas notas, ela trouxe o quadro do seu pai. A Sr.ª K. ficou impressionada com a semelhança entre o seu marido e o pai da Joana. Escreve ela:

"A fotografia que a Joana me mostrou sugere fortemente o Sr. K. como ele parecia antes de rapar a barba. Há a mesma testa larga. Exceto pelo facto de o rosto ser um pouco mais curto do que o do meu marido, e talvez mais redondo, a semelhança é óbvia."

A afirmação de que o Sr. K. parecia um homem de profissão liberal é também interessante. Esta observação, contou-nos a Sr.ª K., tinha sido feita durante a vida do Sr. K. por muitas pessoas.

Outro pedaço cativante de prova foi o incidente "Washington". Impressionou-me como dos mais interessantes, porque exemplificava de forma tão clara como a mente subconsciente da estação recetora pode toldar um facto e, no entanto, mais tarde esclarecê-lo de tal modo que o seu carácter probatório dificilmente é contestado.

Durante a noite de 29 de março, o nome "Washington" foi soletrado incorretamente, desta maneira: "W-a-s-h-i-n-g-e-t-o-n." Depois vieram os números "quatro, cinco"; e a seguir vieram outra vez, apenas na ordem "cinco, quatro". Isso foi tudo na altura. Perto do encerramento da comunicação da noite, a Joana falou do seguinte modo:

— Quatro, cinco; cinco, quatro. Não sei qual vai primeiro. Washington.

Para mim e, quando li as minhas notas à Joana, para ela também, "Washington" e a combinação de números eram um enigma. Na manhã de 30 de março, a Sr.ª K. e eu estivemos a sós durante um tempo. Discutimos as comunicações do dia anterior e finalmente ela disse:

— Há algo que eu gostaria de lhe contar.

— Melhor não — respondi eu. — Se veio algo que não está totalmente claro, dê-lhe uma oportunidade de se endireitar na comunicação de hoje.

E assim a Sr.ª K. nada disse.

E a primeiríssima palavra que a Joana proferiu após eu lhe ter tocado no pulso nessa manhã foi "Potomac". Seguiu-a com "quatro, cinco" e depois começou a mudar os números para "cinco, quatro". Mas a Sr.ª K. disse:

— Cinco-quatro está certo.

Depois de a comunicação ter sido encerrada, a Sr.ª K. contou-nos que há vinte anos ela e o Sr. K. viviam na Rua Potomac, n.º 54. A possibilidade de a Joana alguma vez ter lido ou de lhe ter sido dito que a Sr.ª K. tinha vivido, há anos, num tal número de uma tal rua, é tão remota que mal existe.

Mais um teste foi oferecido à Sr.ª K. — no decurso do segundo período da comunicação da tarde de 29 de março. Foi precedido pelo seguinte, que pretendia ser dirigido pelo Sr. K. à sua esposa:

"Há muito trabalho para ti. Há uma quantidade que deves trazer como a tua dádiva. Quando compreenderes ficarás contente. Podes trabalhar para mim — ainda em parceria. Não podes querer fazer outra coisa que não seja cumprir as tuas possibilidades de serviço. Vês que não há apenas ti própria em que pensar; há a tua relação com o todo. A relação entre o indivíduo e o corpo social é muito estreita."

Veio um pouco mais neste tom. Depois, de repente, o Sr. K. interrompeu para dizer:

— Gostaria que usasses o teu vestido cinzento. Não podias?

A Sr.ª K. sorriu.

— Está velho e gasto — disse ela.

— Podias arranjar outro — instou o Sr. K.

A respeito desta breve conversa, a Sr.ª K. escreve: "A referência ao vestido cinzento está, penso eu, na classe de prova do molde de gesso, ou possivelmente até numa superior. Antes de me casar, eu tinha um vestidinho de flanela cinzenta, barato, de que o Sr. K. gostava muito. Gostava tanto dele que queria que eu o usasse quando casámos! Podem imaginar como uma rapariga, com visões de cetim branco, respondeu à sugestão."

Certamente que o "vestido cinzento" possui um certo valor probatório, apesar do facto de outras mulheres terem tido vestidos cinzentos que foram admirados pelos seus maridos. Mas a Sr.ª K. continua:

"A 11 de maio de 2018, na véspera do aniversário do meu casamento, eu e outra pessoa corremos um tabuleiro ouija. O ponteiro fez uma referência ao meu aniversário de casamento e depois disse: 'Queria que

usasses o vestido cinzento.' Isto não teve absolutamente nenhum significado para mim. Tinha-me esquecido por completo de que alguma vez existira um vestido cinzento, e por isso disse: 'Não me lembro de nada sobre um vestido cinzento.' Disse então o tabuleiro: 'É isso que eu quero. Se te lembrares, não acreditas.'

Que a Joana, quase um ano mais tarde, devesse ter proferido as palavras 'Gostaria que usasses o teu vestido cinzento', é do mais impressionante. Por nenhum esforço possível da imaginação pode isso ser creditado ao seu subliminar!"

XIV

O LIMITE DA PROVA

OS testes probatórios podem eliminar, talvez, aquela explicação da comunicação psíquica que se baseia em teorias da mente subconsciente. Os testes podem eliminar a teoria telepática. Podem estreitar as coisas até um ponto onde aparentemente apenas resta a explicação espiritualista. E depois — mesmo depois disso é possível rejeitar a sobrevivência dos mortos.

A rejeição num caso desses resulta de uma interpretação rigorosa das regras do testemunho. Mesmo o inquérito judicial não ignora a prova *prima facie*; exige que essa prova presuntiva seja contestada. Mas o inquérito judicial procura provar apenas aquilo que é de experiência comum. A prova psíquica da sobrevivência dos mortos envolve experiências extraordinárias. Portanto, quem quiser insistir numa interpretação estrita das regras da prova tem direito a esta declaração:

Pode-se admitir que uma Joana dê voz a factos estranhos ao seu próprio conhecimento, ou ao de um Darby, de um F. W. ou de uma Sr.ª K., e contudo exigir razoavelmente mais provas, positivas em vez de negativas, de que os mortos vivem.

Por exemplo, a prova oferecida pela mão de gesso não prova conclusivamente que o marido perdido da Sr.ª K. foi encontrado. Pode-se confiar nela para provar apenas que, de uma maneira não explicada, a Joana pode falar de factos além do seu próprio conhecimento. E não estou convencido de que a mão de gesso por si só mereça confiança mesmo até

esse ponto. Elimina a explicação subconsciente apenas quando é apoiada por toda a massa da comunicação da Sr.ª K.

Novamente, as mensagens do F. W. não provam conclusivamente que o Tio Miguel sobrevive. Elas simplesmente eliminam a telepatia. A Joana, ao que pareceria, tem a capacidade não apenas de dar voz a factos fora do seu próprio conhecimento, mas fora também do das pessoas *en rapport* com ela.

Mas pode ser dito que, concedido que as mensagens da Sr.ª K. e do F. W. não constituem nenhuma prova real de sobrevivência, elas, não obstante, a evidenciam. Certamente que sim. As mensagens da Sr.ª K. e do F. W. evidenciam a sobrevivência na medida em que a sua eliminação de explicações contrárias é completa. Mas aqui há uma nova dificuldade, a saber:

A prova psíquica de sobrevivência que o toca pessoalmente impressiona-o. A prova que não o toca pessoalmente é, no que lhe diz respeito, menos impressionante. Atribua o F. W. o peso que quiser às mensagens do Tio Miguel; você, para quem estas mensagens são totalmente impessoais, conceder-lhes-á menos importância.

Para a Joana e para mim, as mensagens do F. W. e da Sr.ª K. parecem menos convincentes do que a bem-sucedida reivindicação de identidade do Fred Q. com o Frederick Gaylord de *As Sete Finalidades* e a identificação do Estêvão de si próprio como Estêvão L. De algum modo, estas duas ocorrências foram-nos pessoais de uma forma que nem as mensagens do F. W. nem as da Sr.ª K. foram; parecem propriedade nossa particular. Para nós, na verdade, as mensagens da Sr.ª K. e do F. W. são factos frios, pessoalmente importantes porque dão apoio ao Fred Q. como Frederick Gaylord e ao Estêvão como Estêvão L. E o Frederick Gaylord e o Estêvão L são importantes para a Joana e para mim porque, por sua vez, dão apoio e autenticidade à vinda da filosofia do Estêvão.

De facto, de todas as provas externas ao teor da própria filosofia que têm sido oferecidas à Joana e a mim, a mera vinda da filosofia, a atuação do tabuleiro ouija como tal, parece-nos o mais sobressaltante e o mais convincente.

Se se sentasse numa noite para se entreter com um brinquedo, um tabuleiro ouija, e a coisa, movida aparentemente por uma agência fora de si

próprio, começasse a soletrar num arranjo ordenado uma filosofia de vida e de morte, não lhe pareceria tal atuação, totalmente à parte da sua aceitação ou rejeição final da filosofia, mais probatória do que o guarda-chuva do John Smith ou, na verdade, do que a identificação do Estêvão? A mera atuação do tabuleiro ouija eleva um recife de coral como o da Sr.ª K. mais para perto da superfície das águas — muito mais para perto, pensamos a Joana e eu!

Contudo, mal a Joana e eu nos preparamos para aceitar a atuação do tripé como prova decisiva e final de vida após a morte, mal começamos a correr com liberdade, para citar a Sr.ª K., somos agarrados pelo tornozelo. A estrita interpretação da prova faz-nos tropeçar. Por mais seguros que nos possamos sentir de que não foram as nossas mentes subconscientes que dispararam o tripé de letra a letra, ou a mente de alguém em ligação telepática connosco, não podemos concluir simplesmente a partir dessa convicção que o Estêvão L seja um homem morto vivo. A eliminação das explicações subliminares e telepáticas da atuação do tripé apoia a explicação espiritualista, mas não a prova.

Talvez nenhuma prova conclusiva possa ser encontrada. Talvez tudo o que a prova pode fazer é empilhar-se, adquirindo uma força cumulativa que, embora nunca prove positivamente a sobrevivência, empurra as chamadas explicações naturais das comunicações psíquicas cada vez mais para o segundo plano. Ou talvez o conteúdo da filosofia do Estêvão consiga aquilo em que o mero fenómeno da sua vinda falhou. Se a filosofia é razoável, como o professor disse, à luz do conhecimento já adquirido pelos homens, talvez a prova externa a ela precise de ser apenas corroborativa.

Em todo o caso, a filosofia do Estêvão chegou à Joana e a mim sem garantias, sem uma palavra durante semanas sobre o guarda-chuva do John Smith. Podíamos escutar a mensagem não autenticada ou passar adiante. Escolhemos escutar.

E assim voltemos àquela noite de dezembro de 1916, quando cheguei a casa e encontrei o brinquedo recém-comprado da Joana escondido atrás do baú no armário.

Nessa noite, pela segunda vez nas nossas vidas, a Joana e eu colocámos os dedos sobre o ponteiro de um tabuleiro ouija. Se ela era a médium ou se era eu, se é que, na verdade, a operação de um tabuleiro

ouija exigia um médium, não sabíamos. A comunicação mental direta era ainda algo com que não se sonhava. O uso pelo Estêvão da palavra "coloração" não estava no nosso vocabulário.

Algumas semanas teriam de decorrer antes de o F. W. apanhar o nosso tabuleiro ouija com a boca na botija. A Sr.ª K. era um mero nome e haveria de continuar a sê-lo por mais de dois anos. *As Sete Finalidades* estava por escrever, e as comunicações que contém não seriam recebidas senão dali a um ano ou mais.

A Joana e eu sentamo-nos com as mãos no tripé do tabuleiro ouija. Move-se, tal como o tripé na pensão da Sr.ª Jevon se tinha movido algumas noites antes. Juntos, a Joana e eu juntamos as palavras que ele soletra numa frase, e eu registo essa frase. Depois, novamente colocamos os dedos no tripé, e novamente ele se move. À medida que escolhe o seu caminho através do alfabeto, ficamos sentados a observá-lo. Estamos fascinados, perplexos, com um pouco de medo.

"Não sei bem como correlacionar os meus factos. A verdade da matéria é que cada filosofia e religião teve, e tem, pelo menos um facto fundamental. Muitos factos fazem a verdade, se ao menos se pudessem peneirar as hipóteses emocionais. Destes muitos factos, o homem está em todos os momentos consciente de um, que é o facto central de todos: a consciência é, ou, como se diz, 'eu sou'. Mas o homem permitiu que as suas emoções colorissem este facto central, que o vestissem com matizes que se movem e mudam e que, como um fogo-fátuo, o conduzem para fora do caminho da"

Submeto que, se um tabuleiro ouija se vos apresentasse de tal maneira, ficariam intrigados. "Hipóteses emocionais", por exemplo! O que poderia a frase significar, se é que significava alguma coisa? Seria mero jargão?

— "Hipóteses emocionais" carece de definição — disse eu, suspeitando mais de metade que qualquer tentativa que o tabuleiro ouija pudesse fazer para definir o termo pomposo se provaria incoerente.

Mas prontamente o tripé respondeu:

"Por hipótese emocional entende-se aquela impaciência que leva as mentes egotistas dos homens a saltar para uma conclusão, em vez de se submeterem ao esforço e suspense do raciocínio lógico. A verdade é tão

simples. Não fossem as hipóteses emocionais do homem e ele poderia tê-la lido nos campos há milhares de anos. E devido à atual compreensão científica da terra sobre a lei natural, tornou-se mais simples do que simples, se os homens apenas pensarem claramente a partir das premissas que já estabeleceram."

Quão absurdo eu estar ali sentado a dirigir-me a este menos que sombrio Estêvão! No entanto, argumentei:

— Mas a ciência vedou o mundo natural daquele outro mundo a que a religião chama espiritual.

"O material e o espiritual estão mais próximos do que os estudiosos têm dito", respondeu o Estêvão. "Mas apreende primeiro a verdade de todas as verdades, a consciência. A consciência é. Ora, os termos terrenos de que estou a depender para me fazer claro para ti são, quantidade e qualidade. Quantidade e qualidade são os fundamentos da consciência. Primeiro, porém, há alguma pergunta que queiras fazer?"

Lançar assim um princípio ou dois e depois pedir comentários era, no início, um método favorito da instrução do Estêvão.

— Há muitas perguntas — disse eu. — Mas considero-me um tolo por interrogar um tabuleiro ouija.

— Oh, raios partam o tabuleiro ouija! — exclamou o Estêvão. — Não ligues ao brinquedo. Lembra-te de que a maior força física conhecida, a eletricidade, foi descoberta por meio do papagaio de papel de um rapaz.

— Bem, então, Estêvão — disse eu —, todas as pessoas sobrevivem à morte?

— Tornam-se como eu — respondeu ele. — Ainda possuidor de um grau próprio, sou uma parte da grande consciência. Sou apenas uma parte de um todo, contudo o todo sou eu. Não compreendes; mais tarde isto ser-te-á esclarecido. Mas não uses a palavra 'morte'. O homem leu nesta palavra tanto de sombrio, tanto de infelicidade e desespero. O termo terreno que corresponde ao nosso pensamento aqui sobre aquilo a que chamam morte é graduação. E tal como eu não morri, mas antes me graduei num novo modo de consciência, fica descansado que a graduação, e não a morte, te aguarda.

Graduação? Aqui estava outro termo inédito. Por certo nem a Joana nem eu fomos os inventores de "qualidade", "quantidade", "hipótese emocional" ou "graduação". Na verdade, se por graduação o Estêvão queria dizer um processo de morrer pelo qual a pessoa dá um salto direto para a bem-aventurança eterna ou, no caso de ter pecado grandemente, para a condenação eterna, eu tinha de opor-me.

— Para mim — disse eu —, essa ideia sempre pareceu suspeita.

— Baleia! — retorquiu o tabuleiro ouija, com aquela vivacidade pronta que depressa fazia a personalidade do Estêvão parecer tão normal.

"Graduei-me numa consciência mais elevada", continuou o tripé. "Com isto não quero dizer que alcancei o auge da consciência. O meu grau atual é muito semelhante ao teu e ao da Joana. Mas entre aquela parte de um determinado grau de consciência que está do teu lado e aquela parte do mesmo grau que está do meu lado, há esta diferença: aqui não vemos como através de um espelho, de forma obscura. Reconhecemo-nos aqui como um todo, e a perfeição é o fim."

— Então, Estêvão — perguntei eu —, no futuro tornar-te-ás diferente do que és agora? Vais morrer outra vez?

— Sim — respondeu ele —, embora por 'morrer' queiras dizer 'graduar-te'."

— Mas os homens têm um medo tão ímpio da morte — disse eu.

— Ímpio? Sim e não — respondeu o Estêvão. — Ímpio porque não compreendem a verdade. Santo porque a vida terrena é a oportunidade deles para desenvolverem a quantidade de consciência.

Enquanto escrevia as palavras do Estêvão, disse para a Joana: — Agora tens dois enigmas: qualidade de consciência e também quantidade. E quantidade acho que é o mais intrigante dos dois.

Como poderia a palavra quantidade ser aplicada à consciência? Quando tocámos novamente no tripé, este soletrou: "A compreensão da consciência, e da sua qualidade e quantidade, é essencial para o progresso desta revelação. Assim também deves compreender os graus de consciência."

O segundo morrer do Estêvão tinha prendido o interesse da Joana. — Conta-me! — instou ela. — Dizes que o teu futuro reserva novas experiências, novas graduações. Isso não cria incerteza e dúvida, mesmo para ti?

— Porque haveria de temer? — respondeu o Estêvão. — A minha segunda graduação, a minha terceira, a minha quarta, a minha quinta, cada uma reconhecerei como uma promoção, tal como a minha primeira graduação foi uma promoção. Por um lado, graduar-me-ei muitas, muitas vezes em graus cada vez mais elevados de consciência, alcançando a longo prazo o grau supremo. Por outro lado, uma parte do todo renasce constantemente.

À menção de renascimento, a Joana, a prática, empinou o nariz para uma elevação um matiz acima do normal. — Já calculava que estava na altura de esse hocus-pocus da reencarnação fazer a sua aparição! — resmungou ela.

— Estêvão — intervim eu —, disseste que cada filosofia e religião esboça um facto fundamental. É o renascimento a verdade fundamental da doutrina oriental da transmigração da alma?

— Mas certamente — respondeu o tabuleiro ouija.

— Queres dizer-nos — perguntou a Joana — que exististe antes da tua existência terrena?

— Mas certamente — repetiu o tabuleiro ouija.

— Estêvão — disse eu, juntando-me à impaciência da Joana —, tanto quanto me recordo da ideia da transmigração, ela sustenta que as almas que deixam os corpos dos homens renascem por vezes nos corpos de animais, e vice-versa. Certamente não queres dizer que devamos levar a sério uma noção tão louca?

— Não disse isso — respondeu o Estêvão. — Para e recorda a minha definição de hipótese emocional. O pensamento da transmigração não passa de um palpite sobre a verdade, uma teoria até certo ponto correta, contudo fortemente colorida pelo raciocínio emocional.

— Mas continuas a insistir, não continuas, Estêvão, em que vais nascer outra vez neste mundo de homens? — questionei eu.

— Sim — respondeu ele. — Tenho a certeza de que vou nascer outra vez — não pode ser de outro modo —, contudo não a totalidade de mim como me conhecia antes. Mas não compreendes. Por agora aceita o pensamento de que a consciência renasce constantemente. Depois aceita este facto: o indivíduo, uma vez graduado da existência terrena, nunca mais regressa como um indivíduo. Como um indivíduo ele vai avançando cada vez mais; cada vez mais perto se aproxima e a longo prazo alcança a supremacia. Estes dois pensamentos podem agora parecer contraditórios. A contradição desaparecerá quando compreenderes o que quero dizer por renascimento.

— Bem — disse eu —, posso perguntar isto: estás contente por teres morrido?

"Se tivesse permanecido mais tempo no plano terreno", soletrou o Estêvão em resposta, "teria tido maior oportunidade para desenvolver a quantidade da minha consciência. Contudo, aqui posso desenvolver a qualidade de consciência, com a qual nascer outra vez no teu mundo para lá desenvolver a quantidade."

Na minha primeira tentativa de registar esta fala fiquei confuso e, por isso, pedi ao Estêvão para repetir as suas palavras.

— Tudo para servir — respondeu ele. E novamente a fala, inteira, soletrou-se.

Disse que a mera atuação do tripé se revelou para a Joana e para mim como prova de que a filosofia tinha origem numa mente que não a nossa. De vez em quando, alguma frase longa completava-se apenas para nos encontrar esquecidos da sua primeira metade. Orações inteiras ficavam em falta. Púnhamos o cérebro à bulha para as recordar e, quando falhávamos, o tripé, sem hesitação, repetia a frase. Tais ocorrências juntavam apenas uma migalha ao prodígio maior — a lógica com que o tripé atuante, partindo de algumas definições, desenvolvia o seu pensamento num sistema arredondado, terminando um assunto e passando depois ao seguinte, até que finalmente o trabalho estava feito.

Mas a fala duas vezes soletrada do Estêvão tinha despertado rebeldia na minha Joana prática. — Para onde está a levar toda esta conversa? — exigiu ela saber. — Qual é a ideia disto? E contradiz-se a si mesma! Se os

mortos renascem, porque não trazem de volta à terra o conhecimento que adquirem enquanto estão mortos?

Enquanto ela falava, colocámos de novo os dedos no tripé. Moveu-se rapidamente pelo tabuleiro.

"Eu, ou antes a qualidade da minha consciência", soletrou ele, "trarei de volta um poder maior para assimilar a experiência mortal; isto é, para desenvolver a quantidade."

— A tua resposta é evasiva — acusou a Joana. — Coloca a questão desta maneira: quando estavas aqui, porque não te lembravas das tuas experiências terrenas anteriores? Não te lembravas, suponho eu. Estou certa de que não me lembro de alguma vez ter tido uma existência anterior.

"Tive vislumbres", respondeu o Estêvão, "tal como tu tens vislumbres de uma existência terrena anterior. A primeira vez que fui a Inglaterra houve certos locais que eram assustadoramente familiares. Todas as pessoas que viajam têm esta experiência em maior ou menor grau. Depois, muitas vezes experimentei aquela sensação, comum a toda a gente, de ter feito previamente coisas que eram, como questão de facto, completamente novas. Além disso, algumas coisas eram mais fáceis de eu aprender e compreender do que outras. E aqui está outro termo que teremos ocasião frequente de usar — vislumbre. Os homens têm tido muitos vislumbres."

— É interessante! — exclamou a Joana.

"O conto de fadas do Aladino e da sua lâmpada maravilhosa é um vislumbre", continuou o tripé. "O Aladino tinha apenas de esfregar a lâmpada e o génio aparecia. Tu tens apenas de chamar e eu estou contigo. Os vislumbres não são realmente essenciais para a minha revelação, contudo provar-se-ão sugestivos assim que aprenderes a reconhecê-los. Guarda o pensamento do vislumbre juntamente com aquelas outras ideias: consciência, qualidade de consciência, quantidade de consciência, graus de consciência e renascimento da consciência."

Opus-me, declarando-me sem estofo para tudo aquilo.

— Assim dizes — respondeu o Estêvão. — No entanto, a ti está a ser dada esta revelação — não tão inteiramente por mim como pensas. Há muitos outros, de grau mais elevado, interessados. Na verdade, este é o maior dos acontecimentos para nós aqui... Pobre de ti!

As palavras "pobre de ti" pareceram arrastadas, com o tripé a rastejar de forma provocadora a um passo de caracol.

— Apesar de toda a tua falsa simpatia — disse eu —, a compreensão adequada dos enigmas que estás a propor exigiria horas e dias de pensamento.

— Considera o pensamento necessário à luz de uma recreação — respondeu o Estêvão. — Considera quão ágil tal exercício tornará a tua mente. Mas perdoa-me, meu velho, se te pedir para guardares mais um pensamento: a ideia de supremacia, o grau supremo de consciência.

— Aquilo a que chamamos Deus? — perguntei eu.

— Deus é consciência — respondeu o Estêvão. — A consciência é Deus. A consciência está dentro de ti. Deus está dentro de ti. O germe da supremacia é teu e é meu e está em todas as coisas animadas e inanimadas. A consciência é. É tudo o que alguma vez houve ou haverá, sem início e sem fim.

— Estêvão — propus eu —, indicas que, talvez, a supremacia tenha sido alcançada por certos indivíduos. Quem são alguns destes?

— Cristo — veio a resposta — e a maioria daqueles a quem o mundo chama santos.

— Era Cristo, então, apenas um homem? — perguntei eu.

— O que mais haveria ele de ter sido? — respondeu o Estêvão. — Contudo, ele esteve no teu mundo como resultado do renascimento de um grau de qualidade que se aproximava do supremo. E ele de tal modo cumpriu a sua quantidade que a sua graduação terrena foi a sua última. Passou diretamente para a supremacia.

O tripé parou, começando depois a balançar para trás e para a frente. De um lado ao outro do tabuleiro moveu-se, depois para cima e para baixo, e finalmente soletrou: "Boa noite."

Durante dois ou três minutos ficámos sentados à espera de mais alguma palavra, mas o génio tinha partido. A Joana levou o tabuleiro e o tripé para o armário e disse então: — Não tenho a certeza se sei realmente o que se entende pela mente subconsciente de uma pessoa. Mas arrisco a

opinião de que acabámos de observar uma mente dessas em funcionamento.

— De quem? — perguntei eu.

— Ora, a tua — respondeu ela. Depois acrescentou: — Mas onde foi a tua mente subconsciente buscar tais ideias!

XVI

A NOVA LEI DOS PARALELOS

A MENTE subconsciente não era, escusado será dizer, a autora do discurso filosófico do Estêvão; isto posteriormente ficou claro pela nossa descoberta de que a Joana, não eu, era a médium. Na altura, porém, pareceu mesmo que, se o fenómeno da filosofia do Estêvão havia de ser explicado com base no subconsciente, o meu subliminar, e não o da Joana, estava implicado.

A Joana nunca tinha lido uma linha de metafísica; eu tinha. Por certo eu não tinha lido nem engendrado de forma independente os pensamentos a que o tabuleiro ouija dava expressão. Não obstante, detetei nas palavras do Estêvão um ponto de vista evolucionista que, de certa forma, parecia cristalizar certas ideias vagas que eu próprio acalentava.

A Joana e eu tínhamos sido do tipo que vai à igreja ao domingo de manhã. A frequência dela era sincera; a igreja respondia de forma suficientemente satisfatória a perguntas relativas à vida que ela se importava em fazer. Eu frequentava porque a Joana o fazia e porque, na verdade, a igreja respondia a muitas das minhas próprias perguntas. Mas ocasionalmente os sermões ofendiam-me grandemente, especialmente quando traziam referências ao homem como uma "criatura caída".

Parecia-me inconcebível que a religião pudesse ficar tão atrás das verdades de laboratório. Quando esqueceria a igreja a sua antiga tradição? Não podia ela perceber que o homem é uma criatura erguida, que ao longo das eras tem lutado sempre para cima, que, em vez de ter tido origem num estado de perfeição do qual caiu pela perversidade do seu coração, foi formado num estado de semidesenvolvimento a partir do qual está a evoluir para a perfeição?

O homem, bem sabia eu, tem escalado bem, considerando que quando começou a ascensão não era homem de todo, mas uma forma de vida

incomensuravelmente baixa. Ele continuaria, acreditava eu, a escalar. Mas esta minha crença não era inteiramente animadora. Afinal de contas, a evolução prometia um futuro glorioso apenas à humanidade. A morte, pelo que eu conseguia ver, cortava o progresso do homem individual de forma suficientemente sumária.

Na verdade, não havia propriamente uma grande semelhança entre o meu pensamento e o do Estêvão. Ele, tal como a igreja, era vencedor sobre a morte; eu tinha deixado de ter esperança na imortalidade individual. Como podia o meu subconsciente divergir de forma tão radical das minhas conclusões conscientes?

Mente subconsciente ou não, com o Estêvão a relacionar Deus com o que ele denominava o grau supremo de consciência, com o seu postulado do germe da consciência suprema em todas as coisas animadas, e inanimadas, parecia a coisa mais natural do mundo que eu perguntasse, quando falámos com ele a seguir: — Estêvão, será a teoria da evolução um vislumbre?

"Há dois grandes vislumbres", respondeu o tabuleiro ouija. "A evolução é um destes. No seu desenvolvimento social, o homem tinha cortejado a diferenciação. Da simplicidade da vida tribal ele evoluiu para as complexidades da civilização. A raça seguiu inconscientemente a lei que o vosso cientista moderno comprovou conscientemente: do simples, o complexo; do grau inferior, o superior."

— Verdade — disse eu —, mas que ajuda é essa para a Joana individual e para o eu individual? Através da evolução a raça pode tornar-se perfeita. Mas a Joana e eu, nós morremos.

— Espera! — respondeu o tripé. — A vossa ciência conhece apenas metade da evolução. Espero ser capaz de te explicar, daqui a pouco, a outra metade.

"Bem-sucedida na explicação do desenvolvimento biológico, a teoria da evolução ganha uma aplicação cada vez mais ampla na interpretação das atividades especiais da vida — a política, a indústria, as artes, a religião. E nas chamadas ciências materiais, na física e na química, está a ser cada vez mais reconhecida como igualmente operante. Na matéria inorgânica a evolução encontra uma expressão; nos processos reprodutivos da vida, outra; nas fases intelectuais e morais do esforço humano, ainda outra. É

sempre a mesma lei; as suas manifestações variantes são paralelas umas às outras. Ora, aqui onde estou existem leis, tão naturais como as vossas — embora possas preferir chamá-las sobrenaturais — as quais são paralelas às leis, a evolução incluída, do plano terreno."

— Queres dizer — perguntei eu — que a lei espiritual é simplesmente uma expressão mais complexa da lei material, e que a lei do teu plano não passa de um paralelo da lei natural ou do plano terreno?

"O paralelismo, assim definido", respondeu o Estêvão, "é o segundo dos dois grandes vislumbres, o maior na realidade de todos os vislumbres. Se os cientistas terrenos libertarem as suas mentes de hipóteses emocionais e interpretarem as leis psicológicas com base nas chamadas leis materiais, elevarão a garantia da existência do meu plano para fora do campo da crença mística para o do facto razoável."

Atirei o tabuleiro ouija para o lado. — Matéria para reflexão, Joana! — disse eu. — Importas-te se for dar uma volta para tentar digerir as palavras desta coisa do Estêvão?

Vesti o sobretudo e saí para a neve. "'Ora, aqui onde estou'", citei enquanto caminhava com passo firme, ""existem leis, tão naturais como as vossas, as quais são paralelas às leis, a evolução incluída, do plano terreno.'"

Mas a noite estava radiosa e o ar revigorante. As ruas estavam animadas com o trânsito de quem ia divertir-se. E cedo, sob a influência comum de tudo aquilo, pensei em como era bafiento ficar fechado em casa a filosofar com um tabuleiro ouija. Corri para casa e propus um teatro à Joana.

Mas quando regressámos ficámos acordados até às três da manhã, a discutir a filosofia do Estêvão, se ela se aguentaria até uma meta definida e quem, se não a minha mente subconsciente, seria o seu autor. O Estêvão por certo não era o Estêvão!

XVII

"NÃO EXISTE MORTE"

"UM comboio de abastecimento foi bombardeado hoje pelos Aliados, e muitos rapazes graduaram-se. Batalha, assassinato e morte súbita! O choque da morte súbita em todas as suas formas é tão grande. É por isso que os povos de civilizações mais antigas, vislumbrando a verdade, rezavam para ser poupados a ela. Esta guerra é um desperdício tão tolo de consciência."

Assim soletrou o Estêvão na noite seguinte às suas observações sobre a evolução e a lei dos paralelos.

No decurso da visita da Sr.ª K., percorri o meu registo das primeiras comunicações e, por acaso, a fala precedente estava entre as grafias do tabuleiro ouija que lhe li.

— Verificaste a afirmação sobre o bombardeamento do comboio de abastecimento? — perguntou ela, interessada na possibilidade probatória. Ficou desapontada quando respondi: — Não.

Não ocorreu nem à Joana nem a mim, em dezembro de 1916, atribuir importância ao "comboio de abastecimento" — não como prova. O Estêvão do tabuleiro ouija ainda não tinha provado que o Estêvão L era mais do que um mero nome; e a Joana e eu tínhamos as noções mais vagas de investigação psíquica. Se não estávamos suficientemente interessados em testes probatórios para procurar a verificação da história da morte do Estêvão, por certo não pensaríamos em verificar o "comboio de abastecimento". Era o valor facial das palavras do Estêvão que prendia o nosso interesse — o pensamento de que a velha frase estereotipada do livro de orações pudesse ter um significado oculto.

— Todas as pessoas ficam assustadas quando morrem? — perguntou a Joana.

Mas durante um bom pedaço não veio resposta. Finalmente o tripé soletrou: "Aqui é o Estêvão. Fui chamado para fora. Já te falei da minha escolha de trabalho aqui — o encontro de rapazes assustados vindos dos campos de batalha. Hoje tenho estado muito ocupado. Lembras-te da lenda das Valquírias, como visitavam os campos de batalha, reanimavam os heróis mortos e os levavam para Valhala? Nós deste lado não transportamos corporalmente os recém-chegados das trincheiras modernas da Europa. Contudo, algum antigo menestrel nórdico teve um vislumbre da verdade quando cantou a história das Valquírias."

A Joana repetiu então a sua pergunta, se todas as pessoas ficam assustadas quando morrem.

"Aquelas apenas", respondeu o Estêvão, "que conhecem a morte súbita. Caso contrário, a consciência mais ampla revela-se antes de a graduação realmente ocorrer, naquilo a que chamam inconsciência e visões no leito de morte. A morte súbita é assustadora apenas porque a pessoa não sabe para onde foi. O sono precede a morte natural sempre, por vezes apenas pelo espaço de um batimento cardíaco. Esse segundo é longo o suficiente para que a verdade da graduação seja revelada."

— Mas — perguntou a Joana —, alcança-se a compreensão total imediatamente?

— Não disse isso — respondeu o Estêvão. — A alma recém-nascida aqui é delicada, tal como a vida terrena recém-nascida é delicada. Quão rapidamente o recém-chegado adquire o conhecimento total da vida aqui depende do seu grau. Com alguns temos aquilo a que poderias chamar problemas. A compreensão desses tais não é rápida, como não era rápida na sua vida terrena, e eles atormentam-se insistindo em voltar aos seus locais familiares. Ficam, como é natural, angustiados porque aqueles que deixaram na carne falham em vê-los.

"Quanto aos rapazes das trincheiras, muitas vezes temos problemas com eles. Vêm com todo o choque e horror da morte súbita. O seu primeiro impulso é continuar a lutar; mais batalhas foram ganhas pela força de energias invisíveis do que por tropas de carne e osso — verdadeiramente os anjos têm liderado rumo à vitória. Outras vezes um rapaz soldado, encontrando-se livre, faz-se diretamente a caminho de casa."

— Como viaja ele? — interrompi eu.

"Não te posso explicar em termos exatos", soletrou o tripé. "Mas alguma vez embarcaste num comboio que te ia levar a um amigo querido que não vias há muito tempo? Seguramente que os teus pensamentos correram mais que esse comboio. Se o teu amigo tivesse sido capaz, através de alguma faculdade estranha, de pressentir esses teus pensamentos, e tu tivesses sido capaz de pressentir os dele, terias chegado ao teu destino muito antes do comboio. Bem, algo desse género é o caso no meu plano. À medida que os nossos pensamentos se movem, assim, se o escolhermos,

movermo-nos nós próprios, indo para onde queremos. Tu chamas e eu venho."

A fala do "comboio de abastecimento" do Estêvão tinha dito: "Esta guerra é um desperdício tão tolo de consciência." Queria perguntar como podia ser assim se os mortos sobrevivem. Mas o tripé parecia determinado em terminar a sua discussão sobre a morte súbita. Continuou:

"O rapaz soldado, tendo chegado a casa, fica grandemente magoado por a sua presença passar despercebida daqueles que ama. Como vês, ele ainda não se apercebeu de que se graduou. Se conseguirmos obter o controlo precoce daqueles que vêm ter connosco do campo de batalha, e se os pudermos levar para um local tranquilo, longe da agitação, seremos capazes de lhes ensinar rapidamente a verdade e a alegria da sua imortalidade."

— Afinal de contas, então, mesmo a morte súbita não é uma tragédia de longa duração? — disse a Joana.

— Não — disse o Estêvão —, nada do que é negativo é de realmente longa duração. Contudo, verdadeiramente é bom para o mundo compreender a fundo a morte súbita como um horror trágico.

— Digamos que a cabeça de um rapaz soldado é decepada por um tiro — uma ideia desagradável, embora seja uma ocorrência que se repete muitas vezes ao dia nos campos de batalha da Europa. Num ápice, o rapaz está livre do seu corpo e, tendo sido tão súbita a sua partida, ninguém está lá para o receber. Ele verá aquilo que reconhece como sendo ele próprio, ali deitado e dilacerado; contudo, sentir-se-á vivo. Talvez reconheça o corpo morto de um camarada, também ele acabado de se graduar. Veem-se um ao outro em duplicado, por assim dizer. Começam a comunicar, ambos totalmente perplexos. Esse é o horror — nenhum sabe o que aconteceu ou onde está.

Foi verdadeiramente um grande vislumbre aquele que encontrou o seu caminho para o livro de orações: 'De batalha e de assassinato, e de morte súbita, livrai-nos, Senhor'. O aspeto peculiar é que, no dia distante da origem desta prece, a batalha era a maior glória do homem e a morte em combate a coroa apropriada de um soldado; no entanto, os videntes vislumbraram a verdade a tal ponto que deram ao homem uma prece contraditória com a sua prática."

O relato macabro do Estêvão fizera a Joana estremecer.

— Para quê tanto realismo, Estêvão? — perguntei eu.

— Meus amigos — soletrou ele —, o mundo deve sabê-lo por duas razões. Primeiro, a terra deve adotar todas as salvaguardas para a prevenção da morte súbita. Com o seu horror plenamente compreendido, os homens minimizarão a sua ocorrência, não apenas como resultado da guerra, mas também como consequência da ganância industrial ou de mera negligência. Segundo, se os homens forem avisados e levados a compreender, a morte que surja subitamente será roubada de muito do seu choque; há momentos em que os homens de verdade não quereriam morrer de outra forma senão subitamente se — como no grande conflito que agora se trava contra o medievalismo — por esse meio se avançarem os aspetos positivos, se banirem os negativos e se trouxer o subconsciente da terra para mais perto do reconhecimento da sua unidade essencial.

O mundo deve reconhecer a morte súbita como uma grande tragédia, contudo não façam as pessoas pensar que o seu horror perdura; a glória da minha liberdade desponta rapidamente."

Havia oportunidade agora para eu fazer a minha pergunta:

— Como pode a guerra resultar num desperdício de consciência se aqueles que são mortos sobrevivem, como nos asseguras?

— Quantidade não desenvolvida — respondeu o Estêvão. — Compreenderás isto mais tarde.

Outra longa pausa — e depois:

— Tenho uma nova experiência para vocês.

Talvez a grafia que veio a seguir nos tenha impressionado tanto devido ao contraste que oferecia com o realismo do que tinha vindo antes.

— Está aqui um poeta — dizia o Estêvão. — Ele deseja tentar um soneto, na forma italiana. O soneto é escrito por um poeta para outro.

Era a primeira vez que alguém que não o Estêvão vinha ao nosso tabuleiro ouija; o professor não haveria de aparecer senão três ou quatro semanas mais tarde. A presença do estranho evidenciou-se por uma nova técnica, se posso usar a palavra. Os movimentos do tripé eram pausados, ao

passo que as grafias do Estêvão, após a nossa primeira experiência na casa da Jevon, se tinham tornado céleres. Eis o que o tripé soletrou:

Salve, alma cantora que amou tão grandemente bem!

Agora chegaste, coroada de rosas e radiante,

Para guardar esse mais triunfante sacramento

De luz, mais luz; enquanto vozes em coro se elevam

Em cânticos de boas-vindas, como o alegre sino da catedral

Aclama um nascimento principesco de vasto presságio.

Marcha, bravo soldado poeta! O teu alcance

De vitória há de os vislumbres da terra superar.

Não há morte! A vida não passa de profecia,

E arde sem cessar através do desejo do teu próprio amor

Pelo amor supremo. E como a tua juventude, emoldurada

Em rima, é tesouro da memória do tempo,

Assim também tu, cujas belezas inspiraram

Tal fama, continuarás a cantar neste mundo mais sublime.

Quando as linhas ficaram completas — apesar do ar pausado do tripé, vieram num tempo incrivelmente curto, mais depressa, calculo eu, do que os poetas terrenos estão habituados a deitar cá para fora até rimas de cordel —, o Estêvão anunciou a sua presença e perguntou se a Joana sabia dizer a quem o poema era dedicado.

— Ao Rupert Brooke, claro — respondeu ela.

— Certo — disse o Estêvão. — Foi uma grande honra que vos foi prestada, pois deves saber que o autor do soneto se graduou muito perto do supremo. Ele está muito além do meu grau e do vosso, dois materialistas não destituídos de simpatia."

Quando a Sr.ª K. leu este soneto — que lhe foi mostrado por ocasião da sua visita —, a sua primeira pergunta foi:

— Algum de vós alguma vez escreveu poesia?

Sem dúvida que se o tivéssemos feito a atuação não teria qualquer valor de prova. Ficou assim declarado, pois a Joana tem escrito versos. Quem não escreveu? Mas os versos da Joana nasceram com muito trabalho. O soneto do tabuleiro ouija, qualquer que seja o seu valor como poesia, brotou numa existência espontânea; isto na altura impressionou profundamente a Joana e a mim. E, embora não queiramos insistir no valor probatório da atuação, acreditamos, em vista da experiência posterior ao piano, que, concedido que os mortos sobrevivem e podem ou querem comunicar com os vivos, a comunicação de versos seria bem-sucedida apenas se a própria estação recetora tivesse o sentido poético.

Em todo o caso, a facilidade com que o soneto foi escrito continua a ser do mais assombroso. Note-se como ele vai beber a dois dos poemas de Brooke, "*O Grande Amante*" e "*A Colina*". Em "*A Colina*", Brooke fala de descer "com passo não relutante coroado de rosas para a escuridão", e encontra conforto no pensamento de que apesar da morte "a vida arde sem cessar através de outros amantes, outros lábios"; note-se como o soneto do tabuleiro ouija dá a esta última frase um novo significado. A pronta adaptação das frases de Brooke pelo tripé é interessante em si mesma, por muito familiares que estas frases fossem para a Joana. Que as adaptações tivessem sido tecidas num poema original, sem esforço aparente da parte da Joana, pareceu e continua a parecer uma coisa assombrosa.

"O Brooke", soletrou o Estêvão, "teve uma receção real quando chegou aqui."

— Ele estava conformado com o morrer? — perguntou a Joana. — A sua vida prometia muito.

— Um poeta supremamente grande — respondeu o Estêvão — falou outrora da nossa terra como o país do qual nenhum viajante regressa. Aqueles que viajaram para cá não quereriam regressar. Nunca olhamos para trás. A árvore sobe em direção à luz, e o girassol vira o seu rosto para a glória da manhã. E assim nós aqui elevamos as nossas almas em direção ao supremo."

— Mas, Estêvão — disse eu —, tu percebes que o pensamento de falar com a alma de um homem morto deixa um gajo fora de si? Compreendes a minha gíria?

— Perfeitamente — respondeu em força. — Sabes que também era a minha gíria, não há tanto tempo assim. E em resposta à tua pergunta deixa-me dizer que percebo quão bizarra é a experiência para ti. Tivesse eu tido uma experiência semelhante quando estava no plano terreno e tê-la-ia considerado coisa de alucinados e chalados.

Há um versículo nos Salmos que corre mais ou menos assim: 'Ele dará ordens aos seus anjos a teu respeito para que não tropeces com o teu pé em nenhuma pedra.' Esta promessa é frequentemente citada para o conforto dos homens. Mas no instante em que se torna uma realidade conhecida, seguem-se as histerias. Quanto a vocês os dois, quaisquer que possam ser as vossas convicções ou dúvidas, entretêm ambas sem histeria. É um sinal esperançoso de que outros no mundo instável possam ser ensinados sobre a grande dignidade do viver."

— O que queres dizer com a palavra "instável"? — perguntou a Joana.

— Aqueles que na dor não têm luz — soletrou o Estêvão. — Não podem aperceber-se da tragédia moderna que é o resultado dos anos passados de ceticismo."

— Mas tu não eras cético quando estavas aqui? — indaguei eu.

— Sim — respondeu ele —, e é a minha perceção da simplicidade e beleza da verdade que me faz querer ensiná-la a vocês.

Neste ponto, uma perna do tripé do tabuleiro ouija desapertou-se e foi aos saltos pelo chão. Segui-a e pus-me a fazer reparações apressadas. No entanto, tão interessados estávamos a Joana e eu nas palavras que o Estêvão vinha soletrando que, embora o conserto prosseguisse, mal lhe dedicámos um pensamento. Portanto, fomos lentos na compreensão quando o nosso fluente soletrador, autorizado finalmente a retomar o seu discurso, anunciou:

"A Joana e o Darby estavam a usá-lo para descanso e a reter a procissão."

— A usar o quê para descanso? — perguntei eu.

— Aquela coisa parva parecida com um ferro de engomar. Topam-me? — respondeu o Estêvão, revelando novamente uma familiaridade com a gíria perfeitamente igual à minha.

— Bem, como vês, Estêvão — disse eu —, a Joana e eu discutimos-te ontem à noite até às três da manhã.

— Bem — soletrou o Estêvão —, eu não vos pedi para fazerem um circo de vocês próprios, pois não?

Imagine-se tal observação vinda do grande além!

— Estêvão — disse eu —, além de nos instruíres à Joana e a mim, tu divertes-nos.

E o Estêvão deu-me uma resposta que penso que perfura fundo. Disse ele:

"Eu rio-me ainda."

Ora, eu sempre supusera que, qualquer que fosse a imortalidade que a morte pudesse guardar para o pensamento e para o esforço sério, o riso, pelo menos, morria aqui. Os adereços terrenos da morte, o preto para os olhos do enlutado e os cantos fúnebres para os seus ouvidos, emprestaram a sua sobriedade a qualquer vitória que tenhamos pressentido além da sepultura. E, no entanto, quão vitorioso é o riso!

Estamos habituados a deificar e a chamar atributos principais de Deus àquelas características que distinguem o homem das formas inferiores de vida — o pensamento consecutivo, a responsabilidade moral. E não é o sentido de humor uma das graças concedidas ao homem e negadas a todos os seres menores? Não poderá ele, também, ser divino? De alguma forma sinto-me feliz por saber que o Estêvão, se for o Estêvão, ainda se ri.

XVIII

A CONSCIÊNCIA, A REALIDADE

NÃO falámos com o Estêvão de novo por mais de uma semana; a Joana e eu passámos as festas fora de casa. Estive ansioso, durante todo esse tempo, por regressar, para que pudéssemos continuar as nossas conversas ao tabuleiro ouija. Mas a Joana, notei eu, parecia estar a perder o interesse. Perguntei-lhe porquê.

— Bem — disse ela —, a filosofia é bastante notável, claro. Mas para onde leva? Tanta teorização sem um fim prático à vista! Digo-te uma coisa, Darby: se quando morremos não morremos — bem, isso é apenas um facto. Se é facto, pode ser deixado a cuidar de si próprio.

— Mas — disse o Adão em mim —, foste tu que estiveste curiosa sobre a 'qualidade da consciência.'

— Mas já não estou — respondeu ela —, a menos que isso me leve a algum lado. No que diz respeito à vida após a morte, se houver tal coisa, saberemos tudo sobre ela cedo o suficiente — basta esperarmos.

Não obstante, quando chegámos a casa a Joana trouxe o tabuleiro ouija do seu esconderijo atrás do baú.

— Olá, pessoal! — foi a saudação do Estêvão. — Vamos continuar com a discussão?

"A discussão" significava evidentemente "a revelação". Dissemos ao Estêvão para avançar.

— Bem, então — soletrou o tripé —, eu disse que a consciência é. É a única e exclusiva realidade. Ora, a consciência tem muitos atributos, dois dos quais são tão básicos que todos os outros lhes são servos. A razão, a vontade, a matéria — estes e uma imensidão de outros atributos são servos dos dois fundamentais de que já falei: qualidade e quantidade."

— Define a qualidade e a quantidade de consciência — disse eu.

O Estêvão respondeu:

"Qualidade é alma, como quando dizes que uma pessoa tem uma alma bela ou sensível. Alma é a melhor palavra para o nosso propósito atual, embora carácter exprimisse em certa medida o pensamento. Já te disse que a consciência graduada é, em parte, renascida no teu mundo. Digo-te agora que a parte assim renascida é a qualidade, a alma."

— A tua definição — disse eu — não é tão opaca como uma parede de tijolo, nem é tão clara como a vidraça de uma janela.

— Mais tarde o pensamento ganhará forma — assegurou-me o Estêvão. — E agora para a quantidade. Quantidade é aquele desenvolvimento que resulta do uso que um indivíduo faz da sua qualidade de consciência."

— Queres dizer o crescimento do carácter? — perguntou a Joana.

— Exatamente — respondeu o Estêvão. — A minha renovada referência à qualidade e quantidade de consciência não tem o propósito de

tornar os termos totalmente compreensíveis para vocês nesta altura; desejo simplesmente mantê-los diante de vocês. Supõe agora, Darby, que me dizes o que compreendes por consciência.

Disse eu:

— A consciência é a perceção de si próprio.

— Bem, sim — consentiu a meias o Estêvão; e acrescentou: — É em graus.

Recordando uma frase do velho filósofo francês, observei:

— Como disse Descartes: 'Penso; logo existo.' Já agora, Estêvão, conheces a filosofia de Descartes?

— Não muito bem — respondeu ele. — ... Descartes sustentaria agora que a consciência é mais do que o pensamento. Da mesma forma um inseto, se pudesses entrevistar a criatura, dir-te-ia que a consciência é menos do que o pensamento. Escuta! A consciência é. É o todo. É a única e exclusiva realidade, embora os seus graus e os atributos dos mesmos sejam muitos. Sem sugestão minha, a evolução deveria indicar-vos que os graus não são fixos. Do inferior, lembra-te, o superior; do simples, o complexo."

De repente, como que por um clarão de luz, a minha compreensão foi iluminada. No momento mesmo em que o Estêvão falava, era respondido para mim o enigma milenar da terra — o que é a realidade?

Neste ponto, desejo esboçar o equipamento metafísico que levei para o tabuleiro ouija. Este desvio não é ditado pela possibilidade da minha autoria subliminar da filosofia do Estêvão. A teoria subconsciente da comunicação psíquica exigiria absolutamente o exame do interesse metafísico da Joana, tivesse ela possuído tendência ou conhecimento filosófico; mas nenhuma exigência dessas é feita no meu próprio caso. A razão para intrometer o meu pensamento pré-Estêvão reside simplesmente na hipótese de ele poder oferecer a outros, como me ofereceu a mim, uma aproximação ao ponto de vista do Estêvão.

Há alguns anos, numa certa universidade do Oeste, tirei um breve curso de filosofia, com o qual aprendi apenas a formular um enigma: qual é a realidade básica?

Dei comigo cedo inclinado a rejeitar a resposta do senso comum, ou dualista, que diz: "O mundo material é real; o espiritual também o é. A realidade é dupla." Para mim parecia que a realidade não podia ser outra senão uma. Portanto, sentia-me atraído pelo monismo, de qualquer espécie.

Sob a influência de monistas idealistas — um Bispo Berkeley, por exemplo —, dizia eu: "A matéria é uma mera combinação de propriedades. Coloque-se uma pitada de açúcar na mão de um homem. Através do veículo dos seus sentidos ele identificá-lo-á. Mas fique o homem cego; já não pode identificar o açúcar pela sua cor. Perca ele também o sentido do paladar, a seguir o do olfato, agora o do tato e finalmente o da audição. É aparente que para o homem assim desprovido o açúcar deixou de existir. Se, então, em todo o universo não houvesse mente para perceber, não poderia haver nada para ser percebido. A matéria não tem realidade fora da mente."

Depois, sob a influência de monistas materialistas — Haeckel e outros expoentes da ciência —, dizia eu: "O pensamento é uma função do cérebro material. A mente, o espírito, não passa de uma propriedade da matéria. A matéria é a única realidade."

A seguir liguei-me à aparente sanidade de Kant. Sob a sua influência dizia eu: "Berkeley tem razão quando afirma que tudo o que a mente sabe dos objetos externos são as suas próprias perceções sensoriais deles e as ideias resultantes. Mas disto não se segue que o mundo externo em si e por si mesmo seja outra coisa que não real. A mente é real; assim também o é a coisa-em-si da matéria. Mas o que essa coisa-em-si é, a mente, conhecendo apenas perceções, não pode determinar."

A sanidade de Kant era atraente, mas no fim o ceticismo sem esperança da sua posição repeliu-me. E por isso busquei um *tertium quid*, um terceiro elemento, um fundamento do qual a mente e a matéria fossem meras expressões. Sob a influência de Schopenhauer dizia eu: "A vontade é o único real, aparecendo numa atividade como mente e noutra como força material."

E assim estava habituado a encontrar a minha realidade única hoje na mente e amanhã na matéria, embora sentindo o tempo todo que, de alguma forma, a rejeição total do dualismo estava tão perto do erro como a sua aceitação. E no dia seguinte encontrava a realidade no "desejo-de-viver",

apenas para a rejeitar no dia subsequente; não me conseguia levar a acreditar com o arquipessimista que a vida não passa de uma luta cega e sem objetivo, cujo ideal próprio é um autómato.

E então, finalmente, o enigma que eu não conseguia resolver deixou de me interessar. Fechei o capítulo, cinco anos antes da vinda do Estêvão, dizendo: "Sem dúvida que há apenas uma realidade. A ciência sugeriria que é uma força colossal e absorvente da qual a matéria e as suas energias constituem uma fase, e a vida outra. Não é nenhuma destas fundamentalmente. O que ela é, numa análise final, está além de determinação. Um ceticismo mais amplo ainda do que o de Kant justifica-se, com apenas uma esperança compensatória — a evolução, a qual, contudo, ao indivíduo nada promete. Quanto à imortalidade pessoal, essa está além dos limites do possível. A individualidade não passa de uma demora no caminho para a união com o Um desconhecido e incognoscível."

A Sr.ª K., penso eu, veio ter com a Joana e comigo assolada por uma crença um tanto semelhante, quer tenha ou não chegado a ela pelo rumo que eu trilhara. A sua dor, contudo, fazia-a procurar uma saída. Eu, na altura da vinda do Estêvão, estava a cinco anos de distância de qualquer desejo de contornar as minhas conclusões. Durante cinco anos não tinha lido uma única obra que tocasse diretamente na metafísica; na verdade, o enigma outrora atraente tinha-se tornado pouco atraente, ocorrendo raramente ao meu pensamento, a não ser quando um sermão ocasional sobre o "homem caído" me podia incitar a protestar contra o facto de a igreja ignorar a evolução, o meu único raio de luz.

E no entanto, durante todo esse tempo, eu sabia que era real. E de certa forma tinha analisado a minha própria realidade. Em mim próprio reconhecia dois eus: o eu que pensa, que quer, que faz, e aquele outro eu — o que se senta por trás e olha de fora. Tal como eu podia ver a Joana virar as folhas de um livro, assim me via a mim próprio a vê-la. Falava sempre do meu pensamento, da minha vontade, do meu ato. O pensador, o desejador, o fazedor em mim estava tanto sob a minha própria observação como sob a da Joana.

"A consciência é", soletrou o Estêvão nessa noite que se seguiu às festas. "É a única e exclusiva realidade, embora os seus graus e os atributos dos mesmos sejam muitos."

Atributos? Pois claro! O eu, por assim dizer, que pensa, que quer, que faz, não passa de um agregado de atributos que pertencem àquele outro eu, àquele que se senta por trás e olha de fora, em suma, o eu de mim, a consciência. Como é simples! Onde mais deveríamos procurar a realidade senão na única coisa que é verdadeiramente real para nós? Os nossos sentidos podem enganar-nos; podemos duvidar deles. A nossa razão é inteiramente falível, alcançando conclusões que mais tarde se mostram falsas. A nossa vontade pode levar-nos no bom caminho ou desviar-nos. De tudo isto podemos duvidar, duvidamos. O homem duvida de todas as coisas, exceto do facto do seu próprio ser, da sua própria consciência.

Mas, mesmo assim, eu não teria compreendido totalmente o Estêvão se não fosse a sua palavra "grau".

— Segue-se que, pelo facto de a única realidade do homem ser a sua própria consciência, essa consciência é o todo? — perguntei ao tabuleiro ouija.

— Mas — respondeu o Estêvão —, a consciência é em graus. As consciências individuais que associas àquilo a que chamas vida constituem apenas os graus mais elevados do plano terreno, cujo estudo, desde o grau mais baixo até ao homem, produziu a teoria da evolução natural. Não terá de ser que a vida evoluiu a partir de graus inferiores ao seu próprio? O aguilhão deste pensamento desaparecerá assim que os homens souberem que o meu desenvolvimento aqui é um paralelo da evolução natural, que sou uma combinação de vida perfeitamente como eles a conhecem, governada por leis que são paralelas ao mundo natural — sinto-me tentado a dizer, pelas mesmas leis numa forma mais elevada e potencialmente refinada.

Escuta! O grau supremo de consciência não é diferente em género da consciência que está dentro de mim, e aquela que está dentro de mim não é diferente em género da consciência que está dentro de ti. Não há diferença em género entre a consciência dentro de ti e aquela dentro do morcego, entre la consciência dentro do morcego e aquela dentro da erva daninha. E a consciência da erva daninha não é diferente em género daquela que se manifesta como uma corrente elétrica, e a consciência manifestada pela corrente elétrica não é diferente em género daquela que se manifesta como aquilo a que chamas matéria inanimada, inorganicamente constituída. A

consciência é. É a única e exclusiva realidade, do mesmo género sempre, embora os seus graus sejam muitos."

A Joana moveu-se desassossegada.

— Mas supondo que tudo o que dizes é verdade — protestou ela —, como me vai isso ajudar a viver?

— Sê paciente, Joana — soletrou o tripé e, ignorando a pergunta da Joana, continuou: — Os vossos homens dos livros e dos laboratórios, assim que se tornam monistas, procuram todos encontrar um fundamento no seu atributo favorito da realidade. O idealista tornou a mente suprema, negando a existência da matéria; e o materialista tornou a matéria suprema, negando a existência da mente; ao passo que a verdade é que tanto a mente como a matéria são reais, embora não de forma dualista. Ambas são atributos de um elemento que é maior do que qualquer uma delas. Outros pensadores, percebendo que algures no recôndito das coisas vivas há uma realidade mais fundamental do que a mente, uma realidade que liga a matéria e o espírito numa cadeia evolutiva, sondam profundo; contudo, como os idealistas e os materialistas, também eles se têm contentado com um mero atributo — um atributo primitivo, como a vontade, mas ainda assim apenas um atributo.

Escuta! A consciência é tudo o que alguma vez houve, há ou haverá para sempre, pois a consciência é o tempo."

XIX

RECEIO

O Estêvão do tabuleiro ouija, tendo discutido a consciência tão eloquentemente, tomou um passo desajeitado quando a Joana e eu o conjurámos a seguir. Laboriosamente, o tripé moveu-se de letra em letra, tornou-se incoerente e depois parou de vez.

Ficámos sentados muito tempo, mas o Estêvão não vinha. — E — suspirou a Joana —, eu a pensar que tudo ia correr tão sobre rodas esta noite.

— Porque haveria de correr mais sobre rodas do que antes? — disse eu.

— Bem — respondeu ela —, estive a remexer as coisas hoje e encontrei uma lata daquela cera para madeiras que os pintores usaram quando restauraram a sala de jantar. Pensei que, se o tabuleiro ouija estivesse polido, funcionaria melhor. Por isso encerei-o.

— Grande ideia! — disse eu. — A cera pastou as pontas de feltro das pernas do tripé.

Com terebentina removi a pintura do lírio e colocámos novamente as mãos sobre o tripé. Olhem só! O nosso amigo perdido foi encontrado.

— Pelo menos — soletrou o Estêvão —, as minhas pernas já não estão tortas.

— O que quererá ele dizer com isso? — exclamei.

— Lembras-te de que uma das pernas do ponteiro se soltou na outra noite — riu-se a Joana. — Enquanto estava na faina da cera, colei as pernas do Estêvão, isto é, as do tripé.

— Obrigado, Joana — soletrou o tripé.

"E agora", continuou o Estêvão, "vamos continuar com a discussão. O nosso assunto esta noite é a qualidade de consciência. A qualidade de consciência, como já vos disse, é a alma. Mas não entendam pela palavra 'alma' todo o conteúdo da palavra 'consciência'. A consciência não é meramente qualitativa; é quantitativa também."

— Então — disse eu —, é possível uma análise qualitativa e quantitativa da consciência, como a que a química fez da matéria?

"O que chamam matéria não passa do atributo de forma da consciência", respondeu o Estêvão. "Se os químicos encontraram certos graus manifestados materialmente sujeitos a análise qualitativa e quantitativa, não será tempo de os psicólogos estarem a analisar de forma semelhante o grau manifestado espiritualmente — a consciência humana?"

Era, de facto, mais do que tempo, supus eu. Mas de algum modo a minha mente tinha-se afastado da qualidade e da quantidade e voltado à própria consciência. A consciência como a única realidade, que coincidentemente com a explicação do Estêvão parecera tão clara, agora tinha ficado toldada.

— Estêvão — disse eu —, tu sustentas que a consciência é o todo. Na verdade, um objeto inanimado não aparenta possuir consciência em qualquer grau que seja.

— Mas também não a possuem muitas formas da própria vida — retorquiu o Estêvão. — Na verdade, vocês não sabem assim tanto sobre a consciência dos vossos semelhantes. Acreditem-me, alguns deles têm uma quantidade minguada dela.

O radicalismo tanto da linguagem do Estêvão como da sua perceção do carácter humano trouxe ao rosto da Joana e ao meu um sorriso.

— Estêvão — disse eu —, ser-me-ia possível aceitar a verdade desta revelação, assim chamada por ti, e ao mesmo tempo sustentar que em ti, como uma personalidade distinta da Joana e de mim, não há verdade?

— Ora — respondeu o tabuleiro ouija —, suponho que sim, se a tua mente for assim tão ágil.

Perante esta estocada ainda mais profunda na fragilidade mortal, a Joana e eu rimo-nos abertamente. — Tu divertes-nos mesmo, Estêvão — disse eu.

— Bem, tenham em mente — respondeu ele — que não somos de faces compridas aqui. Não temos arrependimentos, portanto nenhuma dor.

— Bem — propus eu —, dou como certo que este drama terreno é assistido por vocês, os graduados, lá da vossa galeria de cima. Se, então, Estêvão, visses um amigo terreno em apuros, não sentirias pena dele?

— Colocas a questão com força — respondeu ele. — E no entanto respondo: não. Pois a dor — isto é, a dor real, como distinta da preocupação — é uma alucinação.

— Queres dizer que se um homem aqui estiver doente e sem um tostão, e se os seus filhos tiverem fome e chorarem por pão, e se não houver pão, queres dizer que isso não é dor real?

"Tais coisas não necessitam de ser", soletrou o Estêvão.

— Mas tais coisas são — falou a Joana prática.

— Não me entendam mal — respondeu o Estêvão. — Muitas coisas infelizes estão na terra, muitas coisas que são negativas. Quando a

consciência estiver totalmente desenvolvida estas coisas não serão." Uma pausa, depois: "Sabem que, enquanto aqui estou a ver-vos como outrora fui __"

A Joana deu um salto da cadeira e todo o equipamento ouija foi por ali abaixo a desabar no chão. — A ver-nos de pé onde! — gritou ela.

— Assustada, Joana? — perguntei eu, recolhendo as minhas notas espalhadas. Ela sentou-se novamente. Um momento de espera e depois —

"Querida mulher", soletrou o invisível Estêvão, "não era minha intenção sobressaltar-te, mas esta não é a primeira vez que falo da minha materialidade. Tu sabes, o mundo sabe, que o espaço está cheio de vistas e sons além do olho e do ouvido humanos. Continuemos. Mas primeiro, Joana, promete-me que continuarás a falar comigo até eu vos ter contado toda a 'filosofia', como o Darby lhe chama."

O tripé tinha-se movido rapidamente; retirei ambas as mãos a fim de atualizar as minhas notas. — Não vou prometer nada a um pedaço de madeira — rebelou-se a Joana.

Contudo, quando a acusei a brincar de estar apenas interessada em que lhe lessem a sina, ela disse: — Vamos a isso.

Colocámos novamente as mãos sobre o tripé. "Porque haveria eu de procurar ler a sina", interrogou o Estêvão, "visto que vocês os dois e eu estamos a desempenhar papéis tão maravilhosos no grande drama da consciência? Escutem! Poderia haver algo maior do que apontar o caminho aos cientistas, aos biólogos, aos químicos, aos filósofos, para a construção de uma prova razoável de que a ideia de morte do homem está errada, de que é apenas uma ideia, não um facto? Vocês apegam-se à vossa fé nos vossos laboratórios hoje em dia, e isso é bom; o homem tem toda a verdade ao seu alcance. Tudo o que precisa é de uma luz, de um guia claro para a separação dos factos das hipóteses emocionais. Não sejas uma virgem insensata, Joana. Tu és a lâmpada, mas eu sou o azeite, e uma lâmpada sem azeite não pode dar luz."

— O Estêvão quer dizer — expus eu — que a sua filosofia é como estudar grego, o que estafa o cérebro até se aprender. Depois, uma literatura maravilhosa é tua.

— Ou como um automóvel, suponho eu — disse a Joana —, uma coisa alegre, criadora de brisa numa noite quente, mas tornada possível pelo pó e calor das oficinas e pelo suor de muitas mãos.

"Mas certamente", soletrou o Estêvão. "A verdade que conto, quando assim ligada ao facto científico moderno que as mentes pensantes possam aceitar, será uma coisa alegre, criadora de brisa. Trará frescura a corações ardentes de dor. Dirá à minha mãe que a vida, a felicidade e a oportunidade de vencer não terminaram para mim. E é por isso que ela chora; é por isso apenas que as mães e as esposas choram — o pensamento de que estamos a dar as nossas vidas antes de termos tido a nossa oportunidade. Eu dir-lhes-ia que aquele que perde a sua vida a encontrará. Pois 'não há morte — a vida não passa de profecia'! Mas continuemos com a nossa discussão sobre a qualidade.

"Quando falo da qualidade do ouro como sendo distinta da qualidade do ferro, a palavra não apresenta dificuldade. Contudo, quando falo da qualidade da consciência humana vocês ficam confusos. Isto não deveria ser, mas — como a Joana diria — porque é, digo-vos que a qualidade da consciência de um homem é a sua alma.

"Tomem a eletricidade. É força. Tomem a gravitação. É também força. Ora, a coisa que distingue estas duas forças uma da outra é a sua qualidade diferente.

"Bem, a qualidade da consciência humana é paralela à qualidade da gravitação e à qualidade da eletricidade. O termo terreno até aqui usado para a qualidade da consciência humana tem sido alma, termo com o qual os homens têm procurado nomear aquilo que os distingue de tudo o resto. Por outras palavras, reconheceram o carácter distintivo da sua própria qualidade."

— Ora, isso é suficientemente simples — fui forçado a admitir.

— E todas as grandes verdades são do mais assombroso na sua simplicidade — soletrou o tabuleiro ouija.

"E agora digamos", continuou o Estêvão, "que uma criança nasce no vosso mundo. A qualidade da consciência dessa criança consiste num determinado grau de dote de alma, fixado à nascença. A qualidade da consciência da criança, a qualidade da vossa consciência e a de todos os

indivíduos é, no plano terreno, inalterável. Fixada à nascença, não pode na vida terrena ser aumentada nem diminuída.

"É tudo tão claro, quando relacionado com as vidas conforme as observam. Tomem, por exemplo, os vossos próprios impulsos e comparem-nos com os de um criminoso. Vocês não poderiam cometer um assassinato; tal é a vossa qualidade de consciência. Contudo, o verdadeiro assassino, como distinto do homem que está bêbedo, encolerizado ou louco, planeia de facto o seu crime. Tal é a sua qualidade. Estes instintos... são as indicações visíveis da qualidade. Eduquem o assassino potencial tudo o que quiserem, o instinto não mudará, embora o ato possa, de facto, nunca ser cometido."

Uma visão fatalista, dirão. Assim dissemos a Joana e eu, e nisso insistimos até compreendermos mais claramente. Era um dos prodígios do discurso do tabuleiro ouija que uma compreensão mais completa acabasse sempre por vir.

Certa vez o Estêvão referiu-se à sua discussão como uma "filosofia omniexplicativa". — Ora — disse eu —, o mero facto da graduação torna-te omnisciente?

— Não — respondeu ele —, mas a verdade desta revelação aplicada a todas as teorias terrenas de qualquer dignidade diferenciará os factos fundamentais das hipóteses emocionais.

E tal, de facto, tem sido a minha experiência e a da Joana. Este e aquele dogma secular, há muito percebidos por nós como falsos, ainda por alguma razão desconhecida exerciam um feitiço sobre nós. De repente, pela magia da filosofia do Estêvão, o feitiço é desfeito e também explicado. Nesses dogmas reconhecemos, graças ao Estêvão, uma onça de verdade embutida numa libra de erro. Deixem-me ilustrar.

A doutrina do fatalismo, que afirma que o homem está perfeitamente indefeso nas garras de um destino predeterminado, constituiu a chave de abóbada do arco de muitas religiões. Mesmo no pensamento cristão, um sistema essencialmente otimista, a predestinação calvinista, que preordena alguns para serem salvos e outros para serem condenados, encontrou acolhimento. O fatalismo recusou-se a cair.

Porquê? Porque há no pensamento um vislumbre, um facto fundamental; a saber, que a qualidade de consciência, a dádiva da supernatureza ao plano natural, não pode na terra ser alterada nem um jota ou um til. E nenhum fatalismo está aqui envolvido. "Pois", diz o Estêvão, "quantitativamente os homens são livres. A quantidade desenvolve-se no vosso plano. Usem ao máximo a qualidade que o meu plano vos concedeu."

— Já agora — interjetei eu —, este renascimento da qualidade, Estêvão — isso é uma coisa que me anda a intrigar. É místico, para dizer o mínimo.

— Nada é místico — soletrou o tabuleiro ouija. — Cito-vos uma das principais hipóteses emocionais do homem: a mente humana gosta de um mistério. O renascimento oferece um mistério pelo menos não maior do que o próprio nascimento. Pensem nisso.

Ora, durante todo este tempo a Joana estivera, de facto, a pensar. Por uma questão de clareza, desenvolvo a pergunta dela da seguinte forma: — Estêvão, dizes que a qualidade da consciência de um indivíduo é inalterável no plano terreno. Dizes que as qualidades do mundo inanimado são da mesma forma inalteráveis. Ali sobre a mesa jaz um livro. A cor é uma qualidade notória da encadernação desse livro. A cor é vermelha. Estêvão, eu posso mergulhar essa encadernação em vários corantes e, conforme a minha vontade, torná-la verde, azul, qualquer cor que escolha. Onde está agora a inalterabilidade da qualidade?

— Calma, calma! — retorquiu o Estêvão. — Não deverias procurar o teu paralelo num composto como um livro. A consciência humana não é composta. É uma coisa elementar. A cor não é a qualidade essencial do livro, ou da encadernação. Se a encadernação fosse preta continuaria a ser uma encadernação e o livro um livro. Pela palavra qualidade refiro-me à qualidade essencial; àquela qualidade, por exemplo, que faz do livro um livro e não um copo de água.

"Tomem a eletricidade novamente. Não conseguem ver que a sua qualidade é fixa? É essa mesma inalterabilidade de qualidade que a torna eletricidade e não, por exemplo, força centrífuga. Assim é com a consciência humana. Mas agora sintonizem isto: embora a vossa qualidade no plano terreno esteja restrita, eu no meu plano sou livre para desenvolver

a qualidade, tal como vocês agora são livres para desenvolver a quantidade."

O tripé fez uma pausa, moveu-se depois, parou novamente e disse: "Significa alguma coisa para vocês quando digo que a única diferença entre o vosso plano de consciência e o meu é que o vosso é quantitativo no seu desenvolvimento, ao passo que o meu é qualitativo? Seja como for, daqui em diante referir-me-ei ao meu plano como o plano qualitativo e ao vosso como o quantitativo. E agora, por favor, façam perguntas."

A Joana, a prática, queria saber como o indivíduo neste mundo pode orientar a qualidade da sua consciência para o adiantamento individual. E eu, a quem o Estêvão acusou de "procurar ler a metafísica na erva que pisamos", queria saber como a qualidade é desenvolvida no mundo do além.

"Despachemos o plano qualitativo primeiro", soletrou o Estêvão. "É aparente que para o homem o desenvolvimento da qualidade é um pensamento novo. Portanto, não há termos terrenos pelos quais eu possa descrever adequadamente o processo. O melhor que posso fazer é contar-vos alguns factos.

"Por um lado, nós aqui associamo-nos com graus mais elevados do que nós próprios e aprendemos com eles. Claro que as nossas perceções, a nossa compreensão, todos os nossos atributos são intensificados, e o conhecimento que passou a ser nosso após a graduação deixa-nos ansiosos por aproveitar todas as oportunidades.

"Por outro lado, servimos. Tendo aprendido a unidade da consciência, procuramos ajudar o desenvolvimento de graus inferiores a nós próprios. Do meu serviço nos campos de batalha já vos falei.

"Para vos dizer a verdade, nós aqui somos, por um lado, desenvolvimento e, por outro lado, somos serviço."

— Mas — perguntei eu —, não há nenhuns madraços aí?

— Não — respondeu o Estêvão. — Todos os que estão aqui querem fazer tudo o que podem. Mas, claro, aqueles que se graduaram nas classes primárias da terra não podem entrar imediatamente na faculdade — uso a expressão figuradamente, mas não tão figuradamente, afinal de contas. Joana, faz as tuas perguntas relativas à qualidade na terra.

— Bem — disse ela —, há tantas pessoas na vida que parecem capazes de muito, contudo realizam pouco. Conheci muitos poetas que nunca escreveram uma linha e agricultores que nunca abriram um sulco. No entanto, sempre estas pessoas acreditam que poderiam, se quisessem, e essa convicção é frequentemente partilhada por aqueles que melhor as conhecem. Os poetas sem poemas e os agricultores sem campos são um grupo infeliz, tenho notado, descontando os seus sucessos como carpinteiros e banqueiros. Terá a qualidade individual de consciência alguma coisa a ver com este pedaço de infelicidade?

"Mas certamente", soletrou o Estêvão, "embora vos deva pedir para não confundirem qualidade e talento. Homens da mesma qualidade têm frequentemente talentos diversos; a mesma qualidade poderia encontrar expressão satisfatória nas finanças, na agricultura. Mas do homem que para sempre está insatisfeito com o que a sua mão e o seu cérebro encontram para fazer, eu diria isto: ele recusou-se a ouvir a voz da sua qualidade."

— Vejamos — disse a Joana. — Queres dizer que um John Keats poderia gerir alegremente uma tabacaria?

— Não disse isso — respondeu o Estêvão. — Mas retirem a um John Keats o talento da escrita de versos e substituam-no pelo talento da música. Não conseguem ver que a sua qualidade teria sido cumprida de forma perfeitamente tão satisfatória? O pai de Keats geria uma estribaria. Tivesse o filho se submetido ao destino que lhe apontava a vida de um moço de cavalos e teria sufocado a sua qualidade. Afinal de contas, não se pode fazer de uma bolsa de seda uma orelha de porca.

— Porque — perguntou a Joana, enquanto nos ríamos da inversão do provérbio pelo Estêvão — acreditamos na bolsa de seda mesmo quando a vemos usada como orelha de porca?

"O mundo sempre reconheceu a elevada qualidade", respondeu o Estêvão, "mesmo quando o indivíduo que a possui se recusa a desenvolver a quantidade. É a alma que conta."

— Mas a qualidade não pode retroceder? Se não aqui, no teu mundo? — perguntou a Joana.

O tripé quase saltou de debaixo dos nossos dedos. "Nunca!" — gritou o nosso maravilhoso tabuleiro ouija. — "Nunca!"

E que pensamento está aí! Velho, sem dúvida. Da maioria das verdades, assegura-nos o Estêvão, já se teve vislumbres. Contudo para nós, habituados como homens e mulheres estão a ver a consciência ser contrariada, a promessa por cumprir, o desenvolvimento estrangulado, o pensamento parecia novo.

— Joana — clamei eu —, a qualidade de consciência, a alma de nós, não pode andar para trás, não pode ser condenada. O que de qualidade a consciência que está dentro de nós ganhou através de eras de desenvolvimento está verdadeiramente ganho, fora do perigo de deslizar de novo para o seu passado baixo. Os seus sonhos podem, por agora, passar sem se realizarem; os seus apelos podem ser ouvidos apenas para serem ignorados; no entanto, ela há de sempre apelar e sempre sonhar.

"Cabe-te a ti segui-la", soletrou o tripé. "A voz da qualidade de um homem é o seu único guia seguro. Escuta essa voz, depois segue-la para onde quer que ela conduza, e no caminhar estarás a servir da melhor forma não apenas a ti próprio, mas ao grande todo do qual fazes parte."

A velha citação veio involuntariamente aos meus lábios: *Isto acima de tudo: sê fiel a ti mesmo, E deve seguir-se, como a noite ao dia, Que não podes então ser falso com ninguém.*

— Um vislumbre verdadeiro — soletrou o Estêvão.

XX

O PROFESSOR

A QUANTIDADE de consciência, de acordo com o Estêvão, desenvolve-se através do uso que a vontade faz da qualidade de consciência.

Esta afirmação, enquanto pensava nela, pareceu introduzir um novo elemento, e por isso perguntei: — De onde vem a vontade?

"A vontade", respondeu o Estêvão, "é simplesmente a liberdade para o desenvolvimento individual. Verdade é que o livre-arbítrio do homem é paralelo a certos aspetos do instinto e até da reação orgânica e inorgânica. Contudo, entre estes extremos de uma coisa semelhante em género em toda

a sua extensão, há uma diferença de —" No meio da frase, a Joana retirou as mãos do tripé.

— Estou cansada de teorias — disse ela. — Gostaria que o Estêvão arranjasse alguém para nos dar outro soneto.

— Está bem, pede-lhe! — concordei eu, ansioso por um teste da capacidade do tabuleiro ouija para duplicar a sua atuação poética anterior.

— Ora, sim, se quiserem — soletrou o tabuleiro. — Houve outrora um poeta que se suicidou. Ele tem estado a querer falar — toda a gente aqui quer falar. É perfeitamente tão invulgar para nós como para vocês, sabem. O poeta estará aqui num minuto; já o chamei. Enquanto esperamos, Joana, deixa-me apenas dizer isto: a quantidade de consciência é a dádiva que o indivíduo faz ao todo. Aqui está o poeta."

Depois, sem hesitar, a não ser no fim de cada linha para que eu pudesse escrever as palavras, o tabuleiro ouija soletrou o seguinte:

Do sol desperto até à estrela adormecida, a minha carreira Não passou de um fraco palmo de luz tremeluzente — Uma vela solitária lançando através da noite Apenas a sombra da sombra na face oscilante Das emoções dos homens, depois apagada num sopro. Oh, conceitos contorcidos da terra e a ferrugem De verdades apenas vislumbradas, o vosso poder entorpecedor da alma Sopesa agora sobre as nações como uma maça em chamas!

E eu, cuja própria mão rasgou o véu do templo, Ensaiava a entrada desprovido da preciosidade Que os homens sábios oferecem, digo-te agora isto: O arrependimento é vão; pois a ferrugem não pode empalar A qualidade do ouro, e a consciência Senta-se como juiz de si própria e do seu grau de livre vontade.

Com o soneto completado e registado no meu caderno de notas, a Joana perguntou, à medida que colocávamos os dedos de volta no tripé: — O poeta ainda está aqui?

— Sim — soletrou o tabuleiro.

— Estás morto há muito tempo? — perguntou a Joana.

"Estou aqui há muito tempo", respondeu o tripé. "Assim te pareceria. Mas nós não contamos o tempo como vocês o fazem."

— Tens sido feliz?

"Muito feliz, como o são todos os que estão aqui", foi a resposta. "O meu único arrependimento, que é inútil, é ter feito o papel de Judas perante a minha qualidade, ter falhado em contribuir para o todo comum do meu grau aqui com a dádiva da quantidade. A potencialidade da minha qualidade teria tornado possível eu ter oferecido algo não indigno."

— Talvez — disse a Joana — tenhas deixado ao mundo poemas que ele ainda considera belos?

"Que os pensamentos dos homens", soletrou o tabuleiro ouija, "vivam depois deles na memória daqueles que aguardam a graduação, é um dos maiores de todos os vislumbres. Pois aquele intelecto tão forte a ponto de produzir por si mesmo pensamentos e palavras que lhe sobrevivem deve, por necessidade, ser mais potencial do que a sua produção."

— Desde a tua morte, alguma vez falaste antes com alguém aqui na terra? — questionou a Joana.

— Não diretamente — veio a resposta. — Este é o meu primeiro privilégio.

— E como te ocupas? — perguntou a Joana a seguir. — Continua-se a escrever poesia para sempre?

— Aquilo por que lutamos aqui — respondeu o poeta — é pelo auge da consciência, pela perfeita realização da individualidade e da relação dessa individualidade com o todo. E agora, adeus!

O tripé retomou a sua velocidade de balanço habitual e soubemos que o Estêvão estava novamente "na linha".

— Acho — disse ele — que o soneto que vos acaba de ser dado ilustra primorosamente a ideia de qualidade e quantidade. Primeiro, o poeta fala-vos da sua qualidade, a luz trémula que apenas fracamente podia arder num mundo de hipóteses emocionais. Depois, recorda-vos a grande guerra, na sua génese o supremo egotismo das eras. Mas, mesmo num pensamento tão avassalador, ele não consegue esquecer a sua própria hipótese emocional, pessoalmente suprema, o seu suicídio. Desse modo ele travou o seu desenvolvimento da quantidade. Contudo, quão belamente ele coloca a gloriosa verdade: 'A ferrugem não pode empalar a qualidade do ouro.' Igualmente gloriosa é a verdade que ele enuncia em conclusão, de que a

consciência, dotada de livre-arbítrio nos seus graus mais elevados, é juiz de si própria. E agora, aqui está mais alguém que gostaria de falar convosco.

O alguém era — o professor. Foi a sua primeira aparição.

— Este, meus caros senhor e senhora, é o Professor X. — soletrou o tripé. — O poema que vos acaba de ser ditado, e o ditado há algum tempo, são verdadeiramente demonstrações maravilhosas das possibilidades de comunicação entre os dois planos. Estas demonstrações são uma enorme satisfação para mi. Mas, no vosso entusiasmo pelas belezas da poesia, não negligenciem a fase mais importante da revelação, a enunciação literal da verdade.

Aqui estava o professor a dizer abertamente: eu sou o Fulano de Tal. A anomalia da afirmação à queima-roupa não me foi aparente na altura, porque eu nada sabia sobre coloração. Mas quando o Estêvão mais tarde explicou quão prontamente a mente subconsciente de uma estação recetora pode distorcer um nome ou outro elemento concreto de facto, a Joana e eu perguntámo-nos que garantia poderia haver de que o comunicador que pretendia ser o Professor X. o era realmente, se é que, na verdade, estava envolvido algo mais do que um fenómeno obscuro da nossa própria mentalidade.

Foi com esta pergunta em mente que li à Sr.ª K., por ocasião da sua visita connosco, uma quantidade das comunicações que tínhamos recebido do professor. Ela ficou interessada, recordar-se-á, pela sugestão de concordância entre a personalidade do nosso professor e a do professor real, embora tenha indicado que não conhecia o Professor X. intimamente o suficiente para se justificar a expressar uma opinião realmente definitiva.

Interrompendo brevemente a narrativa da filosofia do Estêvão, relatarei aqui certas mensagens que vieram pouco depois da visita da Sr.ª K. Para a Joana e para mi, elas parecem pertinentes para a pergunta: seria o nosso professor realmente o Fulano de Tal?

A 10 de abril de 1919 perguntei, no decurso da comunicação mental:
— Há alguma mensagem para a Sr.ª K.?

A resposta foi introduzida pelo nome "Helen", três vezes repetido. Depois o comunicador, que na altura supúnhamos ser o Sr. K., pareceu estar a mostrar à Joana o interior de uma casa, primeiro uma biblioteca,

depois uma sala no andar de cima e, finalmente, um átrio. A Joana, falando no seu próprio carácter, procurou descrever este interior. Quando a comunicação terminou, toquei no pulso da Joana e li-lhe as minhas notas. Concordámos que a mensagem era destinada à Sr.ª K., se é que o era para alguém. E assim o escrito foi-lhe encaminhado com esta declaração: "'Helen' é um nome novo no que nos diz respeito. Nunca apareceu antes e nada significa para nós."

Depois, a 13 de abril, antes que tivesse decorrido tempo suficiente para a receção de uma resposta da Sr.ª K., o professor apareceu, dizendo: — Consegui finalmente, meu caro senhor, consegui finalmente.

— Ora, boa noite, professor — disse eu, reconhecendo a forma habitual de tratamento — "meu caro senhor".

E então o professor surpreendeu-me ao proferir o nome "Helen". Seguiu o nome com: — Minha cara Sr.ª K., não tenha medo de atravessar a ponte... Se não lhe der muito trabalho, atravesse a ponte... Diz à Helen que atravessaste a ponte. — Fez uma pausa, dizendo depois: — Não esqueci a promessa, a promessa que fiz de me manifestar a partir de um quadrante totalmente inédito, Helen... Ao fim de anos esta é a resposta, Helen. Tentei arduamente durante dois anos aqui... Consegui, caramba! Consegui... Barcos, barcos no rio. Barcos a remos.

Estudando esta comunicação de 13 de abril, a Joana e eu perguntámo-nos se não teríamos tirado conclusões precipitadas quando associámos a comunicação de 10 de abril ao Sr. K. Poderia o comunicador de 10 de abril ter sido o professor? Seria Helen o nome da esposa do nosso professor? A Sr.ª K. saberia. Uma cópia da comunicação de 13 de abril foi-lhe enviada.

Uma carta da Sr.ª K., recebida cerca de uma semana mais tarde, comentava tanto a comunicação de 10 de abril como a de 13. Dizia ela: "Quando li o primeiro escrito da Helen, este não tinha significado para mi. Depois pensei na esposa do vosso professor. O nome dela é Helen."

A Sr.ª K. continuava dizendo que tinha mostrado os dois escritos à esposa do professor, que os tinha achado interessantes. Porquê? Apresento os factos do caso com poucos comentários, a não ser para dizer que a Joana — ou eu, se o meu conhecimento pudesse importar de uma forma ou de outra — nada sabia praticamente da vida pessoal do Professor X.

A descrição do interior, ligada como estava à vinda do nome "Helen", provou ser bastante impressionante; pois, apesar da vagueza e de certas inexatidões, a casa descrita parecia poder ser a casa dos X.

Por exemplo, a descrição da biblioteca feita pela Joana fazia referência a uma "mesa comprida, muito comprida". A biblioteca do professor, soubemos pela Sr.ª X., que ela própria nos escreveu finalmente a respeito das comunicações, continha de facto uma mesa muito comprida, feita originalmente para alguém que queria estender gravuras sobre ela. Por outro lado, o esforço da comunicação para especificar a posição da mesa relativamente às estantes de livros da sala foi um fracasso. Outros pormenores da biblioteca, conforme descritos na comunicação, não foram muito mais felizes, exceto um — a referência a um candeeiro belga [*student-lamp*].

Uma frase da descrição da biblioteca era: "Ele" (pelo qual, depreendi eu, a Joana se referia ao comunicador da "Helen") "diz que tinha um candeeiro belga e a maldita coisa deitava fumo."

Na experiência da Joana, o petróleo como iluminante foi suplantado pela eletricidade. O que incitaria o seu subliminar a adivinhar que o Professor X. preferia manter-se fiel, na sua biblioteca, ao candeeiro belga dos seus anos anteriores? Se foi um palpite, acertou no alvo com uma exatidão assombrosa.

"O meu marido lia de preferência à luz de um candeeiro belga", escreveu-nos a Sr.ª X. "Muitas vezes ele o acendia demasiado alto e ficava depois desgostoso se a 'maldita coisa' deitasse fumo. Ele podia ou não ter-lhe chamado 'maldita'. Esta última expressão, contudo, traduziria facilmente o seu aborrecimento."

A descrição da sala do andar de cima trazia a menção a uma lareira e a "uma espécie de cómoda alta de mogno [*highboy*]" e procurava dar a localização da lareira e da cómoda relativamente a várias janelas. Uma sala do andar de cima na casa dos X., provou-se, contém de facto uma lareira e também uma cómoda alta. Mas isto poderia ser verdade para qualquer sala de cima em qualquer casa.

A tentativa da comunicação para especificar a localização da lareira e da cómoda, embora parecendo aproximar-se da exatidão, não estava isenta de confusão. Além disso, a lareira foi descrita como tendo "uma boca

curva, engraçada, à antiga". A lareira da sala onde se encontra a cómoda alta não tem uma boca curva. No entanto, curiosamente, noutra sala do andar de cima da casa dos X., informou-nos a Sr.ª X., há uma lareira à antiga cuja boca é curva.

A descrição do interior da casa terminava com a Joana a exclamar: — Que átrio esquisito! Não tem teto. Estou a ver; o átrio corre até ao topo, com quartos em redor dele no segundo andar.

— A referência ao átrio é excelente — disse a Sr.ª X. — O átrio sobe de facto dois andares e os quartos do segundo andar abrem para ele.

Relativamente à descrição da casa, vista como um todo, a Sr.ª X. escreveu: "O testemunho de cada ponto isolado é de grande interesse quando se faz, por assim dizer, uma imagem mista. O escrito transmite uma impressão íntima de familiaridade com o interior de uma casa desconhecida para ambos. Esta é para mi a nota impressionante do testemunho."

Passemos agora à comunicação de 13 de abril. O seu elemento de menor interesse foi a referência a "barcos no rio". O Professor X. e a sua esposa, provou-se, gostavam de andar de barco juntos. Mas o gosto pelos barcos é tão geral que "barcos no rio" se ajustaria à experiência de milhares de pessoas.

Bastante curioso, contudo, foi o facto de o professor pedir à Sr.ª K. para "atravessar a ponte" e para "dizer à Helen que atravessaste a ponte". Seria a linguagem simplesmente simbólica? Talvez sim, mesmo que a identidade do nosso professor com o Professor X. pudesse ser estabelecida. No entanto, o facto é que a Sr.ª X. vive num subúrbio que pode ser alcançado a partir da cidade propriamente dita, onde a Sr.ª K. vive, apenas por uma ponte.

Certamente que a Joana não sabia que a Sr.ª X. vivia neste subúrbio além da ponte. Além disso, a Sr.ª K. escreveu: "Tenho a impressão de que lhe disse, quando a vi, que a Sr.ª X. estava na Califórnia. Estou certa sobre isto?" Estava; de facto, a Joana e eu tínhamos de algum modo colhido a impressão de que a Sr.ª X. tinha fixado residência permanente na Califórnia.

Um outro elemento de interesse estava contido nas palavras: — Não esqueci a promessa, a promessa que fiz de me manifestar a partir de um

quadrante totalmente inédito, Helen... Ao fim de anos esta é a resposta, Helen. Tentei arduamente durante dois anos aqui... Consegui, caramba! Consegui.

A Sr.ª X. escreveu-nos: "É verdade que há vários anos uma médium me deu um escrito automático que pretendia ter vindo do meu marido. A mensagem prometia que, com o tempo, e através de um médium desconhecido, ele se manifestaria a mi."

Será que, ao longo dos dois anos do nosso conhecimento impessoal e filosófico com o professor, ele esteve ansiosamente atento à oportunidade de enviar à sua esposa a garantia do seu ser? Teria ele "conseguido finalmente"?

XXI

INDIVIDUALIDADE

QUALQUER compreensão que eu possua da filosofia do Estêvão não veio com uma plenitude súbita que excluísse a confusão subsequente. Muito pelo contrário! Por exemplo, enquanto a Joana e o poeta privavam, encontrei tempo para me entregar em grande medida àquilo a que o Estêvão chama raciocínio hipotético. Mobilizei as minhas emoções em torno da palavra "indivíduo", usada pelo Estêvão, mesmo antes da aparição do poeta, na sua afirmação da quantidade como a dádiva do indivíduo ao todo.

— Em primeiro lugar — disse eu —, não te aceito de modo algum, Estêvão, como um indivíduo fora da minha própria mente e da da Joana. Se aceitasse, não poderia, claro, questionar a possibilidade de uma sobrevivência individualista. Mas a unidade significa unidade, Estêvão. E a unidade cada vez mais perfeitamente realizada parece ser o âmago mesmo da tua revelação.

Quando a consciência que é o eu de mi se desenvolve até à supremacia, deve então realizar-se, pelo que pareceria, uma unidade de mi próprio com o todo, tão avassaladora que a minha individualidade se perderá por completo.

— Terás ouvido a minha filosofia com tão pouco proveito? — lamentou o Estêvão.

"Escuta! O poeta acaba de dizer: 'Aquilo por que lutamos é pelo auge da consciência, pela perfeita realização da individualidade e da relação dessa individualidade com o todo.' Toda a história está contida nessas palavras. O grau supremo de consciência é composto simultaneamente pelo auge da consciência individual e pela perfeição do ajustamento individual ao todo."

Mas os velhos pensamentos continuavam fortes in mi. Durante tanto tempo tinha escarnecido da esperança de sobrevivência pessoal. Por mais que tentasse, era incapaz de apreender — ou, antes, tendo apreendido, de reter — a ideia de que a perfeita unidade do todo e a perfeita individualidade das suas partes podem razoavelmente coexistir.

A Joana é a compradora de livros cá de casa. Um dia ou dois depois de o Estêvão e eu termos chegado a um impasse sobre a sobrevivência da individualidade, ela viu à venda — num balcão de saldos, imaginem — *Um Universo Pluralista*, de William James. — Comprei-o só por aposta — disse ela, ao entregar-me o volume.

— E ganhaste! — exclamei eu, depois de ter percorrido uma vintena de páginas. Pois o pensamento esquivo da unidade unida à multiplicidade tornava-se claro com o pequeno livro.

Aqui estava um monista que, insatisfeito com uma unidade que no seu limite oblitera os muitos, considerou finalmente razoável encarar o "cada" como tão fundamental quanto o "todo". O "todo", o conjunto, pode ser feito, viu ele, de uma quantidade de partes, ou "cada um".

Corri para o tabuleiro ouija e disse: — Estêvão, estás aqui?

E, com a cooperação da Joana, o Estêvão disse: — Mas sim.

E então, demasiado cheio do meu grande pensamento, eu — bem, perdi-o. Por isso, enquanto a Joana esperava pacientemente, peguei de novo no livro de James e, pela segunda vez, folheei as suas páginas.

Disse então eu, de novo na posse do meu grande e novo pensamento: — Estêvão, já foste?

E o Estêvão respondeu, dizendo: — Essa é sempre uma pergunta tão interessante de responder. Se alguma vez eu não estiver presente quando chamares, dir-te-ei.

Neste ponto, as minhas notas contêm a palavra "Riu-se". Rimo-nos, lembro-me — de bom grado. E depois formulei o meu pensamento para o Estêvão ouvir, algo como isto: — O monismo é verdadeiro. Há apenas uma realidade, que, como dizes, Estêvão, é a consciência. Sustentas que o elevado grau de consciência encontrado no homem é o resultado de milhões de anos de evolução neste plano e de eras semelhantes de desenvolvimento no teu. Além disso, ligas, através do renascimento da qualidade, o desenvolvimento quantitativo na terra com o desenvolvimento qualitativo no teu plano, unindo assim os dois planos.

Ora, a evolução, o desenvolvimento, o renascimento continuam, dizes tu, sem cessar, tendo o grau supremo de consciência como o limite. Para o supremo tende toda a consciência; no fim toda a consciência, significando o todo de tudo o que é, alcança a supremacia. E agora, Estêvão, o teu pensamento culminante é que o limite, o supremo, é um todo perfeito feito de partes perfeitamente ajustadas.

A Joana, tu, eu, tudo o que é, seremos um dia partes perfeitas assim, servindo perfeitamente um todo perfeito assim. O 'cada', Estêvão, é um pensamento tão verdadeiro quanto o é o 'todo'. A individualidade perdura."

— Ouvir-te falar assim — soletrou o Estêvão — é maravilhoso. Pudesses tu saber a satisfação manifestada aqui! Há alegria no céu, para falar de forma trivial."

— Mas — respondi eu —, o mérito não é meu. Pertence a James, que escreveu o livro, e à Joana, que comprou o livro numa venda de saldos.

— Nenhum mérito para mi — disse a Joana. — Comprei o livro por impulso, sem olhar para além do título — apenas porque o pensamento me passou pela mente.

— E — disse o Estêvão —, fui eu que fiz passar o pensamento.

— Monismo pluralista — meditei eu. — Que frase! Quão contraditória e, no entanto, quão expressiva!

O fracasso da religião, pensei eu, tem sido o de tender a colocar Deus fora do mundo. A sua glória reside na sua insistência na validade da experiência individual. A glória da ciência especulativa moderna é que, pressentindo a necessidade do todo, procurou a sua divindade, a sua realidade, não fora do mundo, mas nele — na energia, na matéria, na vida.

O fracasso da ciência é que, tendo através do exame experimental das partes ganho a visão do todo, abandona imediatamente a experiência, permitindo que a sua conceção de unidade se torne numa nebulosidade. Não estarão a ideia de "cada", ou parte, e a ideia de "tudo", ou todo, inseparavelmente ligadas? Não será a aparente contradição contida na frase "monismo pluralista" a mais pura lógica que a experiência oferece?

Dirigindo-me ao Estêvão, disse: — Devo agradecer a James pelo pensamento contido nessa frase.

O tripé assumiu um passo imponente. Era o nosso professor. Disse ele: — A frase 'monismo pluralista' não é de James. É tua.

— Ora, não — insisti eu.

— Procura no livro — soletrou o professor.

Fiz como ele me ordenou e, de facto, tinha razão. Em lado nenhum James usara a frase. Quando regressei ao tabuleiro ouija, encontrei o professor à espera.

— Conheci bem James — disse ele. — O pensamento dele era de um idealismo pluralista. Ele tinha chegado a perceber que a unidade, em qualquer sistema verdadeiro de lógica, podia ser pensada pluralisticamente. Mas, devido à tónica que o mundo em redor dele estava a colocar na interpretação materialista moderna da realidade, e porque sentia que de algum modo, apesar da própria ciência, a vida possuía de facto um valor espiritual, tendeu para o idealismo. Tivesse ele acertado na frase neutra 'monismo pluralista' e poderia ter chegado à verdade exata... Que a tenha falhado por um fio é estranho, meu caro senhor, muito estranho."

Bem, se a ciência encontrar a única realidade na consciência, não se sinta compelida a falhar por um fio o facto óbvio de que a consciência, por mais monista que seja, é na experiência pluralista também. Considere-se a sociedade. Seguramente que a humanidade nas suas relações sociais tende para a unidade. Seguramente que o desenvolvimento nacional é profeta dessa perfeita unidade social para a qual a consciência luta. No entanto, as nações crescem em unidade apenas à medida que os cidadãos individuais crescem em direção à perfeita individualidade.

E onde está agora a tónica — na unidade ou na pluralidade?

— Na unidade, sempre na unidade — diz o Estêvão. — O auge da individualidade não passa do ajustamento perfeito de uma parte ao todo. Sou uma parte do todo, contudo o todo sou eu. Em ti, in mi, está tudo o que é, a consciência. No entanto, somos apenas partes do todo maior."

Tenho procurado uma ilustração que possa transmitir alguma perceção clara do monismo pluralista. Ofereço esta:

Um público irrequieto encheu gradualmente a sala de concertos, cada indivíduo instalando-se irrequietamente no seu lugar e esperando irrequietamente que acontecesse aquilo que o trouxe a ele e aos outros ali.

Finalmente a orquestra, com cinquenta, setenta e cinco, cem músicos, entra no palco; e irrequietamente os músicos tomam as suas posições. Irrequietamente afinam os seus instrumentos e irrequietamente dispõem as suas pautas. Depois vem o maestro. Irrequietamente curva-se, irrequietamente encara os seus executantes e bate com a batuta — talvez menos irrequietamente — dando o sinal para a sinfonia começar.

Não preciso de forçar a figura. Sabem que os muitos indivíduos que compõem essa orquestra não deixarão, durante a execução da sinfonia, de existir como indivíduos, que pelo contrário se tornarão mais individualistas do que nunca. No entanto, não apesar dessa acentuação da individualidade, mas por causa dela, a orquestra torna-se durante o período da peça num todo.

Os violinos ora suspiram, ora carpeiam. Os metais fazem soar uma nota de triunfo ou de derrota. O sopro de madeira pita alegremente ou geme melancolicamente. Os tambores rufam ou calam-se. E a música transporta os executantes bem para dentro do supermundo de que o Estêvão fala, um mundo cada vez mais realizado na unidade, cada vez mais perfeito no ajustamento do indivíduo ao todo.

E à medida que a música pulsa, cai um silêncio sobre aquele público de homens e mulheres irrequietos, adensa-se, alarga-se, unindo os que tocam e os que escutam numa unidade onde as partes estão tão delicada, tão arrebatadoramente relacionadas que seguramente o Estêvão tem razão quando diz: "Coloca a tónica na unidade, sempre na unidade."

XXII

QUANTIDADE

O ESTÊVÃO no nosso encontro seguinte estava totalmente determinado a concluir a sua discussão sobre a quantidade de consciência. Começou assim: "A quantidade de consciência desenvolve-se, não simplesmente através do sofrimento da experiência mortal, mas antes através da sua assimilação. O homem que desenvolve grandemente a sua quantidade ordena a sua experiência, que por si mesma é caótica. Ele colhe da vida não apenas conhecimento, mas sabedoria.

"Ora, dizer que na sua potencialidade um atributo servo como a razão é qualitativo é uma forma bastante exata de enunciar a verdade. O seu desenvolvimento no plano terreno, contudo, é quantitativo. E o indivíduo que desenvolve um atributo desses reúne assim em si alguma medida de quantidade, mas não necessariamente a maior medida. E porque não, Darby?"

— A meta — respondi eu — é o reconhecimento completo e perfeito por parte do indivíduo da sua condição de parte do todo. Grande é a quantidade do homem que usa a sua qualidade, seja ela elevada ou não tão elevada, no serviço do todo."

— Novamente — soletrou o Estêvão — há alegria no céu. Um homem de grande realização mental, se quiser desenvolver grandemente a sua quantidade, deve colocar o seu equipamento mental ao dispor do desenvolvimento do todo. Verdadeiramente o serviço é a expressão prática da quantidade."

E agora devo registar o facto de que, mal a minha erudição tinha pela segunda vez causado "alegria no céu", manifestei um lamentável mal-entendido.

Disse eu: — A menos que o Estêvão, como indivíduo, ganhe quantidade a partir de fontes fora de si próprio, de onde vem ela? E, no entanto, quão absurdo seria se a quantidade da consciência de um homem fosse ganha por ele à custa da de outro!"

— Absurdo está certo! — soletrou o tabuleiro ouija. — Não disse nada que justificasse a tua inferência. O todo da consciência não pode aumentar nem diminuir; a ciência vislumbrou este facto na sua teoria da conservação da matéria e da energia. Mas esse todo está sujeito ao

desenvolvimento, tanto de natureza quantitativa como qualitativa, e o indivíduo não difere do todo. O desenvolvimento do homem na terra é quantitativo. Isto não significa que ele acumule realmente consciência. Significa apenas que aquela consciência que ele é se desenvolve quantitativamente. Pelo desenvolvimento da quantidade, portanto, refiro-me àquele desenvolvimento que pertence à consciência como quantidade."

Levantei a bandeira branca. A Joana, queixando-se de "teorias subtis", mudou o rumo da discussão.

— Estêvão — disse ela —, podes pegar num indivíduo específico e falar-nos do seu desenvolvimento quantitativo?

— Mas certamente — respondeu o tabuleiro ouija, convidando a Joana e a mim a considerar o caso de alguém a quem chamarei D. R., um velho afligido por uma doença incurável que, embora lhe permitisse andar por aí, o tinha tornado bastante infantil. A Joana e eu tínhamos passado o Natal com D. R.

"O D. R., como sempre reconheceram, é de uma elevada qualidade de consciência", soletrou o Estêvão. "Ele desenvolveu, contudo, a quantidade da sua consciência fora de toda a proporção relativamente à sua qualidade. Embora nunca dotado de grande poder de raciocínio, tinha uma memória invulgarmente retentiva. Desenvolveu-a ao máximo, compensando assim o que lhe faltava em razão.

Depois, também tinha uma intuição invulgar sobre a natureza humana, e fomentou-a igualmente. O seu terceiro grande trunfo era o seu gosto pelas pessoas e a consequente ânsia por uma boa opinião. Colocou esta postura mental em grande vantagem; deu-lhe simpatia por muitos homens de muitos tipos e, ao mesmo tempo, salvou-o de cair nas armadilhas preparadas para quem é demasiado sociável.

"Ora, ao usar os dotes que tinha, o D. R. desenvolveu uma quantidade como frequentemente não é alcançada por homens de maior qualidade. Havia, é verdade, um egoísmo na sua qualidade, mas devido ao seu desenvolvimento quantitativo ele foi capaz de superar isso e de dar ao mundo um serviço maravilhoso.

"E aqui está um pensamento que merecerá ser guardado convosco para sempre. O D. R., pelo desenvolvimento da sua própria quantidade e por

virtude do serviço que necessariamente resultou desse desenvolvimento, foi a causa direta do desenvolvimento da quantidade em centenas de outros, as centenas a quem direta e indiretamente serviu. O pensamento a que farão bem em apegar-se sempre é este: o desenvolvimento da quantidade de consciência por parte do indivíduo leveda o todo da consciência. 'O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até que tudo ficou levedado'."

— O D. R. terá de morrer em breve? — perguntou a Joana.

— Não sou nenhum ledor de sina — respondeu o Estêvão. — Mas isto direi: o D. R. está a ser preparado para a graduação. O seu velho amigo, H. J. (morto há muitos anos), está com ele constantemente. No outro dia, ele reconheceu o amigo."

E era verdade. Uma carta que recebemos alguns dias mais tarde contava-nos que o D. R. tinha perguntado, perfeitamente sem pensar que a coisa fosse anormal: "O que está o H. aqui a fazer?"

Tivesse o D. R., uns meses antes, mencionado o seu amigo morto como estando presente com ele e teríamos atribuído o caso à alucinação de uma mente vacilante. Mesmo agora não podemos afirmar que tenha sido de outro modo. Contudo, ser-se dito numa semana por um tabuleiro ouija que o D. R. reconheceu a presença do seu amigo morto, e na semana seguinte ser-se informado numa carta vinda da casa do D. R. de que ele tinha indagado "O que está o H. aqui a fazer?" — isto faz uma pessoa parar para pensar. Poderá a coincidência, a concordância acidental das palavras de um brinquedo irresponsável com o facto real conforme se desenrolava a milhas de distância, explicar tal acontecimento?

"O D. R. graduar-se-á alegremente", continuou o Estêvão. "A sua utilidade na terra está prejudicada pela sua incapacidade física e ele está ansioso por retomar conscientemente o seu trabalho. Podem ter notado a sua inquietação. Está impaciente por partir."

— Quando ele se graduar, que mente terá? — perguntei eu. — A sua antiga mentalidade ativa ou aquela que é agora a sua?

— Ele está doente agora — disse o Estêvão —, isso é tudo. Após a graduação, ele reaverá a posse de tudo o que alguma vez foi e de muito mais do que sabia que era."

— Então — perguntou a Joana —, a mente da velhice é apenas uma mente doente?

— Resulta simplesmente da falência do cérebro material e do sistema nervoso — respondeu o Estêvão. — Muitas vezes, também, como no caso do D. R., a velhice é um período de preparação para a graduação."

— Queres dizer que o D. R., apesar da sua debilidade mental, continua a desenvolver-se? — questionei eu, acrescentando que ele parecia tão "ausente".

— Sim, para a graduação — respondeu o Estêvão. — Aquilo que notam como estranheza não passa do resultado de novos entendimentos que ele está a desenvolver, da nova perceção do todo de que faz parte."

— Mas — disse eu —, ele parece-me infeliz.

— Não está infeliz — soletrou o Estêvão. — Está apenas impaciente por regressar ao todo do seu grau de qualidade, tal como todos os que não experimentam a morte súbita se sentem felizes por regressar. Ele regressaria à consciência mais ampla, ao reconhecimento da grande verdade, ao trabalho, ao serviço e ao desenvolvimento de uma nova qualidade de acordo com a quantidade que alcançou. Ele já sabe aquilo em que sempre acreditou: que a vida terrena é a preparação do mortal para a imortalidade."

— Porque — perguntei eu — acreditava ele nisto? Nunca fez profissão de fé.

— Porque na prática da sua profissão — respondeu o Estêvão —, foi-lhe concedido estar presente em tantas graduações e ouvir o testemunho de deleite no encontro das almas que partiam com os amigos. É o belo vislumbre."

— Visões no leito de morte? — perguntei eu.

— Sim — disse o Estêvão —, mas para a alma que parte estas experiências não são visões. São a realidade."

E depois, num aparente desafio à Joana avessa a teorias, o tabuleiro ouija soletrou:

"Uma palavra mais, de resumo. Tomem a consciência como o único e exclusivo todo. Suponham que está dividida em metades. Agora suponham

que la consciência do indivíduo está dividida em metades. As metades da consciência são qualidade e quantidade. As metades da consciência do indivíduo são — pelo menos para fins de psicologia — a alma e a mente. A alma do indivíduo deve ser comparada à qualidade; a mente, à quantidade.

Ora, a qualidade da consciência de um indivíduo pode ser, na verdade é, de um certo grau. Os graus de qualidade podem ser elevados ou baixos e são facilmente reconhecidos; o mesmo se passa com a quantidade. Um indivíduo, então, na graduação, possui o seu dote original de grau de qualidade e os graus acrescentados de quantidade que a vida terrena desenvolveu. E tal como o seu desenvolvimento de quantidade na terra dependeu, no limite final, do seu grau de qualidade, assim o seu progresso qualitativo aqui será governado pelo seu avanço quantitativo terreno, exceto, porém, na medida em que a dádiva de quantidade de cada indivíduo leveda o todo."

XXIII

GRAUS

A MINHA narrativa sobre a vinda da filosofia alcançou agora e ultrapassou o momento em que o Estêvão nos direcionou, à Joana e a mim, para o "seu registo", contido, dissera ele, num livro publicado recentemente. Tínhamos, por esta altura, encontrado o livro; a sua confirmação da existência pretérita de Stephen L. sobressaltou-nos, fazendo-nos compreender que o nosso esforço para explicar a filosofia como uma estranha expressão da minha própria mente não podia ignorar o próprio Estêvão.

Admitindo que de algum modo eu tivesse trabalhado a filosofia subconscientemente e de algum modo a estivesse agora a libertar, a minha mente subconsciente não poderia ter fabricado, nem por palpite, o facto concreto da existência terrena de Stephen L. e as circunstâncias exatas da sua morte. Mas antes de o Estêvão terminar a sua discussão sobre a quantidade, tal raciocínio, no que dizia respeito à minha mente subconsciente, tinha-se tornado inútil. As grafias, sabiamo-lo agora, não vinham através de mim, mas da Joana; e à Joana faltava qualquer conhecimento de metafísica ou instinto para ela.

Foi no decurso desta nova fase do nosso desconcerto que a faculdade da Joana de pressentir as letras antes de estas serem apontadas no tabuleiro

se desenvolveu, com a consequência de que o anúncio que ela fazia das mesmas se antecipava frequentemente ao tripé. A confusão que resultou foi remediada durante algum tempo mantendo-se a Joana em silêncio e fazendo eu a leitura do tabuleiro sozinho. Depois, o tripé engatou uma nova marcha, abandonando o seu antigo compasso de balanço por aquilo que, em certas ocasiões, era um passo realmente furioso.

Assim condicionados, alcançámos a discussão detalhada dos graus.

"Por grau", soletrou o célere tripé, "entende-se aquele estado de consciência com o qual um homem, ou uma mulher, nasce e com o qual, sujeito ao desenvolvimento entretanto alcançado através da assimilação da experiência mortal, se gradua."

Perguntei se um homem, apesar do desenvolvimento quantitativo durante a sua vida terrena, se graduava com o mesmo grau de consciência com que tinha nascido.

— Ora, sim — respondeu o Estêvão. — Mas deixa-me ilustrar. Tomem uma vulgar margarida do campo. Ela, no seu carácter terreno, será sempre uma margarida, embora pelo cultivo se possa tornar num elemento de muitas pétalas, de vida complexa. Assim acontece com o indivíduo."

— Vai mais devagar! — pedi eu.

— Vou tentar — respondeu o tabuleiro. — A estação recetora está a ficar muito praticada."

Continuou ele: "A definição de grau que vos acabo de dar é, com certeza, uma definição de valor humano. Os graus, contudo, são tão característicos de tudo o que é como o são dos homens e das mulheres. Ora, pelo facto de não verem a matéria ou a força nas suas partes componentes, é-vos difícil compreender que uma pedra e a energia elétrica são manifestações de graus da mesma coisa. No entanto, tomem o carbono. Numa forma conhecem-no como carvão, noutra como grafite e numa terceira como um diamante. Mas continua sempre a ser carbono."

— Tens de ir mais devagar — interjetei eu. — Os teus discursos tornaram-se tão longos e tu debitas-nos tão rapidamente!

— Já não há tanta necessidade de perguntas agora — respondeu o Estêvão. — Estão mais esclarecidos do que estavam no início. Acho, contudo, Joana, que podemos ir mais devagar se tentarmos."

A Joana não sabia o que podia fazer quanto a isso; no entanto, em breve o tripé abrandou o seu compasso, correndo a uma velocidade consideravelmente superior à dos primeiros dias, mas suficientemente lenta para que apanhássemos as palavras.

— Escutem — retomou o Estêvão. — Concederão comigo que a terra é redonda, embora nunca tenham circundado o globo; as provas apontadas parecem-vos razoáveis. O mesmo se deveria passar com os graus de consciência, cuja verdade é indicada pela ciência moderna.

"A biologia afirma que o homem é ascendente de uma forma inferior de vida; cada vez mais o cientista hesita em traçar a linha que dividirá definitivamente a matéria viva e aquilo a que chamam matéria inorgânica. Os físicos consideram agora a luz como uma forma de eletricidade; por outras palavras, estão a passar a encarar o fenómeno que conhecem como eletricidade como evolucionista e, portanto, como surgindo em graus. O vislumbre original que a evolução biológica proporcionou tornou-se num vislumbre mais ou menos claro da evolução cósmica.

"E no entanto a ciência contou apenas metade da verdade — a metade quantitativa. O pensamento de que algures as qualidades se devem desenvolver, tal como as quantidades no chamado mundo natural, aparentemente falhou em ser reconhecido. O que proponho é que a ciência investigue a natureza da qualidade com tanta indústria quanto a demonstrada no seu exame da quantidade.

"Que a evolução quantitativa na terra tenha sido acompanhada por um desenvolvimento de qualidade noutro plano, real embora invisível para o homem, é um pensamento inteiramente necessário para a compreensão completa da realidade da evolução.

"Escutem! A força, a matéria, a reação química, a vida, estas constituem a ascensão, tanto qualitativa como quantitativa, da consciência."

— E assim — disse a Joana, quando o Estêvão terminou —, pareceria, afinal de contas, que a vida brotou da matéria?

Pergunto-me se posso tornar perfeitamente claro que o Estêvão não disse tal coisa. Mas deixemos o Estêvão contar a sua própria história.

"A força, a matéria, a reação química, a própria vida", disse ele, "não são, conforme as observam, graus de consciência, estritamente falando. São

atributos de graus de consciência, manifestações de consciência, se preferirem.

"A minha dificuldade reside na falta de termos terrenos, ausentes porque a terra não vê a matéria nas suas partes componentes. O que estou prestes a dizer deve, portanto, ser aceite simplesmente como sugestão, não como enunciação exata de um facto.

"No início, então, que nunca existiu, a consciência era — uma existência intangível, um todo do qual a qualidade e a quantidade eram as metades. Ora, a consciência, pelo contacto consigo mesma, intensificou-se, tal como dois raios de luz que se cruzam poderiam intensificar a luminosidade combinada, tal como a vossa consciência individual se intensifica pelo contacto com a consciência de outro indivíduo. E esta intensificação desenvolveu, digamos, o átomo.

"Para que o átomo tivesse sido desenvolvido, era, escusado será dizer, essencial que a potencialidade atómica tivesse sido inerente à consciência desde o início.

"A ciência estabelece que o átomo, numa forma ou noutra, é a base de toda a matéria, de toda a energia. A única coisa que tenho para vos dizer é que ele é la base de toda a consciência, de todos os graus de consciência, desde aquela existência intangível que acabámos de postular até à própria supremacia. Mas mantenham claramente em mente que o átomo é consciência; nada de novo foi introduzido; o grau simplesmente foi desenvolvido.

"Não houve criação; há apenas o desenvolvimento de graus cada vez mais elevados de consciência. No entanto, para a vossa compreensão, pensem na consciência como tendo-se criado a si própria. Este não será um pensamento tão difícil se recordarem como a força magnética se cria através do contacto de duas metades, a positiva e a negativa."

Olhei para cima depois de registar as palavras do Estêvão e vi os lábios da Joana a moverem-se.

— O que estás aí a resmungar? — perguntei eu.

— Estou a rezar as minhas orações — respondeu ela —; pelo menos acho que estou, embora não tenha a certeza se estive a ouvir um sermão

que aponta o caminho para a bem-aventurança eterna ou uma lição de um professor herético determinado a arrombar o fundo do Génese.

— Eu coloquei um fundo real no Génese — soletrou o Estêvão —, ao arrombar um hipotético. A história de uma criação de seis dias é um grande vislumbre da evolução cósmica. Quanto aos meus 'sermões', quem me dera que houvesse uma forma menos seca de vos contar as coisas que têm de compreender, mas todas as coisas boas vêm por um preço. E a parte da 'bem-aventurança eterna', Joana, é verdadeira. Pois com tanta certeza quanto a humanidade encara a vida como o seu dote mais precioso, assim conhece a morte como o seu único medo real. A minha dádiva para vós é a eliminação do medo. Posso continuar com a discussão?"

A Joana consentiu.

"E agora", continuou o Estêvão, "o nosso mundo está flutuante, um mundo de força e matéria, mas ainda assim consciência. Finalmente, então, a vida faz a sua aparição, um grau mais elevado do que aqueles que a precederam, mas na sua forma embrionária tão baixa que mal se pode chamar vida. Contemplem o que em termos terrenos se chama protoplasma, um grau de consciência infinitamente primitivo, mas não tão primitivo como o átomo original; o protoplasma, digamos apenas para fins de iluminação, desenvolveu-se a partir daqueles graus de consciência manifestados como força e matéria, por via de um grau interveniente conhecido por vocês como reação química. Contemplem a célula simples e indiferenciada de matéria viva, capaz de crescimento e reprodução."

— Posso interromper? — perguntei eu.

— Mas certamente — respondeu o Estêvão.

— Bem — disse eu —, se a alma é a qualidade da minha consciência, qual é a qualidade da consciência do protoplasma?

— Cada grau de consciência — soletrou o tripé — tem a sua qualidade, a sua alma. Tal como a vossa consciência é qualitativa e quantitativa, assim também o é a consciência protoplasmica."

— Queres dizer — perguntei eu — que até o protoplasma se gradua no vosso plano?

— Mas certamente — respondeu o Estêvão. — Toda a consciência se gradua fora do mundo quantitativo da chamada natureza para o mundo

qualitativo da supernatureza, e, também, a qualidade do protoplasma renasce, tão verdadeiramente quanto renasce a qualidade da consciência humana."

— Mas, Estêvão — disse a Joana —, queres realmente dizer que há imortalidade até para a vida no que ela tem de mais baixo? Vês protoplasma imortal no teu plano?

— Para ambas as tuas perguntas, sim — respondeu o Estêvão. — A consciência, de múltiplos graus, é tudo o que há, e do todo nada se pode perder. Neste plano vejo o grau da qualidade de consciência que corresponde àquilo a que chamam protoplasma."

Houve uma pausa. O tripé tinha estado a correr. Após a pausa, moveu-se mais lentamente de novo.

— Escutem — continuou o Estêvão. — A consciência em género é sempre a mesma. Muitos são os seus graus. Termos terrenos tão gerais como força, matéria, reação química e vida dão apenas uma ligeira conceção da variedade das gradações de grau. Observem as incontáveis nuances da própria vida — a atividade quase química da erva daninha, a vida apenas um pouco menos química da ameba, o instinto cego da abelha, o instinto matizado de razão dos animais superiores, finalmente o grau de livre-arbítrio da consciência, o homem.

"Ora, se a força é força, quer seja gravítica ou centrífuga, assim a vida é vida, quer seja a vida de uma ameba ou a vida de um homem. O que é verdade para o desenvolvimento futuro do homem aqui no plano qualitativo deve da mesma forma ser verdade, em grau, para o desenvolvimento de qualquer forma de vida menor do que o homem.

"A consciência do homem é como é apenas porque, através de longos eons de evolução quantitativa no vosso plano, mais o desenvolvimento qualitativo no meu plano, ela se elevou através do nascimento e do renascimento, passo a passo, grau a grau, desde a força cega até à razão e ao livre-arbítrio. A evolução é uma realidade mais potente do que os teóricos da terra têm sonhado.

"Mais uma coisa: todos os graus de consciência, humanos ou menos do que humanos, são entidades perfeitamente reais. Tão reais são os graus que um indivíduo no meu plano sente e simpatiza com a experiência de

todo o seu grau. Isto é também verdade para o indivíduo no vosso plano, com a diferença de que, ao passo que nós aqui compreendemos, vocês aí tateiam. Avancem com as vossas perguntas agora. Elas ajudarão."

— Talvez — disse a Joana — alguns dos estados de espírito que de vez em quando se apoderam de nós de forma tão inexplicável não passem, na realidade, do reflexo de experiências que outros membros do mesmo grau estão a sofrer.

— Exatamente — respondeu o Estêvão. — As mulheres são peculiarmente sensíveis a este respeito. Muitas mulheres na América sofreram intensamente como resultado da experiência, por exemplo, de alguma mulher castigada pela guerra em França de quem a da América nunca ouviu falar. Os médicos, num dia futuro, estarão atentos ao novo diagnóstico de certos distúrbios histéricos."

— O que acontece aos selvagens quando se graduam? — perguntei eu.

— Vêm para o seu grau aqui — respondeu o Estêvão. — Estão lá na sua própria reserva, por assim dizer, embora como é natural os graus aqui não sejam mais físicos do que o são convosco. O facto de as pessoas de graus inferiores na terra procurarem a sua própria espécie é um vislumbre. Assim, sem saberem porquê, os homens ao falarem de um sétimo céu expressaram um vislumbre do grau supremo e do facto de que ele é alcançado pela passagem através de céus ou graus menores."

— Bem — questionei eu —, os graus elevados no teu plano podem comunicar com selvagens qualitativos?

— Com certeza que podemos comunicar com eles — respondeu o tabuleiro ouija. — Ajudamo-los no seu desenvolvimento."

— Tendes leis para controlar esses selvagens? — perguntei eu.

— A consciência é a lei — respondeu o Estêvão.

— Sim — disse eu —, mas a consciência não é a lei aqui?

— Certamente — soletrou o tabuleiro ouija —, mas o homem não permite que ela governe."

— A lei não pode ser quebrada no plano qualitativo? — perguntei eu.

— Não — respondeu o Estêvão. — Não mais do que podes quebrar a lei da gravitação."

— Mas — disse eu —, porque não opera a lei da consciência aqui como opera a lei da gravidade?

— O livre-arbítrio do homem — respondeu o Estêvão.

— A vossa vontade, também, é livre — argumentei eu.

— Sim — respondeu o Estêvão —, mas nós aqui não vemos como através de um espelho, de forma obscura."

A Joana falou. — Para quê tanto alvoroço por causa de selvagens? — disse ela. — Estêvão, o mundo tem proposto muitas definições de génio. Os homens de génio têm sido chamados de tudo, desde deuses a maníacos."

— Há dois tipos de génios — respondeu o tripé do Estêvão. — Há o homem que é, como dizes, médium. O seu trabalho é maravilhoso; contudo, quando os homens o conhecem face a face, acham a sua personalidade insatisfatória. Um homem desses simplesmente verte em palavras os pensamentos de alguma mentalidade maior que vive aqui. O mundo chama a este tipo de homem um génio, no entanto — falo sem desprimor pelo seu dote — ele não o é verdadeiramente.

"O verdadeiro homem de génio é aquele cujo grau de consciência é invulgarmente elevado. A sua qualidade foi-lhe concedida a partir de um grau aqui que se aproxima do supremo. O reconhecimento que o mundo lhe dá dependerá em grande medida de quão completamente ele cumpre esse grau de qualidade pelo desenvolvimento de uma quantidade proporcionada. Claro que a elevada qualidade, também, pode ser, e de facto frequentemente é, médium."

— Bem — disse eu —, se o génio de ordem excelsa pode existir na terra, e se, ao mesmo tempo, os selvagens regressam na graduação àquele grau de consciência que no teu plano corresponde ao seu grau aqui, segue-se que a terra tem muitos indivíduos de uma consciência mais elevada do que os graus inferiores do teu plano.

— Mas certamente — respondeu o Estêvão. — Lembra-te, contudo, de que a longo prazo toda a consciência deve alcançar o supremo."

— Estêvão — disse eu —, basta-nos colocar as mãos sobre este tripé e tu vens. Estás sempre ao alcance de uma chamada?

— Sempre para o teu grau — respondeu ele. — Pois o teu grau e o da Joana é o meu próprio. Somos três praticamente do mesmo grau. É por isso que sou capaz de comunicar tão facilmente convosco."

XXIV

A VIDA DO ALÉM

Na sequência da discussão do Estêvão sobre os graus, a Joana e eu deparámo-nos com a nossa experiência com a máquina de escrever. Embora, ao início, a máquina prometesse agilizar as coisas, tornou-se rapidamente aparente que a pressão das minhas mãos nas têmporas da Joana a perturbava. Perante isto, pareceu que o Estêvão não quis arriscar a discussão do assunto seguinte, que seria, dissera ele, o renascimento da consciência.

Mas mesmo quando regressámos ao tabuleiro ouija, o Estêvão, por uma razão ou por outra, continuou a falar de forma genérica. Talvez estivesse a aguardar a sugestão da Joana que resultou na comunicação mental direta. Depois, com o método mental finalmente alcançado, o facto de que ao início me era exigido segurar os pulsos da Joana impossibilitou a continuação do meu registo; a filosofia não foi formalmente retomada até que as minhas mãos ficassem livres.

Este período de demora, contudo, ofereceu uma quantidade de conversas interessantes, embora digressivas. As conversas que se seguem representam uma parte das comunicações recebidas na máquina de escrever e durante os dias finais do tabuleiro ouija.

— Se eu morresse esta noite, qual seria o meu primeiro pensamento ao entrar na vida do além? — perguntei eu.

— Bem, em primeiro lugar, tu simplesmente voltarias a ti — respondeu o Estêvão. — O teu voltar a ti seria perfeitamente tão natural como o acordar de um sono. E sem dúvida que o teu primeiro pensamento seria: 'É tudo verdade, tal como o Estêvão me disse'."

Perguntei o que veria primeiro.

— O teu enfermeiro, como é natural — retorquiu o Estêvão. — Não te disse já que alguém de nós estará à mão para te segurar a cabeça e persuadir-te de que a operação realmente terminou e que, afinal de contas, não te matou!"

— E como será o aspeto do enfermeiro? — perguntei eu.

— Bem — disse o Estêvão —, toda a consciência tem forma. Quando vieres para aqui e os teus olhos forem desimpedidos, aqueles que te acolherem parecerão bastante naturais e bastante humanos, como na verdade somos. De facto, somos mais humanos do que tu, conforme agora te conheces, alguma vez sonhaste ser. Somos a humanidade intensificada muitas vezes. Seria interessante se eu te repetisse algumas das exclamações de alguém que veio ter connosco hoje — uma mulher sensível que aqui está a achar plenamente visível tudo o que na terra apenas vagamente adivinhava?"

— Muito interessante — disse eu.

Pelo que o Estêvão continuou: "Quando esta mulher encontrou e reconheceu uma amiga que se tinha graduado há alguns anos, disse: 'Ora, querida Winifred, que rosto tão adorável! — em forma, precisamente um rosto como se poderia ver no plano terreno, mas isso é tudo. A coloração é tão maravilhosa. Que olhos fantásticos! São como a luz. O rosto brilha como um pedaço de requintado vidro Tiffany branco, matizado nos tons pastel delicados, mas intensos. Parece que há uma quantidade de luzes elétricas lá dentro a irradiar através dele. O teu rosto, Winifred, está glorificado, etéreo. É como uma nuvem fina sobre o sol. O teu corpo está envolto em cores. Todas as muitas outras pessoas que vejo estão envoltas em cores, mas cada uma está vestida de forma diferente. De acordo com os desejos delas, dizes tu?

Ah, sim, de acordo com os pensamentos delas — compreendo. São os pensamentos delas que as vestem. É um mundo belo este aqui. Não está apinhado, embora haja toda a espécie de coisas — árvores e flores. Ao início não reconheci as árvores; pareciam tão cheias de vida, tão felizes. E através de todas estas coisas consigo ver. Estas formas belas — a tua e as das árvores e das flores, das aves — são a materialidade do plano qualitativo? Tudo isto parece resumir-se à intensidade das perceções.

Olhando por um prisma para a experiência que a terra conhece como morte, trata-se simplesmente da libertação dos sentidos.'"

O Estêvão falou então no seu próprio carácter, dizendo: "A mulher tinha razão. De facto, a morte é a libertação dos sentidos. Liberta o homem da concha embaraçadora do seu corpo. Não é, portanto, o fim, mas antes o início. A vida terrena é uma escola de preparação para a graduação e para a liberdade que a graduação traz. E não só é a morte uma libertação dos sentidos; é uma libertação da mente subconsciente."

A última afirmação do Estêvão pode significar muito ou pouco, mas para mi as palavras "liberdade do subconsciente" contêm um pensamento maravilhoso. Disse-o.

— Duvido — disse o Estêvão — que avalies quão maravilhoso é. É desta maneira: tudo o que viste, ouviste, sentiste e pensaste está tão verdadeiramente na tua mente como o pensamento de que estás consciente neste instante. O psicólogo dir-te-á que isto é verdade. A tua mente consciente pode falhar em recordar, mas a tua mente subconsciente nada esquece. Pensa no prodígio de libertar essa mente subconsciente, de estares na posse instantânea de toda a tua experiência, em vez de apenas daquela ninharia que num dado momento és capaz de convocar pela associação de ideias. Todas as teorias mais amplas da educação assentam na verdade vislumbrada da liberdade do subconsciente do meu plano. Encontra neste facto a razão para a fé que incita os homens a dominarem arduamente os mil e um estudos que logo de seguida esquecem.

"Quando as consciências individuais vêm para aqui, a sua primeira sensação invulgar é a sua liberdade — liberdade de perceção, de pensamento, de movimento. A graduação é a intensificação da consciência terrena e a concessão de liberdade à mesma.

"Não entendas mal. O mesmo grau de liberdade não é adquirido por todos os que vêm. A vida aqui para todos é igualmente livre no sentido de que cada um atinge a oportunidade para o desenvolvimento qualitativo. Mas, mesmo assim, há diferenças nos graus de desenvolvimento alcançados individualmente. Num grau temos menos compreensão e, portanto, num sentido da palavra, menos liberdade; num grau mais elevado ganhamos mais."

— Estás em todo o lado ao mesmo tempo? — perguntou a Joana.

— Eu disse isso? — respondeu o Estêvão. — Tu chamas e é como se eu estivesse numa cidade distante. Recebo o teu telegrama — o método de transmissão é perfeitamente tão material — e venho, sem embarcar num comboio."

— E vens na tua presença corporal?

— Mas certamente — respondeu o Estêvão. — Neste instante estou de pé com a mão no teu ombro."

Uma observação dessas, algumas semanas antes, teria feito a Joana esquivar-se. Mas uma pessoa habitua-se a mãos invisíveis, especialmente quando elas não se sentem também. Ela perguntou: — Como entraste na sala?

O Estêvão respondeu com uma pergunta sua: — Sabes como a luz penetra na matéria? Compreendes a transparência?"

— Tem-se um lar no plano qualitativo? — perguntei eu.

— Temos os nossos graus — respondeu o Estêvão —, e os nossos círculos dentro dos nossos graus. Um pensamento, se alimentado por dois ou mais, pode ser para eles um lar."

— E quanto às famílias? — perguntou a Joana. — Reconhece-se o pai como pai?

— Mas certamente — respondeu o Estêvão. — Nós no plano qualitativo conhecemos os nossos parentes terrenos como tais. Mas aqui, novamente, lembra-te de que a consciência é um todo. Numa análise final, as relações especiais das partes devem ser interpretadas à luz da sua relação geral. O laço familiar é um laço da evolução natural e é, como é evidente, digno. Não se segue, contudo, que o laço familiar seja um laço espiritual, embora os membros de uma determinada família possam ser do mesmo grau e, portanto, unidos uns aos outros numa simpatia que transcende o seu mero relacionamento de sangue. Por outro lado, o irmão, mesmo na terra, pode não encontrar no irmão o seu amigo mais íntimo."

— E quanto ao sexo? — perguntei eu.

— No céu — disse o Estêvão —, não há casamento nem se dão em casamento. Não há sexo aqui conforme o conhecem. Há na consciência o que um eletricista poderia ser tentado a chamar de uma divisão negativa e

positiva. E essa divisão, manifestando-se na terra como sexo, corre através do todo da consciência. Aqui há um paralelo daquilo que conhecem como sexo, e dizem-me que o paralelo chega mesmo até à supremacia. Mas não há nascimento aqui; o nascimento é um fenómeno natural que serve o desenvolvimento da quantidade."

— Suponho — aventurou a Joana — que o renascimento traz a qualidade da consciência dos homens de volta à terra como mulheres e a das mulheres de volta como homens.

— Não suponho tal coisa — respondeu o Estêvão. — Querias que a consciência do Darby fosse diferente do que é?"

— Mas — propus eu —, quão enriquecedor seria se a consciência individual pudesse, através do renascimento, ganhar tanto a experiência do homem como a da mulher!"

— Se um homem ama verdadeiramente uma mulher — respondeu o Estêvão —, ele desenvolver-se-á através dela, devido à sua simpatia por ela. O inverso também se aplica."

— Uma pessoa acabada de se graduar assiste ao seu próprio funeral? — perguntei eu.

— Seguramente que já vos indiquei — respondeu o Estêvão — que não deixamos os recém-chegados fazer isso. Nós afastamo-los de tudo isso. Eles ainda são bastante humanos, bastante próximos ainda da consciência terrena. Às vezes, porém, quando há grande amor, deixamo-los voltar e, sem que nada se suspeite, eles confortam os que são deixados para trás. Mais frequentemente, o confortador não é o que acaba de partir, mas sim outra pessoa."

— Deve haver muitos encontros bizarros — disse eu. — Por exemplo, o do homem assassinado com o seu homicida.

— Esses dois não necessitam de se encontrar — foi a resposta. — Contudo, se optarem por fazê-lo, será com uma compreensão mais plena do que a que qualquer um possuía na vida terrena. Não há mal, apenas negativos. E aqui no plano qualitativo não há negativos no sentido de que a falta de desenvolvimento num indivíduo possa causar dano a outro. O perdão pelas ofensas feitas a alguém na terra é fácil aqui, onde a consciência em desenvolvimento é adequadamente compreendida."

— Estêvão — disse a Joana —, tu nunca te cansas? Nunca dormes?

— Porque haveria de me cansar? — respondeu ele. — Porque haveria de dormir? Não há cansaço aqui no plano qualitativo. A alma, a qualidade, nunca se cansa. Isto é verdade mesmo no vosso plano. Apenas o vosso corpo fica fatigado."

— Mas — continuou a Joana —, tu também, por confissão própria, tens um corpo material. Porque se haveria o meu corpo de cansar, enquanto o teu não se cansa?

— Ocasionalmente — disse o Estêvão —, o mundo fala de auras, por vezes de corpos astrais. Se serei capaz de separar o vislumbre das hipóteses emocionais envolvidas é duvidoso, mas vou tentar.

"Em primeiro lugar, disse-te que tenho forma e que essa forma é material. Não é, contudo, correto comparar a minha forma com aquilo a que chamas o teu corpo. Afinal de contas, o teu corpo natural apenas reflete a verdadeira forma da tua consciência.

"Devias, como é óbvio, levar em conta o facto de que o teu corpo tem por si mesmo uma consciência bastante distinta da tua. Num sentido, pode dizer-se que o teu corpo é um ponto de tensão de várias forças celulares. Ele é, como o fisiologista coloca, composto por uma enorme quantidade de células, independentes umas das outras, mas de tal modo relacionadas que constituem um todo. Ora, cada uma destas células tem uma vida própria, uma consciência própria. O braço de um homem pode ser amputado sem afetar minimamente a perceção que ele tem de si mesmo.

"O facto é que a vossa consciência no plano terreno está associada sempre a graus de consciência inferiores a si própria. Os graus inferiores, as células do vosso corpo, constituem a casa em que vivem. A forma da vossa própria consciência não deve ser confundida com a forma das células corporais com que na terra estão associados. No entanto, a verdadeira forma da consciência de um homem é o molde que molda as feições do seu corpo."

— Então — disse eu —, uma pessoa fisicamente bela deve também ser bela de alma?

— Não necessariamente — respondeu o Estêvão. — Uma flor muito bela não necessita de ter aroma. A tua inferência é o resultado de falhares

em levar em conta o que te disse sobre o corpo natural ter por si mesmo consciência."

A Joana e eu acreditamos que o pensamento do Estêvão de um atributo de forma bastante distinto do corpo natural é importante para a sua filosofia. No entanto, o assunto não é de fácil compreensão. Um pensamento desses liberta, contudo, a filosofia do Estêvão da necessidade de assumir que a alma libertada pela morte deve, de algum modo, algures, adquirir um novo corpo. A verdade parece ser que essa alma simplesmente passa a ter conhecimento do seu corpo real, o qual na vida terrena não é — seja ele o que for — aquela questão de carne e osso feita de células que, embora sirvam a consciência do homem, perseguem, não obstante, os seus próprios fins.

"Nós aqui", acrescentou o Estêvão, "não estamos sujeitos à fadiga, porque não estamos associados a uma materialidade inferior à nossa. A fadiga é a ameaça de desintegração das células do vosso corpo natural. Cada pensamento e cada ato vosso tendem a desgastar essas células. Através da doença, elas desintegram-se de facto. Aqui estou dissociado daquela combinação de graus menores de consciência a que na terra chamava o meu corpo. Aqui não há fadiga nem doença."

XXV

O RENASCIMENTO DA CONSCIÊNCIA

Penso que a ideia de renascimento do Estêvão provou ser a mais difícil de todas para eu compreender. Pareceu ao início totalmente bizarra. E depois, também, eu não estava ainda totalmente ajustado ao fenómeno da comunicação mental.

Durante semanas tinha estado habituado a dirigir uma pergunta para o ar e a vê-la respondida no tabuleiro ouija; a atuação tinha deixado de ser desconcertante. Mas dizer: "Estêvão, e quanto a isto?" ou "Como é aquilo, Estêvão?" e ter a própria Joana a responder era uma questão diferente, especialmente porque a própria personalidade da Joana parecia, conforme eu tocava no seu pulso, desvanecer-se, dando lugar à de um outro alguém invisível.

Pode ser que a atmosfera da discussão sobre o renascimento e das conversas que se lhe seguiram fosse relatada de forma mais fiel se eu abandonasse as velhas expressões "o Estêvão disse" e "o Estêvão respondeu", e adotasse antes "a Joana disse, falando pelo Estêvão". Não o faço pela razão de que, antes de muitas noites terem passado, aquilo que se poderia chamar a Joana Estêvão se tornou algo tão natural como o Estêvão do tabuleiro ouija tinha sido. Na verdade, tivesse eu sido capaz, ao fechar os olhos, de esquecer a presença da Joana, e bem poderia ter imaginado, mesmo durante a discussão sobre o renascimento, que o próprio Estêvão estava sentado ao meu lado. Mas, mesmo ao início, esse esquecimento não era possível; a assunção pela Joana de uma personalidade que não a sua era ainda demasiado inédita.

"O renascimento não é, em sentido algum, aquilo que conhecem como reencarnação", começou o Estêvão. "É verdade, como outrora vos disse, que na ideia da reencarnação reside um vislumbre. Mas este pensamento budista é, no todo, uma hipótese emocional. Descartem de uma vez por todas qualquer possibilidade de eu querer dizer por renascimento o que o mundo tem entendido por reencarnação."

— Muito bem, Estêvão — disse eu —, o pensamento está descartado. Nunca vivi individualmente antes da minha atual existência e nunca mais, após a minha morte, viverei aqui na terra novamente. É isto o que queres que eu compreenda primeiro, não é?

— Absolutamente — respondeu ele.

— Mas — clamei eu —, o que há num mortal, além dele próprio, para ser renascido?

— Uma parte da sua consciência renasce, não uma, mas muitas vezes — respondeu o Estêvão.

— Que parte? — exigi eu.

— Já vos disse que a qualidade de consciência renasce."

— É, então, a consciência de um homem divisível?

— Mas, Darby — respondeu o Estêvão —, não pode uma coisa dar da sua qualidade sem ser ela própria dividida?"

— Absurdo! — disse eu. — Como pode a minha consciência individual avançar após a morte e, ao mesmo tempo, a qualidade da minha consciência regressar a este mundo?

Antes de as minhas palavras terem terminado, o Estêvão já respondia.

— Escuta! — disse ele. — Visitemos em imaginação o laboratório de uma empresa de fonógrafos. Está tudo a postos para a gravação de um disco. A cantora eleva a sua voz. Nos dias que se seguem, cópias do disco encontram o seu caminho para milhares de lares, onde, ao empurrar de uma alavanca, a voz da soprano é ouvida vezes sem conta. Ora, segue-se daí que, pelo facto de a qualidade da voz dessa soprano se ter emprestado ao disco fonográfico, a soprano em si, ou a sua voz, deixou de existir? Absurdo!"

Mas o pensamento do Estêvão estava além do meu alcance.

— Tu compreendes, Joana? — perguntei eu.

— É o Estêvão que está a falar — veio a resposta. — Experimenta tocar no pulso da Joana, depois lê-lhe as tuas notas."

O Estêvão desvaneceu-se, regressando a Joana ao meu toque. Ela escutou atentamente as palavras que acabara de proferir, perfeitamente como se nunca as tivesse ouvido antes.

— Não consigo compreender esta noção de renascimento da qualidade — disse eu.

— Ora — disse ela —, não é assim tão obscura. Tu exprimes os teus pensamentos, no entanto continuas. O que acontece no caso do fonógrafo acontece de outra forma cada vez que me dás uma ideia. Não sei se compreendo realmente o que o Estêvão chama de renascimento da qualidade, mas consigo conceber a sua possibilidade. A ilustração do fonógrafo simplesmente aplica a lei dos paralelos."

Fiquei obstinado. Pareceu-me, disse eu, que no presente caso o único paralelo que importava algo mais do que uma mera analogia teria de residir entre o nascimento natural e o que quer que fosse que o Estêvão chamava de renascimento.

— Bem, tu e o Estêvão que se entendam — disse a Joana. — Francamente, fico feliz por não ter de ouvir a discussão."

Toquei-lhe no pulso novamente — silêncio um momento, depois o Estêvão.

— Precisamente — disse ele. — O nascimento e o renascimento são paralelos. Tomem um carvalho. Na estação própria, ele deita a sua belota. E a belota amadurece e cai na terra. É um pedaço daquilo a que chamam matéria. A análise química pode determinar precisamente que elementos e precisamente que combinações desses elementos vão constituir essa belota material. Esta análise quantitativa não apresenta dificuldade alguma para o cientista terreno.

"No entanto, imaginem essa belota recolhida por um químico que nunca tivesse visto uma semente antes. Um químico desses, apesar de toda a sua análise quantitativa, mal reconheceria a belota como algo que diferisse grandemente de uma lasca de madeira. Se, contudo, ele deitasse essa belota num solo adequado, brotaria dela outro carvalho. Então ele dar-se-ia conta da qualidade essencial da belota, da sua potencial condição de árvore.

"Como foi, agora, que a belota herdou a sua qualidade de carvalho?"

— Ora — disse eu —, da árvore progenitora, como é natural.

— Concedido que a tua resposta estivesse totalmente correta — respondeu o Estêvão —, seguir-se-ia daí que a árvore progenitora é menos uma árvore individual pelo facto de ter dado à belota a sua própria qualidade?"

— Bem, não — admiti eu —, suponho que não.

— Nem — disse o Estêvão — o indivíduo no meu plano, cuja qualidade de consciência nasce de volta no vosso plano, fica por isso menos individualizado.

"Na forma corporal, não és tu um homem e a Joana uma mulher? Foram os vossos pais menos homens e mulheres corpóreos por vos terem dotado, no processo do nascimento natural, com a forma humana? Ora, de um modo perfeitamente paralelo a esse dote de corpo à nascença, o renascimento a partir do meu plano deu-te o teu dote qualitativo. O nascimento e o renascimento operam sob leis paralelas."

— Mas, Estêvão — disse eu —, porque não é razoável supor que o progenitor dota a sua progenitura não apenas com a forma corporal, mas

com a qualidade de consciência também? Porque se tem de conjurar um renascimento qualitativo para explicar aquilo de que o simples nascimento natural poderia com a mesma facilidade prestar contas?

— Escuta! — respondeu o Estêvão. — Volta à gravação do disco fonográfico. Se o nascimento natural fosse tudo, se não houvesse renascimento da consciência a partir do meu plano qualitativamente livre para o vosso, que é qualitativamente determinado, não haveria evolução. O disco fonográfico não passa de uma réplica.

"O nascimento natural implica reprodução apenas, a passagem sem fim, dos pais para os filhos, de identicamente aquilo que os pais receberam dos seus pais. É o renascimento a partir do plano qualitativamente livre para o plano qualitativamente fixo que faz da simples reprodução a realidade da evolução. Já vos dei este pensamento antes; é uma contribuição distinta para a verdade científica.

"Certo é que a única criação que alguma vez existiu ou existirá é a evolução da consciência de graus inferiores para superiores. No entanto, o desenvolvimento no vosso plano é quantitativo apenas. De onde vem, então, o avanço qualitativo que o vosso evolucionista tem notado? Não vês, Darby, a necessidade de um modo de ser qualitativamente livre? Um plano desses deve ser postulado pelo próprio evolucionista. Ele será forçado a render-se à hipótese assim que reconhecer o carácter qualitativamente fixo de toda a consciência do chamado mundo natural. Se não fosse pelo renascimento a partir do plano de desenvolvimento qualitativo, poderia haver qualquer evolução? O que te digo é razoável."

— Pareceria que sim, Estêvão — disse eu. — Mas diz-me, de quem é a qualidade de consciência que vive novamente em mim?

— A qualidade de certos artistas e filósofos — respondeu o Estêvão.

E com isto fomos novamente mergulhados no mal-entendido; pois eu tinha colhido a ideia de que, embora a qualidade do indivíduo e não o próprio indivíduo seja renascida, cada pessoa aqui representa a qualidade de uma outra determinada pessoa ali. Quando o Estêvão afirmou que a qualidade de muitos tinha sido renascida em mim, dei comigo novamente a tatear.

— Escuta agora! — disse ele, quando lhe expus a minha dificuldade. — O renascimento é o regresso ao vosso mundo de uma qualidade mais elevada de consciência que já antes esteve no vosso mundo num grau inferior. Ora, isto não significa a qualidade individual de consciência.

XXIV

A VIDA DO ALÉM

Na sequência da discussão do Estêvão sobre os graus, a Joana e eu deparámo-nos com a nossa experiência com a máquina de escrever. Embora, ao início, a máquina prometesse agilizar as coisas, tornou-se rapidamente aparente que a pressão das minhas mãos nas têmporas da Joana a perturbava. Perante isto, pareceu que o Estêvão não quis arriscar a discussão do assunto seguinte, que seria, dissera ele, o renascimento da consciência.

E mesmo quando regressámos ao tabuleiro ouija, o Estêvão, por uma razão ou por outra, continuou a falar de forma genérica. Talvez estivesse a aguardar a sugestão da Joana que resultou na comunicação mental direta. Depois, com o método mental finalmente alcançado, o facto de que ao início me era exigido segurar os pulsos da Joana impossibilitou a continuação do meu registo; a filosofia não foi formalmente retomada até que as minhas mãos ficassem livres.

Este período de demora, contudo, ofereceu uma quantidade de conversas interessantes, embora digressivas. As conversas que se seguem representam uma parte das comunicações recebidas na máquina de escrever e durante os dias finais do tabuleiro ouija.

— Se eu morresse esta noite, qual seria o meu primeiro pensamento ao entrar na vida do além? — perguntei eu.

— Bem, em primeiro lugar, tu simplesmente voltarias a ti — respondeu o Estêvão. — O teu voltar a ti seria perfeitamente tão natural como o acordar de um sono. E sem dúvida que o teu primeiro pensamento seria: 'É tudo verdade, tal como o Estêvão me disse'."

Perguntei o que veria primeiro.

— O teu enfermeiro, como é natural — retorquiu o Estêvão. — Não te disse já que alguém de nós estará à mão para te segurar a cabeça e persuadir-te de que a operação realmente terminou e que, afinal de contas, não te matou!"

— E como será o aspeto do enfermeiro? — perguntei eu.

— Bem — disse o Estêvão —, toda a consciência tem forma. Quando vieres para aqui e os teus olhos forem desimpedidos, aqueles que te acolherem parecerão bastante naturais e bastante humanos, como na verdade somos. De facto, somos mais humanos do que tu, conforme agora te conheces, alguma vez sonhaste ser. Somos a humanidade intensificada muitas vezes. Seria interessante se eu te repetisse algumas das exclamações de alguém que veio ter connosco hoje — uma mulher sensível que aqui está a achar plenamente visível tudo o que na terra apenas vagamente adivinhava?"

— Muito interessante — disse eu.

Pelo que o Estêvão continuou:

"Quando esta mulher encontrou e reconheceu uma amiga que se tinha graduado há alguns anos, disse: 'Ora, querida Winifred, que rosto tão adorável! — em forma, precisamente um rosto como se poderia ver no plano terreno, mas isso é tudo. A coloração é tão maravilhosa. Que olhos fantásticos! São como a luz. O rosto brilha como um pedaço de requintado vidro Tiffany branco, matizado nos tons pastel delicados, mas intensos. Parece que há uma quantidade de luzes elétricas lá dentro a irradiar através dele. O teu rosto, Winifred, está glorificado, etéreo. É como uma nuvem fina sobre o sol. O teu corpo está envolto em cores. Todas as muitas outras pessoas que vejo estão envoltas em cores, mas cada uma está vestida de forma diferente. De acordo com os desejos delas, dizes tu? Ah, sim, de acordo com os pensamentos delas — compreendo.

São os pensamentos delas que as vestem. É um mundo belo este aqui. Não está apinhado, embora haja toda a espécie de coisas — árvores e flores. Ao início não reconheci as árvores; pareciam tão cheias de vida, tão felizes. E através de todas estas coisas consigo ver. Estas formas belas — a tua e as das árvores e das flores, das aves — são a materialidade do plano qualitativo? Tudo isto parece resumir-se à intensidade das perceções.

Olhando por um prisma para a experiência que a terra conhece como morte, trata-se simplesmente da libertação dos sentidos.'"

O Estêvão falou então no seu próprio carácter, dizendo:

"A mulher tinha razão. De facto, a morte é a libertação dos sentidos. Liberta o homem da concha embaraçadora do seu corpo. Não é, portanto, o fim, mas antes o início. A vida terrena é uma escola de preparação para a graduação e para a liberdade que a graduação trás. E não só é a morte uma libertação dos sentidos; é uma libertação da mente subconsciente."

A última afirmação do Estêvão pode significar muito ou pouco, mas para mi as palavras "liberdade do subconsciente" contêm um pensamento maravilhoso. Disse-o.

— Duvido — disse o Estêvão — que avalies quão maravilhoso é. É desta maneira: tudo o que viste, ouviste, sentiste e pensaste está tão verdadeiramente na tua mente como o pensamento de que estás consciente neste instante. O psicólogo dir-te-á que isto é verdade. A tua mente consciente pode falhar em recordar, mas a tua mente subconsciente nada esquece. Pensa no prodígio de libertar essa mente subconsciente, de estares na posse instantânea de toda a tua experiência, em vez de apenas daquela ninharia que num dado momento és capaz de convocar pela associação de ideias. Todas as teorias mais amplas da educação assentam na verdade vislumbrada da liberdade do subconsciente do meu plano. Encontra neste facto a razão para a fé que incita os homens a dominarem arduamente os mil e um estudos que logo de seguida esquecem.

"Quando as consciências individuais vêm para aqui, a sua primeira sensação invulgar é a sua liberdade — liberdade de perceção, de pensamento, de movimento. A graduação é a intensificação da consciência terrena e a concessão de liberdade à mesma.

"Não entendas mal. O mesmo grau de liberdade não é adquirido por todos os que vêm. A vida aqui para todos é igualmente livre no sentido de que cada um atinge a oportunidade para o desenvolvimento qualitativo. Mas, mesmo assim, há diferenças nos graus de desenvolvimento alcançados individualmente. Num grau temos menos compreensão e, portanto, num sentido da palavra, menos liberdade; num grau mais elevado ganhamos mais."

— Estás em todo o lado ao mesmo tempo? — perguntou a Joana.

— Eu disse isso? — respondeu o Estêvão. — Tu chamas e é como se eu estivesse numa cidade distante. Recebo o teu telegrama — o método de transmissão é perfeitamente tão material — e venho, sem embarcar num comboio."

— E vens na tua presença corporal?

— Mas certamente — respondeu o Estêvão. — Neste instante estou de pé com a mão no teu ombro."

Uma observação dessas, algumas semanas antes, teria feito a Joana esquivar-se. Mas uma pessoa habitua-se a mãos invisíveis, especialmente quando elas não se sentem também. Ela perguntou:

— Como entraste na sala?

O Estêvão respondeu com uma pergunta sua:

— Sabes como a luz penetra na matéria? Compreendes a transparência?"

— Tem-se um lar no plano qualitativo? — perguntei eu.

— Temos os nossos graus — respondeu o Estêvão —, e os nossos círculos dentro dos nossos graus. Um pensamento, se alimentado por dois ou mais, pode ser para eles um lar."

— E quanto às famílias? — perguntou a Joana. — Reconhece-se o pai como pai?

— Mas certamente — respondeu o Estêvão. — Nós no plano qualitativo conhecemos os nossos parentes terrenos como tais. Mas aqui, novamente, lembra-te de que a consciência é um todo. Numa análise final, as relações especiais das partes devem ser interpretadas à luz da sua relação geral. O laço familiar é um laço da evolução natural e é, como é evidente, digno. Não se segue, contudo, que o laço familiar seja um laço espiritual, embora os membros de uma determinada família possam ser do mesmo grau e, portanto, unidos uns aos outros numa simpatia que transcende o seu mero relacionamento de sangue. Por outro lado, o irmão, mesmo na terra, pode não encontrar no irmão o seu amigo mais íntimo."

— E quanto ao sexo? — perguntei eu.

— No céu — disse o Estêvão —, não há casamento nem se dão em casamento. Não há sexo aqui conforme o conhecem. Há na consciência o que um eletricista poderia ser tentado a chamar de uma divisão negativa e positiva. E essa divisão, manifestando-se na terra como sexo, corre através do todo da consciência. Aqui há um paralelo daquilo que conhecem como sexo, e dizem-me que o paralelo chega mesmo até à supremacia. Mas não há nascimento aqui; o nascimento é um fenómeno natural que serve o desenvolvimento da quantidade."

— Suponho — aventurou a Joana — que o renascimento traz a qualidade da consciência dos homens de volta à terra como mulheres e a das mulheres de volta como homens.

— Não suponho tal coisa — respondeu o Estêvão. — Querias que a consciência do Darby fosse diferente do que é?"

— Mas — propus eu —, quão enriquecedor seria se a consciência individual pudesse, através do renascimento, ganhar tanto a experiência do homem como a da mulher!"

— Se um homem ama verdadeiramente uma mulher — respondeu o Estêvão —, ele desenvolver-se-á através dela, devido à sua simpatia por ela. O inverso também se aplica."

— Uma pessoa acabada de se graduar assiste ao seu próprio funeral? — perguntei eu.

— Seguramente que já vos indiquei — respondeu o Estêvão — que não deixamos os recém-chegados fazer isso. Nós afastamo-los de tudo isso. Eles ainda são bastante humanos, bastante próximos ainda da consciência terrena. Às vezes, porém, quando há grande amor, deixamo-los voltar e, sem que nada se suspeite, eles confortam os que são deixados para trás. Mais frequentemente, o confortador não é o que acaba de partir, mas sim outra pessoa."

— Deve haver muitos encontros bizarros — disse eu. — Por exemplo, o do homem assassinado com o seu homicida.

— Esses dois não necessitam de se encontrar — foi a resposta. — Contudo, se optarem por fazê-lo, será com uma compreensão mais plena do que a que qualquer um possuía na vida terrena. Não há mal, apenas negativos. E aqui no plano qualitativo não há negativos no sentido de que a

falta de desenvolvimento num indivíduo possa causar dano a outro. O perdão pelas ofensas feitas a alguém na terra é fácil aqui, onde a consciência em desenvolvimento é adequadamente compreendida."

— Estêvão — disse a Joana —, tu nunca te cansas? Nunca dormes?

— Porque haveria de me cansar? — respondeu ele. — Porque haveria de dormir? Não há cansaço aqui no plano qualitativo. A alma, a qualidade, nunca se cansa. Isto é verdade mesmo no vosso plano. Apenas o vosso corpo fica fatigado."

— Mas — continuou a Joana —, tu também, por confissão própria, tens um corpo material. Porque se haveria o meu corpo de cansar, enquanto o teu não se cansa?

— Ocasionalmente — disse o Estêvão —, o mundo fala de auras, por vezes de corpos astrais. Se serei capaz de separar o vislumbre das hipóteses emocionais envolvidas é duvidoso, mas vou tentar.

"Em primeiro lugar, disse-te que tenho forma e que essa forma é material. Não é, contudo, correto comparar a minha forma com aquilo a que chamas o teu corpo. Afinal de contas, o teu corpo natural apenas reflete a verdadeira forma da tua consciência.

"Devias, como é óbvio, levar em conta o facto de que o teu corpo tem por si só uma consciência bastante distinta da tua. Num sentido, pode dizer-se que o teu corpo é um ponto de tensão de várias forças celulares. Ele é, como o fisiologista coloca, composto por uma enorme quantidade de células, independentes umas das outras, mais de tal modo relacionadas que constituem um todo. Ora, cada uma destas células tem uma vida própria, uma consciência própria. O braço de um homem pode ser amputado sem afetar minimamente a perceção que ele tem de si mesmo.

"O facto é que a vossa consciência no plano terreno está associada sempre a graus de consciência inferiores a si própria. Os graus inferiores, as células do vosso corpo, constituem a casa em que vivem. A forma da vossa própria consciência não deve ser confundida com a forma das células corporais com que na terra estão associados. No entanto, a verdadeira forma da consciência de um homem é o molde que molda as feições do seu corpo."

— Então — disse eu —, uma pessoa fisicamente bela deve também ser bela de alma?

— Não necessariamente — respondeu o Estêvão. — Uma flor muito bela não necessita de ter aroma. A tua inferência é o resultado de falhares em levar em conta o que te disse sobre o corpo natural ter por si mesmo consciência."

A Joana e eu acreditamos que o pensamento do Estêvão de um atributo de forma bastante distinto do corpo natural é importante para a sua filosofia. No entanto, o assunto não é de fácil compreensão. Um pensamento desses liberta, contudo, a filosofia do Estêvão da necessidade de assumir que a alma libertada pela morte deve, de algum modo, algures, adquirir um novo corpo. A verdade parece ser que essa alma simplesmente passa a ter conhecimento do seu corpo real, o qual na vida terrena não é — seja ele o que for — aquela questão de carne e osso feita de células que, embora sirvam a consciência do homem, perseguem, não obstante, os seus próprios fins.

"Nós aqui", acrescentou o Estêvão, "não estamos sujeitos à fadiga, porque não estamos associados a uma materialidade inferior à nossa. A fadiga é a ameaça de desintegração das células do vosso corpo natural. Cada pensamento e cada ato vosso tendem a desgastar essas células. Através da doença, elas desintegram-se de facto. Aqui estou dissociado daquela combinação de graus menores de consciência a que na terra chamava o meu corpo. Aqui não há fadiga nem doença."

XXV

O RENASCIMENTO DA CONSCIÊNCIA

Penso que a ideia de renascimento do Estêvão provou ser a mais difícil de todas para eu compreender. Pareceu ao início totalmente bizarra. E depois, também, eu não estava ainda totalmente ajustado ao fenómeno da comunicação mental.

Durante semanas tinha estado habituado a dirigir uma pergunta para o ar e a vê-la respondida no tabuleiro ouija; a atuação tinha deixado de ser desconcertante. Mas dizer: "Estêvão, e quanto a isto?" ou "Como é aquilo, Estêvão?" e ter a própria Joana a responder era uma questão diferente,

especialmente porque a própria personalidade da Joana parecia, conforme eu tocava no seu pulso, desvanecer-se, dando lugar à de um outro alguém invisível.

Pode ser que a atmosfera da discussão sobre o renascimento e das conversas que se lhe seguiram fosse relatada de forma mais fiel se eu abandonasse as velhas expressões "o Estêvão disse" e "o Estêvão respondeu", e adotasse antes "a Joana disse, falando pelo Estêvão". Não o faço pela razão de que, antes de muitas noites terem passado, aquilo que se poderia chamar a Joana Estêvão se tornou algo tão natural como o Estêvão do tabuleiro ouija tinha sido. Na verdade, tivesse eu sido capaz, ao fechar os olhos, de esquecer a presença da Joana, e bem poderia ter imaginado, mesmo durante a discussão sobre o renascimento, que o próprio Estêvão estava sentado ao meu lado. Mas, mesmo ao início, esse esquecimento não era possível; a assunção pela Joana de uma personalidade que não a sua era ainda demasiado inédita.

"O renascimento não é, em sentido algum, aquilo que conhecem como reencarnação", começou o Estêvão. "É verdade, como outrora vos disse, que na ideia da reencarnação reside um vislumbre. Mas este pensamento budista é, no todo, uma hipótese emocional. Descartem de uma vez por todas qualquer possibilidade de eu querer dizer por renascimento o que o mundo tem entendido por reencarnação."

— Muito bem, Estêvão — disse eu —, o pensamento está descartado. Nunca vivi individualmente antes da minha atual existência e nunca mais, após a minha morte, viverei aqui na terra novamente. É isto o que queres que eu compreenda primeiro, não é?

— Absolutamente — respondeu ele.

— Mas — clamei eu —, o que há num mortal, além dele próprio, para ser renascido?

— Uma parte da sua consciência renasce, não uma, mas muitas vezes — respondeu o Estêvão.

— Que parte? — exigi eu.

— Já vos disse que a qualidade de consciência renasce."

— É, então, a consciência de um homem divisível?

— Mas, Darby — respondeu o Estêvão —, não pode uma coisa dar da sua qualidade sem ser ela própria dividida?"

— Absurdo! — disse eu. — Como pode a minha consciência individual avançar após a morte e, ao mesmo tempo, a qualidade da minha consciência regressar a este mundo?

Antes de as minhas palavras terem terminado, o Estêvão já respondia.

— Escuta! — disse ele. — Visitemos em imaginação o laboratório de uma empresa de fonógrafos. Está tudo a postos para a gravação de um disco. A cantora eleva a sua voz. Nos dias que se seguem, cópias do disco encontram o seu caminho para milhares de lares, onde, ao empurrar de uma alavanca, a voz da soprano é ouvida vezes sem conta. Ora, segue-se daí que, pelo facto de a qualidade da voz dessa soprano se ter emprestado ao disco fonográfico, a soprano em si, ou a sua voz, deixou de existir? Absurdo!"

But o pensamento do Estêvão estava além do meu alcance.

— Tu compreendes, Joana? — perguntei eu.

— É o Estêvão que está a falar — veio a resposta. — Experimenta tocar no pulso da Joana, depois lê-lhe as tuas notas."

O Estêvão desvaneceu-se, regressando a Joana ao meu toque. Ela escutou atentamente as palavras que acabara de proferir, perfeitamente como se nunca as tivesse ouvido antes.

— Não consigo compreender esta noção de renascimento da qualidade — disse eu.

— Ora — disse ela —, não é assim tão obscura. Tu exprimes os teus pensamentos, no entanto continuas. O que acontece no caso do fonógrafo acontece de outra forma cada vez que me dás uma ideia. Não sei se compreendo realmente o que o Estêvão chama de renascimento da qualidade, mas consigo conceber a sua possibilidade. A ilustração do fonógrafo simplesmente aplica a lei dos paralelos."

Fiquei obstinado. Pareceu-me, disse eu, que no presente caso o único paralelo que importava algo mais do que uma mera analogia teria de residir entre o nascimento natural e o que quer que fosse que o Estêvão chamava de renascimento.

— Bem, tu e o Estêvão que se entendam — disse a Joana. — Francamente, fico feliz por não ter de ouvir a discussão."

Toquei-lhe no pulso novamente — silêncio um momento, depois o Estêvão.

— Precisamente — disse ele. — O nascimento e o renascimento são paralelos. Tomem um carvalho. Na estação própria, ele deita a sua belota. E a belota amadurece e cai na terra. É um pedaço daquilo a que chamam matéria. A análise química pode determinar precisamente que elementos e precisamente que combinações desses elementos vão constituir essa belota material. Esta análise quantitativa não apresenta dificuldade alguma para o cientista terreno.

"No entanto, imaginem essa belota recolhida por um químico que nunca tivesse visto uma semente antes. Um químico desses, apesar de toda a sua análise quantitativa, mal reconheceria a belota como algo que diferisse grandemente de uma lasca de madeira. Se, contudo, ele deitasse essa belota num solo adequado, brotaria dela outro carvalho. Então ele dar-se-ia conta da qualidade essencial da belota, da sua impressão de potencial árvore.

"Como foi, agora, que a belota herdou a sua qualidade de carvalho?"

— Ora — disse eu —, da árvore progenitora, como é natural.

— Concedido que a tua resposta estivesse totalmente correta — respondeu o Estêvão —, seguir-se-ia daí que a árvore progenitora é menos uma árvore individual pelo facto de ter dado à belota a sua própria qualidade?"

— Bem, não — admiti eu —, suponho que não.

— Nem — disse o Estêvão —, o indivíduo no meu plano, cuja qualidade de consciência nasce de volta no vosso plano, fica por isso menos individualizado.

"Na forma corporal, não és tu um homem e a Joana uma mulher? Foram os vossos pais menos homens e mulheres corpóreos por vos terem dotado, no processo do nascimento natural, com a forma humana? Ora, de um modo perfeitamente paralelo a esse dote de corpo à nascença, o renascimento a partir do meu plano deu-te o teu dote qualitativo. O nascimento e o renascimento operam sob leis paralelas."

— Mas, Estêvão — disse eu —, porque não é razoável supor que o progenitor dota a sua progenitura não apenas com a forma corporal, mas com a qualidade de consciência também? Porque se tem de conjurar um renascimento qualitativo para explicar aquilo de que o simples nascimento natural poderia com a mesma facilidade prestar contas?

— Escuta! — respondeu o Estêvão. — Volta à gravação do disco fonográfico. Se o nascimento natural fosse tudo, se não houvesse renascimento da consciência a partir do meu plano qualitativamente livre para o vosso, que é qualitativamente determinado, não haveria evolução. O disco fonográfico não passa de uma réplica.

"O nascimento natural implica reprodução apenas, a passagem sem fim, dos pais para os filhos, de identicamente aquilo que os pais receberam dos seus pais. É o renascimento a partir do plano qualitativamente livre para o plano qualitativamente fixo que faz da simples reprodução a realidade da evolução. Já vos dei este pensamento antes; é uma contribuição distinta para a verdade científica.

"Certo é que a única criação que alguma vez existiu ou existirá é a evolução da consciência de graus inferiores para superiores. No entanto, o desenvolvimento no vosso plano é quantitativo apenas. De onde vem, então, o avanço qualitativo que o vosso evolucionista tem notado? Não vês, Darby, o reboque de um modo de ser qualitativamente livre?

Um plano desses deve ser postulado pelo próprio evolucionista. Ele será forçado a render-se à hipótese assim que reconhecer o carácter qualitativamente fixo de toda a consciência do chamado mundo natural. Se não fosse pelo renascimento a partir do plano de desenvolvimento qualitativo, poderia haver qualquer evolução? O que te digo é razoável."

— Pareceria que sim, Estêvão — disse eu. — Mas diz-me, de quem é a qualidade de consciência que vive novamente em mim?

— A qualidade de certos artistas e filósofos — respondeu o Estêvão.

E com isto fomos novamente mergulhados no mal-entendido; pois eu tinha colhido a ideia de que, embora a qualidade do indivíduo e não o próprio indivíduo seja renascida, cada pessoa aqui representa a qualidade de uma outra determinada pessoa ali. Quando o Estêvão afirmou que a

qualidade de muitos tinha sido renascida em mim, dei comigo novamente a tatear.

— Escuta agora! — disse ele, quando lhe expus a minha dificuldade. — O renascimento é o regresso ao vosso mundo de uma qualidade mais elevada de consciência que já antes esteve no vosso mundo num grau inferior. Ora, isto não significa a qualidade pessoal de consciência.

"Para ilustrar: a dona de casa tem uma tina de água. Ela retira um balde cheio. Esse balde de água, digamos, está para a tina de água assim como a consciência individual de um homem vivo está para o grau de consciência do qual à nascença ele foi qualitativamente dotado.

"Ora, a dona de casa deita algumas gotas de anil no balde e depois verte o seu conteúdo de novo para a tina. Com o que este distribui a sua tonalidade azul por todo o conjunto da água.

"A seguir, a dona de casa retira outro balde cheio. Não é aparente que o segundo balde cheio pode conter muito, pouco, ou possivelmente nada da água do primeiro balde cheio? Assim se passa com o renascimento."

— Tu marcas o teu ponto, Estêvão — disse eu. — A qualidade do grau, não a qualidade pessoal, renasce. Mas porquê complicar a tua ilustração introduzindo o aspeto do anil? A coisa teria sido perfeitamente tão clara se te tivesses mantido apenas pela água pura."

— Porque — respondeu o Estêvão —, eu queria matar dois coelhos com uma cajadada. O anil que a dona de casa deitou no primeiro balde colore a totalidade da tina. Mas a dona de casa deseja que toda a tina cheia de água fique tão azul como o balde cheio. Portanto, ao seu segundo balde cheio ela adiciona mais anil, vertendo-o, também, de novo para a tina, e desse modo intensificando ainda mais o azul da tina cheia. E agora ela repete este processo vezes sem conta até que o matiz desejado seja adquirido pelo todo da tina.

"De igual modo, a consciência renasce qualitativamente no vosso mundo com o propósito de desenvolvimento quantitativo; e cada indivíduo, trazendo de volta a sua dádiva de quantidade para o todo, leveda o todo, dá-lhe maior potencialidade para o desenvolvimento da qualidade com a qual reincorporar para o propósito de um maior desenvolvimento quantitativo."

— A razão renasce? — perguntei eu.

— Tu sabes bem que não — respondeu o Estêvão. — É a qualidade de consciência, não os atributos de consciência, que renasce. A potencialidade dos atributos está, como é natural, presente à nascença, mas eles devem ser desenvolvidos por cada indivíduo por si próprio. Cada indivíduo deve, ele próprio, desenvolver a sua razão, a sua vontade, a sua memória, as suas perceções. Caso contrário, podes compreender, o renascimento seria tanto da quantidade como da qualidade."

Após um minuto ou dois de silêncio, o Estêvão disse:

— Toca no pulso da Joana. Ela está cansada. — Novamente ele se desvaneceu.

— A discussão acabou? — perguntou a Joana. Mas, perante a minha leitura das palavras do Estêvão para ela, ela própria andou um pouco a tatear.

— O Estêvão indicou uma vez — disse ela — que as pessoas têm por vezes vislumbres da existência anterior da sua qualidade. Ele disse que a primeira vez que visitou a Inglaterra certos locais lhe pareceram familiares. Como poderia ser isso se o atributo da memória não renasce? Pergunta-lhe, Darby."

Quando a comunicação foi retomada, o Estêvão respondeu:

— Tomem três homens graduados. Um foi um sucesso nos negócios, um numa profissão, um na arte, todos no mesmo grau nas suas várias áreas. Por outras palavras, na graduação eles trouxeram a mesma quantidade para aqui. Mas, na medida em que as suas vocações foram diferentes, as suas associações diferentes, tu sabes que experiências totalmente diferentes desenvolveram essa quantidade nesses homens; e, naturalmente, as suas quantidades foram coloridas pelos atributos que os serviram. Ora, embora os atributos destes homens nunca renasçam, o cunho desses atributos fica na quantidade que o seu uso desenvolveu e na qualidade resultante.

Quando, então, o grau de qualidade destes homens é dado como um dote a uma criança, essa qualidade é colorida por essas antigas influências de desenvolvimento. Há coisas de que falas como conhecendo intuitivamente. Diz à Joana — mas não a perturbes agora; a ligação está boa — que a intuição assim chamada não passa do estado ou cor do grau de qualidade do indivíduo."

— Então — disse eu —, o que faço agora é uma preocupação não apenas para o meu próprio desenvolvimento futuro, mas para o desenvolvimento de todo o meu grau conforme ele renascer no mundo anos após eu ter deixado o mundo."

— Até à terceira e quarta geração — citou o Estêvão —, e para os filhos dos seus filhos.

"É de prever", acrescentou ele, "que os homens compreenderão melhor as leis da hereditariedade quando compreenderem a verdade do renascimento."

— Mesmo enquanto falavas — disse eu —, estava a pensar que a inevitabilidade do renascimento da qualidade reduz o controlo da hereditariedade a um estado um tanto lamentável. Dizes que há graus baixos onde estás. Se te compreendo bem, estes graus baixos serão, na verdade devem ser, renascidos neste mundo."

— Certamente — respondeu o Estêvão. — É o reconhecimento inconsciente desta verdade que faz com que o mundo mostre a sua sabedoria em reformas como o controlo de natalidade. Um homem e uma mulher de qualidade inferior podem dar à luz um grau ainda mais baixo do que o seu próprio. Os criminosos podem e são propensos a produzir criminosos maiores do que eles mesmos."

— Esse é o ponto — insisti eu. — De que serve tentar restringir esses acasalamentos se a qualidade baixa tem de nascer de volta no mundo?"

— Qualquer forma de controlo de natalidade — respondeu o Estêvão — que tenha como objetivo a restrição da descendência de pessoas de grau muito baixo mostra a sabedoria crescente do mundo. Duas pessoas, ambas baixas, convocam para a terra, no processo de reprodução natural, a qualidade baixa, tal como as pessoas de grau elevado convocam a qualidade elevada. Isso é verdade, e é também verdade que a qualidade deve renascer.

"Mas escuta! Mostrei como a dádiva de quantidade do indivíduo leveda o todo do seu grau. E não tornei claro que há, ao mesmo tempo, um levedar do grande todo? A qualidade deve renascer, mas não consegues ver que o levedar do todo deve a longo prazo elevar a qualidade dos graus

inferiores aqui? Até que esse levedar esteja cumprido, a qualidade baixa é mais bem servida pelo meu mundo."

— Estêvão — disse eu —, tu afirmaste que até o protoplasma se gradua no teu plano e que para fora do teu plano a sua qualidade de consciência nasce de volta neste meu mundo. Bem, segue-se, então, que todos os animais, todas as plantas, morrem no meu mundo para viver no teu e qualitativamente renascerem. É isto verdade?"

— Mas certamente — respondeu o Estêvão. — E a tua única dificuldade em apreender este pensamento residirá nas ideias preconcebidas que tens deste meu mundo. Naturalmente que não consegues conceber outra forma a não ser as formas que já viste. Eu tenho um corpo, com certeza; e o teu corpo é um vislumbre do meu. Mas o meu corpo é, para usar a palavra de São Paulo, um corpo glorificado, uma forma além do alcance das tuas perceções comuns, além da tua imaginação.

"Ora, quando a vida vegetal ou animal se gradua no plano qualitativo, a sua forma não é nenhuma forma corporal com que estejas familiarizado. No entanto, a consciência da planta ou animal a que chamas morto está tão seguramente aqui, e tão individualmente, como eu estou. Mais do que um homem que amou um cão insistiu num céu para cães, e nessa insistência ele expressou um vislumbre da verdade.

"Não há ofensa para a mente humana em pedir-lhe que conceba seres humanos a sobreviver à morte numa forma que se assemelha aos seus corpos terrenos; mas o egoísmo do homem fica chocado quando se lhe pede para acreditar que criaturas em formas que se assemelham a animais são, por assim dizer, os companheiros dos anjos. Mas se admitires a tua ignorância em relação a todas as formas qualitativas, a dificuldade não parecerá tão grande."

XXVI

O DESENVOLVIMENTO QUALITATIVO

Que singularidade era essa de, ao apreender cada novo detalhe do plano do Estêvão, dar comigo na necessidade de apreender muito do seu todo novamente! O monismo pluralista tinha conseguido endireitar-se em mi quanto à sobrevivência individualista do homem. E eu conseguia conceber a supremacia individual do homem. Mas era difícil conceber, por exemplo, que até uma árvore sobrevive à morte. Parecia improvável que a árvore devesse sobreviver como um indivíduo e impossível que como um indivíduo devesse continuar a desenvolver-se. Não conseguia imaginar um carvalho supremo.

— Até quando, até quando! — lamentou o Estêvão. — Se ao menos pudesses esquecer as ideias preconcebidas! Se ao menos estudasses a razoabilidade daquilo que te digo!

"Comecemos tudo de novo. A tua primeira dificuldade é que duvidas da individualidade da árvore terrena. Pensas que ela é um mero composto de ramos, galhos e folhas. É verdade que a árvore deita folhas e flores. Mas por acaso tu não geras cabelo e unhas? Estes não são da essência da consciência que és tu, nem as folhas da árvore são da essência da consciência que é a árvore. A vida da árvore não é um composto; é uma entidade, precisamente como a tua vida é uma entidade.

A árvore que vês é uma manifestação de uma força produtora chamada por vós de vida vegetal, precisamente como tu és uma manifestação da vida animal. Reconheces o carácter individualista de toda a vida animal; penso que deves também admitir o carácter individualista de toda a vida vegetal. A vida da árvore manifesta-se ora como uma nogueira ora como uma palmeira. E não há duas nogueiras ou palmeiras perfeitamente iguais; tal é o cunho distintivo da sua individualidade.

"Ora, tracemos o desenvolvimento, a partir da manifestação terrena, de uma árvore individual — por exemplo, um carvalho. O carvalho amadurece e é abatido. Como uma entidade material, ele permanece na forma daquilo que o homem moldar dele. A vida dele desapareceu da tua vista, e tens perfeitamente tanto direito de perguntar o que acontece à vida dessa árvore como tens de ponderar o que acontece à vida da pessoa

individual quando ela é abatida pela morte. Para onde foi a vida desse carvalho? Voltou, como uma árvore individual, ao seu grau qualitativo.

"Ora, o grau de qualidade ao qual o carvalho regressa — o qual é feito de muitas qualidades de árvores individuais — está sujeito ao mesmo desenvolvimento a que todos os outros graus de consciência estão sujeitos. A árvore, portanto, dá de si no renascimento. É levedada pela quantidade. Continua a desenvolver-se individualmente. Continua em frente até ao grau supremo, timbrada sempre pela sua experiência individual mais a sua assimilação através do levedar.

"Disse-te que o atributo de forma da consciência se manifesta no supremo. Quais são os vários atributos de forma lá, não te disse e não te posso dizer; não há termos terrenos pelos quais a forma suprema se possa tornar clara para ti. Digo-te isto: os atributos de forma do supremo não são necessariamente todos iguais; toda a supremacia é individualista e, consequentemente, característica. Isto é tudo o que posso dizer."

— Mas — perguntei eu —, a árvore, à medida que se desenvolve, torna-se alguma vez comparável a um homem?

— Sim — respondeu o Estêvão —, mas é a comparação que eu não te posso explicar."

— Poderá ser — perguntei eu — que naquilo a que eu poderia chamar de grau humano haja, do teu lado, indivíduos que nunca viveram na terra como homens?

— Mas certamente — respondeu o Estêvão.

— Tais indivíduos — sugeri eu — não podem ser os iguais daqueles que poderiam ser termo de comparação para os seus companheiros mais estritamente humanos.".

— Certamente que podem ser e são — respondeu o Estêvão. — De outro modo, como poderiam eles ser do grau dado?"

— É um pensamento difícil, Estêvão — disse eu. — Concedido o plano de desenvolvimento qualitativo, como é possível para aquela vida que se manifesta aqui como uma árvore vir a desenvolver uma qualidade que a torne igual ao homem? Qual é o processo desse desenvolvimento?

Disse o Estêvão:

— Naturalmente que tu, que estás familiarizado apenas com o desenvolvimento quantitativo, não consegues conceber o processo do desenvolvimento qualitativo, e faltam-te termos pelos quais eu to pudesse descrever. Posso apenas apontar-te que esse desenvolvimento é razoavelmente indicado pelo teu próprio conhecimento. Talvez uma ilustração ajudasse a desanuviar a dificuldade."

Houve silêncio por um espaço. Depois o Estêvão disse:

— Considera o desenvolvimento quantitativo de uma pedra no teu plano. Toma, por exemplo, um pedaço de arenito. Como tal, ele não pode servir de alimento para a vida vegetal. Uma semente caída sobre o pedaço de arenito nunca germinaria. Ora, após um longo tempo, um movimento infinitesimal e invisível desgasta este pedaço de arenito até aos seus grãos de areia componentes; o arenito torna-se parte do solo. Torna-se fértil e desenvolve um serviço definitivo para a vida vegetal. Ajuda na germinação. Tem uma nova função. Desenvolveu a quantidade. E, no entanto, continua a ser apenas areia. Está mudado na forma; está mudado como quantidade, mas isso é tudo. Com este simples naco de conhecimento natural e empírico em mente, ser-te-á então impossível conceber que a pedra possa, algures e sob algumas circunstâncias, progredir qualitativamente?"

É um traço convincente desta entidade a que chamamos Estêvão o facto de não poder ser desviado por nenhum argumento meu ou da Joana. Desde o início que notámos esta característica, e foi uma das coisas que impediu a nossa pronta aceitação do Estêvão e da sua filosofia como produtos subconscientes das nossas próprias mentes. Tendo tomado uma posição, o Estêvão mantinha-a com um recurso de argumentação que era o objeto constante do nosso maravilhamento. Eu podia não ser capaz de imaginar a sobrevivência e o desenvolvimento qualitativo de uma árvore; infindavelmente, parecia, o Estêvão podia citar factos que "indicavam razoavelmente" o progresso eterno dessa árvore.

— É interessante — disse eu — especular sobre a possibilidade de a minha consciência ter sido outrora do grau da árvore.

— Como — soletrou o Estêvão — explicas o grande amor e compreensão que alguns homens têm pelas belezas e estados de espírito da natureza? É porque a sua qualidade de consciência calha a ter muito das

formas potencialmente mais requintadas da natureza nela. O artista que retrata um pôr do sol, um mar, uma paisagem, pode ter pertencido outrora à consciência deles. Ele coloca essa parte da sua alma na tela. Mas nota que, embora a qualidade que outrora foi a qualidade de árvore possa estar num homem e dar-lhe uma profunda compreensão dos bosques, noutro homem ela pode estar em falta."

— Pareceria, contudo, razoável supô-la presente em todos os homens — aventurei eu.

— Esperava que dissesses outro tanto — respondeu o Estêvão. — Tão cedo esqueceste o anil da dona de casa. Bem, toma um caneco de água e verte para dentro dele uma medida de óleo. Agora agita os dois, misturando-os minuciosamente. Concordarás que, como um todo, a água e o óleo estão bastante bem misturados. Agora retira uma gota. Essa gota pode ter muito óleo nela, pouco ou nenhum. Assim se passa com os graus, conforme são levedados pelas dádivas individuais de quantidade, e conforme a sua qualidade renasce."

— Dizes que toda a consciência renasce, Estêvão? — perguntei eu.

— Toda a consciência renasce qualitativamente — respondeu ele —, exceto a da supremacia."

XXVII

AS COISAS MATERIAIS

Uma dúvida tinha-me penetrado a mente. Teriam as intrincadas subtilezas da filosofia convidado à coloração? Perguntaria ao Estêvão. Mas não seria a pergunta inútil? Como podia eu estar certo de que a própria resposta não seria influenciada pela opinião pessoal da Joana?

Na noite em que o Estêvão anunciou a matéria como assunto de discussão, disse-lhe:

— Se realmente vês, como dizes que vês, lê as palavras que estou prestes a escrever e responde à pergunta que elas fazem."

Escrevi esta pergunta: "Terá a filosofia que deste à Joana e a mim sido colorida?"

— Estêvão — disse eu —, consegues ler as palavras que escrevi?

— Mas certamente — respondeu ele. — Mas não posso responder à tua pergunta nesta altura. A estação recetora percebe que um teste está a ser imposto. Tentarei introduzir a resposta no meio de outra matéria."

Fiquei cético quanto ao resultado. Finalmente, pensei eu, tinha encurralado este Estêvão que vê, mas que é ele próprio invisível. E no entanto, antes de a noite acabar, ele tinha respondido à minha pergunta.

Dizia ele:

— Os homens imaginam que a materialidade é um fundamento. — Ele hesitou um momento, lembro-me. Depois continuou: — Se pudessem ver a matéria como ela realmente é, compreenderiam que a coisa a que têm estado a chamar matéria é, na realidade, um atributo de um fundamento. — Não há coloração de que se fale. — Esse fundamento é a consciência, a consciência em graus."

Sem margem para dúvidas, a minha pergunta tinha sido respondida. Haveria realmente um Estêvão e teria ele realmente visto as minhas palavras escritas, invisíveis decerto para a vendada Joana?

O acontecimento sugeriu outra experiência. Se era possível para o Estêvão ler palavras invisíveis para a Joana, não seria também possível para a Joana, agindo sob a sua direção, imitar qualquer gesto que eu pudesse fazer, tal como o abrir e fechar da minha mão?

— Vamos tentar — disse o Estêvão. — Estou em bom controlo da estação esta noite. Porque ela não tem interesse algum pelo assunto da matéria, a sua mente consciente está mais adormecida do que o habitual."

Para ter a certeza dupla de que a Joana não podia ver nada, reforcei a venda que ela habitualmente usava com um segundo lenço. Depois, em silêncio, levei a minha mão à testa. A Joana hesitou um momento, levou a mão até meio caminho, fez uma pausa, e executou depois uma saudação militar perfeitamente aprumada. A seguir, ergui o meu braço e mantive a mão ao nível do meu ombro. A Joana estendeu a mão dela, mas ergueu-a apenas até meio caminho do nível do ombro.

Curvei-me então como que para apanhar algo do chão. A Joana pareceu confusa, mas ao fim de um momento inclinou-se, também ela, na sua cadeira e estendeu a mão em direção ao chão. Ergui ambas as mãos acima da minha cabeça. A Joana fez um movimento como que para me imitar, mas antes de as suas mãos irem muito longe, deixou-as cair desalentadas no regaço. Tentei outros gestos, mas nenhum deles foi imitado.

Finalmente o Estêvão falou.

— Já basta — disse ele. — A experiência correu melhor do que eu pensava que correria. Agora continuemos com a discussão."

E assim retomámos a nossa conversa sobre a natureza da matéria, estendendo-se a discussão por várias noites. De tempos a tempos, eu tocava no pulso da Joana, assinalando assim uma quebra na comunicação, e lia-lhe as palavras do Estêvão. "Teorias sem ponta por onde se pegue!", exclamava ela. O Estêvão, ao restabelecer-se a comunicação, pedia-me para assegurar à Joana por ele que, no fim, ela reconheceria o valor prático das suas teorias. Certa vez, o professor apareceu e disse: "Que a Joana tenha paciência. Para a devida exposição de um pensamento de qualquer complexidade, é essencial que uma fundação adequada seja lançada."

Mesmo assim, a impaciência da Joana estava, tenho a certeza, justificada. O meu fracasso em compreender prontamente os corolários de o Estêvão dizer "A matéria é o atributo de forma da consciência" resultou em muitas repetições, tanto nas perguntas que fiz como nas respostas do Estêvão. Ofereço aqui apenas um resumo da discussão.

Afirmando ser a matéria o atributo de forma da consciência, o Estêvão declarou que a forma é característica de toda a consciência — daquela consciência que é a pedra, da consciência humana, da consciência graduada. A consciência humana tem uma forma, ou materialidade, invisível para o olho humano; esta é, como é óbvia, distinta do corpo físico. A consciência do Estêvão possui da mesma forma uma forma material, e esta, também, é ordinariamente invisível para o olho do homem.

— Ora — disse o Estêvão —, tu consegues ver a forma do grau inferior de consciência a que chamas matéria. Pelo facto de a forma da pedra ser tudo o que vês, confundes essa forma, esse atributo, com a própria realidade. Na verdade, porém, a realidade da pedra não é de outro género senão a do teu próprio eu de eus. É consciência, um grau infinitamente baixo."

Novamente disse ele:

— Já me referi ao facto de que muitos físicos consideram a luz como uma forma de energia elétrica. Isto quer dizer que a luz e a eletricidade são tidas como uma e a mesma coisa, diferindo não em género, mas em grau. E no entanto, para os teus sentidos de todos os dias, e até para os dos cientistas, a luz e a eletricidade continuam, como dantes, a ser duas entidades inteiramente distintas.

"Se, então, estás disposto num caso, o da eletricidade e da luz, a atirar para o lado o testemunho dos teus sentidos e a aceitar em vez disso as conclusões deduzidas experimentalmente pela ciência, deverás debater-te por demais em aceitar a identidade de género de toda a energia? Se a luz e a eletricidade são manifestações de grau de um único fundamento, não poderá ser que a gravitação e as muitas outras energias aparentemente distintas sejam graus adicionais do mesmo? Ora, se pudesses ver a matéria naquilo que, para a tua compreensão, chamei de suas partes componentes, mais prontamente apreenderias o pensamento de um fundamento inclusivo, não apenas da força, mas da própria matéria."

Mais tarde disse ele:

— Ocasionalmente a ciência vislumbra a matéria como um complexo de nós de tensão — poder-se-ia dizer, gânglios de força. Esse é um vislumbre muito maravilhoso. Contudo, com a teoria da força da matéria demonstrada, a ciência dificilmente teria resolvido qualquer problema

metafísico. Seguramente que poderíamos substituir a palavra 'força' por 'matéria' ao longo de toda esta discussão, e o nosso argumento não perderia nada da sua controvérsia, tal como, na verdade, poderíamos substituir a palavra 'razão' ou a palavra 'vontade'. A força é um atributo da consciência precisamente tão verdadeiramente como o é a matéria ou a vontade."

— E no entanto — disse eu —, reduzir a matéria a termos de força ajuda a elucidar a tua tese de que o fundamento da consciência humana e o fundamento da matéria são idênticos em género. A consciência como espiritualidade é força à sua maneira; é pelo menos análoga à força de um modo que a matéria não parece ser. Mas se a matéria puder ser cientificamente definida como uma aparência criada por combinações de forças invisíveis como tais para os homens, então é muito mais fácil compreender a identidade de género da matéria e da vida."

— É ótimo ouvir-te dizer isso — disse o Estêvão. — Consigo apreciar a dificuldade que encontras quando tentas aplicar a palavra 'consciência' à matéria inanimada. Mas tu percebes que não quero dizer que a matéria inanimada possua perceção de si. Digo apenas que esse grau da única realidade que se te manifesta materialmente é possuidor da potencialidade da perceção de si."

Ele acrescentou:

— Muitas tentativas têm sido feitas para explicar a única realidade em termos de matéria e força. Mas porquê definir a realidade nos seus termos mais baixos? Opto por defini-la em termos do seu desenvolvimento terreno mais elevado, o eu de eus do homem. Porque o conhecimento que o homem tem do mundo externo é empírico, a matéria dificilmente pode ser feita o padrão da realidade. A única realidade acima de qualquer disputa é o sentir do próprio homem a respeito de si mesmo. Nela apenas se pode encontrar um padrão satisfatório de realidade."

— Presumo — disse eu — que a consciência que se me manifesta como matéria se desenvolve?

— Já o indiquei — respondeu o Estêvão. — Mas não há termos nos quais te possa explicar a graduação ou o renascimento da matéria."

— Mas — argumentei eu —, no decurso desse desenvolvimento, não é a lei da indestrutibilidade da matéria quebrada? A coisa que conheço como matéria terá desaparecido."

— De modo nenhum — respondeu o Estêvão. — Num caso desses, o grau baixo ter-se-á simplesmente desenvolvido num mais elevado. A vossa teoria da indestrutibilidade da matéria é uma fórmula quantitativa. Ora, o que te digo é que toda a consciência sobrevive não apenas às mudanças quantitativas, mas às qualitativas também.

Peço-te que reconheças a indestrutibilidade, quantitativa e qualitativa, de toda a consciência, seja ela a de uma pedra ou a de um homem. E, usando a palavra 'matéria' novamente no seu sentido exato, como o atributo de um determinado grau de consciência, e não como a consciência em si, digo-te que, mesmo como um atributo, a matéria é eterna — toda a consciência, até a suprema, tem forma."

XXVIII

A SUPREMACIA E DEUS

Uma das discussões mais interessantes do Estêvão foi sobre o carácter de Deus e aquela meta última que ele insiste, de forma tão esperançosa, que todos devem alcançar, e à qual denominou "Supremacia".

À medida que revejo as minhas notas, encontro uma quantidade de perguntas escassamente pertinentes ao assunto, mas interessantes em vista das respostas que suscitaram. As perguntas e respostas seguem abaixo.

P. — Para onde vão os bebés quando morrem?

R. — De volta ao grau a partir do qual nasceram.

P. — Aqueles que morrem demasiado jovens para terem desenvolvido qualquer quantidade de todo?

R. — Mas certamente.

P. — Têm eles oportunidade de desenvolvimento ali?

R. — Sim, decerto. Carecendo de um grande desenvolvimento quantitativo próprio, partilham, através do levedar, da dádiva quantitativa que cada indivíduo do seu grau traz da terra.

P. — Disseste que a morte súbita era a única grande tragédia. É isto verdade também para as crianças pequenas? *(Esta pergunta foi motivada pela morte acidental de uma criança que vivia na nossa vizinhança.)*

R. — As crianças estão tão próximas daquilo de onde vieram que um regresso súbito não é para elas nenhuma tragédia. A terra não teve tempo de submergir completamente o conhecimento que possuem do nosso grande em-toda-a-parte. A graduação súbita é sobressaltante apenas para aqueles que foram de tal modo educados que já não se lembram da sua juventude eterna, e mesmo esses são logo acolhidos e cuidados, como já vos disse.

P. — Será a ideia de purgatório um vislumbre?

R. — Mas certamente. Há muitas moradas na casa da consciência. Uma dessas moradas é a vida conforme a conhecem; outra é a vida conforme a conheço; e muitas são as moradas que marginam a estrada que tanto vocês como eu devemos percorrer antes de alcançarmos a supremacia.

P. — Como se reconhecem uns aos outros no plano qualitativo?

R. — Reconhecemo-nos uns aos outros não pelas feições do rosto, como os homens se reconhecem, mas pelo grau individual de qualidade.

P. — Porque não nos reconhecemos aqui na terra da mesma maneira?

R. — Vocês reconhecem; apenas falham em notar o facto. Muitas vezes reconhecem aquilo a que chamam alma num indivíduo logo na primeira vez que conhecem essa pessoa. Tomem, por exemplo, os chamados gostos instintivos dos animais, das mentes infantis e das pessoas cegas.

P. — Irá o homem na terra evoluir alguma vez para uma espécie superior?

R. — Essa é uma pergunta difícil. Como uma questão da natureza, a evolução biológica é em grande parte o resultado da adaptação por parte do organismo vivo ao seu meio ambiente. O homem já está tão alto na escala que, em grande medida, é senhor do seu meio ambiente — isto é, ele adapta o meio ambiente a si próprio. No entanto, há grandes mudanças de perceção e mentalidade reservadas para o homem. Por exemplo, deixem os vossos sentidos alargarem o seu âmbito atual e o véu entre o meu plano e o vosso será levantado.

P. — Não haveria, na verdade, morte então, pois não?

R. — Não há morte agora. Há apenas a falha em reconhecer a graduação como tal.

P. — O que acontecerá quando as condições físicas da terra já não puderem sustentar a vida?

R. — A terra já desenvolveu muitas novas terras a partir das velhas terras que passaram. O vosso homem de investigação científica diz-vos isto, e vocês acreditam. Ele também sabe que há, deve haver, novas terras por vir. Digo-vos que haverá novos céus, também.

A discussão sobre a supremacia, na qual as precedentes perguntas e respostas estavam embutidas, começou com o Estêvão a dizer:

"Três coisas vos disse sobre o grau supremo de consciência. Primeiro, no início, que nunca existiu, cada partícula do todo possuía a potencialidade da supremacia, de modo que tudo o que é deve, a longo prazo, tornar-se supremo. Segundo, há aqueles que alcançaram a supremacia. Terceiro, para fora do grau supremo não há renascimento.

Ora, o grau supremo é composto por consciências individuais. É a quintessência do monismo pluralista. Como um todo, é uma realidade de absoluta unidade. Para o indivíduo, é o auge da realização pessoal.

A experiência, temos visto, indica que todas as coisas são, em qualquer análise que se aproxime da finalidade, individualistas. O cientista fala do átomo, do eletrão. A vossa própria observação ensina-vos que a individualidade impregna a vida. Cada partícula individual de consciência assim, tudo o que o vosso olho, ouvido ou tato pressentiu, deve seguir em frente em direção ao supremo, individualmente. Refiro-me a isto literalmente. Cada pedra, cujas partes componentes vos são invisíveis, a

planta que está a rebentar em flor na mesa da Joana, o gatinho que costumava enrolar-se no teu pescoço enquanto jazia no teu ombro, tudo viaja em direção ao grau supremo como indivíduos.

Seguiram em frente em direção à supremacia consciências individuais que no plano terreno eram de um grau agora desaparecido da terra para sempre. Havia, por exemplo, formas do homem pré-histórico, das quais nada sabem a não ser conforme a ciência constrói um corpo imaginário em redor das parcas partes que escava. A consciência desses indivíduos seguiu em frente; a consciência de alguns desses indivíduos alcançou a supremacia. Tudo se desenvolve, até que na supremacia cada indivíduo é o igual de qualquer outro. E quando a totalidade da consciência for suprema, haverá apenas um grau."

— E quanto à supremacia do mal? — perguntei eu.

— A consciência suprema é o auge da positividade — respondeu o Estêvão. — Não pode haver nada de negativo no supremo."

Continuou ele:

"O facto da consciência suprema, penso eu, não está além da vossa conceção. Verdadeiramente, o mundo teve a sua visão do supremo. O mundo conheceu a qualidade daquele a quem as eras chamaram o Cristo. Essa qualidade estava tão perto do auge que, quantitativamente cumprida — e foi-o de tal modo —, atingiu, na graduação terrena, o auge. Mas, embora o facto da supremacia esteja dentro da vossa conceção, os seus atributos, como indiquei, são o que vocês no vosso plano terreno não conseguem imaginar, nem mais, na verdade, do que eu consigo.

Nunca estive naquilo a que um oriental, na sua maneira hipotética, poderia chamar o sétimo céu. Dele eu, tal como vocês, estou a muitas graduações de distância. Portanto, a minha informação está limitada àquilo que me foi contado aqui por aqueles que estão mais perto da supremacia do que eu, e àquelas coisas que aprendi a partir da própria natureza da minha existência qualitativamente livre. E um conhecimento de atributos supremos como o que tenho não vo-lo posso tornar claro; a terra carece de termos para transmitir os meus pensamentos. Querem fazer perguntas?"

— Sustentas — disse eu — que tudo é evolucional até ao supremo, no entanto dizes que o próprio supremo não renasce. Como explicas a

contradição entre o devir das coisas menores do que o supremo e o estado fixo da própria supremacia?

— O supremo é o limite — respondeu o Estêvão. Silêncio um momento — depois acrescentou: — Está aqui um comigo que diz que o supremo pode evoluir dentro de si próprio."

— Estêvão — perguntei eu —, a natureza do supremo é lógica ou ética?

— Lógica — respondeu ele —, e, acho que concordarás comigo, ética também, por ser o supremo de tudo o que conheces."

— O supremo — perguntei eu — é subjetivo apenas? Não possui nenhum mundo correspondente àquilo a que chamamos o objetivo?

— Porque dizes isso? — disse o Estêvão. — O que chamas o mundo objetivo é composto por consciências que não tu próprio e pelos atributos dessas outras. O supremo, já te disse, é pluralista, e é possuidor de atributos."

Com tais perguntas eu apenas adiava a interrogação maior que estava na minha mente, embora, para o caso, o Estêvão já tivesse respondido a essa interrogação vezes e vezes sem conta.

Disse eu por fim:

— O supremo da consciência existe agora...

— Como o caroço de uma maçã — interjetei o Estêvão.

— E — continuei eu —, há milhões de anos não havia vida conforme a terra agora a conhece. Daí que houve um tempo em que o supremo não existia. No entanto, há muito que acreditamos que existia, mesmo antes do despontar da vida, um Deus, um ser de omnipotência, perfeição, imutabilidade, e que por Ele a vida foi feita. Devemos descartar esse Deus sempre existente de uma supremacia sempre existente?

E o Estêvão respondeu:

— Devemos."

— Seja como for — aventurei eu —, a ciência já abalou essa conceção de divindade do seu pedestal."

— Certamente — disse o Estêvão. — No entanto, a ciência deve agora aprender que, embora a compreensão da lei material tenha derrotado os dogmas da religião, a espiritualidade permanece não aniquilada. A ciência deve aprender não simplesmente a destruir, mas também a construir. Deve substituir o Deus que destrói por um melhor. Pois Deus é. Os homens encontram Deus nos seus corações; Ele não é de se negar.

A consciência é o seu próprio criador, o seu próprio salvador. Mas, se quiserem, traduzam o grau supremo de consciência como Deus. E se ficam chocados com o pensamento de que a supremacia nem sempre foi existente, exceto como uma potencialidade, considerem que a consciência, sendo o todo, é o próprio tempo."

Pedi mais detalhes relativamente ao tempo e uma palavra relativa ao espaço.

— O tempo e o espaço — disse o Estêvão — são atributos da consciência. A consciência, sendo uma unidade pluralista em processo de evolução, é, como a vossa experiência de todos os dias vos diz, necessariamente uma questão de relacionamentos. Aqueles relacionamentos que são evolucionais vocês conhecem-nos temporalmente. Aqueles que resultam do carácter pluralista do todo vocês conhecem-nos espacialmente. Como atributos da consciência, o tempo e o espaço são reais, como a razão ou a vontade ou a forma são reais. Mas o tempo e o espaço não significam para vocês o que significam para um inseto. Nem significam para a consciência suprema o que significam para vocês. Aí têm o paralelismo. A consciência suprema...

O Estêvão hesitou, proferindo depois esta palavra solitária:

— Inadequado."

— Descoroçoado, Estêvão? — perguntei eu.

— Não — respondeu ele. — Não pode haver descoroçoamento. Mas a falta de palavras para vos tornar clara a visão do supremo que ganhei aqui é, para dizer o mínimo, impressionante. O supremo da consciência é composto por consciências supremas individuais. Tal como um pão pode ser separado em migalhas, sendo cada migalha em qualidade o igual de cada outra migalha, assim é a supremacia um todo de partes. No entanto, é

um todo, precisamente como o pão é um todo. A consciência suprema é a unidade suprema."

XXIX

A VONTADE

"A livre vontade do homem, meu caro senhor, é o único atributo que é inteira e distintamente seu. Os graus de consciência que se aproximam do homem têm algo que se avizinha da razão, algo mais perto ainda da memória, e são possuidores de atributos comparáveis aos cinco sentidos. Mas a vida animal não tem livre vontade. Esta é a posse peculiar do homem. Por causa da livre vontade, o homem é homem."

Não foi o Estêvão quem falou. Foi o professor. Até aqui as mensagens do professor tinham sido breves, consistindo em comentários ocasionais sobre esta ou aquela afirmação do Estêvão ou sobre alguma observação feita pela Joana ou por mi próprio. Mas agora, com esse antigo obstáculo, a livre vontade, apresentado para consideração formal, o professor liderava o discurso.

"A vontade do homem", continuou ele, "não está manietada nem sequer pela sua qualidade, por baixa que seja. É tão livre para todos os homens como o é para um. Mas para que um indivíduo viva à altura da sua qualidade ele deve usar a sua vontade na reunião de quantidade. Não usar a liberdade da própria vontade é negar o seu próprio eu de eus. A livre vontade constitui a oportunidade de cada homem, permitindo-lhe controlar o grau de consciência que alcança na graduação.

Tomem um criado negro do — poderei ainda chamar-lhe o nosso próprio Sul? — sem instrução, sem cultura, sem refinamento nos seus gostos, feliz com pouco, não angustiado pela falta de confortos materiais, sem consciência sequer do facto de não estar angustiado. Pessoalmente conheci um assim que, através do uso da sua livre vontade, desenvolveu uma quantidade totalmente desproporcionada relativamente à sua qualidade. Conheci homens dotados de uma elevada qualidade, com talento, com a riqueza do mundo e com as realizações que essa riqueza podia comandar; e conheci esses homens passarem por toda a extensão da

sua existência terrena e, pelo uso da sua própria livre vontade, não desenvolverem um décimo da quantidade real que algum velho tio do Sul tinha reunido em si.

Não cometam nenhum erro quanto à liberdade da vontade do homem. É sua para usar, e o uso desenvolve-a, precisamente como o exercício desenvolve os músculos do corpo de uma pessoa. O desuso adormece-a. E quanto ao propósito da livre vontade não cometam erro. Pois é apenas conforme a livre vontade cumpre os ditames dessa voz suave e silenciosa, a qualidade de consciência do homem, que as lições da terra são terminadas, o livro fechado, e mundos mais amplos, uma liberdade maior e uma compreensão mais perfeita são alcançados após a graduação."

Após um momento de silêncio, o professor perguntou se eu alguma vez tinha estudado a psicologia de James. E quando respondi que a tinha folheado na escola, ele perguntou:

— Onde está o livro?

— A minha cópia desapareceu há muito tempo — respondi eu. — A Joana tem uma cópia, mas...

— Procura atrás do Molière — disse o professor. — Quero que me leias a definição de vontade de James. Veremos se alguém que é um homem morto pode melhorá-la."

Encontrei o livro — como o professor tinha sugerido — escondido atrás dos volumes de Molière. Fiquei surpreendido. Alguns meses antes, a fim de fazer espaço nas estantes, eu tinha empacotado os poucos manuais da faculdade que a Joana e eu tínhamos guardado, numa caixa para armazenamento. Estava seguro de que tinha colocado o manual de James nessa caixa.

Assinalei à Joana a interrupção da comunicação.

— Onde está a tua cópia da psicologia de James? — perguntei eu, mantendo o livro fora da vista dela.

— De certeza que não sei — respondeu a Joana.

— Está na caixa que empacotei para armazenamento?

— Provavelmente — disse ela —, embora não saiba exatamente que livros colocaste nessa caixa."

— Lembras-te de colocar a psicologia atrás do Molière?

— Não — respondeu a Joana. — Mas porque achas que o fiz?"

Quando relatei o que tinha acontecido, a Joana disse que poderia ter colocado o livro de James atrás dos outros. Não se conseguia lembrar de o ter feito, contudo era incapaz de dizer positivamente que não o fizera.

O incidente do aparente conhecimento do professor sobre o paradeiro da cópia da Joana da psicologia de James fornece uma excelente ilustração da possibilidade, se não da realidade definida, de a memória subconsciente assumir a roupagem de uma comunicação espírita. Devo citar aqui, contudo, uma observação feita outrora pelo Estêvão. Disse ele: "Durante a comunicação mental tenho acesso ao conhecimento subconsciente da Joana. Tu poderias mencionar-me vagamente um facto com o qual eu não estivesse familiarizado; se a Joana soubesse os detalhes desse facto, ela poderia informar-me deles."

Quando a comunicação foi retomada, o professor repetiu o seu pedido para que eu lhe lesse a definição de vontade de James. Li o seguinte:

"O desejo, o voto, a vontade, são estados de espírito que toda a gente conhece, e que nenhuma definição pode tornar mais claros. Desejamos sentir, ter, fazer toda a espécie de coisas que no momento não são sentidas, tidas ou feitas. Se com o desejo vai uma sensação de que a consecução não é possível, simplesmente votamos; mas se acreditamos que o fim está no nosso poder, queremos que o sentimento, o ter ou o fazer desejados sejam reais; e reais se tornam presentemente, quer imediatamente após o querer quer depois de certas preliminares terem sido cumpridas."

— Bem — disse o professor —, acho que essa é uma afirmação bastante abrangente, mesmo de acordo com o meu conhecimento mais amplo. Eu acrescentaria que a vontade do homem é o servo mais elevado tanto da sua mente como da sua alma. Superior à razão, ela é a manifestação ativa da voz da sua qualidade. Metafisicamente, é o sinal visível, exterior, do seu pensamento invisível mais íntimo; eticamente, resulta naquilo a que se chama moralidade; praticamente, é a consecução de uma elevada quantidade."

— Mas — disse eu —, a nossa escolha frequentemente parece determinada por nós. Parece que fazemos muitas coisas não a partir da

liberdade da nossa vontade, mas como efeito de causas sobre as quais não temos controlo."

— Lembras-te — respondeu o professor — de como, ao procurares compreender a natureza pluralista da unidade da consciência, encontraste a solução das tuas dificuldades no pensamento de que a experiência é mais ampla do que a razão? A experiência da mesma forma depõe a favor da liberdade da vontade do homem. Cada homem sente que a sua vontade é livre. Coloca-o perante alternativas e ordena-lhe que escolha. Ele admitirá que a sua escolha é influenciada por fatores externos a si próprio, e pelo seu passado e pelas suas esperanças para o futuro. No entanto, ele sente sempre que a decisão real repousa simplesmente consigo mesmo."

— Mas — disse eu —, se a livre vontade é um facto, certamente que a razão pode ser levada a vê-la como tal."

— A evolução — respondeu o professor —, quando considerada à luz da lei dos paralelos do Estêvão, torna a livre vontade clara até para a razão. Tomem a afinidade química. A ação de um elemento químico sobre outro é absolutamente determinada, no entanto é ação. Agora tomem uma forma de vida infinitamente baixa — a ameba. Tão intimamente está a ameba relacionada com a mera reação química que a sua atividade parece puramente química. No entanto, a ciência reconhece-a como mais do que simplesmente uma reação; é vida. Subam na escala da vida agora.

Cada vez mais a coisa viva se diferencia da atividade química até que, por fim, o instinto, um paralelo realmente compreensível para a vontade do homem, é alcançado. E depois, especialmente nos animais domésticos, encontramos um instinto de uma ordem ainda mais elevada, no entanto não é vontade; o cão vadio faz uma pausa numa esquina, tomando depois o rumo de casa, liderado pelo instinto e por uma forma de memória que monta quase à razão. O cão não exerce vontade. Por fim, o homem é alcançado.

Qual é a diferença entre o instinto que leva o cão a agir e a vontade que incita a ação de um homem? Não é aparente que o impulso do cão é condicional, não tão condicional como a reação química, mas responsivo na maior parte das vezes apenas a estímulos, ao passo que a vontade do homem, longe de ser aguilhoada para a atividade, é espontânea, possuidora de uma liberdade real.

A liberdade, por outras palavras, é evoluída pela consciência a partir daquilo que era menos do que a liberdade, e por esse meio a consciência torna-se homem. Nega a liberdade da vontade de um homem e imediatamente negaste o próprio ser do homem. O homem, em verdade, só pode ser definido em termos de livre vontade. Ele é o grau de livre vontade da consciência.

Mas nem sempre a vontade do homem escolhe com sabedoria. O animal que segue o seu instinto raramente erra; uma reação química nunca erra. Nem sempre a razão do homem guia a sua vontade corretamente. Não é a sua vontade que falha na liberdade, mas a sua razão que falha na sabedoria."

Quando o professor terminou, o Estêvão veio e disse:

"É porque as vossas vontades são livres que o ler a sina é inútil. Exceto conforme julgo a tua qualidade, não sei o que tu, na liberdade da tua própria vontade, farás amanhã."

— Mas — perguntei eu —, a supremacia não sabe tudo?

— Podes estudar as causas em funcionamento numa determinada situação — respondeu o Estêvão — e com mais ou menos exatidão predizer o efeito que resultará dessas causas. Assim fazemos nós aqui, embora o nosso conhecimento mais completo nos dê maior exatidão de previsão. E à medida que nos aproximamos da supremacia, conforme as causas e as suas relações umas com as outras se tornam mais claras, cada vez mais longe somos capazes de antever.

Não é de outro modo na terra; a qualidade que é elevada antecipa o acontecimento que a qualidade que é baixa não consegue ver até que este se tenha realmente desenvolvido. Na supremacia o pergaminho está completamente desenrolado. Conhecendo tudo, a supremacia pode antever tudo. Mas até o conhecimento da supremacia sobre o 'há-de-ser' está fundado na compreensão do 'foi' e do 'é'. O paralelo entre a previsão no meu plano e no vosso mantém-se mesmo no grau supremo.

Em todo o caso, lembra-te de que a vontade, o ato, é teu. O que aproveitaria a um homem se, com os seus passos traçados para ele um a um, os seguisse cegamente, concedido que a própria supremacia tivesse

feito o mapa? A consciência individual deve visionar o seu próprio futuro e, por si mesma, vencer em direção a esse futuro."

XXX

O BEM E O MAL

— Estêvão — perguntei eu —, que dizer do bem e do mal?

— Cristo — respondeu o Estêvão — disse: 'Não resistais ao mal.' Francamente, quando estava na terra e costumava ir à escola dominical, esta frase de Cristo era uma coisa que me intrigava. Pois, como rapaz pequeno, havia tantas coisas que me diziam que não devia fazer que pelo menos metade do meu tempo era passado a resistir à tentação delas.

Pode não ser um facto psicológico de muita dignidade, mas certamente é um facto diário de rapaz que as coisas que a um jovem se diz que não deve fazer se tornam imediatamente as únicas alegrias antecipatórias da existência. Quando fiquei mais velho e cheguei a uma compreensão que me deu o poder de diferenciar entre o chamado bem e o mal do mundo, confesso que mesmo então o mal tinha uma atração peculiar. Era o país inexplorado.

Lembro-me de um dia, na aula de Bíblia do primeiro ano da faculdade, o nosso instrutor pegar na frase de Cristo. Este instrutor era um homem de mais de um vislumbre. Ele não apenas percebia as verdades, mas vivia-as alegremente. Estava tão ocupado a fazer as coisas que eram positivas — positivas para o robustecimento do seu próprio carácter, positivas na senda do exemplo — que não acredito que alguma vez tivesse tempo para um pensamento negativo. Lembro-me de ele nos dizer que estas velhas palavras, 'não resistais ao mal', significavam simplesmente que o diabo ainda encontra trabalho para mãos ociosas fazerem.

Desde que vim para aqui passei a dar-me conta daquilo que os cientistas da terra sabem, nos seus corações pelo menos, há algum tempo — a saber, que não há mal real, tal como não há um estado real de frio ou um estado real de escuridão. O frio é meramente a ausência de calor; a escuridão a ausência de luz. O mal é o não-desenvolvimento do bem."

Foi precisamente no dia em que o Estêvão começou a sua discussão sobre o bem e o mal — ou, como ele diz, o negativo e o positivo — que a

Joana me tinha pedido para lhe trazer uma certa encomenda; e já ia bem adiantado no meu caminho para casa nessa noite quando me ocorreu que tinha deixado a encomenda da Joana em cima da minha secretária. Estava a armar-se um aguaceiro e eu me encontrava sem guarda-chuva.

Aqui, então, estava um mal genuíno, nada de transcendente importância, contudo para mi uma contrariedade sob todos os aspetos. Qual era o mal? Não era ele, para usar a palavra do Estêvão, simplesmente um negativo? Eu tinha-me esquecido de algo de que me deveria ter lembrado.

Quando a memória da encomenda de facto veio, fez-se acompanhar por dois pensamentos. O primeiro destes era o de que seria uma estafa caminhar de volta sob a chuva. O outro era o de que a Joana tinha planeado que eu trouxesse a encomenda e, a menos que a recebesse, os seus afazeres para o dia seguinte ficariam desarranjados. Um debate momentâneo travou-se dentro de mi. Depois, no exercício da minha livre vontade, voltei-me para trás, caminhei com passo firme sob a batedura da chuva, apanhei a encomenda e assim salvei o amanhã da Joana. E tive a agradável perceção de ter superado o mal. Mas teria eu resistido ao mal? Certamente que não. O incidente, por mais leve que seja, parece ilustrativo, do ponto de vista da filosofia do Estêvão, de todas as coisas a que o mundo chama mal e daquela frase de Cristo que ordena a não-resistência.

Há muitas pessoas, escusado será dizer, que, interpretando mal o significado da injunção de Cristo, não apenas se recusam a resistir ao mal, mas também a lutar pelo bem. Elas falham o ponto por completo; pois, a menos que a pessoa lute pelo positivo, deve inevitavelmente esbanjar as suas energias a resistir aos mesmíssimos negativos aos quais imagina estar a fechar os olhos.

— Não é assim, Estêvão? — perguntei eu.

— Mas certamente — respondeu o Estêvão. — São os homens que lutam pelo positivo que contam. São os homens que nos negócios percebem a falta de esperança em lutar contra a ineficiência e a necessidade de lutar pela eficiência. São os homens que na medicina removem a causa de uma epidemia. São os soldados que entronizam o direito, pela força se necessário for.

"Verdadeiramente há pouco de novo no que te digo sobre o carácter negativo do mal. O cientista sabe ainda mais do que está na superfície da

calva afirmação de que o que o mundo chama mal é apenas falta de desenvolvimento. Ele sabe, por exemplo, que à medida que a evolução progride os negativos desaparecem e os positivos governam; ele sabe que a meta é o desenvolvimento tão completo que não haverá nem negativo nem positivo, mas simplesmente o auge do desenvolvimento."

Bem, pode ser, como o Estêvão diz, que a sua visão do bem e do mal contenha pouco de novo. Contudo — para mi, pelo menos — ele tornou a dor do mundo de mais fácil compreensão; e, penso eu, apontou um caminho para a tornar de mais fácil alívio. Deixem-me ilustrar. Um pouco às cegas, os homens têm andado a pregar há um ror de anos que o criminoso não deveria ser punido, mas receber antes a oportunidade de assumir uma relação correta com a sociedade. Frequentemente a voz do pregador tem sido afogada por aqueles que, exigindo olho por olho, preferem combater negativos com negativos. E o próprio pregador nem sempre tem sido coerente.

O Estêvão classifica os negativos humanos desta maneira:

1. Aquela falta de desenvolvimento que é qualitativa; por outras palavras, aquela falta fundamental que distingue um grau elevado de consciência de um grau baixo.

2. Aquela falta de desenvolvimento que é quantitativa, sendo a qualidade no caso individual boa, mas posta em uso limitado pela livre vontade do seu possuidor.

Do primeiro destes, disse o Estêvão:

"Os homens e as mulheres de qualidade baixa são propensos ao mal como as faíscas voam para o ar. No entanto, comparem-nos com pessoas de grau elevado e o que encontram? Nenhuma diferença em género. Todos são simplesmente homens e mulheres. Uma classe atingiu um grau mais elevado de desenvolvimento — essa é a única diferença. Há milhares de anos, os homens e as mulheres do vosso presente que parecem mais negativos teriam parecido mais positivos. E mesmo hoje em dia, se os fossem colocar no meio de uma tribo de canibais, eles por comparação brilhariam como santos.

Qual é o dever da sociedade para com aqueles cuja qualidade, em contraste com a média da consciência da sociedade, parece negativa e má?

Seguramente que aquela parte do todo da consciência representada por homens e mulheres de grau elevado deve ajudar as partes do todo inferiores a si própria a encontrarem oportunidade para desenvolver a quantidade. E esta oportunidade deveria ser mais ampla do que qualquer uma que o grau baixo, sem ajuda, pudesse criar para si mesmo.

Não obstante, deveriam lembrar-se de que os graus baixos são baixos. Embora a sociedade não deva descarregar a sua vingança sobre o criminoso de qualidade baixa, deve muitas vezes assumir a total responsabilidade por ele, até à extensão, se necessário for, do controlo da vida."

Daqueles negativos que resultam da falha por parte de um indivíduo em desenvolver a quantidade em conformidade com a sua qualidade, disse o Estêvão:

"A pessoa de qualidade elevada cuja quantidade é negativa pode ser a vítima de condições económicas. Ou pode ser a vítima de uma vontade fraca pelo desuso ou mal guiada por um falso raciocínio.

Esse dia deveria ser apressado em que as condições económicas sejam positivas. No entretanto, a vítima de negativos económicos deveria, quando o seu mau comportamento a alcançar, ser ajudada, não esmagada. Quando uma volição defeituosa traz uma pessoa de boa qualidade em colisão com a sociedade, o problema é individual na sua solução; a orientação é necessária."

— Estêvão — disse eu —, o outro dia dois jovens rapazes, condenados por homicídio, foram executados. Que dizes da pena de morte?

— Conheço esses rapazes — respondeu o Estêvão. — Um era — ele ainda vive — uma classe primária da consciência humana. O outro era e é de boa qualidade, mas de quantidade não desenvolvida. A ambos deveria ter sido dada a sua oportunidade na terra para desenvolverem esse grau de quantidade que teria cumprido a sua qualidade.

Aquele que era de consciência humana primária teria encontrado a sua melhor oportunidade sob constante restrição — prisão perpétua chamam-lhe vocês — um termo duro e, muitas vezes, conforme o praticam, uma coisa ainda mais dura. Tivesse ao outro jovem rapaz, o de boa qualidade, sido dada oportunidade e ajuda, juntamente com uma liberdade crescente

conforme tirasse partido dessa ajuda, e ele poderia ter sido salvo para a reunião em si de muita quantidade."

Está claro? Significam as palavras do Estêvão o que eu penso que significam? O reformador no seu fervor tem sido tentado a mimar o criminoso. O conservador tem gritado: "A vingança é minha." Não será meramente um caso de ambos terem razão e ambos estarem errados? Não é a glória da mensagem do Estêvão o facto de a verdade poder ser separada da inverdade?

— Estêvão — disse eu —, não há inferno?

— Mas há — respondeu ele. — O grau de livre vontade da consciência é o seu próprio juiz. Nós fazemos o nosso próprio inferno. Contudo, para a alma aprisionada no tormento dos seus próprios arrependimentos, do seu próprio remorso, do seu próprio arrependimento sincero, digo isto: o arrependimento é vão. O passado está morto; não pode deixar uma cicatriz, grande ou pequena, nessa qualidade de consciência que foi concedida a um indivíduo. 'A ferrugem não pode empalar a qualidade do ouro.'

Mas se falhares, é a lei da consciência que nessa falha não encontrarás descanso. Estás na estrada para a supremacia; não há voltar para trás. Deves alcançar a supremacia, e pelo teu próprio esforço. Verdade é que há um levedar pelo qual a vitória de cada parte é a vitória do todo; no entanto, a falha de cada parte é a falha do todo. 'Tu és o guarda do teu irmão' ganha um novo significado.

E agora para voltar à frase que tanto me intrigou na minha infância, 'Não resistais ao mal'. Veio um após o Mestre, um seguidor d'Ele e um grande filósofo, que resumiu a filosofia de Cristo em quatro palavras. E estas quatro palavras são o resumo desta parte particular da antiga, mas nova, enunciação da verdade que me foi concedido trazer-vos: 'Vence o mal com o bem'."

XXXI

O SERVIÇO

— Porque será, Joana — perguntei eu à minha mulher uma noite —, que já não te queixas da falta de caráter prático das teorias do Estêvão?

— Elas já não me parecem destituídas de caráter prático — respondeu ela.

— Mas — disse eu, citando palavras dela própria —, se quando morremos não morremos, o facto é apenas assim."

— E isso é verdade — respondeu ela. — Mas no entretanto temos de viver aqui. Com o Estêvão aprendi algo sobre o viver do dia a dia."

Uma noite ou duas mais tarde, o Estêvão atingiu o clímax daquilo a que lhe aprouve chamar a sua revelação, e esse clímax dizia respeito, na verdade, ao assunto mais prático do dia a dia — o serviço.

"A única desculpa para viver", disse o Estêvão, "é o levedar através do serviço.

Trago-vos este facto: as leis espirituais são paralelas às leis materiais, sendo ambas expressões de grau da única realidade. Tomem um motor e notem como o serviço de um determinado dente da engrenagem para com o seu vizinho é na realidade o serviço para com todo o motor. O dente é um bom dente apenas conforme serve o todo de que faz parte. Na medida em que persegue fins não relacionados com os propósitos de todo o motor, é um dente mau. Ora, se aplicarem o vosso conhecimento do dente — literalmente — aos ajustamentos espirituais no meio dos quais vivem, terão aprendido a verdade.

O esquema das coisas é ilustrado pelas organizações do homem, as quais não passam de vislumbres inconscientes da unidade que tudo abrange. Tomem uma empresa comercial eficiente. Os departamentos são confiados a vários chefes. Sob a supervisão destes chefes de departamento, detalhes adicionais são confiados a funcionários individuais. Cada um destes funcionários individuais é absolutamente responsável pelo seu trabalho determinado. Se ele falhar, baixa o valor e a perfeição do negócio como um todo.

Ora, suponham que a consciência é o negócio; os graus de consciência, os chefes de departamentos; o funcionário, o desenvolvedor individual de quantidade ou qualidade, de acordo com o plano. Conseguem ver que a perfeição do todo só pode ser obtida através do indivíduo.

Cristo pregou isto: 'Sempre que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mi o fizestes.'

O homem através dos séculos tem-se gloriado nesta frase de Cristo. No entanto, a verdade literal contida nas palavras tem sido pela maioria dos homens apenas vislumbrada. Há apenas uma realidade. Há apenas um 'eu', do qual 'o mais pequenino destes' e o maior não passam de partes. Faz o bem a outro e fê-lo ao todo; serve o todo de que faz parte e serves-te a ti próprio."

O Estêvão fez uma pausa e pediu-me para tocar no pulso da Joana.

"Lê à Joana o que eu disse", solicitou ele, "e diz-lhe por mi que as minhas teorias têm procurado, não apenas tornar a sobrevivência da personalidade após a morte uma coisa razoável, mas também tornar razoáveis, à luz da sobrevivência garantida, os ideais éticos que a mera fé recomendou aos homens."

E quando fiz o que o Estêvão pediu, a Joana disse:

— Eu tinha exigido algo de prático. Acho, Darby, que o Estêvão mo deu. Se somos todos apenas parceiros no negócio comum de uma única realidade, ela própria imperfeita, mas a desenvolver-se em direção à perfeição, então a única coisa realmente prática no mundo é o serviço."

E assim, no fim, a Joana prática ficou satisfeita.

— Estêvão — disse eu, quando a comunicação foi retomada —, o Napoleão desenvolveu certamente muita quantidade. A dificuldade dele deve ter sido a qualidade baixa."

— E porque dizes isso? — perguntou o Estêvão.

— Porque — respondi eu — ele deu tão pouco de serviço."

— A qualidade dele não poderia ter sido baixa — respondeu o Estêvão —, considerando a enorme quantidade que desenvolveu. O que sabes tu sobre o propósito que ele serviu? Muito podes saber se rastejares os resultados que brotaram das causas que ele pôs em movimento. Muito, talvez, nunca saberás; as meadas da organização humana são muitas, e é difícil rastejar um único fio."

Intrigado, mencionei um contemporâneo, um grande desenvolvedor de quantidade, que pareceu trepar para o sucesso por cima dos ombros daqueles que eram mais fracos do que ele próprio.

— O sistema que produz tais homens — respondeu o Estêvão — é mau — precisamente como a Revolução Francesa por si mesma foi má, no entanto desse mau muito bem brotou. Compreende, não aprovo os muitos negativos no carácter de homens como Napoleão e esse que acabas de mencionar. No entanto, é seguro haver muito do positivo neles; daí que servem, apesar do seu egoísmo. O homem que mencionas, o teu compatriota e meu, pelo menos criou trabalho para muitas mãos."

— Então — disse eu —, pareceria que o serviço não necessita de ser proclamado. Uma pessoa pode servir sem se dedicar, como se costuma dizer, aos seus semelhantes? Pode uma pessoa servir inconscientemente?"

— Mas certamente — respondeu o Estêvão. — Toma o cientista, frio, recluso, indiferente aparentemente à humanidade em redor de si, mas que dá a sua vida a bem de provar uma nova teoria para acrescentar ao dote do conhecimento da terra. Ele deu de si próprio à unidade do corpo do povo, ao conhecimento comum das gerações. Desenvolveu a quantidade; prestou serviço.

Toma o fabricante de uma caçarola. Na medida em que esse homem faz uma caçarola prestável — embora conscientemente trabalhe apenas pelo salário — ele, também, no seu grau, se dá à unidade do povo. Ele, também, desenvolveu a quantidade; ele, também, serviu.

Escuta! Não é o tipo de serviço que importa. É o serviço em si.

Nem o serviço deve ser patentemente aquilo a que o mundo chama utilitário. O escritor do grande poema prestou ao todo da consciência um serviço tão seguramente quanto o fundador de um hospital. O artista, o músico, o construtor de um transatlântico ou o fabricante de uma caçarola, cada um serviu.

O homem, nas suas hipóteses emocionais, perdeu de vista as diversas espécies de serviço que o mundo exige. Felizmente que estas diversas espécies de serviço brotam de forma bastante natural dos diversos graus dos homens. Pois foi concedido a cada alma ter uma conceção, denominada pelo Salmista como a voz suave e silenciosa" *(o Estêvão está em erro aqui; foi Elias quem ouviu a voz suave e silenciosa, não David)*, "do seu lugar individual no esquema das coisas e da sua aptidão individual para desenvolver e reunir em si essa quantidade que o seu dote de qualidade, ele próprio a voz, dita.

E no entanto — à interpretação estreita do serviço que foi fomentada pelo ensino dogmático junta a correria da vida moderna, junta os luxos que se tornaram necessidades, os falsos padrões estabelecidos para todos os homens, quer eles sejam capazes de estar à altura deles ou não, e admiras-te de que mais do que um homem tenha fechado os olhos a essa visão interior e os ouvidos ao apelo interior?

O serviço é o distintivo da qualidade quantitativamente cumprida."

— Deverá a parábola dos talentos de Cristo ser citada? — perguntei eu.

— Mas certamente — respondeu o Estêvão. — Recordar-te-ás de como a um homem tinham sido dados cinco talentos, a outro dois e a outro um. A dádiva a cada um foi de acordo com a sua responsabilidade.

E lembrar-te-ás de como esse homem a quem, pelo facto de a sua qualidade ser elevada, tinham sido dados cinco talentos, cumpriu a sua qualidade. Quando ele regressou para o seu senhor não com cinco talentos, mas com dez, o senhor disse: 'Bem feito, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, muito te confiarei.'

E da mesma forma o homem a quem tinham sido confiados dois talentos provou ser um servo bom e fiel, regressando para o seu senhor não com dois talentos, nem ainda com dez, como o seu companheiro de servidão tinha feito, mas com quatro. E a ele, também, foi prometido o governo sobre muitas coisas.

Mas o terceiro homem a quem, pelo facto de a sua qualidade não ser tão elevada como a dos outros, se tinha confiado apenas um talento, escondeu esse talento na terra, falhando por completo no desenvolvimento quantitativo. A este o senhor chamou de servo mau e preguiçoso.

Ora, não é claro que os graus de qualidade estavam representados em cada um destes três homens, que de cada um se esperava o serviço de acordo com o seu grau qualitativo individual? Do primeiro homem muito se esperava; e, como ele entregou o prometido, assim foi recompensado. E o segundo homem também fez a entrega do prometido, ainda de acordo com a qualidade. Embora não tenha servido tão grandemente como o primeiro homem, serviu com igual fidelidade. Mas o terceiro homem

falhou até no pouco que justamente se esperava dele. O seu serviço foi infiel.

Ora, disse-te há um pedaço que a vida moderna estabeleceu falsamente um único padrão para todos os homens, quer eles sejam capazes de estar à altura dele ou não. O que quis dizer é aparente a partir da parábola. É como se do homem com a responsabilidade de um único talento se tivesse esperado o regresso de dez talentos ao seu senhor. É como se dez talentos fossem a soma do serviço esperado de todos os homens, independentemente de a sua qualidade ser de uma capacidade de cinco talentos, de dois talentos ou de um talento.

E assim a tónica do meu discurso para ti relativamente ao serviço é colocada, não no grande serviço que os poucos podem fazer, mas no pequeno serviço que os muitos podem fazer."

Aproveitei uma pausa para perguntar:

— E se a capacidade for dada a um homem para servir conscientemente, para se anular e dar grandemente, dedicando o seu coração, mente e mão a um serviço sem limites, o que acontece então?

— Isto, então — respondeu o Estêvão —, se um tal homem falhar, maior é a sua falha do que a do homem que escondeu o seu solitário talento, pois maior é a sua realização se ele for bem-sucedido. É concedido a um homem prestar um tal serviço apenas porque a sua qualidade foi renascida a partir de um grau de consciência que, através de eras de luta, se elevou para fora do reconhecimento inconsciente da unidade das coisas para a compreensão.

E se este homem, ele próprio no topo da escada, opta por ignorar a sua oportunidade de tornar a ascensão mais fácil para aqueles que ainda estão nos degraus de baixo, ele traz à consciência na graduação apenas aquilo que lhe foi concedido à nascença — a sua qualidade. Verdade é que a sua qualidade, mesmo assim, está não empalada; mas verdade também é que a consciência se senta como juiz de si própria, e ainda assim o grau deve renascer, até estar quantitativamente cumprido. Individualmente esse homem perdeu a oportunidade que a existência terrena oferecia.

Mas escuta! Rei ou mendigo, cada um é um dente na grande engrenagem. O exortador na esquina da rua, o mártir na fogueira, o

dispensador de uma caridade vasta, cada um dá ao todo da consciência uma dádiva não melhor do que aquele que todos os dias executa a tarefa simples, humilde, imediatamente importante na sua existência individual.

Um ato de heroísmo por parte de um homem cuja alma está inflamada de compreensão não significa mais, como praticado por esse homem, do que a partilha por parte de um vagabundo porco de metade do seu último pedaço de pão com um companheiro. Nem tais homens reivindicam heroísmo por grandes feitos. Antes dizem: 'Não foi nada. Vi que a coisa tinha de ser feita — por isso fi-la.' E este é o ponto: a qualidade deles é tal que reconheceram a necessidade.

O serviço, o distintivo da qualidade quantitativamente cumprida, é o simples processo de viver plenamente no lugar que nos foi destinado."

CONCLUSÃO

ATRAVÉS DE UM ESPELHO,

DE FORMA OBSCURA

SE o Estêvão é real, se ele é o que pretende ser, então a probabilidade é de que as coisas que contou à Joana e a mi sejam, no principal, verdadeiras. "No principal", digo eu; porque, por mais verdadeira que seja a linha geral da filosofia do Estêvão, a hipótese de erro no detalhe não deve ser descurada. A coloração, para usar o termo do próprio Estêvão, deve ser levada em conta.

Por coloração temos entendido até aqui a distorção inconsciente de uma mensagem pela estação recetora. Haverá outras circunstâncias que

concorram para a inexatidão da comunicação? Há, com tanta certeza quanto um pensamento comunicado exige um veículo material de transmissão. Convencido, nos dias do tabuleiro ouija, de que nem a Joana nem eu guiávamos o tripé, parecendo as nossas mãos antes segui-lo, pedi ao Estêvão uma explicação. Disse ele:

"Confesso a minha incapacidade para te tornar claro como este tabuleiro ouija é operado. Aqui, como noutros aspetos, a tua compreensão limitada coloca limites ao conhecimento que te posso trazer. Há envolvida na comunicação uma psicologia e uma física nova para ti, a respeito da qual pouco te posso contar, devido à falta de termos terrenos."

No entanto, levantei repetidamente a questão. Correndo o risco de não ser muito coerente, apresento o seguinte, que resume várias observações que o Estêvão fez relativamente ao veículo material empregue na transmissão de uma mensagem:

Há uma forma refinada de energia, chamada pelo Estêvão de consciência magnética, através do veículo da qual ele é capaz de imprimir o seu pensamento na mente subconsciente da Joana, de uma forma parecida àquela como sou capaz de imprimir o meu pensamento na mente consciente dela através do veículo da vibração atmosférica. Mas isto, já vimos, não basta; a comunicação resulta apenas na libertação da mensagem do Estêvão a partir do subliminar da Joana. A força usada no caso do tabuleiro ouija para libertar a mensagem do subconsciente é a mesma força originalmente usada para transportar a mensagem, embora numa variedade transformada. E la transformação, o Estêvão levou-nos a acreditar, é cumprida pela própria subconsciência da Joana.

Manifestamente, uma tal afirmação significa pouco até ao momento em que a experimentação física do cientista descubra e defina a energia que o Estêvão meramente predica. A afirmação é feita aqui apenas com o propósito de sugerir os delicados ajustamentos físicos que vão constituir o mecanismo da comunicação — um mecanismo ao lado do qual os finos ajustamentos de um telefone ou do sem-fios aparecem como meras coisas grosseiras.

O sucesso da comunicação telefónica depende da perfeição do mecanismo telefónico. Se a ligação for imperfeita, a mensagem fica confusa. E assim é, diz o Estêvão, com a comunicação entre pessoas no seu

plano e pessoas aqui na terra; a ligação, por assim dizer, pode ser boa, má ou indiferente. Portanto, a versão da filosofia do Estêvão que fui capaz de registar pode conter inexatidões não apenas devido à coloração mental atribuível à estação recetora, mas também devido a defeitos físicos naquilo a que se poderia chamar a linha de consciência magnética, sobre a qual o Estêvão, prejudicado por "problemas", apenas podia fazer o seu melhor para se fazer entender.

Na verdade, toda a conversa que tenho mantido com o Estêvão relativamente ao modo de comunicação, ou à forma dos fenómenos psíquicos em geral, tem tendido a impressionar-me sobre quão sempre presente está a hipótese de erro como resultado tanto da coloração como de defeitos no mecanismo de transmissão.

Perguntei uma vez se a palavra "controlo", tal como usada no jargão mediúnico, correspondia a algum facto real.

— De certa forma, sim — respondeu o Estêvão. — Uma estação recetora pode receber a mensagem de um grau que seja o seu igual e, com menos compreensão, a de um grau mais elevado do que o seu próprio. Acontece por vezes que graus elevados aqui, esperando ser mais bem compreendidos por uma estação terrena de grau baixo, transmitirão uma mensagem através de alguém aqui de um grau próximo do da estação. Mas tais mensagens são muitas vezes grandemente coloridas, como uma história repetida demasiadas vezes.

Muitas estações falam dos seus 'controlos' e pensam que apenas o 'controlo' pode comunicar com elas diretamente. Isto é, como é óbvio, uma hipótese emocional. Consegues compreender agora como isso aconteceu."

— Será a ideia de materialização também uma hipótese emocional? — perguntei eu.

— Não necessariamente — respondeu o Estêvão. — Há dois tipos de materialização. O que se poderia chamar de verdadeira materialização significa simplesmente que o alcance da visão do grau terreno se alargou momentaneamente, de ordinário, mas nem sempre, sob a tensão da emoção ou da excitação nervosa. Nós aqui nada temos a ver com isso; somos simplesmente vistos pelo grau terreno. Mas, por via de regra, a interpretação que o grau terreno dá à coisa que viu é colorida.

O outro tipo de materialização é um tanto difícil de eu explicar. Há certos graus de homens que são capazes de projetar a verdadeira forma da sua consciência, de que vos falei, de tal maneira que esta se torna parcialmente dissociada dos seus corpos. É então vista como um tipo de matéria, à parte do corpo conforme o conhecem. Esta projeção é inteiramente física ou natural. Nós aqui não a causamos.

Poderíamos, contudo, tomar nota da sua ocorrência; e, se a pessoa por acaso fosse uma estação recetora, poderíamos, ao imprimir os nossos pensamentos na sua subconsciência, controlar o aspeto ou visual da forma projetada. Um tal empreendimento seria tão intrincado que nenhum resultado satisfatório poderia ser definitivamente previsto."

— Como poderias controlar o aspeto da forma projetada? — perguntei eu.

— Ao controlar o pensamento da pessoa a partir da qual a forma tinha sido projetada — respondeu o Estêvão. — A projeção tende a moldar-se ao cunho do pensamento do projetor.

A Joana tem falado de nós 'fazermos imagens'. Por isto quer-se dizer que, pelo pensamento, posso alterar o aspeto da minha forma material. Se vos fosse possível ver-me neste momento, eu pareceria estar vestido com roupas tal e qual como vocês estão. Essa é a 'imagem' que eu faria para a vossa compreensão e, acessoriamente, suponho, dar-vos-ia uma conceção errada."

— E quanto aos tombamentos de mesas e batidas? — perguntei eu.

— Estes, também, são fenómenos físicos — respondeu o Estêvão —, resultantes da projeção parcial da verdadeira materialidade da consciência dos homens. Estes nós aqui podemos usar, e usamo-los, com o propósito de comunicação, precisamente como usamos o tabuleiro ouija.

Na comunicação mental, a estação recetora deve constantemente diferenciar os seus próprios pensamentos daqueles do comunicador; a falha em diferenciar assim resulta em coloração. A coloração desta espécie é menos provável quando utilizamos fenómenos tão obviamente físicos como as batidas e os tombamentos de mesas. A dificuldade aqui é que o grau que exibe os fenómenos físicos é geralmente de uma compreensão relativamente baixa."

Outra fonte de erro reside naquilo a que o Estêvão chama de "correntes cruzadas". Ocasionalmente têm vindo mensagens que não só eram desprovidas de sentido para a Joana e para mi na altura, como continuaram a sê-lo. Isto acontecia mais frequentemente nos dias do tabuleiro ouija do que após o método mental ter sido desenvolvido.

No entanto, ainda recentemente uma personalidade apareceu a insistir em falar sobre "escavar nos bosques", estando o nome "Cora" associado à frase do "escavar". Tais comunicadores dizem uma palavra ou duas e, tão subitamente como vieram, desaparecem; podem mais tarde reaparecer, mas por via de regra não o fazem. Ao comentar este tipo de coisas, o Estêvão disse:

"Uma estação de sem-fios apanha frequentemente mensagens que não lhe são destinadas. Da mesma forma, as nossas mensagens são muitas vezes apanhadas por graus terrenos para os quais não são destinadas. Acontece por vezes, em tais casos, que a estação recetora recebe partes de uma comunicação baralhadas com partes de outra. Estas correntes cruzadas são inevitáveis, e a coloração que causam é perfeitamente tão incómoda para nós como para vocês."

Reproduzi estas conversas não com o pensamento de que ofereçam uma explicação satisfatória para os vários fenómenos psíquicos discutidos. O meu propósito foi o de sugerir a complexa hipótese de uma comunicação inexata. Se o Estêvão é real, a Joana e eu reconhecemos a possibilidade de nem todo o seu discurso, conforme registado neste livro, ser necessariamente como ele desejaria.

Se o Estêvão não é o que pretende ser, se ele é, por exemplo, a bizarra criação da mente subconsciente, então as coisas que disse devem ser julgadas inteiramente pelos seus próprios méritos. Seja ele o que for, o Estêvão enunciou um novo argumento para a sobrevivência após a morte, novo, pelo menos, para a Joana e para mi. E este argumento de modo nenhum depende de o próprio Estêvão ser uma personalidade que comprovadamente sobreviveu à morte. Brevemente, é isto:

A evolução representa tanto o desenvolvimento qualitativo como o quantitativo. No entanto, toda a mudança ou transformação efetuada neste nosso mundo, todo o desenvolvimento terreno, é quantitativo; aqui nenhum desenvolvimento qualitativo ocorre. Portanto, a realidade da evolução só

pode ser explicada sob a hipótese de que um mundo de desenvolvimento qualitativo de facto existe.

Deixem-me expor o assunto de forma concreta. A evolução indica, para lá de qualquer dúvida agora geralmente alimentada, que o homem se desenvolveu a partir de uma vida menor do que o homem. O homem constitui uma qualidade que difere daquela da sua origem. Como foi possível o desenvolvimento dessa nova qualidade neste mundo que obviamente fomenta apenas o desenvolvimento quantitativo? Haverá alguma escapatória à assunção de que existe um mundo, ou modo de ser, que admite o desenvolvimento qualitativo?

Ou coloquem o assunto desta maneira: a vida, o conjunto geral das coisas vivas, estende-se continuamente para trás, indica a teoria da evolução, até uma origem menor do que a vida. Como surgiu a vida, em qualidade diferindo tão radicalmente da sua origem não viva? Como resultado meramente do desenvolvimento quantitativo? Isto é impossível. A vida é o resultado de um desenvolvimento tanto quantitativo como qualitativo. No entanto, diz o Estêvão, a terra permite apenas o desenvolvimento quantitativo. Se assim é, o facto da evolução biológica força-nos a predicar um modo ou plano de existência que admite o desenvolvimento qualitativo.

E assim a análise qualitativa e quantitativa da consciência do Estêvão oferece um estado, um algures, para a continuação da vida após aquilo a que os homens têm chamado morte.

Mas poder-se-á perguntar: concedida a necessidade do plano qualitativo, segue-se daí que o homem individual entra no modo de ser qualitativo como um indivíduo? Não poderá o desenvolvimento qualitativo ser a atividade da consciência cósmica, em vez da individual, sendo a personalidade como tal perdida na morte no grande reservatório do todo?

A resposta do Estêvão a esta última pergunta foi: não. Ele aponta que a consciência cósmica, concebida como a destruidora da individualidade, é um pensamento contrário a toda a experiência do homem. "No entanto", acrescentou ele, "há um elemento de verdade na teoria. É um vislumbre monista, colorido por um raciocínio emocional."

A Joana e eu tomamos esta posição: se a existência do plano qualitativo se provasse ser realmente indicada, como o Estêvão diz que é, o

conhecimento teria avançado grandemente — simplesmente como consequência de os homens raciocinarem a partir da base das coisas como elas são. O novo conhecimento indicaria definitivamente uma espécie de sobrevivência após a morte. Ao procurarem determinar a natureza dessa sobrevivência, os homens dificilmente poderiam rejeitar a base de raciocínio que já tanto os tinha beneficiado — as coisas como elas são aqui e agora. Se o desenvolvimento quantitativo é efetuado através da individualidade, porque imaginar que o desenvolvimento qualitativo se processa de outra forma?

Expus agora o que parece à Joana e a mi o ponto fundamental da filosofia do Estêvão. Será o seu argumento para a sobrevivência razoável à luz do conhecimento já adquirido pelos homens, ainda que ele próprio possa ser algo diferente de um homem morto vivo? E agora, será a sua filosofia razoável como um todo?

Para ser verdadeiramente razoável, um sistema filosófico deve não apenas apresentar consistentemente os dados que leva em consideração; deve também ser capaz de incorporar consistentemente qualquer facto que lhe seja novo. Por outras palavras, a filosofia razoável não é meramente um sistema, mas um método.

A Joana e eu encontrámos na filosofia do Estêvão um método. Chamamos-lhe um método porque parece agir como um harmonizador em cada caso onde o pensamento tomou caminhos opostos, parecendo cada caminho, de acordo com a mente que o percorre, ser o verdadeiro.

Se, por exemplo, você que lê é um mecanicista, acredita que o universo é o resultado exclusivo de forças mecânicas, que por forças mecânicas ele é operado, que você próprio, como parte do universo, é um mecanismo, intrincado, mas apesar de tudo apenas uma máquina. A ciência moderna tem-se inclinado, com alguma aparência de razão, para este ponto de vista.

O mecanicismo não requer nenhum Deus. O universo é, afirma o mecanicista; as suas leis são. Pique-se um homem com um alfinete e ele estremece; destrua-se o equilíbrio de uma torre e ela cai. Para explicar quer a carne que estremece quer a torre que cambaleia, não há necessidade de nenhum Deus fora da máquina. Em todo esse vasto autómato chamado universo não há desenho nem objetivo.

O mecanicismo fornece uma base segura para a ciência. Afirma a inviolabilidade da lei física. Sob o seu domínio, Josué pode ordenar, mas o sol não fará caso. As terras castigadas pela seca podem clamar ao Altíssimo por chuva, mas os céus não ouvem. A uma certa temperatura os vapores da atmosfera condensar-se-ão; então, e não até então, a precipitação ocorrerá. Esperar o contrário é como aquecer água a **180°C** ou a 212° Fahrenheit e depois confiar na oração para evitar que ela ferva. O mecanicismo exalta la lei e bane a superstição.

Por outro lado, se você é um teleologista, acredita que o universo é o resultado de um plano inteligente, que uma inteligência guia a sua operação, que você, uma parte do universo, é você próprio uma inteligência capaz de conceber um plano e de o executar propositadamente. A religião, com grande aparência de razão, afirma este ponto de vista.

Para a teleologia, está indicada uma inteligência suprema cujos objetivos o universo cumpre. Seguramente que o homem não planeou o universo. Na verdade, quem planeou o homem? Deus, o arquiteto supremo de tudo, responde a teleologia. Com Deus, diz o teleologista, todas as coisas são possíveis. A teleologia primitiva acredita que Deus pode fazer a chuva cair quando e onde Ele quiser. Nem o teleologista moderno se deixa intimidar pelas fórmulas da meteorologia. Há muito que sabemos, diz ele, que Deus move-se de uma maneira misteriosa para realizar as Suas maravilhas. Se, ao conceder uma prece por chuva, Ele opta por baixar primeiro a temperatura da atmosfera, condensando depois os seus vapores, em que é que Ele diminuiu o prodígio da Sua omnipotência?

A teleologia exalta a fé nos valores morais e espirituais e no bem último. Também convida à ignorância e à trémula superstição.

Aqui estão, pois, pensamentos contraditórios, o mecanicismo e a teleologia, ambos os quais parecem ser verdadeiros, mas nenhum dos quais satisfaz por completo.

Será a filosofia do Estêvão mecanicista? Sim. A consciência é. É tudo o que alguma vez foi ou será. Uma folha de relva, obedecendo a um impulso inato, procura a luz. A consciência humana, impelida apenas por si própria, procura a supremacia. O universo criou-se e cria-se a si próprio. Não há nenhum deus ex machina, nenhum Deus extramundano.

Será a filosofia do Estêvão teleológica? Com toda a certeza. A consciência, o todo, é um todo de partes. Cada parte está em processo de desenvolvimento, e os graus de desenvolvimento alcançados individualmente pelas partes são muitos. Num grau, contemplem a folha de relva que luta cegamente. E depois contemplem o homem, o grau de livre vontade, o qual, embora viva num corpo mecanicista, alcançou para o seu eu de eus a liberdade de escolha.

Os homens, é verdade, nem sempre optam por escolher. Somos transportados para cima, em direção à supremacia, não inteiramente por escolha, mas em parte por um 'deve ser' inerente. No entanto, para citar o Estêvão:

"Que filosofia bendita, quão superior à vossa antiga religião de condenação! Quão muito mais encorajador é o conhecimento de que, de algum modo, algures, por uma estrada longa ou curta, aquela morada última e suprema na casa da consciência guarda um quarto para cada alma!"

Qual, agora, à luz do próprio conhecimento do homem, é o mais razoável — o mecanicista, o teleologista ou o Estêvão? Enquanto pondera sobre o assunto, deixe-me citar novamente o Estêvão:

"Algumas pessoas, ao lerem esta revelação, poderiam sentir que a oração, que tem sido de conforto para tanta gente da raça humana, é destituída de valor. Isto está longe de ser verdade. O anseio proferido da alma de um homem deve de necessidade ter efeito sobre esse todo de que ele faz parte.

Disse-te que Deus é a Consciência, o todo. Também te disse que poderias, se quisesses, traduzir Deus como o Grau Supremo de Consciência, pois o Supremo de Consciência é, de facto, o que a vossa antiga definição categórica de Deus afirma — amor, amor sumamente sábio, omnisciente, totalmente livre. Ora, se o Supremo é amor, poderá o voltar-se da alma individual para ele ser inútil?

A oração, o resultado de um desejo definido por parte do grau mais elevado de consciência conhecido na terra, irá sem margem para dúvidas influenciar um grau tão elevado como ele próprio. Quanto mais irá influenciar um grau superior, ao qual a compreensão acrescida trouxe uma simpatia acrescida e uma liberdade acrescida, um poder acrescida.

A quem deveis rezar? Chamai-lhe Deus, Buda, Maomé. Clamai à Virgem Maria ou aos santos. É tudo um — a Consciência, a Realidade.

Se tendes uma tarefa a desempenhar e ela é mais do que aquilo que podeis realizar sozinhos, voltai-vos para o vosso vizinho. E dizeis-lhe: 'Vem ajudar-me com a minha colheita e eu, por minha vez, darei a minha ajuda a ti.' Conheceis o resultado; a tarefa é cumprida.

Assim, na oração, a alma individual, ou a alma nacional, volta-se para as grandes hostes vizinhas, invocando aqueles que seguiram em frente para a vida superior e para a compreensão mais perfeita, e pede ajuda. E se essa ajuda pedida é positiva, se não é má, mas boa, a consciência em si e por si mesma é elevada, e como um vizinho amigo responde à oração.

Tomem as atuais condições do mundo. A Alemanha reza. A França, a Inglaterra, a Bélgica — o joelho de cada uma está dobrado. As orações individuais da Alemanha, o clamor de um coração despedaçado por alívio, por conforto no sofrimento, são ouvidos. A oração nacional da Alemanha, a oração negativa da tirania e da vingança — seguramente que sabeis o suficiente da filosofia do universo para compreenderdes que uma tal oração, na ordem evolucionista das coisas, deve ficar sem resposta. Mas a oração que pede pelo progresso, pela misericórdia, pelo desenvolvimento, pela liberdade, deve ter a mesma influência no resultado final que aquela exercida pela força peculiar que conheceis como entusiasmo, a qual torna possível para um punhado de homens tornarem-se vencedores de vastos exércitos."

— Estêvão, Estêvão — interrompi eu —, estás a derivar para a tese de que a fé pode mover montanhas.

— Não a derivar — respondeu o Estêvão —, mas a governar um rumo. Desejo que compreendas que a fé, a visão das coisas que hão-de ser, move montanhas — diariamente."

— Talvez sim — argumentei eu. — Mas não é verdade, sob os termos da tua filosofia, que todas as coisas positivas devem vir a acontecer, ainda que o homem nunca profira uma oração?

— É um facto psicológico — respondeu o Estêvão —, e porque é um facto psicológico é também uma lei natural, que com tanta certeza quanto o

homem pode ajudar na consumação de forças materiais, da mesma forma, também ele pode ajudar na consumação de vitórias espirituais.

Houve com a consciência terrena outrora um grande americano a quem se reporta ter dito, com mais sabedoria do que sabia: 'Deus ajuda aqueles que se ajudam a si próprios.' No entanto a oração, a válvula de escape do coração humano, o clamor individual por ajuda, é o reconhecimento da unidade de todas as coisas; e o Uno responde. Além disso, a formulação em palavras de um desejo é por si só uma ajuda definitiva na obtenção da coisa desejada. Pois um pensamento claro é uma coisa, uma coisa poderosa, ao passo que um anseio subconsciente é apenas uma emoção."

E agora aproximemo-nos das contradições da teleologia e do mecanicismo a partir de um novo ângulo. É você um estoico ou um epicurista?

Se encara esta vida como um vale de lágrimas, uma coisa má a ser suportada com bravura, mas no suportar desprezada, você é um estoico. Mortifique a carne, pois ela é vaidade; seja indiferente tanto ao prazer como à dor; e grande será a sua recompensa na soma final das coisas.

Ao invés, se acredita que, pelo facto de não haver uma soma final das coisas, a satisfação imediatamente ao alcance da mão, por mais fugaz que seja, deve ser agarrada, você é um epicurista. O seu mote é: "Comamos, bebamos e alegremo-nos, porque amanhã morreremos." A dor o mundo encerra, com certeza; bem, então, evite-a. O prazer, a vantagem até do momento, é o fim e o objetivo da vida. Carpe diem. Passaremos um ror de tempo mortos.

Sem dúvida que, conforme o seu estado de espírito varia, você é um dia estoico e no seguinte epicurista. Pois é a própria singularidade de tais realidades irreconciliáveis como a livre vontade e o determinismo, a teleologia e o mecanicismo, o estoicismo e o epicurismo, que em ambos o homem reconhece a verdade. E é a felicidade e a razoabilidade da filosofia do Estêvão o facto de ela se encaixar na verdade de cada um.

Com o estoico, o Estêvão afirma que la vida que a terra conhece é, quando comparada com a vida do além, escura e estreita. Mas com o epicurista ele afirma que ela é uma coisa acima de qualquer preço. Pois em razão da oportunidade que a vida terrena oferece para o desenvolvimento

quantitativo, levamos para a vida futura o requisito do desenvolvimento qualitativo.

Mas dirá você que uma tal afirmação não é nova, exceto, talvez, na novidade da sua forma; há séculos que o cristianismo tem andado a pregar um sermão semelhante. Em resposta a uma afirmação semelhante feita por mi, o Estêvão disse:

"Eu apenas repito o essencial do cristianismo e torno-o compreensível, para que os homens, tendo aprendido a ignorar os seus dogmas, possam exaltar a sua verdade. Procuro apenas tornar o credo do serviço, da liberdade e da imortalidade razoável à luz do conhecimento que os homens adquiriram desde que Cristo passou da sua vista.

Relede as palavras de Cristo. Um pouco rejeitareis. Muito aceitareis — tudo na verdade o que é essencial; e sabereis o porquê e a razão da vossa aceitação.

Lembra-te disto: Cristo é. Ele está no mundo dos homens hoje em dia tão verdadeiramente, tão pessoalmente, como quando viveu com os homens. Ele está mais verdadeiramente no vosso mundo hoje em dia do que então; pois agora Ele é supremo."

Se o Estêvão não é o Estêvão, que dizer do método Estêvão? Será ele razoável?

Este nosso Estêvão vem e diz:

— Gostava que tomasses nota desta carta."

E aqui está a carta em parte, sendo a matéria intimamente pessoal omitida:

"Querida Mãe, — Esta história que contei ao Darby e à Joana, como eles optam por se chamar, virá, como é natural, parar às tuas mãos. ... Há várias coisas que quero dizer-te.

A primeira é que eu sou. Sou tal e qual como o livro diz que sou, livre para trabalhar, livre para ser bem-sucedido, livre para te amar como sempre fiz. A consciência do homem, que é o génio criativo da terra, é mais potencial do que as suas criações. As pontes que construímos e os livros que escrevemos vivem depois de nós, assim dizes tu. Isso é verdade, mas o

que é mais verdadeiro é que nós, que os criámos, vivemos depois de eles se terem desmoronado em pó.

Apenas isto, querida mãe: eu vivo.

E a coisa seguinte que quero dizer-te é que sei que te perguntas porque não foi a ti que vim, em vez de ir ter com o Darby e a Joana. Isto deveu-se a que tu não és aquilo a que chamamos uma estação. Tal como todas as pessoas não podem ser músicos e pintores, da mesma forma todas as pessoas não têm a qualidade peculiar que torna possível para nós aqui usá-las como estações de comunicação. Tu leste o livro. Saberás o que quero dizer com isto.

A terra ainda tem muito que aprender sobre a vida; os seus olhos estão selados para as vistas, os seus ouvidos para os sons. Mas muitos há que têm tido grandes vislumbres da verdade de que não há morte real, de que a morte muda apenas o atributo de forma da consciência, e de que a consciência em si, o tu de ti e o mi de mi, segue em frente para um desenvolvimento mais maravilhoso, onde todos os sonhos que sonhámos e todos os desejos e anseios do nosso coração são cumpridos. ... Estou contigo, seguindo-te de divisão em divisão como costumava fazer, ansiando pelo teu sorriso. Deves sorrir novamente. ... Estou apenas aqui, acabo de entrar numa nova vida, num país mais livre, o mesmo lugar para onde tu vens.

Com todo o meu amor,

'Estêvão'."

E aqui está outra carta ultimamente ditada pelo Estêvão:

"Queridos Darby e Joana, — Quero agradecer-vos pelo vosso trabalho paciente comigo ao longo de todos estes longos meses. Quero agradecer-vos pela vossa tolerância de espírito, e até pela vossa curiosidade natural, que vos permitiu superar o vosso ceticismo quanto àquilo em que não acreditáveis e que não compreendíeis.

O trabalho tem sido desgastante e longo. Mas estou seguro de que se sentirão recompensados pela quietude que ele possa trazer mesmo a uns poucos.

Dissestes-me que a minha filosofia vos tirou todo o medo; isso só por si vale a pena. O medo é o maior inimigo da mente humana. Causa mais

sofrimento do que qualquer outra coisa isolada. Isto, o banimento do medo, é o que quero fazer por outros além de vós próprios; é por isso que, na hora da hediondez da terra, me foi permitido contar-vos estas verdades.

Não sou bom a expor as coisas. Por isso, ao terminar, direi apenas — que sou vosso amigo, que estarei sempre convosco e que vós estareis comigo.

Fielmente vosso,

'Estêvão'."

E agora dificilmente se há de supor que a Joana e eu tenhamos passado pela experiência que este livro relata sem termos formado uma opinião definitiva sobre se o Estêvão é ou não o Estêvão. Uma coisa é dizer que durante a experiência a nossa opinião oscilou, ora negando a realidade do Estêvão, ora afirmando-a. Coisa inteiramente diferente seria afirmarmos que esta opinião oscilante falhou no fim em estabilizar-se a si própria. Omitir essa crença final de si, o leitor, seria injusto. Por isso aqui está ela.

A Joana e eu formámos uma crença definitiva na realidade do Estêvão.

Acreditamos que o Estêvão é real, não por causa dos testes, por mais convincentes que tenham sido; pois estes, é concebível, poderiam ser explicados de outra forma. O facto de os termos da sua filosofia terem vindo ter connosco como que vindos do ar, estando nós ignorantes do seu significado até que o Estêvão os elaborou num sistema metafísico ligado e digno, parece um teste improvável, no que nos diz respeito, de ser explicado de outra forma. Contudo, concedido que o fosse — ainda assim a Joana e eu seríamos compelidos a aceitar a razoabilidade da mensagem do Estêvão. E o facto de a filosofia ser razoável e o fenómeno um engano é uma contradição que, para usar as palavras do Estêvão, a mente da Joana e a minha não são "suficientemente ágeis" para albergar.

FIM